

**ANDRÉIA NOGUEIRA HERNANDES**

**UM ESTUDO DAS CRÔNICAS DE VIVINA DE ASSIS  
VIANA PUBLICADAS NO *ESTADO DE MINAS*  
DE 1990 A 1999**

**ASSIS  
2013**

**ANDRÉIA NOGUEIRA HERNANDES**

**UM ESTUDO DAS CRÔNICAS DE VIVINA DE ASSIS  
VIANA PUBLICADAS NO *ESTADO DE MINAS*  
DE 1990 A 1999**

Tese apresentada à Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP – Universidade Estadual Paulista, para a obtenção do título de Doutor em Letras (Área de Conhecimento: Literatura e Vida Social).

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ana Maria Domingues de Oliveira.

**ASSIS  
2013**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Biblioteca da F.C.L. – Assis – UNESP

Hernandes, Andréia Nogueira

H557e Um estudo das crônicas de Vivina de Assis Viana publicadas no  
*Estado de Minas* de 1990 a 1999 / Andréia Nogueira Hernan -  
des. Assis, 2013  
246 f. : il.

Tese de Doutorado - Faculdade de Ciências e Letras de Assis -  
Universidade Estadual Paulista.

Orientadora: Dr<sup>a</sup> Ana Maria Domingues de Oliveira

1. Viana, Vivina de Assis - Crítica e interpretação. 2. Crôni-  
cas brasileiras. 3. Jornalismo e literatura. 4. Literatura - Estética.  
I. Título.

CDD 869.93  
801.93

**ANDRÉIA NOGUEIRA HERNANDES**

**UM ESTUDO DAS CRÔNICAS DE VIVINA DE ASSIS  
VIANA PUBLICADAS NO *ESTADO DE MINAS*  
DE 1990 A 1999**

Tese apresentada à Faculdade de Ciências e Letras  
de Assis – UNESP – Universidade Estadual Paulista,  
para a obtenção do título de Doutor em Letras (Área  
de Conhecimento: Literatura e Vida Social).

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ana Maria Domingues de  
Oliveira.

**COMISSÃO EXAMINADORA**

Às mulheres da minha vida, minha mãe e minhas avós,  
referências especiais, saudosas professoras,  
que me prepararam, todos os dias,  
para que eu me tornasse quem sou.

## AGRADECIMENTOS

Sou grata a Deus, que me ensinou sobre a lei da semeadura, sobre dádivas e ganhos, e esteve comigo até aqui.

À minha orientadora, Ana Maria Domingues de Oliveira, que tão prontamente me acolheu, me honrando ao confiar a mim seu nome e sua amizade, e à professora Cleide Antonia Rapucci, que despertou em mim o interesse pelo mundo da literatura de mulheres.

À Vivina de Assis Viana, motivo deste trabalho, pela amizade, pela generosidade em compartilhar seu tempo, e por colaborar com materiais bibliográficos inéditos de grande valia para a pesquisa.

Aos meus pais e ao Henrique, partes da minha história, por me ensinarem sobre a importância das leituras da escola e sobre o valor das leituras da vida.

Ao meu marido, espelho meu, minha identidade, meu auxiliador, pela companhia, pelo apoio, por aprendermos juntos, por andarmos juntos, sempre.

*Para mim, tudo tem corpo.  
O calor, o frio, os objetos, os sentimentos, as palavras, a escrita.  
Cada palavra tem um corpo diferente.  
Gosto de desencontrá-las, dar a volta ao sentido,  
colocar palavras num lugar onde não tinham entrada.*

Maria Teresa Horta

HERNANDES, A. N. **UM ESTUDO DAS CRÔNICAS DE VIVINA DE ASSIS VIANA PUBLICADAS NO *ESTADO DE MINAS* DE 1990 A 1999**. 2013. 246 F. Tese (Doutorado em Letras). – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2013.

## RESUMO

O presente trabalho destina-se a classificar e analisar uma amostragem das crônicas de Vivina de Assis Viana, publicadas no jornal *Estado de Minas*, de 1990 a 1999. Separadas por aspectos temáticos, as crônicas foram categorizadas de forma que constituíram cinco diferentes grandes grupos: urbanas; memorialísticas; de homenagem; sobre política e economia; e de reflexões acerca de livros, leitura e escrita. Amparada pela teoria de Candido (1992 e 1972), Bender e Laurito (2003), Roncari (1992), Neves (1992), Coutinho (1987), François (2005), Perrot (1998), Viana (1995), Duarte (2003), discutiu-se sobre a teoria da crônica, sua origem, suas peculiaridades temáticas e no âmbito da linguagem, bem como se lançou o olhar sobre o surgimento da literatura de autoria feminina. Dessa forma, a análise de cinquenta crônicas de Vivina de Assis Viana pretende atestar a importância desse conjunto de textos, bem como evidenciar o fato de que tais narrativas merecem ser publicadas em um suporte que, diferente do jornalístico, confira a elas perpetuidade.

Palavras-Chave: Vivina de Assis Viana. Crônicas. Categorização. Suporte jornalístico.

HERNANDES, A. N. **A STUDY OF THE CHRONICLES WRITTEN BY VIVINA DE ASSIS VIANA PUBLISHED ON *ESTADO DE MINAS* FROM 1990 TO 1999.** 2013. Thesis. 246 F. (Doctorate in Language Studies). – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2013.

### **ABSTRACT**

The present paper aims to classify and analyze a sampling of chronicles written by Vivina de Assis Viana, published from 1990 to 1999 on the newspaper *Estado de Minas*. The chronicles were categorized in five groups, according to its themes: urban; memories; tribute; politics and economy; and meditations over books, reading and writing. Using the theories of Candido (1992 e 1972), Bender e Laurito (2003), Roncari (1992), Neves (1992), Coutinho (1987), François (2005), Perrot (1998), Viana (1995), Duarte (2003), there was a discussion about the theory of the chronicle, its origin, its theme and language peculiarities, as well as the study of the origin of the female literature. This way, the analysis of fifty chronicles written by Vivina de Assis Viana intends to attest the value of this group of texts, as well as to attempt to the fact that these narratives deserve to be published in a format that gives them an endless duration, different from what the journalistic format does.

Keywords: Vivina de Assis Viana. Chronicles. Categorization. Journalistic support.

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1:</b> Classificação Temática das Crônicas de Vivina de Assis Viana .....	56
---	----

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1:</b> Cadernos elaborados por Dona Vivina semanalmente, que recortava e colava cada uma das crônicas da filha Vivina de Assis Viana .....	15
--	----

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>13</b>
<b>CAPÍTULO 1: A MULHER E A CRÔNICA</b> .....	<b>20</b>
1. A crônica: origem etimológica.....	21
2. Sobre a crônica.....	22
3. A crônica no limiar entre a literatura e o jornalismo.....	30
4. A crônica e sua relação com a escrita de autoria feminina.....	33
5. Assimetria das relações: o problema do gênero.....	41
6. A mulher e a crônica: por entre os espaços privado e público.....	45
7. As crônicas de Vivina de Assis Viana.....	49
<b>CAPÍTULO 2: UMA ANÁLISE DAS CRÔNICAS DE VIVINA DE ASSIS VIANA: ENTRE LEITURAS E LETRAS</b> .....	<b>54</b>
1. Classificação das crônicas.....	55
2. Análise das crônicas por categorias.....	57
2.1. Crônicas Urbanas.....	57
2.1.1. Análise das Crônicas Urbanas.....	59
2.2. Crônicas Memorialísticas.....	76
2.2.1. Análise das Crônicas sobre Memórias de Infância.....	79
2.2.2 Análise das Crônicas de Histórias dos Filhos.....	93
2.3. Crônicas de Homenagem.....	101
2.3.1. Análise das crônicas de Homenagem.....	102
2.4. Crônicas de Política e Economia.....	115
2.4.1. Análise das Crônicas de Política e Economia.....	119
2.5. Crônicas de Reflexões acerca de livros, leitura e escrita.....	132
2.5.1. Análise das crônicas de Reflexões acerca de livros, leitura e escrita.....	135

<b>CAPÍTULO 3: AS CRÔNICAS: CONSTRUÇÃO E TEORIA.....</b>	<b>151</b>
1. A análise das crônicas e a teoria.....	152
1.1. No domínio da linguagem.....	152
1.2. No âmbito da temática.....	157
1.3. A crônica e o tempo.....	165
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>172</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>177</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>182</b>
Anexo 1: A seleção de crônicas de Vivina de Assis Viana.....	183
Anexo 2: Quadro com a bibliografia completa de Vivina de Assis Viana.....	239

## INTRODUÇÃO

Meu estudo da literatura de Vivina de Assis Viana data de longo tempo. Sob orientação do Prof. Dr. João Luís C. T. Ceccantini, em 2004, busquei encontrar um escritor sobre o qual se pudesse tecer um trabalho de Iniciação Científica, na área da literatura para crianças.

Foi, portanto, no livro *Literatura Infantil Brasileira: história e histórias* (1984), de Regina Zilberman e Marisa Lajolo, que o encontro, pela primeira vez, com o nome de Vivina de Assis Viana se deu.

Vivina de Assis Viana era apresentada por Lajolo e Zilberman (1984) como uma escritora que marcou uma época muito importante na literatura para crianças, porque participou da instalação de uma literatura pautada na verdade e na objetividade, esclarecendo e conversando com as crianças, em pé de igualdade, sobre os problemas das famílias e das cidades, tais como a separação dos pais ou a violência.

Em busca de conhecer mais sobre a importância de Vivina de Assis Viana, considerada uma escritora importante dentro do panorama da literatura infantojuvenil, o foco do estudo recaiu, portanto, sobre ela, e um projeto de recolhimento de toda a sua bibliografia foi sendo elaborado. Desde textos escritos pela autora em formaturas, contos, crônicas, publicados ou não, textos na *internet*, até as suas obras escritas para o público infantil, todos eles foram sendo recolhidos e organizados, em um grande e o mais completo possível quadro bibliográfico.

Outro fruto do trabalho de Iniciação Científica foi uma rica entrevista com Viana, que aconteceu, em 2005, na cidade de São Paulo. Nessa conversa, assuntos que dizem respeito à biografia e à bibliografia da autora surgiram, resultando em um trabalho muito esclarecedor e que colaborou em grande parte para a melhor compreensão do universo da escritora.

O trabalho de Iniciação Científica resultou, dois anos depois, no Mestrado, sendo o orientador o Prof. Dr. Frederico Augusto G. Fernandes. A pesquisa ainda carregava com ela o mesmo objeto de estudo: Vivina de Assis Viana, porém, o foco era, agora, a categorização das obras da escritora escritas para o público infantil, e a análise de

algumas delas, a fim de corroborar a sistematização de suas obras em dois grandes grupos: urbano e rural.

Na sequência, o Doutorado: uma vez mais, Vivina de Assis Viana. Sendo a orientadora outra, o enfoque deste trabalho deu-se, também, de forma diferente e o olhar foi lançado sobre as crônicas de Viana que foram, de 1990 a 1999, publicadas no suplemento *Fim de Semana*, no jornal *Estado de Minas*.

Essas crônicas, que tiveram lugar cativo no maior jornal mineiro durante nove anos, cultivaram leitores fiéis, e tiveram sempre grande repercussão. Prova disso foi a sua permanência no jornal, durante quase uma década.

Meu conhecimento a respeito dessas crônicas se deu quando do trabalho de Iniciação Científica, no qual, conforme já mencionado, me dispus a conhecer de maneira integral o trabalho de Viana dentro de uma proposta de recolhimento bibliográfico, a fim de documentar e organizar textos de qualquer natureza, publicados ou não, escritos por Viana.

Dessa forma, meu contato com as crônicas era, ainda, pequeno, pois eu havia feito a leitura de poucas delas, que me haviam sido enviadas pelo colega Christian Botelho Borges, um editor próximo a Viana que sempre que podia me enviava entrevistas inéditas da escritora, gravadas na TV, ou publicadas em revistas locais, e que, nesse caso, havia se disposto a tentar a publicação de algumas das crônicas em volumes.

O projeto de Christian, por uma ou outra razão, não se realizou, e, alguns anos depois, quando me engajei em meus estudos de Doutorado, me senti à vontade, portanto, para me dispor a organizar, categorizar e eventualmente lutar pela publicação das crônicas de Viana.

Em conversa ao telefone com a autora, soube que ela mesma possuía as crônicas na íntegra, e que eu poderia usá-las à vontade para a pesquisa. Meu espanto se deu quando, em nosso encontro, na cidade de São Paulo, ao desembulhar as folhas do pacote que a autora mesmo me havia preparado, me encontrei com os textos de forma muito diferente do que havia imaginado. Descobri-os recortados e colados, um a um, nas folhas

de grossos cadernos, já maltratados pelo tempo. A respeito das datas anotadas a caneta, em letra pequena, na parte superior de cada uma das páginas, a cronista confessou<sup>1</sup>:

- Quem guardou, durante todo este tempo, as minhas crônicas, foi a minha mãe. Esse caderno foi dela. Lá do sítio, ela, Dona Vivina Viana de Assis, que recebia e lia jornal todos os dias, recortava, punha a data e ia colando, a cada domingo, todas as minhas crônicas, até usar todas as folhas do caderno. São três cadernos ao todo.

Talvez sem saber a preciosidade do material que tinha, literalmente, nas mãos, entendi que o material bibliográfico ganhou, de repente, outro significado: era mais, ia além e simbolicamente tinha um peso enorme, concebendo a relação entre mãe e filha. As crônicas e sua apresentação de caráter artesanal mereciam que eu as trabalhasse obedecendo à mesma técnica em minha análise: técnica cuidadosa, minuciosa, de olhar delicado e atento.



**Figura 1: Cadernos elaborados por Dona Vivina, semanalmente, que recortava e colava cada uma das crônicas da filha Vivina de Assis Viana.**

Andando pelas ruas de São Paulo como quem descobrira o maior dos tesouros, trouxe os cadernos para casa, fiz cópias, a fim de conservar os originais, selecionei minhas melhores caixas-arquivo para guardá-los e comecei, com calma e com muito gosto, a ler, uma a uma, as crônicas escritas há quase 20 anos pela autora.

Uma grande porcentagem destas crônicas apenas existia naqueles manuscritos, e nunca fora digitada. Esta trabalhosa missão foi compartilhada, por sua vez, com a minha

---

<sup>1</sup> A fala da escritora se deu no contexto de uma conversa informal, quando de nosso encontro para o resgate das crônicas.

mãe, Raquel, que, com cuidado, documentava cada uma delas, tendo, como eu, o prazer de ler grande parte delas. Foi, desde o início, um trabalho cuidadoso de mães e filhas, que, em parceria, desempenhavam seus papéis no processo de eternização destes textos.

Quanto a mim, a cada página virada, um sentimento diferente tomava conta da leitura, ora querendo estar no local onde havia se passado aquela crônica, ora querendo tê-la escrito. A verdade é que a minha admiração pelo trabalho da autora apenas aumentava, e o desejo de ler o maior número possível de textos fez com que, em um par de dias, a leitura estivesse toda feita. As quase quinhentas crônicas não eram mais desconhecidas.

Em uma leitura posterior, mais atenta e cautelosa, fui observando temas e recursos que apontavam para textos os quais transitavam por diversos assuntos, tais como crônicas nas quais as emoções estavam borbulhando na superfície textual, como era o caso das contações de história sobre a infância da escritora, bem como se pode dizer que outras delas se viam narrativas de tom indignado e que questionavam o egoísmo do ser humano, em especial o homem contaminado pelo clima individualista da cidade grande, motivado pelo lucro e pelo capitalismo, deixando valores importantes de lado para atender a sua satisfação pessoal.

Outras crônicas constituíam-se como homenagens. Eram escritos dedicados a colegas falecidos, escritores exímios ou mesmo conhecidos que obtiveram êxito de alguma forma em suas conquistas, e que por isso mereceram da autora o seu reconhecimento.

Também fizeram parte das crônicas de Viana textos que discutiam o ofício do escritor, ficando neles documentada a dificuldade existente na arte da escritura, como existe em qualquer outra profissão. As crônicas dessa natureza também contavam com o registro, por parte da escritora, de suas grandes inspirações dentro do mundo dos livros, bem como, por diversas vezes, a autora não deixa de explicitar seus livros preferidos.

É possível dizer, portanto, que a leitura e a proposta de trabalho com tais textos nasceram em razão de uma pesquisa, responsabilidade acadêmica e compromisso, porém, desenvolveram-se e cresceram dentro de uma perspectiva de admiração e prazer merecidos, em razão do empenho e do trabalho elaborado da cronista a fim de que os textos resultassem em palavras de sabedoria e grandeza.

Dessa forma, a proposta para o trabalho foi o de organizar as crônicas. O trabalho compreendeu um primeiro capítulo, estruturado em vários subtópicos responsáveis pela contextualização a respeito da crônica e de como ela, por motivos que se seguem documentados e discutidos, ao longo do texto, desfrutava de uma identidade com a condição de escritora da mulher.

Assim, este capítulo primeiro buscou trazer à tona as origens e a teoria sobre a crônica, bem como aspectos importantes da história e da consolidação da mulher como escritora. Une, portanto, ambas as perspectivas para, dessa maneira, entender como a crônica e o texto feminino podem, sob perspectivas pré-concebidas, possuir identidade. Tal estudo colabora, ainda, para a compreensão da importância de um trabalho que objetiva o resgate de textos que por diferentes motivos não se encontra com perspectiva de ser perene, confinado às folhas de um caderno antigo, ou na memória de quem, há muito, já o leu.

O trabalho com o segundo capítulo compreendeu, portanto, o resultado da leitura e análise das crônicas. Uma a uma, sendo lidas, elas foram me sugerindo olhares, temáticas, opiniões, e foram sendo, assim, separadas em categorias para fins de organização e estudo.

Entendeu-se, ao mesmo tempo, que uma amostragem satisfatória, ou, que de forma mínima pudesse esclarecer ao leitor desta pesquisa o critério utilizado em cada uma delas para classificá-las dentro da categoria escolhida, poderia compreender dez por cento das crônicas. Sendo elas, em seu total 464 crônicas, o olhar seria lançado com mais minúcia e atenção a 50 delas.

Durante a leitura atenta, as categorias foram surgindo e, dessa forma, as crônicas em sua totalidade foram categorizadas em cinco diferentes eixos temáticos: 1) Crônicas Urbanas; 2) Crônicas Memorialísticas; 3) Crônicas de Homenagem; 4) Crônicas de Política e Economia, e 5) Crônicas de reflexões acerca de livros, leitura e escrita.

Foram selecionadas e analisadas, portanto, uma média de dez crônicas para cada categoria, sendo escolhida uma crônica por ano. Esta única crônica, responsável por representar sua categoria dentro daquele ano especificamente, foi eleita por ser, na maioria das vezes, a crônica mais representativa e mais simbólica, que trabalhava de maneira mais explícita com o tema pertinente à sua categoria. É importante ressaltar que

algumas das crônicas podem transitar por mais de um eixo temático. Sua classificação como pertinente a um ou outro tema, deu-se, portanto, em razão da escolha da categoria temática que se destaca como mais propriedade dentro da narrativa, de acordo com os critérios da pesquisa.

Cada crônica foi analisada, tendo sido levados em conta aspectos formais e temáticos do texto que buscaram compor de forma sutil e despretensiosa um quadro sobre as preferências da autora dentro do texto, suas intenções, seus intuitos. Notaram-se marcas que se repetem ao longo do texto, sinais de ideias fixas e pouco manipuláveis que a cronista destila, ao longo suas narrativas por meio de suas escolhas, seu olhar preocupado sobre aspectos do cotidiano e da sociedade, bem como seus sonhos e desejos para o futuro.

Em razão de as crônicas serem parte de um gênero híbrido e se dividirem em textos que compreendem narrações de histórias, relatos, reflexões e ponderações, o texto pode estar ora em terceira pessoa, como quando a cronista narra e observa de fora, ora em primeira pessoa, como quando a cronista integra a narrativa como personagem. Assim, em razão dos diferentes posicionamentos da voz do texto, podem ser utilizadas diferentes terminologias para fazer a referência adequada a essa voz, tais quais autora, narradora, cronista, ou mesmo personagem.

Um terceiro capítulo, por sua vez, trabalha as crônicas dentro de uma perspectiva de ancoragem desses textos quanto à teoria apresentada, que compreende o olhar de Candido (1992 e 1972), Bender e Laurito (2003), Roncari (1992), Neves (1992), Coutinho (1987), François (2005), Perrot (1998), Viana (1995), Duarte (2003), entre outros. Com isso, foi possível atestar de que forma as crônicas de Viana correspondem ao que a teoria sobre esse gênero aponta, levando em conta aspectos estruturais, temáticos e outros recursos dentro da narrativa.

Embora o gênero cronístico seja considerado transitório, o fato de Vivina de Assis Viana ter mantido suas publicações no Jornal *Estado de Minas* por quase uma década, somente colabora para afirmar a qualidade dos textos, e de que modo a crônica de forma geral soube criar e manter raízes. As crônicas tinham, e têm público, e merecem ganhar perenidade em um suporte duradouro.

É possível enfatizar que cada um destes textos, dentro de sua importância e de sua autoridade, de forma única, colabora para compor um panorama de uma obra literária que merece ser mais bem estudada, que merece ser vista com olhos de perenidade, para os quais a crônica não deve ser entendida como um texto fadado a esmaecer, em razão de seu suporte tão frágil, tão precário, quanto o jornalístico.

## CAPÍTULO 1: A MULHER E A CRÔNICA

### 1. A crônica: origem etimológica

De acordo com Moisés (1982), a palavra *crônica* conserva um vínculo intrínseco com a ideia de tempo, já que nasceu do grego *chronikós*, e do latim *chronika*, ambos vocábulos que remetem à cronologia. Para o teórico, a palavra indicava, no início da era cristã, uma relação ordenada, cronologicamente, de acontecimentos, e tinha como função registrar eventos, sem qualquer pretensão de aprofundamento, discussão ou interpretação sobre eles.

A crônica coloca-se, a partir desse olhar, como uma narração em constante contato com o tempo. Tendo na vivência e na experiência a sua matéria principal, o gênero cronístico pode ser entendido, portanto, como um registro dos eventos presentes, dos momentos mínimos que poderiam passar de forma despercebida. Tais registros, de forma instantânea, podem se decompor, em razão do aspecto pouco duradouro da crônica, passando, assim, do tempo de presente para o tempo passado. É por isso que se diz da crônica um gênero que dura tanto quanto o sol. O texto cronístico, apesar de ser tomado como uma narrativa nascida do cotidiano, distingue-se por sua capacidade de armazenar a história da vida que, correndo e escorrendo como o tempo, ocorre cotidianamente.

Podendo ser classificada em diferentes tipos, como histórica, narrativa, descritiva, metalinguística, jornalística, política ou poética, a crônica nutre a escolha por um texto breve, que se atém às circunstâncias simples e que poderiam apresentar-se quase que invisíveis na cena do cotidiano. Além disso, no âmbito formal, preza por uma narrativa acessível e objetiva, além de poder ser considerado um texto que se adaptou com sucesso ao clima brasileiro, por seu tom descomprometido e sua linguagem próxima do coloquial, propondo uma proximidade e uma identidade entre leitor e escritor.

Tais características podem ser consideradas estratégias textuais que apresentam um texto dono de uma leveza temática e linguística, visando a seduzir o leitor com um texto de fácil compreensão, ao mesmo tempo em que, por trás da máscara de

simplicidade e singeleza, trata com ele sobre duras realidades sociais, ou propõe a ele, e pensa junto, sobre as condutas políticas vigentes, tais quais fazem as crônicas políticas e as crônicas jornalísticas, por exemplo.

A crônica possui, ainda, grande valor documental e histórico, já que, dentro desses textos aparentemente simples e descompromissados, moram registros valiosos sobre as diferentes épocas, suas tradições e memórias, como se pode observar, por exemplo, nas crônicas narrativas, que podem eventualmente propor ao seu leitor um trânsito por diferentes épocas, eventos históricos ou outras naturezas de acontecimentos. Tal observação acerca do texto cronístico permite salientar, uma vez mais, como a crônica se encontra atrelada de forma quase que indissociável com o tempo, com o passar do tempo, com a efemeridade do tempo.

## **2. Sobre a crônica**

O gênero cronístico pode ser concebido como uma natureza de texto que provoca muitas controvérsias, em razão de dividir opiniões, ocupando ora os lugares mais altos nos conceitos dos teóricos, ora sendo compreendido como um texto de simplicidade exagerada e que perde espaço dentro das importantes discussões acerca do cânone literário. Desse modo, a crônica parece saber despertar na crítica da literatura um interesse especial.

Sabe-se que o cânone literário imprime perpetuidade e confere a sobrevivência a determinados textos que obedecem e preenchem pré-requisitos que o próprio cânone determinou. São exigências de diversas naturezas, as quais envolvem os textos e suas características temais e formáticas, suas autorias, o suporte onde esses textos são publicados etc. Assim, à crônica, texto transitório, que brinca por entre os limites da literatura e do jornal, de linguagem que não sabe ser apenas literária, mas se divide em tons de objetividade, de formato curto, nunca foi, de fato, conferida essa autorização para ser perpétua.

É possível dizer que a crônica sofre de uma espécie de desprezo no meio literário, fato que pode ser observado pela própria escassez de fortuna crítica sobre o

gênero. Talvez por motivos que como a escolha por uma linguagem preferencialmente objetiva, bem como em razão de sua aparência simples, dado o tamanho do texto, majoritariamente curto, de sua temática aparentemente descomprometida e cotidiana demais, e por ser um texto que com frequência transita por entre o território da literatura e o espaço do jornalismo, a crônica, que ficou à margem, por outro lado parece ter conquistado teóricos imbuídos num cargo de defesa do gênero, como Candido (1992), Bender e Laurito (2003), Neves (1992).

O texto cronístico guarda, dentro de sua aparência de texto pleno de naturalidade e singeleza, uma enorme gama de habilidades artísticas, já que a produção de uma linguagem escrita colada na oralidade não pode ser considerada como sinônimo de linguajar pouco elaborado. Por outro lado, achar o tom que fale ao leitor da forma adequada, fazer as escolhas lexicais corretas, de sorte que se mantenha a nuance literária, adicionada de uma intenção mais objetiva e, por isso, fazer nascer um texto que carregue familiaridade e identidade do leitor – desse texto, pode-se dizer uma arte.

A discussão sobre a crônica e sua proximidade da oralidade merece destaque e deve ser abordada neste capítulo, já que tal constatação se configura como característica distintiva do texto cronístico. Sabe-se que a fala e a escrita são modalidades linguísticas distintas, porque na fala, pensando-se o conceito de comunicação, pressupõe-se a existência de interlocutores em interação, dentro de um mesmo momento; ao passo que, na escrita, o emissor é presente, porém o destinatário pode ser considerado como fictício ou simulado.

Partindo desse olhar, tem-se que alguns gêneros literários, como a crônica, tendem a se aproximar da linguagem falada, tendo em vista que a crônica escolhe o compartilhar de assuntos do cotidiano, sob uma proposta de naturalidade e limpidez, em uma suposta conversa sem rumo. O uso da linguagem coloquial, que compreende gírias, expressões linguísticas da época, regionalismos, e as marcas que o texto carrega, como a presença dos marcadores conversacionais, contribuem para a aproximação entre texto e linguagem falada, bem como a presença da dinâmica da estruturação tópica, que imprime continuidade e sequência ao texto, querendo atribuir a ele, da mesma forma, um caráter dialógico.<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> Merece destaque a definição da expressão “contação de caso”, que algumas vezes consta nas análises das crônicas de Viana como um desdobramento da linguagem oral e coloquial, presente na crônica, e que se

Em se assemelhando a uma conversa ao pé do ouvido e, dessa maneira, permitindo o emergir da espontaneidade, o cronista tece o texto paulatinamente, objetivando estabelecer com o leitor atento uma relação empática, conquistando espaço no cotidiano do leitor, por meio de um texto no qual o próprio cotidiano se configura como o eixo central. Assim, leitor e cronista, numa relação de identidade, entendem na crônica um espaço de troca de experiências e trânsito de conhecimentos.

Tal identidade pôde ser proporcionada pela fórmula que deu origem ao gênero cronístico como o conhecemos, que se apresenta mediante tais contornos, em razão de uma mescla de gêneros textuais: o *ensaio*, que não carrega o rigor acadêmico, mas opta pela veiculação de uma linguagem marcada pelo uso informal, e aparentemente descomprometido, e o *folhetim*, texto nascido na França, o qual ocupava o rodapé das páginas dos jornais.

O *folhetim-variedades*, de acordo com Bender e Laurito (2003), era conhecido por ser o texto que trabalhava, de forma simples e objetiva, com as notícias do cotidiano da vida das pessoas moradoras das províncias, fazendo, pois, uso de temáticas de fácil compreensão, através de uma linguagem mais direta e de um vocabulário simplista, capaz de comunicar com facilidade e falar diretamente aos interesses dos leitores da época.

Foi esse gênero, o *folhetim-variedades*, que, modificando-se e adaptando-se, pôs-se, paulatinamente, a ganhar características que vieram, posteriormente, a caracterizá-lo como a crônica da forma que a conhecemos hoje: um texto híbrido, em razão de ser um gênero textual que se coloca entre o jornalismo e a literatura, ao mesmo tempo em que trabalha com uma heterogeneidade de assuntos, sob o uso de uma linguagem acessível e informal. Para Candido (1992), a adjetivação e a magnitude da linguagem não são pré-requisitos para o texto cronístico, conforme podemos observar no excerto que se segue:

Em lugar de oferecer um cenário excelso, numa revoada de adjetivos e períodos candentes, pega o miúdo e mostra nele uma grandeza, uma beleza ou uma singularidade insuspeitadas. (1992, p. 14).

---

aproxima do campo semântico do campo e do caipira. A contação de caso seria, portanto, as narrações que fazem uso da variação linguística dentro da perspectiva sociológica, geográfica, dando permissão para a intromissão das expressões da linguagem caipira.

Na figura de um microscópio, a crônica procura o simples, o cotidiano corriqueiro, e atribui, por meio de suas lentes de grandeza, uma elevação do fato narrado. Episódios que poderiam nascer e morrer perdidos e pormenorizados, no espaço da crônica, ganham espaço e visibilidade. Nas palavras de Franco Junior (2009), o qual discute a linguagem dentro da literatura, a atenção se volta para a função da literatura, que também é da crônica, de “[...] oferecer novas informações sobre temas e objetos que integram a experiência cotidiana, mas se encontram como que neutralizados pelo automatismo da percepção” (p. 117).

O toque poético e atento do cronista entra em ação, conferindo a um instante breve e ingênuo uma proporção visível, e por que não, majestosa. Para Candido (1992), a crônica se ajusta à sensibilidade de todo o dia, porque fala numa linguagem próxima ao modo de ser natural do ser humano.

Na sua despreensão, humaniza; e esta humanização lhe permite, como compensação sorrateira, recuperar com a outra mão uma certa profundidade de significado e um certo acabamento de forma, que de repente podem fazer dela uma inesperada embora discreta candidata à perfeição. (1992, p.14).

A humanização, conceito trazido à discussão pelo teórico Candido (1972) dentro do contexto das funções da literatura: a *função psicológica*, que atribui à literatura a capacidade de dar ao homem a imaginação e a ficção necessárias; a *função formadora*, que permite que o homem entre em contato com fatos sobre sua realidade que podem ficar escondidos debaixo das regras e preceitos das ideologias dominantes; e a *função social*, já que a literatura transporta a diferentes realidades, o que possibilita que o leitor se situe e, assim, conheça a sua própria realidade, pode ser trazido à baila para tratar do viés humanizador da crônica.

Tal levantamento feito pelo teórico busca atentar para a forma pela qual a literatura se aplica ao cotidiano social, e que funções ela cumpre ali. Para Candido (1972), a literatura educa, permite ao indivíduo o reconhecimento da realidade, bem como libera o ser humano para a fantasia, todas noções que atribuem ao texto literário um importante espaço na formação do ser humano como tal.

É possível observar, diante dessas premissas, a intenção daquele que fala em posicionar, de forma precisa, o gênero cronístico dentro do espaço da literatura, visto que ele atribui à crônica esse viés humanizador, da mesma forma que o faz em relação ao

texto literário. Tal potencial, capaz de humanizar, de acordo com a teoria de Candido (1972), apresenta-se “despretensiosamente”, o que leva a atribuir ao gênero crônístico grande valia, pois ele possui, por si só, a capacidade de veicular essa função de um jeito discreto e muito satisfatório.

O excerto de Candido (1972) deixa nas entrelinhas, ainda, a compreensão que o teórico possui sobre o caráter da crônica, entendendo-o como texto dono de uma perfeição, porque, de acordo com seu olhar, debaixo da singela intenção da crônica em veicular o cotidiano, esconde-se a “profundidade de significado” que mora no texto, elaborada para destilar pequenas doses de reflexões e questionamentos.

Dada a discussão da crônica e seu viés literário, é possível notar, por outro lado, que a crônica não se limita ao âmbito da literatura. A ela também são atribuídas características e marcas que podem ser consideradas pertinentes ao texto jornalístico. Em razão de estar atrelada aos meios de comunicação, como, nesse caso, o jornal, além de carregar consigo temas que dizem respeito aos noticiários e desenvolver uma linguagem tanto mais objetiva que possa transitar as páginas dos jornais, a crônica acaba sendo, também, texto pertencente ao gênero jornalístico.

De forma plausível, provoca-se, por sua vez, uma reflexão sobre a maneira pela qual, pedagogicamente, se incute a ideia, desde os primórdios escolares, de que o rebuscamento da linguagem e a escolha lexical culta são de fato atributos que conferem valor e riqueza dentro do mundo das letras. Da mesma maneira, vem de dentro das escolas a doutrinação sobre o tom da linguagem. Em outras palavras, aprende-se: assunto sério precisa ser escrito de forma sisuda.

Tais preceitos pré-concebidos acerca das escolhas da linguagem podem colaborar para conferir à crônica o mencionado olhar desqualificador, porque, não sendo possível limitar e engessar a crônica em moldes prontos disponíveis, parece ser impossível conceber esse gênero textual. À revelia dessas resistências, a crônica não desiste, e existe da forma tal qual é, escolhendo a simplicidade linguística e a naturalidade em todos os seus âmbitos, mesmo quando fala sério e quando quer provocar reflexões. Nas palavras de Candido (1992):

Na verdade, aprende-se muito quando se diverte, e quaisquer traços constitutivos da crônica são um veículo privilegiado para mostrar de

modo persuasivo muita coisa, que, divertindo, atrai, inspira e faz amadurecer a nossa visão das coisas. (1992, p. 19).

O apelo humorístico dentro da crônica fica, portanto, documentado nas palavras do cronista, que entende na irreverência das palavras uma estratégia vantajosa de comunicação. Observa-se, portanto, que a crônica desfruta da permissão de apelar para os assuntos mais polêmicos, chamando a atenção do leitor para assuntos pesados e densos, convocando-o para refletir e juntar-se ao seu ativismo, estando munida, porém daquilo que é seu grande segredo: uma linguagem que sabe ziguezaguear e que fala manso com o leitor até sobre o que é mais difícil de falar.

É possível afirmar que o cronista é aquele escritor ao qual não interessa a pureza e a franqueza da palavra escrita, da notícia. Ainda que, por trás das linhas, haja uma verdade ou um fato, ao cronista interessa compartilhar as entrelinhas, as sensações, as associações e elucubrações que nasceram a partir daquela notícia, atribuindo, assim, ao texto jornalístico, objetivo e referencial, uma dose de criação e ficcionalidade, conduzindo o leitor para fora do mundo das certezas.

Em se atentando para a existência do vínculo inegável entre a crônica e a temporalidade, Roncari (1992) descreve o cronista como uma figura que se desdobra por entre as viagens do tempo presente e passado, estando imerso em tempo, dentro e fora de seu texto. Em suas palavras:

O passado do romancista e o futuro do político funcionam como referências, máscaras que limitam ou condenam o olhar do cronista à fugacidade do momento, que ele se esforça por aprender com seus recursos literários: estilizando, lyricizando, descrevendo, comparando, renegando, satirizando etc. Como um pássaro preso, o cronista se debate numa faixa estreita de tempo, do qual procura o sentido. (1992, p. 15).

Posiciona-se o cronista como em uma situação de experimentador dos eventos do tempo presente, estando, ainda, sob referência de seu passado e de seu futuro, inerentes à sua própria vivência. Nesse sentido, podendo o cronista usar dos recursos que a literatura disponibiliza e que atribuem sentido a esses fatos e eventos que o presente e o cotidiano denunciam, Roncari (1992) alude à existência de uma *doença do tempo*, vivenciada pelo escritor da crônica.

Entende-se, desse modo, que a crônica, sendo publicada em suporte jornalístico, nasce tendo suas horas contadas. A efemeridade desse suporte, a constatação de sua resistência, ou impossibilidade, em oferecer ao texto publicado qualquer tipo de perenidade, confere ao gênero cronístico uma espécie de validade limitada, tornando-o um texto perecível.

Da perspectiva de Neves (1992), podemos compreender que a crônica se vale do registro de um tempo que já se foi, em razão de partilhar com o leitor marcas e características que sugerem diferentes contextos e realidades históricas, qualificando-se, assim, como uma “escrita do tempo”. Lê-se:

Num e noutro caso, a crônica guarda sempre de sua origem etimológica, a relação profunda com o tempo vivido. De formas diferenciadas, porque diferente é em cada momento a percepção do tempo histórico, a crônica é sempre de alguma maneira o tempo feito texto, sempre, e de formas diversas, uma escrita do tempo. (1992, p. 82).

A crônica se relaciona com a questão do tempo de mais de uma maneira. O primeiro elo entre esse tipo de texto e o tempo seria o aspecto pouco durador a que fica destinada a crônica, em razão de estar designada a perecer ligeiramente, em razão de sua veiculação em suporte jornalístico. Concomitantemente, as narrativas do gênero cronístico colocam-se, de acordo com o olhar de Neves (1992), como um texto de registro do tempo, carregando com ele as marcas do momento de sua escritura.

Neves (1992) faz uso, ainda, da expressão “tempo feito texto”, da qual se utiliza para definir o gênero cronístico no âmbito de sua durabilidade. Por meio da analogia, a teórica traz à baila a condição de texto dependente da ação do tempo e das horas que é a crônica. Seu aspecto pouco duradouro, de letras que nascem e morrem com o sol, faz desse gênero literário um texto que pode ser, por vezes ou outra, considerado um tipo de literatura menor.

Em se observando as marcas da trajetória do gênero cronístico, nota-se que desde muito tempo as crônicas enfrentam resistência em se perpetuar e estabelecer como gênero elementar, justamente por suas escolhas de manter a temática e a linguagem de fácil acesso, e que se configuram como suas principais características. No século XIX, as crônicas já existiam, mas seu aspecto simples e seu jeito de “conversa fiada” fizeram com que mais de cem anos se passassem até que tais textos pudessem ser considerados pertencentes ao gênero literário.

Recursos como estes, que prezam pela facilidade em comunicar, além da temática muitas vezes ancorada na realidade e no cotidiano, explicitando, dessa forma, seu vínculo com o dia a dia e com o habitual, misturados, por outro lado, à ficcionalidade e à criação, elementos que também encontram lugar no espaço da crônica, colaboram para a compreensão desses textos como narrativas que vão muito além da documentação histórica apenas. O registro existe, situa a crônica no tempo, conta o passado, mas ao mesmo tempo a crônica revela sensações, ideias, nutre sentimentos, indaga, cria, ficcionaliza, apresentando-se como texto passível de composições que podem ser tomadas como bem sucedidas.

Simultaneamente, portanto, pode-se afirmar que o cronista trabalha em duas superfícies. Uma ambiência externa, na qual vê o fato, captura o momento, as ideias, a moda, o visível, ou, em outras palavras, documenta o que está visível aos olhos, ao mesmo tempo em que empresta ao leitor o seu olhar a respeito de uma camada mais interna, da entrelinha do texto, a qual lhe possibilita julgar, analisar, questionar, demonstrar seus sentimentos, trazendo, assim, para o cotidiano do que lê, sensações capazes de ser administradas por ambos, em sua identidade ali nascente.

Esse movimento de alinhavo que é proposto pelo cronista, que costura e *ziguezaqueia* por entre elementos objetivos e subjetivos do mundo do texto, cria no leitor a sensação de um texto particular, único, texto de confiança e compartilhamento que tem autorização para transitar desse jeito. Esse trabalho com o real, através do uso de recursos do texto ficcional, imprime visibilidade e grandeza ao que seria um evento efêmero e possivelmente passaria despercebido no cotidiano acelerado do leitor.

Pode-se enfatizar, mediante tal discussão, que o foco da crônica recai sobre a tentativa de engrandecer eventos, situações, pessoas, que no simbolismo do cotidiano poderiam ser considerados eventos inferiores ou pouco passíveis de enfoque. Nesse gênero, a grande chave para se compreender a intenção da crônica é de fato entender que é nessa estratégia de atribuir grandeza ao pequeno, de maximizar o quase nada, é que se encontra a riqueza e o valor do texto. Só a ele parece pertencer a qualidade de sublimar o que sempre teve pouco lugar dentro da vida cotidiana da sociedade.

Essa faculdade de tornar magníficos os episódios e fatos da vida habitual, que diariamente se repetem e de outra forma seriam simplesmente rotina, ganha forma e

conquista lugar na ponta do lápis do cronista, que descobre na literatura recursos para converter o assunto ou o fato, tão diário e tão comum, em evento sublimado.

O narrador, a quem fica designado o trabalho de elevar o mais comum do cotidiano, cabe ser, ora sujeito de seu texto, narrando-o e observando de fora, ora objeto, quando pode aparecer na condição de personagem e criação, sendo artefato do autor. Além disso, o cronista fica, também, confinado ao pouco espaço que é destinado à crônica. Em razão de ter que ajustar-se a uma pequena porção da folha do suporte jornalístico, fica a encargo do cronista trabalhar seu texto da melhor forma possível, manobra que deveria agregar ainda mais valor ao trabalho do cronista, e também ao texto cronístico.

### **3. A crônica no limiar entre a literatura e o jornalismo**

Pode-se constatar que o trabalho que compreende a discussão e a reflexão acerca das características e faculdades do gênero cronístico remete a um campo semântico quase que infinito. A crônica se permite transitar pelo jornalismo, em razão de manter com ele sua identidade referencial, compreende o diário, por sua linguagem confessional e sua possibilidade de falar de forma íntima ao leitor, a literatura, em razão de suas escolhas lexicais ornamentadas, fazendo uso de recursos tais quais as figuras de linguagem, as subjetividades; passeia por entre a oralidade, ao passo que mantém sua escolha em trabalhar com o leitor por meio de uma linguagem acessível e pode ser, dessa forma, considerado um gênero grandemente abrangente e inclusivo.

Sabe-se que a crônica pode nascer da notícia jornalística, que geralmente compreende um fato natural, econômico, social, político ou cultural, e que merece divulgação em um ou mais meios de comunicação, sendo também literária, visto que inclui a ideia de uma escrita artística e que se usa de diferentes recursos estéticos para que aconteça, trazendo lembranças, misturando diferentes tempos.

É possível afirmar que a veiculação da crônica em suporte jornalístico, meio responsável pela informação e pela notícia, faz com que ela esteja mesclada a textos que são coletados, redigidos e publicados com a pretensão de veicular objetividade. Por tal

razão, esses textos acontecem sob a escolha de uma linguagem direta, cuja finalidade não se encontra no âmbito do convencimento, nem da emoção, mas da transmissão da notícia tal qual ela é, distintamente do que se vê na linguagem da crônica.

O jornal pode ser considerado um texto que objetiva certa proximidade com o leitor, em razão de sua linguagem acessível e de suas escolhas lexicais voltadas para a veiculação da notícia de forma clara e coesa. Tal mecanismo conduz o leitor a uma identidade com o texto, estando, o leitor, nesse sentido, mais próximo do fato noticiado e tendo acesso a informações que de outra maneira não teria.

Esse meio pode ser tomado como um veículo que noticia de forma democrática – ainda que a linguagem e o tom da notícia possam não ser imparciais – visando a atingir a todo e qualquer público leitor. Igualmente é possível salientar que o jornal busca observar e descrever com a maior objetividade e veracidade possíveis, em busca de revelar motivos, locais, personagens envolvidas e a maneira pela qual ocorreu o fato. Da forma mais real possível, o objetivo do jornal parece mesmo ser o da informação mais clara possível.

De modo análogo, a literatura compreende uma linguagem e uma estrutura muito particulares. A seleção lexical feita pelo escritor, o ritmo que ele imprime e a musicalidade proposta por essas escolhas, devidamente organizados, resultam em um efeito estético que faz com que o texto seja permeado por uma escrita de sensibilização. Todas essas características juntas, sendo bem sucedidas, podem ser capazes de emocionar e de falar ao leitor de maneira muito particular.

A literatura pode existir com o objetivo de entreter o homem, bem como pode ser entendida como meio que colabora para o seu desenvolvimento e crescimento. O texto literário, apesar de sua constituição ficcional, pode também ser considerado como uma fonte de registro da história e da formação do homem, não se descartando, portanto, sua função informativa, o que faz com que possa se estabelecer um elo entre ele e o texto jornalístico.

Ainda que se manifeste como um texto que parta da realidade, a literatura tem o dom de favorecer uma recriação do mundo, a partir do olhar e do sentimento de determinado autor, apresentando-se, assim, carregada de significados e sentidos. Nas palavras de Coutinho (1987), temos uma ideia sobre o efeito do real que se dá por meio

da crônica, justamente pelo movimento proposto pelo gênero cronístico, que é o de trabalhar o ficcional sem esmaecer o cotidiano e as verdades objetivas:

O artista literário cria ou recria um mundo de verdades que não são mensuráveis pelos mesmos padrões das verdades fatuais. Os fatos que manipula não têm comparação com os da realidade concreta. São as verdades humanas gerais, que traduzem antes um sentimento de experiência, uma compreensão e um julgamento das coisas humanas, um sentido da vida, e que fornecem um retrato vivo e insinuante da vida, o qual sugere antes que esgota o quadro. (COUTINHO, 1987, p. 729).

Nesse excerto, percebe-se a intenção do teórico em esclarecer sobre como o escritor da literatura trabalha com verdades que vão além dos fatos, e de que forma as suas escolhas se tornam construções que se fazem no âmbito do espaço da literatura, levando em conta a possibilidade de tocarem na experiência e na vivência do leitor. Dessa forma, é o escritor quem transforma e soma criação às realidades factuais, atribuindo, assim, ao texto e à leitura, sentidos particulares a cada leitor.

Sabendo-se, portanto, da veiculação da crônica em suporte jornalístico, espaço público que busca a difusão de massa das notícias, bem como se notando a preocupação do cronista com a linguagem, com a estética do texto, é possível sustentar que, de fato, o gênero cronístico transita por entre dois diferentes espaços, não deixando de atender nem a um e nem a outro. Em outras palavras, a crônica, classificada por vezes como uma espécie de “gênero inferior”, pode, por outro lado, ser compreendida como um texto de grande complexidade, por trás de sua roupagem de simplicidade e objetividade.

Por motivos já mencionados, como a necessidade da adequação desse gênero ao pequeno espaço dedicado às crônicas no jornal, movimento que cerceia e obriga o cronista a organizar os pensamentos e percepções de forma limitada, bem como seu esforço em elaborar um texto em tom de conversa que não seja entendido como uma minimização do trabalho com a palavra, verifica-se que ao escritor dono de uma grande responsabilidade deve-se também atribuir o mérito pela trabalhosa missão.

#### **4. A crônica e sua relação com a escrita de autoria feminina**

A crônica, em razão de ser um texto geralmente veiculado no suporte jornalístico, pode ser concebida como uma narrativa de pouca perenidade e que carrega em si algo como uma data de validade, visto que o jornal é diário e sua credibilidade e sua novidade se limitam ao dia em que o fato ocorre. Como a crônica habita as páginas deste suporte, ela mesma não tem outra opção a não ser nascer com o dia e morrer quando o sol se vai.

Nessa perspectiva, o gênero cronístico apresenta-se como um texto que não aprendeu, ou não obteve chance de ser parte do rol dos gêneros que permanecem, que se eternizam, que encontram permissão para durar, como os textos que habitam livros, por exemplo, estando em suporte mais duradouro. Tal constatação sobre perenidade e provisoriedade pode encontrar terreno, por exemplo, no campo das artes plásticas, conforme se discute no parágrafo subsequente.

Diferente da aquarela, um tipo de tinta que, em razão de ser dissolvida em água, tem a qualidade de secar rapidamente, além de ser também absorvida de forma ligeira, apresentam-se as pinturas a óleo, que desde o século XVII dão vida às mais belas artes dos pintores renomados. As aquarelas, que de forma sutil representam paisagens e cenas, carregam efeitos de transparência e claridade, que não possibilitam a perenidade e fixação da qual usufrui a pintura a óleo, sendo esta última, portanto, a responsável por eternizar grandes temas das pinturas de grandes artistas, que mereciam ser, durante muitos anos, lembrados.

A pintura a óleo compreende uma natureza da tinta que não é solúvel em água, ou, em outras palavras, não se esmaece, não borra, não se apaga, nem é facilmente absorvida, fator que imprime duração ao retrato feito. Além disso, o suporte dessa pintura é a tela, que, de acordo com pesquisas, pode ser confeccionada com linho cru ou outras fibras. Esse material, por sua vez, colabora para que o trabalho artístico desfrute, da mesma forma, de longa vida, permitindo que a tela permaneça e carregue com ela histórias, tradições, podendo ser, inclusive, tomada como o registro de um tempo específico.

Dessa forma, constata-se, portanto, que as obras menores e de menos prestígio, sob o julgamento de não merecerem a posteridade que conferia a tintura a óleo, ficavam condicionadas ao uso da aquarela, que, além de fazer uso de uma tinta solúvel e frágil, utilizava-se, ainda, do suporte *papel*, dotado da capacidade de se deteriorar com facilidade. Todas essas características atribuem, assim, a pinturas dessa natureza, fragilidade e efemeridade.

De maneira alusiva, foi proposto, portanto, neste texto, utilizar-se do exemplo das diferentes naturezas artísticas, para clarear o olhar do leitor acerca da situação a que fica condicionada a existência do gênero crônístico. Pode-se concluir que a permissão para publicação em suporte mais estável e perene, como um livro, que permanecerá por muito tempo circulando por entre as leituras das pessoas, é tida como uma espécie de privilégio dado para aqueles textos que são considerados, dentro de certas exigências e qualificações, nobres e sublimes.

Sob esse olhar, as crônicas, estando submetidas a esses mesmos critérios que podem conferir destaque e valor aos textos, parecem não ter autorização para usufruir de perpetuidade. O conceito de assiduidade parece ganhar espaço no campo semântico da crônica, mas nada garante que a frequência de publicação configure, a ela, perenidade. Desse modo, ela ganha lugar no suporte jornalístico, suporte diário, dono de uma escrita que em pouco tempo pode se encontrar velha, desatualizada e superada.

Obviamente algumas crônicas, com algum esforço editorial, ganharam, por certas vezes, um espaço no âmbito da perpetuidade. Por exemplo, aquelas que foram reunidas e publicadas em volumes específicos para conter textos do gênero são aquelas das quais se pode dizer que ganharam uma chance de se eternizarem, no mundo das letras.

De outro lado, grande parte das narrativas em formato crônica ficam mesmo destinadas a chegar às mãos dos leitores pela manhã e, ao findar do dia, despedirem-se dele, quando da chegada do jornal e da notícia do dia seguinte. Assim, muitos elementos parecem cooperar para que a crônica não tenha espaço, e quase tudo justifica que ela, de forma injusta, seja considerada um texto que não é elaborado para a posteridade.

Partindo desse pensamento, pode-se ressaltar que a crônica parece ser dona de uma ambiência mais frágil do que outros textos, e que sugere, dessa forma, uma escrita

mais fugaz e de menor duração. Tal constatação faz com que o texto cronístico crie e alimente uma espécie de identidade com a escrita das mulheres, desde muito tempo confinada a espaços acanhados, sob um olhar tímido, e que encontrava pouco ou nenhum espaço para se manifestar.

Vista de uma perspectiva preconceituosa, a crônica, por escolher uma linguagem não ornamentada, por sua temática cotidiana e suas linhas reduzidas, pareceu se identificar com o que se pensava, também de forma preconceituosa, sobre textos de autoria feminina: que tinham pouco a dizer, de forma pouco ou nada elaborada, e de temática pouco útil para merecer qualquer permanência no mundo das escrituras.

A crônica passou a ser, portanto, um sítio onde uma estratégia de compensação acontecia. Ceder a elas esse espaço era, na verdade, um consentimento, já que a crônica permitia uma escrita de temática descomprometida, e isso era o que se pensava da escrita de mulheres, além de ser um texto curto, já que se acreditava que as mulheres de fato não tinham tanto a dizer, e sem grandes compromissos formais, baseando-se na crença de que seria um texto adequado para o pouco que saberia desempenhar uma mulher.

Além disso, já se aludiu à circunstância de a crônica apresentar-se como um texto cuja escrita se encontra colada na oralidade. Por sua vez, a história oral, metodologia que conta com entrevistas e depoimentos, ganha destaque por dar atenção a minorias, conforme atesta François (2005):

A história oral seria inovadora primeiramente por seus objetos, pois dá atenção especial aos “dominados”, aos silenciosos, e aos excluídos da história (mulheres, proletários, marginais etc.), à história do cotidiano e da vida privada (numa ótica que é o oposto da tradição francesa da história da vida cotidiana), à história local e enraizada. Em segundo lugar, seria inovadora por suas abordagens, que dão preferência a uma história “vista de baixo”, atenta às maneiras de ver e de sentir, e que às estruturas “objetivas” e às determinações coletivas prefere as visões subjetivas e os percursos individuais, numa perspectiva decididamente micro-histórica. (p. 5).

Tal constatação autoriza a observar que esse olhar de François (2005) se apresenta como mais um motivo que leva à compreensão sobre a crônica como ambiência pertinente aos textos femininos. As terminologias utilizadas, tais quais “vida privada” ou “história vista de baixo”, parecem se identificar com muita clareza com aquilo que vem

se discutido até então, no que diz respeito à posição da mulher dentro da sociedade, e no mundo da literatura.

Tendo, portanto, sido eleita como a ambiência merecida e *adequada*, a crônica foi o espaço que forneceu aos escritos femininos o consentimento para existir, ainda que de forma rápida e pouco durável, porque, por sua trajetória difícil nas questões da inserção no mundo da leitura e da escrita, as mulheres sempre encontraram resistência para conseguir publicações de caráter duradouro.

De sorte a justificar a aproximação entre crônica e a escritora do sexo feminino, existe, ainda, a compreensão de que o texto cronístico apresenta uma natureza a qual colabora para que ele transite por entre os âmbitos público e privado. Em outras palavras, junto ao seu caráter jornalístico, da veiculação, da comunicação às grandes massas, que possui a crônica e configura sua veiculação no mundo público, encontra-se também o lado literário e poético do texto cronístico, o qual assegura seu estilo mais íntimo e particularizado, a envolver sensações, sentimentos e individualidades capazes de garantir a permanência desse texto, no âmbito do privado.

Tal constatação pode ser certificada quando o olhar se volta, por exemplo, para a trajetória das mulheres no mundo das letras. De maneira exaustiva, a mulher travou com a sociedade de modo geral uma longa batalha em prol de sua liberdade de expressão, reivindicando direitos básicos, como a escrita, que a colocariam no panorama da participação social.

O incômodo e o desconforto com a condição minimizada e com o cerceamento imposto pelas condições sociais, obedientes das condutas patriarcais, as mulheres passaram a perseguir conquistas que legitimassem uma possível independência nos mais diversos âmbitos de sua vida. Naturalmente, o primeiro alvo era se chegar ao conhecimento, sem o qual o poder de julgamento, de avaliação, de juízo e de crítica não poderia acontecer. Assim, a primeira luta das mulheres almejava alcançar sua inclusão social por meio do direito básico de ler e escrever.

Desde os séculos XVII e XVIII, as mulheres buscavam alternativas para se inserirem de forma paulatina nos assuntos que diziam respeito ao que se conhecia como meio público, mundo dos relacionamentos e dos contatos, do conhecimento, das ideias. A

tentativa se dava por meio de fendas que lhes permitisse algum tipo de participação no estilo de vida que era levado por seus maridos, pais e irmãos.

De acordo com Perrot (1998), os salões literários – reuniões regulares que aconteciam na França, nas quais homens e mulheres eruditos discutiam questões relativas à política, filosofia, moral, literatura – foram os primeiros espaços nos quais as mulheres, até então confinadas a seus serviços e obrigações domésticas, puderam destilar seus posicionamentos em relação a questões da cidade e do funcionamento da sociedade e das quais, até então, não obtinham autorização para participar.

Ainda, de acordo com a autora, é no século XIX que as mulheres passam, de forma tímida, a se inserir no mundo das trocas de experiências, por meio da escrita, que lhes possibilitava trocar cartas e notícias frescas, servindo como secretárias na função de fazer o vínculo entre as famílias. Nessas cartas, encontravam-se conversas de muitas espécies, inclusive discussões e opiniões políticas e que diziam respeito à educação dos filhos. Eram os primeiros olhares mais críticos e opinativos acerca de coisas de seu cotidiano.

O suporte jornalístico, em início espaço reservado aos escritores e jornalistas do sexo masculino, passou, portanto, a dedicar às mulheres os rodapés das páginas, e aquela pequena faixa segregada ao fim do papel começou a ganhar histórias imbuídas em narrar textos como crônicas de viagem ou romances folhetins, apresentando narrativas de cunho moral, ou escritos nos quais se notavam intrigas e maledicências.

Os espaços reservados ao feminino e ao masculino nos jornais parecem ter ficado, como quase tudo o que dizia respeito às questões entre homens e mulheres, submisso à disparidade do gênero. Como no espaço físico do lar, por exemplo, no qual às mulheres era reservada a cozinha, no andar de baixo da casa, e aos homens o andar de cima, onde ficava a biblioteca e o escritório, numa ordem hierárquica entre superior e inferior, também os rodapés dos jornais eram inicialmente destinados aos escritos das mulheres.

Conforme Perrot (1998), no século XIX, as mulheres passaram a ganhar espaço dentro do mundo jornalístico e obtiveram a permissão para integrar com mais propriedade os jornais da Europa. Podendo expressar-se no meio da moda e das tendências, dando dicas e opiniões, e também fazendo aparições por meio de seus

posicionamentos e críticas em relação a diversas naturezas de notícias, elas, de forma assertiva, assinalaram a entrada das mulheres no jornalismo.

A partir daí, jornais e folhetins ganharam espaço, criados e estimulados por mulheres, como o *Le Journal des Dames*, incentivado por Madame de Beaumer, em 1759; ou, em 1832, o *La Femme Libre*, o *La Femme Nouvelle*, e o *La Tribune des Femmes*. Também teve especial destaque o *La Fronde*, jornal publicado pela feminista Marguerite Durand, de 1897 a 1905. Na opinião de Perrot (1998), estima-se que por volta de 1900, 20% dos folhetinistas eram mulheres, fato que comprova que a inserção da escrita feminina ocorre inicialmente por meio do texto jornalístico. Assim, como consequência, o jornalismo passa a tornar-se uma profissão em vias de se tornar acessível às mulheres.

Na verdade, ser capaz de explicitar sua opinião junto aos homens, em um suporte público, deu às mulheres um novo olhar e reconhecimento. Tanto para as próprias mulheres, quanto para efeito social, a participação das mulheres no âmbito literário mudou a compreensão sobre como deveria se comportar uma mulher. Para Perrot (1998), “[...] o exercício do jornalismo significa ao mesmo tempo ter uma parte ativa na construção da opinião pública, liberdade de movimento e abertura para o mundo” (p. 84).

Esta “[...] parte ativa na construção da opinião pública” da qual fala Perrot (1998), tendo sido iniciada por meio da escrita, veio a modificar a posição e a conduta das mulheres em todos os âmbitos de seu cotidiano, influenciando a dinâmica familiar, sua profissionalização, de sorte a atribuir a elas um reconhecimento e uma importância da qual nunca antes haviam desfrutado.

Em função dessas alterações que se deram no âmbito do que a sociedade vigente considerava que deveria ser o cotidiano e as condutas femininas, confinando as mulheres ao limitado espaço do lar, contava, portanto, com uma transformação dos modelos até então conhecidos, já que as mulheres passaram a migrar e compartilhar do ambiente público, dividindo-o com os homens. Tal inserção iniciou o abalo de alguns pilares há muito estabilizados, iniciando-se uma modificação na fronteira entre os sexos.

Tomar posse da linguagem foi, para as mulheres, um grande progresso. Em razão de até então não encontrar espaço para se expressar e, por consequência, não ser ouvida, a mulher não era tida como um ser dotado de razão e potencial. Ademais, a

grande importância da escrita das mulheres se deu em razão da possibilidade que as mulheres tiveram de transformar tudo o que vinha sendo, até então, divulgado a respeito delas, de seu caráter, de sua postura, de sua conduta.

Finalmente, foi possível a difusão de uma imagem diferente sobre as mulheres, partindo de seu próprio ponto de vista, porque, até então, tudo o que havia sobre as mulheres era construído sob o olhar e o ponto de vista masculinos. Para Viana (1995), a escrita da mulher “[...] adquire uma dimensão insuspeitada, já que representa de algum modo a personagem feminina constituída pela própria mulher” (VIANA, 1995, p. 14).

Assim, diante de tantas ponderações, é oportuno frisar que as publicações em jornais parecem configurar-se como o primeiro passo das mulheres em direção à ocupação de um espaço público. O suporte jornalístico, porém, ainda carregava a desvantagem de sua fragilidade e configurava uma validade limitada às publicações, fato que colaborava para destinar às mulheres uma voz e um espaço condicional e efêmero.

Outros suportes vão, também, abrindo portas para a escrita feminina. A existência dos diários escritos pelas mulheres, no século XVIII, que contavam com narrações de histórias e de memórias, colaborou para dar visibilidade para a sua escrita e registrar suas memórias, deixando transparecer traços culturais e sociais que tanto direcionava suas atitudes cotidianas. Igualmente às cartas, porém, os diários não configuravam leitores, não possuíam relação com o espaço público, visto que não eram publicações e não permitiam, em decorrência, que a mulher se expressasse de forma satisfatória.

Com o passar do tempo, outras noções vão se alterando com as conquistas das escritoras mulheres. Segundo Duarte (2003), que propõe uma cronologia das conquistas femininas no Brasil, é de 1827 a primeira legislação autorizando a abertura de escolas públicas femininas. Esta seria, pelo que Duarte (2003) entende por *ondas* – momentos relevantes na história da luta das mulheres – a primeira onda do feminismo.

De acordo com a teórica, essas mulheres que se levantaram em busca de transformações se sentiam acudadas e confinadas a um mesmo destino, já que as opções fornecidas pelo consenso social não passavam de conventos, que guardavam as meninas para o casamento ou, quando muito, podiam contar com a existência de raras escolas particulares que funcionavam nas casas das professoras, não deixando se perder o vínculo

com o doméstico e com o privado, sob a roupagem de um ensino individualizado e direcionado.

Para Duarte (2003), sabe-se, ainda, que o direito de frequentar o ensino superior, pelas mulheres, no Brasil, deu-se apenas a partir de 1879. Como deveria ser, oprimidas pelas tradições sociais patriarcais, as primeiras mulheres que o fizeram foram bastante criticadas e demoraram a obter um olhar condescendente em relação ao seu desejo pelo conhecimento.

Além disso, o saber e o conhecimento, no século XIX, tiveram grande projeção e foram fundamentais para a realização do indivíduo. Rumando ao ideal de uma suposta igualdade, consequência e motivação da instauração do sistema de governo republicano, uma nova dinâmica social passa a se difundir e atinge a dinâmica das relações.

O contato das mulheres com as letras passa a se difundir cada vez mais, e elas não esgotam sua luta para cada vez mais fazerem parte desse mundo público dos contatos e conhecimentos. No Brasil, Nísia Floresta Brasileira Augusta, por exemplo, publica, inspirada em Mary Wollstonecraft, *Direitos das mulheres e injustiça dos homens*, em, 1832, tratando do direito feminino à instrução e ao trabalho.

Nessa obra, ela se utiliza do texto de Wollstonecraft, mas não deixa de trazer à tona suas próprias reflexões e pontos de vista, ao tratar da realidade brasileira. Nísia Floresta ganha destaque, sendo considerada a primeira feminista no âmbito nacional e também latino-americano. Nas palavras de Duarte (2005), tem-se que “uma das primeiras mulheres a publicar na grande imprensa brasileira, Nísia Floresta abalou as estruturas da sociedade patriarcal do século XIX ao defender a valorização da mulher” (DUARTE, 2005, p. 53).

Alguns anos depois da inserção feminina francesa no mundo da imprensa, também as mulheres brasileiras cuidaram de dirigir seus próprios jornais. Júlia de Albuquerque Sandy Aguiar foi uma delas, editando o jornal *O belo sexo*, publicado no Rio de Janeiro, em 1862. De acordo com Duarte (2003), “[...] no primeiro número ela declara estar consciente do pioneirismo de sua iniciativa e sua crença inabalável na capacidade intelectual da mulher” (p. 155).

A partir de então, outras mulheres marcaram a onda das letras, como Josefina Álvares do Azevedo, Francisca Senhorinha da Mota Diniz, Ercília Nogueira Cobra, passando por Rachel de Queiroz, Adalzira Bittencourt, até outras mais contemporâneas como Nélida Piñon, Adélia Prado, Lygia Fagundes Telles, entre outras, que transformaram em palavras escritas toda a sua indignação, dando a outras mulheres o incentivo para que a situação de minimização das mulheres fosse modificada.

## **5. Assimetria das relações: o problema do gênero**

Essa redoma que deu conta de limitar e cercear a conduta e os comportamentos cotidianos femininos é fruto de uma assimetria na construção das relações entre os homens e as mulheres, conforme já se viu neste primeiro capítulo. Esse mecanismo que colabora para instaurar diferenças além das biológicas leva o nome de diferença de gênero.

Tratar de distinção de gênero é entender a natureza humana imersa na sociedade, tendo em vista sua dependência do aspecto social e cultural em que está inserida. A diferença anatômica é apenas o ponto de partida para a distinção, enquanto a construção social, o gênero, é o que aponta para a maneira como serão edificadas as relações individuais e coletivas entre os homens e as mulheres.

O conceito de gênero surgiu com os estudos sobre as mulheres, e ganhou vasta proporção a partir da definição de Rubin (1975). Para ela, o sistema gênero/sexo era na verdade um arranjo que permitia à sociedade ditar regras de comportamento e atividade dos seres humanos, além de satisfazer-se com elas. Ainda, segundo Rubin, a passagem de fêmea (biológico) para mulher (socialmente domesticada) se dá no âmbito da sexualidade e da procriação, sob a égide da invenção social humana.

Assim, a biologia, ponto de partida para a diferença entre os sexos, apresenta-se alterada, e a diversidade natural deles fica adicionada de imposições culturais e sociais. Rubin (1975) deixa implícita a ideia de que o grande abismo entre o homem e a mulher não nasceu, certamente, dentro da natureza, mas fora dela.

Homens e mulheres são decerto diferentes. Mas eles não são tão diferentes quanto o dia e a noite, a terra e o céu, o yin e o yang, a vida e a morte. De fato, do ponto de vista da natureza, homens e mulheres são mais próximos entre si do que qualquer um dos dois em relação a outra coisa – por exemplo, montanhas, cangurus ou coqueiros. A ideia de que homens e mulheres são mais diferentes entre si do que cada um o é de qualquer coisa deve vir de algum outro lugar que não a natureza. (RUBIN, 1975, p. 10).

Nota-se, por meio do excerto de Rubin (1975), a ideia de que o gênero se apresenta inteiramente como um conceito social construído sob a égide de valores morais e de métodos coercitivos, com o objetivo de doutrinar e organizar comportamentos, mas que tem como consequência a segregação e as disparidades das relações entre homens e mulheres.

Conforme o olhar de Showalter (1989), abordar o gênero deixou de significar o trato com os assuntos que dizem respeito ao universo feminino, mas passou a ser o estudo e o olhar sobre o funcionamento das relações entre homens e mulheres. Em suas palavras:

Talking about gender means talking about both women and men. Gender theory began to develop during the early 1980s in feminist thought in the fields of history, anthropology, philosophy, psychology, and natural science, making a shift from the women-centered investigations of the 1970s, such as women's history, gynocriticism, and psychology of women, to the study of gender relations involving both women and men. (SHOWALTER, 1989, p. 2).<sup>3</sup>

Conclui-se, portanto, de acordo com Showalter (1989), que, no passado, os estudos eram concentrados apenas em assuntos que diziam respeito às mulheres, porém o quadro se altera, quando da percepção de que o problema e os conflitos residiam, na verdade, na má formação da relação das diferenças entre os homens e as mulheres.

Segundo Joan Scott (1995), após a constatação da noção de gênero, os estudos passaram a tentar dar conta das razões pelas quais as relações foram construídas desta maneira. Entre as diferentes posições teóricas, estavam as que atribuíam a discrepância às origens do patriarcado, as que entendiam se encontrar a resposta no bojo da teoria

---

<sup>3</sup> Falar sobre gênero significa falar sobre homem e mulher. A teoria do gênero começou a se desenvolver no começo de 1980, nos pensamentos feministas no campo da História, Filosofia, Psicologia, e Ciências Naturais, trocando as investigações de 1970, que eram centradas nas mulheres, como História da Mulher, Ginocrítica, e Psicologia da Mulher, pelo estudo das relações de gênero envolvendo homens e mulheres. (Tradução minha).

marxista, bem como as teorias que se debruçavam sobre os estudos das escolas de psicanálise. Para Scott (1995), independentemente da preocupação teórica com a terminologia gênero,

[o] termo gênero faz parte da tentativa empreendida pelas feministas contemporâneas para reivindicar um certo terreno de definição, para sublinhar a incapacidade das teorias existentes, para explicar as persistentes desigualdades entre as mulheres e os homens. (SCOTT, 1995, p. 85).

De acordo com as ideias de Scott (1995), o núcleo da definição de gênero coloca-se no âmbito de duas diferentes proposições: a de que o gênero é construído baseado nas diferenças entre os sexos, socialmente falando, e a de que o gênero é uma forma de dar significado às relações de poder.

Em outras palavras, o gênero é um campo por meio do qual o poder é exercido, funcionando como uma estratégia para separar em dois polos os que se submetem e aqueles que reprimem, ou o dominante e o dominado. Constituído a partir de um conjunto de normas e códigos de conduta, o conceito de gênero é o que, de maneira preconceituosa e unilateral, pois fica sob domínio de um interessado, colabora para estruturar e organizar a vida em sociedade.

A ideia de gênero como estratégia de dominação e poder encontra-se intrinsecamente ligada à teoria de Showalter (1989), que, em suas próprias palavras, revela:

Furthermore, gender is not only a question of *difference*, which assumes that the sexes are separate and equal; but of *power*, since in looking at the history of gender relations, we find sexual asymmetry, inequality, and male dominance in every know society. (SHOWALTER, 1989, p. 4).<sup>4</sup>

Nesse sentido, a relação entre os sexos, da forma como a conhecemos, é uma construção social organizadora das funções dos homens e mulheres, justificada e fundamentada na natureza e no “biopsíquico” dos sexos. Em outras palavras, são

---

<sup>4</sup> Ademais, gênero não é uma questão de diferença, o que presume que os sexos são independentes e semelhantes, mas de poder, já que, olhando para a história das relações de gênero, nós encontramos assimetria sexual, desigualdade e dominância masculina em toda e qualquer sociedade de que se tem notícia. (Tradução minha).

atribuídos, numa determinação sociopolítica, aos homens e mulheres, cargos em função de certas características que cada um deles possui.

Por esse motivo é que tal despotismo, da forma como é apresentado, pode ser considerado como uma medida que vai muito além de ser apenas de cunho sexual, sendo também político e econômico, motivado e alimentado por um processo educativo censurável. A história política, por exemplo, durante muito tempo foi – e com dificuldade vem-se alterando – rigidamente resistente à participação feminina, ou, de gênero.

Nessa esteira, pensamentos rudimentares e sofismas se perpetuam de maneira religiosa e muito tradicional no cotidiano da sociedade, como, por exemplo, o fato de ainda se ver resistência quanto ao envolvimento das mulheres na política, ou o questionamento da mulher no campo profissional, ou estando a frente de outros assuntos que tangem ao ambiente público, sob a alegação de que dessa forma ela se desvia daquilo para o qual possui um dom inato, de acordo com os olhares mais patriarcais, que é de ficar atenta ao cotidiano de sua família.

Além disso, a participação das mulheres nos assuntos do Estado sempre dependeu do interesse e das necessidades deste. Pareceu sempre ser mais apropriado que as funções femininas ficassem confinadas ao lar, para que a doutrinação e a autoridade marital acontecessem de maneira mais natural e fácil.

Nas palavras de Scott (1995), tem-se, integralmente, uma definição de como age a distinção de gênero:

O gênero é uma das referências recorrentes pelas quais o poder político tem sido concebido, legitimado e criticado. Ele não apenas faz referência ao significado da oposição homem/mulher; ele também o estabelece. Para proteger o poder político, a referência deve parecer certa e fixa, fora de toda construção humana, parte da ordem natural e divina. Desta maneira, a oposição binária e o processo social das relações de gênero tornam-se parte do próprio significado de poder; por em questão ou alterar qualquer dos seus aspectos ameaça o sistema inteiro. (SCOTT, 1995, p. 92).

De acordo com o pensamento da teórica, a noção de gênero propõe um sistema binário no qual homens e mulheres têm posições social e culturalmente construídas, mas que trabalha incessantemente para que essas diferenças ocupem e influenciem o cotidiano das pessoas da forma mais natural possível, sendo, assim, parte de seu convívio e

configurando uma benévola organização social. Estabelecer e aplicar o que prega a segregação de gênero sugere, portanto, que ambos os sexos ocupem, no âmbito social, lugares diferentes, nos quais os ideais ou os interesses não se choquem.

## **6. A mulher e a crônica: por entre os espaços privado e público**

Como consequência das noções de gênero expostas anteriormente, homem e mulher, biologicamente distintos, experimentam uma carga social e cultural que os conduz a diferentes rumos. É um empenho da sociedade em estipular com exatidão, para cada sexo, as regras e normas de comportamento a que devem estar atentos, para, todos juntos, manterem algum tipo de ordem social que não deve ser subvertida.

A estratégia de controle social foi sempre amparada pelo sistema capitalista, que, desde muito cedo, adotou táticas que incluem história, política e moral, como formas de controle a fim de organizar e moldar as ações das pessoas. De modo quase que inevitável, toda e qualquer técnica de controle prevê dominante e dominado e, nesse contexto, parece ter sido reservado à mulher, por motivos diversos, escolhidos todos de forma sempre muito parcial, a posição de dominada.

Nessa ideologia que conhecemos por organização patriarcal, o homem – quando na posição de marido ou de pai – é o centro e o responsável pela organização social, exercendo autoridade e domínio dentro da família, em especial sobre sua esposa. Nascido no bojo das narrativas do Antigo Testamento da Bíblia Sagrada, a noção do patriarcado e sua dominação oprimem e reproduzem um tipo de violência contra as mulheres, não atribuindo a elas autonomia sobre seu próprio corpo e suas decisões.

Essa violação fere não apenas a mulher como ser humano, mas colabora para a perpetuação de um sistema familiar partidário, reproduzindo de maneira padronizada os mesmos valores deturpados e parciais, nos quais homens são donos de privilégios, e mulheres são vítimas de penalidades.

Nesse contexto, antagonismos são criados e liberdade passa a ser sinônimo de um estado de espírito do qual a mulher dificilmente se aproxima, em razão de

compromissos domésticos atribuídos a elas, que não “cabem” no cotidiano masculino, sempre tão abarrotado de eventos concernentes a outras instituições que não a familiar.

Além disso, para o pensamento capitalista, a mulher era meio de produção pouco importante economicamente. O trabalho doméstico tinha pouco valor e, de acordo com Rubin (1975), por não ser remunerado, contribuía para “[...] quantidade final de mais-valia realizada pelo capitalista” (p. 3).

Em face dessas premissas, homens e mulheres vão, paulatinamente, sendo segregados em suas funções, seus comportamentos e, de maneira extrema, até mesmo os espaços físicos ficam destinados aos diferentes sexos, criando, sobre as diferenças biológicas, conceitos de boa moral infundados.

Desse modo, ficaram estipulados aos homens e às mulheres ambientes diferentes dentro de uma mesma sociedade. Essa ambiência particular a cada um deles, justificada por motivos que nunca puderam encontrar a fundação adequadas, mas que serão analisados a seguir, segrega os sexos e destina a eles funções diferentes, a fim de que cada um atue de uma maneira dentro de seu meio.

A primeira constatação que permite observar a criação de ambiências distintas para os sexos parte de uma necessidade de contentamento das exigências e necessidades do Estado. Para Luz (1982), a diferença política de papéis, fundamentada por essas concepções, faz com que homens e mulheres, a partir dessa estratégia de poder e anulação, passem a ocupar esses lugares pré-determinados.

Assim, de acordo com Luz (1982), às mulheres, em razão da função biológica da reprodução, é atribuído o cuidado com o lar e a maternidade em sua integridade, definindo-se como “natural” e biológico aquilo que na verdade é em grande parte ideal social. Dentro do funcionamento da sociedade da época, inclusive, poderia ser considerada fundamental a passagem da mulher pela maternidade e pelo casamento, apregoando serem, estas, condições *sine qua non* para a sua realização como pessoa do sexo feminino.

Para a teórica, ainda, a fim de apoiar esta atitude coercitiva de confinamento feminino ao lar, são acentuadas, de forma romantizada, as noções de fragilidade, emotividade e sensibilidade femininas, sugerindo-se a conceituação da mulher. Em outras

palavras, a estratégia patriarcal consistiu, sempre, em manter o discurso que apregoa a mulher como abençoada por possuir “dons maternos” e “dádivas divinas”, ou dando a ela o título de “rainha do lar”, de sorte a ratificar com prazer e ajustar com sucesso o seu papel de encarregada da manutenção e educação dos filhos.

Observa-se, portanto, que, além da reprodução, determinação biológica, à mulher também coube a função de reprodutora ideológica, visto que sempre se atribuiu a ela a responsabilidade para com a educação e o aprendizado dos filhos, dentro ou fora do ambiente escolar, sua saúde e suas necessidades mais basilares.

As tradições gregas, por exemplo, atribuíam à mulher um lugar de destaque, ao passo que, por outro lado, afirmavam, de um jeito estereotipado, sua subordinação às funções sociais que são conhecidas, de cuidado com o lar, conforme se comprova por meio do conhecimento do mito de Penélope, na *Odisseia*, exemplo de esposa ideal, presente, submissa. Para o masculino, a contemplação era a permissão para o aprofundamento em sua personalidade, a autorização para o mundo das experiências.

Além disso, o sistema social criou a subordinação feminina à figura do marido, de modo que, adicionada ao cuidado intenso dos filhos, encontra-se a necessidade feminina em manter sua disponibilidade e sua sujeição aos gostos e escolhas masculinas. Tais determinações encontram-se no plano subjetivo do comportamento de homens e mulheres. Elas, as mulheres, aprenderam desde muito cedo a obedecer e se comportar de maneira adequada, sob a pena, inclusive (e isso simbolizava uma grande ameaça), de ficarem sem marido.

Aos homens, por sua vez, se ensinou a mandar, decidir, proibir, coagir, de forma abusiva e infundada, em nome da perpetuação de um modelo de relacionamento no qual pesos e medidas são, e sempre foram, desiguais. Porém, a doutrina não dizia respeito apenas aos conceitos subjetivos, mas se estendia ao espaço físico e aos ambientes.

À mulher, a cuidadora dos assuntos do lar, era destinado o espaço fechado, limitado, o espaço da casa, porque, nas concepções patriarcais e conservadoras, fora dali não se encontravam assuntos ou discussões que dissessem respeito às mulheres. Não faria parte de seu mundo feminino nada que fosse comum ao mundo masculino, por isso, mulheres limitavam-se à solidão de suas casas.

Em consequência, tratar do espaço íntimo do lar é entender que a figura da mulher remonta ao privado, ao fechado, ao oficioso, encontrando ali tudo o que lhe seria “necessário” para desempenhar as funções para as quais foi criada: ser mãe e administrar sua família.

Por outro lado, de forma antagônica, se coloca o entendimento sobre o comportamento e as funções atribuídas ao sexo masculino. Tendo o aval da sociedade para transitar, trocar experiências, aprender e crescer, o homem estava autorizado para frequentar o espaço público. Associado ao aberto, à clareza, ao oficial, o homem ganhava vida. Para Luz (1982), ao homem sempre foi reservada a experiência, o externo, o espaço público, das relações sociais. Na oposição criada por Beauvoir (1989), “[...] a mulher é e o homem faz”, apontando a natureza versus a civilização e a ação.

Pode-se afirmar, ainda, conforme a teórica Perrot (1998), que não existe, nem nunca existiu, um grande esforço social em alterar a estrutura dos relacionamentos intersexuais. Possibilitar o relacionamento entre as mulheres e espaço público torna o comportamento feminino problemático, na medida em que representa uma ameaça ao formato regular e engessado de família, além de não agradar aos interesses do Estado. Por outro lado, o preconceito reflete na ponta do lápis, quando se para para pensar no que significa a expressão, ao se falar em uma “mulher pública”. Ora, por que seria uma “mulher pública” a “meretriz”, enquanto o “homem público” é o homem marcado por suas projeções e aparições nos assuntos sociais, de maneira positiva e recompensada?

Nas palavras de Perrot (1998), “[...] mãe e dona de casa, esta é a sua vocação, e neste caso ela é benéfica para a sociedade inteira” (p.9.), observa-se a mencionada estratégia estatal e social em função de perpetuar o modelo de família na qual o homem desfruta das experiências do mundo externo, ao passo que às mulheres cabe o abrigo e a alienação. Vocação é a palavra que se usa para definir o que o social embutiu nas diferenças biológicas.

Percebe-se, portanto, que dentro desse espaço privado e doméstico, ao homem/marido parece ficar reservada a tutela da mulher/esposa, de seu corpo, de sua mente. Tal constatação pode partir, em princípio, de representações simbólicas, como, por exemplo, a atribuição do nome da família do marido à mulher, despojando-a de qualquer protagonismo jurídico. Assim, manifesta-se o princípio basilar do patriarcado.

Nascida na Grécia, a noção de espaço público, trazida por Guarinello (2003), é definida da seguinte maneira:

[...] núcleo urbano que congregava o que era comum por excelência: os templos, a praça do mercado, que fazia as vezes do lugar da assembleia comunitária, o porto, por meio do qual a comunidade controlava os contatos com o exterior. (GUARINELLO, 2003, p.34).

Nas palavras de Guarinello (2003), encontram-se as características do espaço público, que reunia ambientes propícios aos contatos e relações interpessoais, atividades coletivas, e trocas que compreendem aprendizados e ganhos. Assim, o espaço público apresenta-se como ambiência carregada de heterogeneidades de muitas naturezas, que implicam, por sua vez, a elaboração cultural de forma compartilhada e variada.

Nota-se, em acréscimo, que o excerto de Guarinello (2003) traz a menção ao “porto”, que, simbolicamente, assume papel importante dentro da concepção de espaço público, já que, sendo considerado ponto de intercâmbio de mercadorias e produtos, apresenta-se como palco de uma enorme gama de possibilidades no que concerne a trocas de conhecimentos, contatos e experiências de vida.

Por essa discussão que busca observar de forma sucinta e sem pretensões de analisar intensamente causas e consequências esta construção da diferença entre homens e mulheres, nos mais diversos âmbitos da vida do ser humano, sendo materializada em comportamentos e regras de bom convívio que as mulheres ficam destinadas a obedecer, parte-se, agora para um outro olhar, o qual funciona como resultado de toda essa edificação discriminatória.

## **7. As crônicas de Vivina de Assis Viana**

Conforme já se observou, a escrita feminina durante muitos anos ficou confinada a espaços que não lhe traziam visibilidade nenhuma, que não configuravam leitores, porque textos de mulheres não eram passíveis de publicação, nem suscitavam interesses de outros, já que ações sociais discriminatórias não entendiam na figura da mulher uma fonte de interesses ou de saber.

Evidentemente, empecilhos como esse foram sendo extintos com o passar dos anos e com as conquistas das mulheres, no âmbito das letras, porém, ranços dessa desigualdade permaneceram, como, por exemplo, o fato de as mulheres terem encontrado na crônica um espaço mais aceitável para as suas publicações, em razão de esse gênero apresentar-se como precíval e de duração limitada.

Em outras palavras, nas entrelinhas, perpetuava-se a ideia de que as mulheres não mereciam uma publicação perene e duradoura, que pudesse se eternizar e permanecer, em forma de livro. Esse privilégio deveria ser dado aos textos masculinos, cheios de experiências e de saber. A estes, sim, era permitida a veiculação de ideias a se perder de vista e sem data de validade.

A solução encontrada foi, então, a veiculação dos textos de mulheres em suportes que pudessem ser mais facilmente descartáveis, talvez se baseando na crença de ideias de menos prestígio e que merecessem ser facilmente descartadas. A crônica, precíval como o jornal, pareceu perfeita para tal acomodação.

Diante desse quadro, nos encontramos com as crônicas de Vivina de Assis Viana, mineira de Morro do Ferro e escritora de literatura para crianças e para adultos. As crônicas foram publicadas durante nove anos (1990-1999), no suplemento *Fim de Semana* do Jornal *Estado de Minas*. São crônicas que variam entre diversos temas, compreendendo desde a narração de memórias, até textos em tom de protesto, focados no campo da política e da economia, por exemplo.

A escritora possui um histórico de militância e engajamento político. De 1958 a 1968, residiu em Belo Horizonte, cursando Letras Neolatinas na UFMG. Durante esses dez anos, participou ativamente dos movimentos estudantis, passeatas, protestos, demonstrando uma grande preocupação com as lutas sociais.

Da mesma forma, ela sempre conservou o vínculo com a academia, tendo sido professora de francês durante o ano de 1964, no Colégio de Aplicação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da UFMG. Esse período na vida da escritora é retratado num livro que ela publicou mais de vinte anos depois, em 1986, chamado *Suando Frio*.

No ano de 1977, Viana publicou sua primeira narrativa destinada ao público infantojuvenil, intitulada *O dia de ver meu pai*. A obra obteve grande repercussão, porque

trouxe para dentro dos livros para crianças, pela primeira vez, a questão da *separação conjugal*. Mesmo com muita censura, o livro conseguiu permanecer e marcou a década de 70, posicionando a escritora no cenário da literatura infantojuvenil.

Fazendo parte de uma coleção chamada de A Coleção do Pinto, junto às obras *O Pivete*, de Henry Correa de Araújo, *Os rios morrem de sede*, e *O menino e o pinto do Menino*, de Wander Piroli, *O dia de ver meu pai* despontava com uma linguagem e uma temática que foram além de realistas, mas, de acordo com Regina Zilberman, propunham uma obra verista, que compreendia um caráter extremamente realista, isto é, de linguagem nua e crua, e inclusive de ilustrações em preto e branco, objetivando voltar a atenção do leitor ao monocromático mundo em que se encontrava a humanidade.

A partir daí, novas obras foram publicadas e com certa regularidade. Em 1989, Viana ganhou o prêmio Jabuti de Literatura Juvenil, com *O mundo é pra ser voado*. Obteve, também, grande reconhecimento com a obra *Ana e Pedro: cartas*, de 1990, um romance epistolar escrito a quatro mãos, no qual Viana e Ronald Claver contam a história de dois jovens apaixonados e seus conflitos.

Além da literatura infantojuvenil, a escritora, entre alguns livros, publicava contos em antologias, destinados ao público adulto. O primeiro conto foi publicado em 1973, chamando-se “A coisa melhor do mundo”, e foi traduzido em mais de quatro idiomas. Nos anos subsequentes, outros contos vieram. “Com quem está o anel?” (1979), “Os brincos” (1981), “Plantação” (1984), “A chave” (1988), “Nunca mais” (1992), “Enquanto meu amor não vem” (1998), “Internato” (2005), são apenas alguns deles, que ganharam espaço nas antologias, projetando o nome da escritora.

Sabe-se, ainda, que a obra da escritora conta ainda com o volume *Graciliano Ramos* da Coleção Literatura Comentada, no ano de 1981, já que a escritora nunca escondeu seu apreço pela vida e obra do renomado escritor, confessando muitas vezes que sua escolha por uma linguagem acessível e objetiva se dá em razão de sua estima pelo trabalho do romancista.

Visando a contrariar perspectivas pessimistas, Viana, em 2004, dispõe-se a tentar a mescla entre o livro e o suporte digital. A iniciativa para a produção desses contos na internet veio do *site* do Banco Real, que propôs a escritura de um conto

interativo, o qual se encontra até os dias de hoje disponível na internet, numa página para crianças que o site criou: <http://www.brincandonarede.com.br>.

Por conseguinte, de modo a comprovar a dinamicidade e a heterogeneidade da obra, encontra-se ainda a Viana escritora de crônicas. Durante nove anos, de 1990 a 1999, Vivina de Assis Viana foi cronista do Jornal *Estado de Minas*, publicando crônicas semanais no suplemento *Fim de Semana*. São por volta de quinhentas crônicas, que tratam de assuntos do cotidiano, assuntos pessoais, eventos da vida da escritora e da vida política de seu país.

Em decorrência, o olhar, neste trabalho, direciona-se para a condição dessas crônicas nos dias atuais. Ora, já foi mencionado na Introdução desta pesquisa que o único lugar onde se encontram essas crônicas é nos cadernos que foram cuidadosamente elaborados pela mãe da cronista. Compete, portanto, enfatizar que a crônica, ainda que tenha sido publicada em suporte jornalístico, estabelecendo a ponte entre a cronista e o ambiente público, sofre um movimento de retrocesso, que retorna as crônicas à ambiência privada e doméstica do lar.

Assim, as crônicas de Viana que se encontram, uma a uma, coladas nos cadernos fotografados, alcançam muito pouco, podendo-se dizer que puderam comunicar e transmitir apenas no momento de sua publicação cotidiana. O fato de não poderem ser eternizados faz com que esses textos não encontrem solo dentro da historiografia literária, não se eternizem, não façam parte do panorama da produção literária dos escritos de mulheres. Foram todos textos de grande valia, porém, valia limitada, à mercê do tempo e do dia.

A discussão do cânone literário se faz pertinente aqui, em razão de ser necessário colocar à prova parâmetros e preceitos que regulamentam o que merece ser perpétuo ou não. Uma vez que o pesquisador de hoje entende diferentes perspectivas dentro do texto e compreende os estudos de forma intercultural, entende-se a necessidade de se revisitar o cânone, atribuindo a ele mudanças ou mesmo sugerindo a necessidade da criação de um *cânone paralelo* que dê conta de registrar importantes contribuições de grupos minoritários que precisaram até então se verem alienados dessa condição de perpetuidade.

Nesta pesquisa, que atenta, entre outras coisas, para a importância da autoria feminina, registrando, assim, uma preocupação com as questões da diferença de gênero, faz-se necessário reforçar a importância do gênero para essa compreensão sobre a necessidade de avaliar o cânone. Por isso, é necessário que o cânone estreite o contato com literaturas de minorias, com gêneros considerados menores, com a literatura de mulheres.

É imperioso destacar que, atualmente, é preciso lançar o olhar sobre o texto cronístico, que nas linhas da análise que se segue, provará o seu valor e sua qualidade estética, além de ser necessário, da mesma forma, resgatar textos desta parcela social, o grupo de escritoras mulheres, que sempre se viu à margem em diversos âmbitos, privilegiando, assim, sua voz e sua atitude de emancipação de uma posição socialmente imposta.

São necessidades de alterações de ordem política, atreladas a questões de poder e autoridade, e que afetam uma ordem social pré-estabelecida desde muito tempo atrás, e que, assim, acarretam novas construções no comportamento de ambos os sexos.

Partindo-se desse olhar, é oportuno se debruçar sobre os textos em questão de Viana, que, estando na categoria de crônicas e na condição de serem escritos por uma mulher, experimentam da consequência de estarem alienados daquilo que é considerado perpétuo e merecedor de uma certa posteridade, buscando-se, dessa forma, provocar no leitor a reflexão acerca da necessidade de revisão dos cânones.

O capítulo seguinte destina-se, portanto, a examinar aspectos temáticos e formais das crônicas, a fim de atestar a qualidade estética das narrativas de Viana e como elas de fato se configuram como textos de grande valia, os quais falam de forma particular ao leitor e merecem ocupar um local que lhes confira perenidade e longevidade.

As crônicas dificilmente podem ser encontradas pelo leitor, estando confinadas aos arquivos do jornal onde foram publicadas, durante quase dez anos, ou, em segunda instância, aos arquivos pessoais da autora. Essa ausência de acessibilidade aos textos simbólicos, representativos e de grande importância para o registro de uma década de sociedade constitui uma deficiência que poderia ser revertida, caso fosse possível a organização e a publicação desses textos em um suporte perene.

## CAPÍTULO 2:

### UMA ANÁLISE DAS CRÔNICAS DE VIVINA DE ASSIS VIANA: POR ENTRE LEITURAS E LETRAS

#### 1. Classificação das crônicas

Conforme já apresentado no capítulo anterior, a escritora mineira Vivina de Assis Viana publicou, semanalmente, crônicas no suplemento *Fim de Semana* do jornal *Estado de Minas*. Foram nove anos de crônicas, durante a década de 90, sendo estes textos publicados mais especificamente de 28 de janeiro de 1990 a 28 de março de 1999.

Ao todo, são 464 crônicas, que podem ser consideradas textos curtos e objetivos, variando entre 1.000 e 2.000 caracteres. Essas narrativas, em tom de contações de história, conversam com o leitor de forma muito particular, trazendo à discussão diferentes temas por meio de textos que contam com memórias, homenagens, ou mesmo relatos indignados e questionamentos, conforme já se discutiu anteriormente.

Esses textos, que se encontram fora do alcance dos leitores e que, por essa razão, nunca possuíram uma classificação, ou uma sistematização, foram submetidos primeiramente a uma organização que compreendeu o seu agrupamento em cinco grandes grupos, de acordo com seu eixo temático, conforme atesta o quadro abaixo. Cada categoria de crônicas conta com por volta de dez textos, um por ano (1990-1999), tendo sido escolhidas para cada um desses anos a crônica mais simbólica e que melhor colabora para ilustrar o tema a que pertence.

De forma incomum, ocorreu, em algumas das categorias e anos, a não existência de uma crônica representativa o suficiente para integrar o conjunto de textos. Por essa razão, a categoria em questão pode apresentar um número menor de narrativas.

<b>Quadro de Classificação Temática das Crônicas de Vivina de Assis Viana</b>	
<b>Grupo</b>	<b>Assunto</b>
<b>Crônicas Urbanas</b>	São crônicas que têm como tema a cidade grande e as suas mazelas. A maioria delas se passa no espaço da cidade de São Paulo, para onde a escritora se mudou em 1968.
<b>Crônicas Memorialísticas</b>	São textos que contam as memórias de infância da escritora. Tendo a categoria sido dividida em duas linhas, a pesquisa trabalha as memórias de infância na fazenda e, separadamente, as memórias da infância dos filhos.
<b>Crônicas de Homenagem</b>	Apresentam-se como narrativas de tom afetuoso e saudoso, dedicadas a amigos – famosos – da escritora, por motivo de aniversário, falecimento, ou simplesmente saudades.
<b>Crônicas de Política e Economia</b>	São textos que usam algumas vezes do humor, outras do tom de insatisfação, e relatam, em meio a contações de histórias, fatos sobre o cenário político e econômico do país.
<b>Crônicas de Reflexões acerca de livros, leitura e escrita</b>	Algumas crônicas da escritora compartilham com o leitor sobre o próprio ato de escrever crônicas, ora sobre leituras que a cronista anda fazendo, e pode também falar sobre obras ou escritores pelos quais ela possui admiração.

**Quadro 1: Classificação Temática das Crônicas de Vivina de Assis Viana.**

## 2. Análise das crônicas por categorias

### 2. 1. Crônicas Urbanas

Essa categoria de crônicas possui como tema a cidade grande, que não se constitui apenas como pano de fundo no qual se passam as narrativas, mas tem papel grandemente simbólico, carregando com elas a ideia de que é nessa ambiência em que grande parte das mazelas da sociedade se propaga. É criada, portanto, uma dicotomia cidade/campo, na qual a cidade é ambiente nocivo, e o campo, o ambiente sadio e positivo.

A voz que fala nessa categoria de crônicas parte, muitas vezes, do pressuposto de que o ambiente urbano se apresenta como uma ambiência na qual todos os seus moradores, talvez influenciados pelo sentimento capitalista, são individualistas, egoístas e barganham seus valores em troca de ascensão social e poder de capital. A influência desse sistema econômico, o capitalismo, transparece nos textos desta categoria de crônicas, e percebe-se, nas linhas e nas entrelinhas das leituras, que quem mais sofre com este clima egocêntrico que se dissemina no cotidiano das cidades é a instituição familiar.

A família, dentro dessas crônicas, aparece como uma organização por vezes desprestigiada e amputada, na qual marido e mulher caminham em diferentes direções. Parece existir um desejo da cronista em relatar um modelo familiar afetado pelo consumo, no qual o pai da família trabalha excessivamente em prol do sustento do lar, deixando lacunas em sua assistência pessoal para com a família, por estar na maioria do tempo fora de casa, a trabalho, ao mesmo tempo em que à mãe é destinado o cuidado para com os filhos, estando ela sempre em casa, atenta às necessidades de suas crianças.

A partir dessas constatações, o texto cronístico de Vivina de Assis Viana pode ser analisado de maneira mais detalhada, já que as crônicas da escritora classificadas como *Urbanas* têm como cenário a cidade de São Paulo e tudo o que a cidade grande traz consigo.

Sentimentos negativos, questionamentos e indignações da escritora acerca da ambiência urbana ficam constatados nos textos dessa natureza. Além disso, o vazio e a sensação de impotência e invisibilidade do homem ficam marcados, porque a cronista

apresenta ao leitor a figura do homem como um indivíduo solitário, o qual aparece perdido por entre milhões de pessoas que perambulam diariamente pela cidade grande.

Verifica-se que Viana possui um olhar atento em relação ao funcionamento da cidade grande. É possível dizer que a narradora da crônica *Urbana* reconhece e busca confidenciar ao leitor, no esquema da cidade, os papéis e as atitudes de cada cidadão, querendo mostrar uma cidade a quem são atrelados diversos tipos de problemas sociais.

Existe, nas entrelinhas, a ênfase em relação a certas condutas maléficas dos indivíduos urbanos, ao mesmo tempo em que ganha a atenção, na voz que narra o texto, aquele cidadão que se comporta de forma diferente daquela esperada no contexto do cotidiano urbano.

A fim de comprovar certas constatações sobre a cidade dentro da crônica *Urbana* de Vivina de Assis Viana, julgou-se necessário trazer à baila a discussão de alguns desses textos de maneira mais detalhada, apontando constatações de maneira geral sobre as crônicas.

São dez crônicas escolhidas para cada categoria, tendo sido eleita uma para cada ano de publicação da escritora – as mais significativas e que mais colaboram para representar a categoria em que estão inseridas, contribuindo para a compreensão sobre as concepções da cronista acerca do mundo.

Aspectos temáticos e formais são apontados e discutidos dentro dos textos, a fim da elaboração de um olhar mais aprofundado sobre cada uma das categorias dessas crônicas. Constata-se que esses textos de fato merecem atenção, em razão de sua riqueza de ideias e de seu valor estético, como se observa, por exemplo, nas obras já publicadas pela autora, as quais a colocam no panorama de escritores brasileiros que tiveram, e ainda têm, grande importância dentro da literatura.

As crônicas discutidas ao longo deste subtópico encontram-se, em sua integridade, publicadas no Anexo ao final deste trabalho, visando à comprovação das análises elaboradas a propósito de cada um dos textos, bem como a divulgação do trabalho da escritora.

### 2.1.1. Análise das crônicas Urbanas

#### “Cidade Grande” - 09.12.1990

A crônica “Cidade Grande”, publicada em 09.12.1990, traz ao leitor em tom descomprometido a narrativa sobre um passeio pela feira na cidade de São Paulo. O texto é completamente imagético e sugere cores, cheiros, levando o leitor, com ele, para o interior da feira.

O tom de confissão e de “conversa fiada”, recurso geralmente empregado pela crônica, configura uma proximidade entre autor e leitor e colabora ainda para atribuir humanidade à cronista, que pode ser comprovada, por exemplo, quando de sua menção ao fato de aprender da feira sobre as frutas, legumes e flores, bem como o registro de ingenuidade da voz que narra, ao confidenciar ao leitor que nunca aprendera a dirigir.

A cronista menciona também a questão das nacionalidades e dos imigrantes dentro da crônica, nominando os diferentes rostos que percebe, ao caminhar pela feira, como em “[...] e para lá carrego legumes e verduras comprados aqui e ali, de japonês em japonês.” Tal efeito, em especial tendo como pano de fundo a cidade de São Paulo, traz à tona a discussão sobre a miscigenação dentro das grandes cidades.

A crônica procura, ainda, trazer ao olhar do leitor a questão dos relacionamentos entre os moradores da cidade grande, que podem apresentar-se influenciados pelo clima acelerado e frenético das metrópoles. Na figura do filho do dono da barraca de legumes, garoto por quem a narradora tem afeto e se relaciona sempre que vai à feira, encontra-se a tentativa da cronista de apontar para a existência de alguns poucos elementos dentro da ambiência urbana que conservam o contato mais próximo. O fato de o garoto manter sempre a narradora atualizada sobre as histórias da vida das pessoas que frequentam a feira funciona como uma ponte de pequenas histórias cotidianas das pessoas, que as conecta, mesmo que indiretamente, dentro da ambiência urbana.

Em outras palavras, em trechos como

Quando reapareço, o garoto só falta dizer que sentiu saudades. Se não sou a única sumida, conta das outras. A da rua de cima bateu o carro

(disso estou livre, graças a Deus!), a da esquina perdeu a filha (que Deus me livre e guarde!), a grávida teve gêmeos...

fica nas entrelinhas o desejo da voz que narra de manter-se dentro do sistema e, por que não, do “clima”, de cidade pequena, onde todos se conhecem, se reconhecem, e sabem, uns, do cotidiano dos outros.

A ambiência da feira se constitui, dentro desse texto, como um pedaço do mundo, e as confidências entre as personagens do texto estendem-se para autor e leitor, propondo uma narrativa de confidências e de confiança, ajustando-se com perfeição à temática que parece ficar implícita nas entrelinhas do texto.

As insignificâncias do cotidiano ficam, aqui, projetadas pela lente de aumento que a crônica imprime ao texto. Coisas simples do cotidiano da cidade grande, como um dia de feira livre, ganham espaço e, na voz da cronista, soam como uma reflexão acerca das vantagens e desvantagens da vida ali.

A preocupação com as relações entre as pessoas que habitam as cidades fica também demonstrada em comentários e reflexões que a crônica deixa transparecer ao longo do texto, em diferentes momentos, como, por exemplo, seu comentário sobre onde descansariam o feirante e o açougueiro, durante a noite. Parece, dessa forma, ficar nas entrelinhas a percepção da cronista sobre o profissionalismo e a formalidade que medeiam as relações entre as pessoas. Tal comentário revela, ainda, o desejo de intimidade e de aprofundamento das relações que tem a cronista, que desejaria poder estabelecer vínculos mais profundos com as pessoas de seu convívio.

O uso de algumas palavras e expressões na voz da cronista parece deixar ainda mais evidente o pensamento que permeia o texto: de que a cidade cria pessoas com comportamentos muito particulares, conforme se pode observar no trecho em que a cronista, ao falar do garoto, define: “Produto da cidade grande, ele não sobreviveria entre grandes quintais e pequenas distâncias. Ainda que sobrevivesse, não teria tantas histórias para contar”.

Fica, através dessa pequena nota acerca de seu olhar sobre a conduta do filho do feirante, registrado nas linhas da crônica, a preocupação da cronista em atestar sua crença na cidade como agente impositivo no que diz respeito ao comportamento e conduta do ser

humano, além de ficar implícita sua ideia que afirma a incompatibilidade entre o morador da cidade grande e o morador das cidades do interior.

O texto, que é mais longo do que os outros escritos por Viana, por não se resumir a uma narração de fatos apenas, mas contar com personagens e caracterizações, colabora para que a crônica possa ser tomada como um texto narrativo e descritivo.

Em outras palavras, a cronista alterna momentos de contação de história, sobre um dia de feira, deixa transparecer por seus comentários e reflexões sua opinião a propósito da ambiência urbana, ao mesmo tempo em que descreve e elabora uma personagem, o filho de feirante, e faz sua caracterização dentro do pano de fundo da cidade. A amarração desses elementos coopera para veicular uma ideia a respeito do espaço “cidade”, fazendo com que o leitor construa, por si só, uma compreensão sobre as convicções e crenças que a cronista deseja veicular.

### **Silêncio na portaria” - 28.04.1991**

Já a crônica “Silêncio na portaria”, de 28.04.1991, conduz o leitor a um mundo de imagens por meio de uma introdução plena de descrições. Tal recurso colabora para que o texto ganhe dinamismo e se familiarize com a cena preparada para servir de pano de fundo para a crônica, que é o espaço do prédio.

A rotina e os hábitos da vida da personagem senhora que a cronista descreve são apresentados, a fim de atingir ao objetivo da voz que narra, que é o de veicular uma imagem muito particular sobre a mesma. De acordo com o texto, a senhora moradora do prédio vem, há muitos anos, desempenhando o mesmo comportamento afetivo e carente de sempre, no prédio em que mora junto a tantas outras pessoas.

A narrativa é suave e escrita objetivando ganhar um ar de fragilidade, querendo mesmo atribuir ao tom e à linguagem da narrativa uma semelhança com a temática do texto. Em outras palavras, a temática da crônica gira em torno dos relacionamentos, já que a senhora sofre a ausência do faxineiro, não em razão da faxina que não está sendo feita, mas de sua companhia. Tal narração fica potencializada pelas escolhas lexicais da cronista, as quais dão à crônica um tom delicado e muito particular, acentuando no leitor a sensação de vazio e de saudades que sente a personagem senhora.

A personagem parece ter sido construída dentro de uma ideia pré-concebida do que seria uma pessoa na velhice, meiga e dócil, sempre cuidando das crianças, fazendo trabalhos manuais, sendo gentil com as famílias, talvez na tentativa de perpetuar a ideia de que as pessoas de antigamente possuíam um espírito mais ingênuo e cultivavam mais os relacionamentos, como se pode notar em trechos como a descrição do comportamento dessa personagem já velha:

Os sapatinhos eram feitos na portaria, entre beijos e abraços das crianças e intermináveis conversas com os adolescentes que, pouco a pouco, entre uma e outra brincadeira, entre idas e vindas da escola, descobriam, na simpática figura com o cachorrinho, uma “avó” em completa disponibilidade.

Tal recurso fica ainda mais evidente quando, ao final da narrativa, no excerto “[...] assentada no território nostálgico da portaria vazia de crianças e adolescentes cada vez mais seduzidos por *shoppings* e videogames”, nota-se a intenção da voz de contrastar o comportamento da senhora, já velha, com o do cotidiano dos adolescentes, os quais não mais investem em relacionamentos e contatos pessoais, mas, seduzidos por compras e tecnologias, abandonaram esses pequenos gestos de cuidados para com os outros.

Evidencia-se, além disso, que a crônica, imbuída em narrar um fato que ocorre em um dia da vida daquela senhora moradora do prédio, deixa nas entrelinhas a sensação de solidão e de individualismo, atestando a teoria de que a cidade provoca nas pessoas um comportamento egocêntrico. É novamente a tentativa da veiculação da ideia de que a cidade grande e o capitalismo são responsáveis pela modificação de valores das pessoas, inculcando nelas um espírito egoísta e sempre em busca de atender a interesses próprios.

A senhora idosa parece não se adaptar à greve dos ônibus, fato que impossibilita a vinda do faxineiro, e fica a sugestão do texto de que ela não sabe como contornar a solidão a assolar o seu cotidiano, sendo esse elemento mais uma amostra de como o cotidiano e os interesses das pessoas da cidade grande passaram a estar atrelados a questões econômicas e sociais.

Pode-se observar que a linguagem usada pela cronista é fluida, e as palavras, poucas, facilitam a leitura. Além disso, o uso de alguns recursos como o discurso direto, que dá voz à personagem idosa, como em “– Não, ‘filha’, obrigada, quem tem noventa anos vai precisar de quê?” – ajuda a formalizar a existência da personagem, dando a ela

credibilidade e reforçando o efeito de realidade dentro do texto. O uso do discurso direto aponta, ainda, para o lado narrativo do texto e realça seu caráter episódico e dinâmico.

### **“Pregando no Deserto” - 15.03.1992**

A crônica “Pregando no Deserto” é narrativa e conta uma história que poderia ser do cotidiano de qualquer leitor, mas que ganha significado especial na voz da narradora, por brincar e questionar a dicotomia antigo/moderno. Alude, e sugere, em primeiro plano, à narrativa bíblica que descreve a pregação de João Batista no deserto. A imagem de pregação no deserto parece sugerir a ideia de um investimento que não encontra solo fértil, e a temática da crônica coloca-se justamente aí, quando a cronista, de ideias tolhidas pela filha, entende que seus discursos sobre seu descontentamento com a modernidade nada adiantam.

Configura-se como intenção da narradora a crítica à tecnologia e sua fragilidade, sendo a máquina de preencher cheques, dentro do contexto da crônica, usada como retrato da tecnologia e das facilidades da cidade grande, dona da desvantagem de que a tecnologia falha quando menos se espera.

Tal reflexão leva a crônica a integrar o rol das narrativas que carregam uma ideia um tanto negativa das cidades grandes, caracterizando esse ambiente como o palco de muitas mazelas e, na visão da cronista, até mesmo modernidades que facilitam a vida das pessoas das grandes cidades tornam-se desvantajosas e merecem ser criticadas.

Observa-se, além disso, a presença da personagem “filha” na narrativa, que faz, com a mãe, o contraponto das gerações. É ela quem, além disso, busca atentar a mãe para a questão de ela estar fora do esquema das cidades, quando revela: “– Mãe, pelo amor de Deus, você vai começar de novo? Você ainda acha que alguém no mundo vai te ouvir?”

A frase da filha parece sugerir que o mundo moderno não mais comporta as ideias da mãe, tão interioranas, tão bucólicas para as cidades. A cronista, que se coloca também na posição de personagem, em sua lentidão, parece igualmente não se encaixar à velocidade da cidade, conforme se vê no discurso da caixa do supermercado, quando a máquina de preencher cheques enguiça “– Logo na sua hora... Logo você, que leva um

tempão só para assinar o nome...” Ficam aqui contrapostos velocidade e lentidão, modernidade e antiguidade, cidade e campo, antagonismos simbólicos e muito importantes na caracterização das crônicas de Viana.

Ocorre, por parte da narradora, um reconhecimento sobre as vantagens das modernidades e tecnologias da cidade, segundo o trecho subsequente: “Longe de mim duvidar dos engenhos do quase século XXI. Lá estavam o valor da compra e a data, com centavos, esses, erres, tudo perfeito.” Por outro lado, a narradora parece não saber se desvencilhar de seus pré-conceitos acerca do funcionamento dessas “novidades”, quando afirma sua crença nas pessoas, como se observa em: “Tentei dizer-lhe que o enguiço da máquina talvez fosse positivo. Se as pessoas enguiçavam menos, isso era bom sinal, não era não?”

Pode-se ver que o texto é construído, em grande parte, com discursos diretos, sendo, assim, a voz dada a cada personagem: mãe, filha, e caixa do supermercado. Além de conferir dinamicidade ao texto, tal elaboração contribui também para o efeito de realidade dentro da narrativa.

Ao final, a pergunta da filha, para a qual não se obtém resposta, conduz o leitor a pensar sobre as questões da modernidade e o lugar do ser humano dentro da organização do espaço urbano. A fragilidade da tecnologia frente à valorização do ser humano também são questões que permeiam a narrativa e ajudam a categorizar a narrativa como uma crônica urbana.

### **“Um cafezinho?” - 05.09.1993**

A crônica “Um cafezinho?” é narrada em primeira pessoa e busca imprimir grandeza a fatos que, de outra maneira, passariam despercebidos aos olhos do leitor. A localização espacial de onde fala a voz que narra o texto é privilegiada, porque se encontra em posição de superioridade, ao descrever, da janela, a cena que observa sobre o cotidiano da cidade grande.

O ar testemunhal da narrativa vai descrevendo cenas simples do cotidiano, mas que, arranjadas e dispostas nas ruas da cidade, colaboram para imprimir no leitor a

sensação que se tem na cidade grande, de que muitos eventos acontecem simultaneamente e, por serem corriqueiros, passam despercebidos aos olhos das pessoas que andam pelas ruas.

O tom da crônica é mais pesaroso do que costumam ser os textos da cronista, e parece haver uma intenção de provocar no leitor um sentimento de tensão e descontentamento, através das escolhas lexicais da voz do texto.

O foco da narrativa é o personagem homem, que é descrito ao longo da crônica como uma pessoa perdida em meio à multidão e em meio ao clima individualista das pessoas das grandes cidades, conforme se atesta em excertos como: “Um homem entra na farmácia à procura de uma informação, mas a balconista não parece nem um pouco interessada em prestar-lhe ajuda...”, ou em:

Em frente à farmácia, a padaria não chama sua atenção. Assim, ele não vê a criança que puxa a saia da mãe por causa de um picolé, nem a mulher que não consegue fechar a bolsa cheia demais, nem o rapaz que lava as xícaras tão rápido quanto serve os cafés...

No segundo momento da crônica, a cronista narra sua saída da janela e aproveita esse momento para refletir sobre a situação a que acabara de assistir. Tem lugar nessa reflexão o já mencionado sentimento da cronista sobre o clima de individualismo nas cidades. O fato de o homem estar só e de nenhum dos cidadãos que estão por perto lhe oferecerem ajuda reforça a ideia do sentimento de alienação a que as pessoas da cidade grande ficam submetidas, em razão de muitos fatores que vão imprimindo nesses moradores um comportamento mais egoísta e individualista.

Esse momento de ponderação da voz que fala, sobre a cena assistida, conforme atesta o excerto

Vou até a cozinha, tomo água, abro a geladeira, fecho, ligo o fogão, desligo, mexo aqui e ali. Segundos depois, xícara de café na mão, volto à janela. E continuo torcendo para que aquele desconhecido peça ajuda aos motoristas ou tome café.

propõe uma pequena confissão ao leitor sobre como aquela situação pode incomodar a quem, criticamente, analisa e nota como o mundo se encontra imerso em doenças provocadas pelo clima individualista da cidade grande e, além disso, deixa nas entrelinhas a tentativa de se adequar a esta ambiência, conforme se observa em: “Melhor

sair da janela – penso. – Esquecer o homem e sua indecisão. Se ele não quer tomar café nem conversar com o motorista, isso não será problema dele? Afinal, nunca o vi antes e, possivelmente, nunca mais tornarei a vê-lo.”

O recorte da cena de solidão em plena cidade abarrotada de gente sugere, ainda, uma mínima parcela dos problemas sociais. A qualidade do texto de imprimir grandeza a um fato corriqueiro apresenta-se como característica do gênero crônístico, e o texto completamente narrativo e reflexivo contribui para a classificação dessa crônica, especificamente, como um texto que se aproxima muito mais do viés literário do que do jornalístico.

Esse texto pouco possui daquilo que o classificaria como um texto jornalístico, já que é possível observar que ele narra fatos, faz uso de aspectos ficcionais, como se percebe no mecanismo pelo qual a voz que narra imagina os pensamentos do homem. Dessa forma, ficam impressos nas linhas do texto os seus próprios pensamentos, sobretudo levando o leitor a uma reflexão sobre as atitudes e os comportamentos do ser humano.

Somente no desfecho do texto é que existe um retorno à realidade, quando a cronista se dá conta de que é necessário, de fato, abandonar e esquecer o sentimento de indignação e, como as pessoas da rua, mencionadas por ela, voltar às suas obrigações.

#### **“Tão perto e tão longe” - 16.10.1994**

A crônica “Tão perto e tão longe” é narrada em primeira pessoa e apresenta uma semelhança temática com a crônica de 05.09.1993, porque ambas narram as percepções e sentimentos que a voz que fala tem, ao observar da janela cenas previsíveis do cotidiano das ruas da cidade em um domingo.

Simbolicamente, a janela pode apresentar-se como um acesso para o mundo externo, bem como pode ter a conotação de tomada de consciência e de abertura para a sensibilidade e percepção acerca das coisas.

A banca de jornal e a padaria são mencionadas no texto, como forma de resgatar espaços essenciais à temática do cotidiano da cidade que traz o texto. Além disso, a

crônica, em tom descritivo, aponta um homem em frente à banca, que compra um jornal, fuma um cigarro e observa os pombos, bem como retrata a figura de uma mulher que, de mãos dadas com o filho pequeno, caminha nas imediações da padaria, sendo, todos estes, recursos que buscam imprimir à cidade uma cena de cotidiano e rotina.

A crônica, gênero focado em atribuir grandeza a pequenos eventos do cotidiano, exhibe, nesse caso, ao caminhar para a conclusão, um esmaecimento da temática, quando sem grandes intenções se encerra, refletindo pouco e sugerindo ao leitor, nas entrelinhas, por meio das palavras sobre o cotidiano das ruas, que as cidades pouco oferecem de diferente e inovador no dia a dia, conforme atesta o excerto:

Dentro de casa, nariz colado na vidraça embaçada, não sei se continuo à espera de cenas previsíveis, lá embaixo alguém haverá de entrar na padaria, alguém, nessa cidade, haverá de precisar de pão, de leite, alguém haverá de ter dinheiro trocado para o jornal, alguém, com bengala, haverá de enxotar o pobre e solitário cachorro perdido, alguém – uma criança, talvez? – haverá de jogar miolo de pão para os pombos timidamente arrulhantes...

O tempo na crônica fica documentado quando existe a menção ao domingo, dia em que se passa a cena a que a narradora assiste. Naturalmente, esse dia da semana compreende um maior silêncio e solidão, um dia de descanso e de poucas atividades. Soma-se a isso o horário que a crônica traz, quando faz referência a ser, ainda, cedo demais, fator que também colabora para que a movimentação na cidade se veja ainda mais lenta do que o comum.

O título configura-se como uma antítese e brinca com a condição de espectadora da narradora, ao mesmo tempo em que ela se encontra inserida nessa realidade que descreve. Sua condição de observadora faz com que, por alguns instantes, a noção de superioridade esteja registrada na narração dos fatos, mas o próprio título aponta para a consciência da voz que narra, quanto ao seu pertencimento àquele mundo silencioso, de pessoas perdidas por entre as ruas logo cedo.

O uso do vocábulo “sentir”, em “Não sei se sigo sentindo a rua, tão perto e tão longe, ou se volto à xícara de café,” colabora para realçar a subjetividade da crônica, característica que encontra permissão para habitar o texto, apesar da participação do gênero cronístico no ambiente jornalístico. Ademais, parece existir o reconhecimento da narradora sobre a semelhança entre sua casa e a rua, já que ambas “ainda não acordaram”.

Tal movimento pode sugerir que a narradora entenda que, realmente, está imersa no cotidiano da cidade grande, embora sua crítica gire em torno da tentativa de sempre sublinhar as mazelas dessa cidade, seu não pertencimento e sua dificuldade de adaptação a essa ambiência.

### **“Debaixo do sol” – 02.04.1995**

A crônica “Debaixo do sol” traz ao leitor um paradoxo. Em primeira instância, a voz que fala busca retratar, de maneira idealizada, a maneira pela qual no passado as cidades foram consideradas palco de bonitas cenas e hoje se configuram como o local de onde se alimentam todas as mazelas da sociedade.

A temática que vem à tona, em uma linguagem marcada por um sentimentalismo, é a da pobreza, da miséria; a narradora cria para o leitor uma imagem quase que desértica, onde o sol é o grande vilão que maltrata três crianças pobres que dormem, durante o dia, na calçada.

A discussão se amplia, quando a narradora menciona a existência de três pães deixados para as crianças. Mais adiante, ao refletir sobre a condição das crianças na rua, questiona se o alimento deixado seria um alimento ou uma oferenda, conforme se pode notar em:

Calçada que seria uma mera repetição de tantas outras, comuns, esburacadas, se não abrigasse, pelo menos por algumas horas, ou momentos, não apenas uma tentativa de alimento, mas de cuidado. Não uma esmola, mas – quem sabe? – uma oferenda.

Isso traz para dentro do texto a perpetuação da ideia de ritual, apontando, talvez, para o caráter contínuo e habitual daquela cena. É o caráter analítico da crônica, quando muitas das situações poderiam ser apenas descritivas.

De modo a propor um contraste dentro do texto, a narradora faz, ainda, a menção ao seu horário de almoço, em casa, com os filhos. Esse recurso ajuda igualmente a provocar um distanciamento entre a narradora e a realidade sobre a qual trata, no texto.

A voz que narra a cena das crianças deitadas na calçada concentra-se também em ressaltar como essas cenas podem ser corriqueiras no cotidiano das cidades, reforçando o

estereótipo da cidade como berço dos principais males da sociedade, conforme se observou até aqui, nos textos analisados de Viana.

### **“Pesadelo” – 14.01.1996**

A crônica “Pesadelo” consiste em um texto completamente reflexivo, e a temática “elevador” somente colabora para que questões infinitamente mais profundas e intensas venham à tona. A cronista narra, em primeira pessoa, seu incômodo quanto ao uso do elevador, uma das típicas invenções que caracterizam a modernidade e a tecnologia, justamente por ser o meio de transporte das grandes construções, os prédios, marcas registradas das cidades.

Percebe-se que o texto não possui uma organização definida, como início, meio e fim. Não há um clímax, e seu desfecho não almeja grandes reflexões de maneira explícita. A narrativa é fluida e confia ao leitor sua situação de confusão em lidar com os elevadores, que, por mais que o tempo passe, não se tornam familiares à narradora.

Verifica-se, por parte da voz, um desejo de que o leitor conheça a realidade da dificuldade da narradora com a tecnologia das cidades, à medida que ela se apresenta como um retrato do passado e da simplicidade, que tenta se adaptar, sem sucesso, ao progresso e ao moderno, conforme se pode notar em: “Aversa às alturas e a espaços fechados, duas coisas me incomodam demais da conta, como gostamos de dizer, nós, os mineiros: avião e elevador.” Fica documentada, nas linhas e nas entrelinhas, a resistência da narradora em ajustar-se ao cotidiano, em razão de suas raízes interioranas, as quais não possibilitam a superação do trauma dos elevadores.

Sabe-se que o gênero cronístico comporta, ainda, doses de bom humor, que ficam documentadas nessa narrativa, em excertos como: “[...] só sei que não posso parar entre um andar e outro, que os anjos me ajudem, qual é mesmo o anjo do meu signo?...”, ou em: “Dentro da geringonça incômoda, erro de novo, apertando o número de casa. Antes que chegue, a lembrança: eu não estava indo para a garagem?” Tal recurso textual auxilia para a elaboração de um texto menos afiado e introspectivo, fazendo assim, da crítica à tecnologia, uma despreziosa contação de história, como se suas confusões fossem, quase que sem intenção, uma tentativa de divertir o ouvinte.

Os relacionamentos na ambiência da cidade grande também têm lugar na narrativa sobre os elevadores e seus percalços, quando se observa a cronista confidenciar que nunca se deu bem com os vizinhos. Tem-se, pois, o excerto: “Ah! E as várias vezes – juro que não foi uma só – em que desci no andar de baixo e tentei abrir a porta dos vizinhos, que nunca gostaram de mim?...” O clima de individualismo, que muitas vezes se coloca como característica da vida acelerada das cidades grandes, apresenta-se aqui materializado na falta de convivência entre os vizinhos, que, tão próximos uns dos outros, não se relacionam.

### **“Triste História” – 24.07.1997**

A crônica “Triste História”, em tom de ironia, narra a pesarosa história da morte do índio Galdino, em 1997. Nesse caso, especificamente, a narração da crônica se dá sem que a cronista se coloque na condição de personagem, permanecendo como observadora, descrevendo, de fora, os acontecimentos.

O primeiro parágrafo traz ao leitor a rememoração sobre a história de Tiradentes, mártir da Inconfidência Mineira, executado em 21 de abril de 1792. Tal declaração tem lugar na narrativa em razão de, no mesmo dia, ter ocorrido o assassinato do índio. Pode-se dizer ainda que a referência que o texto faz a Tiradentes, logo no início, coopera para conduzir o leitor ao assunto que pretende apresentar, em razão de envolver, também, um assassinato de cunho muito polêmico e que transformou o assassinado em um mártir, da mesma forma que ocorreu no final do século XVIII.

Em seguida, os próximos parágrafos trabalham com uma descrição da atrocidade cometida pelos jovens, que, nas palavras da cronista, poderiam ser caracterizados como o “grupo da capital moderna e ultrapassada”, indicando a tentativa da narradora em sugerir que tal comportamento dos jovens poderia ser uma consequência das mazelas que rondam o ambiente das cidades e sua modernidade.

O tom de ironia estende-se ao longo de toda a narrativa, conforme mostra o parágrafo que se segue, ao afirmar o tom de indignação e reclamar ao leitor sobre a desvalorização da vida humana:

O índio, cacique como Tiradentes, foi confundido com um mendigo, ser absolutamente sem importância, nada além de um zero à esquerda. Ser que, desaparecido, ninguém chora, vela ou reclama. Ser que pode ser eliminado a qualquer hora do dia ou da noite, lixo incômodo e inútil.

Além disso, o uso de alguns vocábulos em tom de ironia, como “coitadinhos” e “solidários”, para caracterizar o grupo que ateou fogo ao índio em uma praça em Brasília, reforça, ainda, a intenção da voz que fala de provocar uma reação no ouvinte e de reforçar sua posição de crítica mordaz do acontecimento.

A linguagem parece ser majoritariamente objetiva, enfronhada na narração e descrição dos fatos ocorridos, porém, o fato de empregar a figura de linguagem ironia faz com que o texto possa ser também subjetivo e conte, assim, com a interpretação e com o *feedback* do leitor.

O parágrafo que encerra a narrativa – “O único erro do grupo da capital moderna e ultrapassada foi não saber, aos 19 anos, que quem dorme em banco de praça também é gente” –, ao inserir a expressão “o único erro”, reitera o tom sarcástico que vem, ao longo de toda a crônica, sendo disseminado, como se toda a conduta do grupo que cometeu o assassinato fosse até ali correta, e condenável apenas por um pequeno senão.

Tal recurso faz da crônica um texto construído em função de dizer o contrário daquilo que realmente se gostaria de expor, provocando um abismo entre o que se pensa e o que se declara, intencionalmente, e com muito mais intensidade do que se as palavras ditas fossem literais e objetivas.

A comparação proposta pelo texto entre o índio e um mendigo, almeja trazer o leitor para a reflexão sobre os direitos humanos, corroborando o caráter questionador e reflexivo do texto, embora se baseie em uma notícia verídica e não possa, assim, ser descartado o seu cunho jornalístico.

O título mistura sentimento, o que apontaria para uma crônica mais poetizada e pautada na emoção, ao mesmo tempo em que o vocábulo História deixa nas entrelinhas o caráter documental e atemporal da narrativa, fazendo a ponte entre o Fato Histórico da morte de Tiradentes e a história do índio que a voz narra, contando, inclusive, que “[...] se tratava de um cacique, com mãe, mulher, filhos, casa, trabalho”, em suas próprias palavras.

### **“Monstros e Fantasmas” – 15.02.1998**

A crônica “Monstros e Fantasmas” indica, em seu título, para o caráter um tanto lúdico da crônica, já que antecipa a referência que o texto pretende trazer a medos pueris e inocentes da narradora, que se vê desprotegida e intimidada pelo trânsito da cidade grande, como se ônibus, carros e motos fossem personagens aterrorizantes, no cotidiano da cronista.

Tal constatação pode ser confirmada ao longo da leitura da crônica, quando a cronista decide narrar fatos e acontecimentos de infância. Essas narrações não deixam de transparecer momentos de prazer vividos em família, mas também se apresentam como narrações de aprendizados, junto aos pais, conforme se pode observar em: “Só aprendi a andar no mato, meu pai e minha mãe me guiando entre árvores, córregos, flores, vacas, cavalos, cachorros e galinhas.”, recurso que reitera dentro do texto o tom narrativo infantil e inseguro, por meio da narração da cronista.

A voz que fala nesse texto narra a crônica em primeira pessoa, podendo ser a cronista, dessa forma, entendida como uma personagem dentro do texto. Suas inquietações e ansiedades ficam documentadas e a cidade grande e seu trânsito parecem colocar-se como os grandes vilões da história.

O mecanismo de retorno ao passado, através das narrações de lembranças da infância da cronista recupera igualmente a tentativa de veiculação da ideia de positividade do ambiente do campo, conforme atesta a expressão “nossos corações sossegados”, fazendo referência ao temperamento sempre tranquilo e ao estado de espírito pacífico dos habitantes do campo. Tal constatação soa, ainda, intencionada a deixar evidente o grande abismo existente entre os espaços campo e cidade: a narrativa é estruturada de maneira quase que integral em formato de crítica ao trânsito da cidade e conta, bem ao meio, com a quebra de expectativa quando a cronista pausa o texto para fazer o contraponto com as belezas do sítio.

Os três últimos parágrafos ficam dispostos em formato de perguntas e questionamentos, direcionando para uma tentativa da cronista de desnudar-se da condição de autoria e relevar sua humanidade através de um recurso que afirma uma espécie de aproximação entre leitor e escritor, característica típica do gênero cronístico.

Outra reflexão por parte da escritora fica igualmente documentada com o objetivo de questionar as relações entre os moradores da cidade grande. Fazendo alusão ao movimento dos veículos de estacionarem em fila dupla, a cronista revela que, nas cidades, nem as filas de pessoas são mais oportunidades de conversas banais sobre o cotidiano, aproximando e relacionando pessoas, como costumava ser.

O inchaço das grandes cidades também se apresenta na crônica, colocando-se como mais um problema sobre o qual a cronista deseja falar. De acordo com ela – no trecho “Se eu for assaltada, ou se a chuva começar a cair sem aviso, não posso mais sair correndo pela rua?” –, o espaço das cidades parece não mais ser suficiente para acomodar as pessoas com tranquilidade, além de, neste excerto, existir uma menção a outra mazela social, que seria a violência.

O aspecto subjetivo e reflexivo da crônica se expõe com mais clareza ao final, quando a cronista compara as esquinas das ruas com as encruzilhadas da vida. De maneira mais espontânea, a cidade acaba se mostrando como uma ambiência tão complicada quanto a vida e seus percalços. Uma vez mais, fica a sugestão do texto que tenta de fato veicular a ideia da cidade como um local complicado, de difícil acesso, que oprime e amedronta seus moradores.

### **“Desalento” – 10.01.1999**

A crônica “Desalento” introduz ao leitor, em tom extremamente reflexivo, a questão da indiferença e da individualidade entre os seres-humanos. A começar do título, uma palavra apenas, significando desesperança ou abatimento, oferece a sugestão de que a crônica se dará em tom mais melancólico.

A feição descritiva e narrativa do texto revela ao leitor uma cena que a cronista enxerga da janela. Tal descrição imprime na crônica um ar cinematográfico e posiciona a narradora fora da ambiência narrada, em uma posição de testemunha ocular do fato.

A narradora, porém, não apenas observa a cena, mas busca recursos que partem de seu olhar atento para analisar suas circunstâncias. Ao ver uma mulher que caminha pela rua levar um tombo e não ser ajudada por nenhum outro pedestre, a voz da cronista que vê da janela deixa nas entrelinhas as marcas de seu olhar particular sobre o

acontecimento e sobre a mulher, colocando-se em seu lugar e imaginando o sentimento da pedestre a qual acabara de se machucar, como se lê em excertos como: “Vi quando saiu mancando, olhando pros lados, parecendo desculpar-se pelo transtorno”.

Esse recurso no qual o narrador é conhecedor dos pensamentos e sentimentos das personagens aproxima o texto cronístico da narração e do aspecto ficcional, ao mesmo tempo em que a cronista deixa visíveis as marcas de construção do texto, apresentando ao leitor os bastidores do processo de elaboração da crônica, como em: “Deixo a janela e me ponho a escrever essa crônica. Com profundo desalento.”

Todas as reflexões e constatações da cronista, que partem da análise da cena de descaso que presencia da janela, utilizam-se do plural majestático, sugestionando que seu sentimento de revolta e indignação com o individualismo entre as pessoas seja comum aos leitores.

Outros motes da cidade grande ficam sugeridos no texto de forma discreta. Partindo-se da proposta do capitalismo, regime de destaque dentro das cidades, ou seja, entendendo-se que na cidade tudo simboliza custo e nada se faz sem algum tipo de remuneração, a cronista desabafa e questiona:

Se uma mulher escorrega no meio da multidão, custa ajudar? Com ou sem chuva, custa parar um segundo, estender a mão, conceder um olhar? Nesses nossos tempos de visível e crescente indiferença, parece que custa.

A palavra “custo” aqui representa sacrifício e não deixa de carregar com ela as conotações de valor e de preço, vocábulos ligados à realidade da cidade, ambiência pautada no lucro e nas relações econômicas.

A cena do tombo da pedestre transforma-se, ainda, em indagações a respeito do relacionamento das pessoas, de maneira mais profunda, quando a cronista parece atrelar à cena as dificuldades da vida, nas quais as pessoas não encontram amparo, em função dos “[...] tempos de visível e crescente indiferença”, segundo suas próprias palavras.

O clima de indiferença contamina e implica mudanças no comportamento da própria cronista, conforme atesta sua dúvida sobre o que fazer: “Talvez eu devesse terminar essa crônica dizendo que saí da janela quando vi a mulher caída na rua, entre buzinas e silêncios. Talvez eu devesse dizer que fui até lá, estendi-lhe a mão, olhei-a nos olhos”. Ao final, ela mesma confessa, interando-se ao grupo de pessoas sem nenhuma

ação, que nada fez: “[...] nem o vidro da janela abri”. Tal recurso busca atribuir humanidade ao texto e imprime proximidade entre autor e leitor.

Ao final, ao registrar que escreveu a crônica como sendo “sua maneira de conversar consigo mesma” sobre as mazelas da sociedade, a cronista deixa nas entrelinhas a ideia de que a obtenção de transformação para esses problemas, ou mesmo ser ouvida ou lida, são coisas improváveis de acontecer.

Em uma reflexão mais íntima, ela parece escrever o texto para si mesma, como quem tem algo para confidenciar, sem ter ninguém para ouvir. Tal processo, o da escritura para si mesma, nos lembra os diários escritos pelas mulheres no século XIX, quando, não podendo ter leitores, teciam seus diários a fim de expressarem-se para ninguém mais, a não ser elas mesmas.

## 2.2. Crônicas Memorialísticas

As crônicas em tom de memória escritas por Viana compartilham com o leitor muitas das histórias que a narradora viveu quando criança, acompanhada, sempre, de outros membros da família e tendo o ambiente rural como pano de fundo. Esse espaço rural, porém, assim como acontece com a ambiência urbana, vai além de comportar-se como cenário para feitos infantis, desempenhando um papel fundamental no reconhecimento da compreensão de mundo da cronista.

Em um texto cujo objetivo principal é o relato do tempo passado, a escritora tece narrativas como quem conta uma história ao pé do ouvido do leitor. São textos aparentemente descomprometidos, mas que deixam nas entrelinhas ideias nostálgicas acerca do passado, transmitindo ao leitor uma noção sobre como ela compreende o tempo presente.

Uma vez mais, observa-se um texto conciso e despretensioso, em que se conversa com o leitor, reiterando a característica do gênero cronístico já comentada anteriormente, que é a circunstância de a crônica ser um texto intimista, um texto do “eu”, ao mesmo tempo em que é veiculada no suporte jornalístico.

Os textos dessa natureza provocam no leitor uma identificação, porque se configuram como memórias de infância, lembranças que geralmente vêm acompanhadas de recursos de sublimação, transformando o passado em um tempo melhor, um tempo no qual as pessoas, os preços, os líderes, eram todos melhores.

As memórias da cronista que vão, paulatinamente, tecendo as linhas e entrelinhas de suas narrativas, colocam-se como registro de uma época e de um sistema, sendo, assim, um elo com o passado, vivido no eterno presente. Sendo afetiva, alimenta-se de lembranças, de sensações particulares, assegurando a perpetuação da tradição e dos valores, como uma estratégia de manter vivas as histórias familiares e, por meio delas, a própria família.

A questão da memória de família como transmissão de conhecimentos, valores e tradições, aliada à vivência de uma família moradora da área rural, propõe um ciclo natural de aprendizado muito característico das famílias que crescem no campo.

O modelo familiar e as atitudes dos membros da família são pré-estabelecidos, sendo os filhos seguidores dos passos do pai nos afazeres socialmente determinados para ele, como o cuidar do gado e do campo. Fica implícita no texto a sugestão de que a comunicação e a troca de experiências entre pais e filhos marcam de maneira mais forte as famílias que se desenvolvem no ambiente rural, diferentemente do que acontece com os moradores da área urbana.

É possível dizer, além disso, que as lembranças da infância apresentam uma conjugação temporal, já que reúnem passado e presente, em se falando do narrador enquanto adulto, e futuro, tempo vislumbrado pela criança. É dentro dessa perspectiva de futuro que o narrador, por meio da figura da criança, permite a si mesmo reconstruir um espaço temporal pleno de possibilidades, planos e sonhos.

Dessa maneira, a crônica memorialística abre espaço para que convivam os fatos, bem como as fantasias que fizeram parte dessa infância. Ali o narrador encontra um ambiente que comporta e transita por entre o real e o maravilhoso, embaralhando fatos, memórias, imaginação e planos.

Nessas memórias de infância da escritora, insurgem momentos da convivência entre os irmãos, de pais e filhos, avós, em sua grande parte, no espaço rural do interior de Minas Gerais. Essa relação entre o sujeito e a casa pode ser grandemente significativa, à medida que a casa constitui a ambiência dos primeiros contatos e aprendizados.

O espaço da casa apresenta-se não apenas como o local da morada ou do lar, mas é ponto fulcral do aprendizado, das relações familiares, colocando-se, ainda, como pano de fundo das maiores aventuras, o que implica correr os primeiros riscos. Até o mágico e o fantástico cabem dentro do espaço casa. O lar é o ponto central a partir do qual todas as outras referências sobre a vida irão surgir.

Essa apresentação da casa, ao mesmo tempo reinventada pelo narrador já adulto, corresponde a um espaço onde convergem suas lembranças e seu olhar distanciado, cheio de saudades e nostalgias.

Tem-se ainda, como elemento de suma importância, o retorno constante às lembranças do espaço rural, que trazem a ambiência da fazenda, num clima de paz e segurança, de harmonia e entrosamento entre os membros da família, em contraste,

especialmente, com as narrativas que trazem o espaço urbano, com lares mais vulneráveis e inseguros.

Fica ressaltado o tom bucólico dentro dessas narrativas, quando se observa a exaltação da natureza. Esse veio pastoril, do campo, fica caracterizado pelo contato e pelo apreço da narradora com as árvores, com as flores, com os animais, com o rio, todos elementos que compõem a ambiência rural.

Com frequência, fica documentada nessas crônicas a transmissão de conhecimentos entre os membros do ambiente do campo, estabelecendo um vínculo entre aprendiz e tutor, elaborando uma teoria quase que oposta à do ambiente de trabalho do meio urbano, conforme já mencionada, no qual individualismo, superação, produção, são palavras-chave.

Também são trazidas a conhecimento do público histórias bem humoradas sobre perguntas e reflexões dos filhos quando pequenos, que costumam ganhar espaço no discurso dos pais, os quais presenciam e acompanham as transições e fases dos filhos.

Essas memórias são plenas de reflexões e ponderações da narradora acerca dos acontecimentos de infância, apresentando um olhar que parece só poder ser percebido com a ajuda do olhar experiente e crítico sobre o passado.

Grande parte das crônicas deixa transparecer descobertas feitas pela narradora acerca de si própria e da família, a fim de compreender o significado de fatos, conversas e brincadeiras de infância, que eram, até então, histórias de uma época que se foi.

Em se utilizando do mesmo molde de anteriormente, partindo da ciência do vasto número de crônicas publicadas pela escritora, apenas alguns desses textos selecionados do anexo serão trazidos à baila, com o objetivo de proporcionar uma amostragem daquilo que vem sendo discutido.

Em primeira instância, alguns dos textos que dizem respeito às memórias de sua própria infância serão abordados e, em seguida, textos de memórias de infância dos filhos serão colocados em discussão.

### 2.2.1. Análise das Crônicas sobre Memórias de Infância

#### “No Terreiro” - 01.04.1990

A crônica “No Terreiro”, de 1990, integra as crônicas tomadas como “Memórias de família” da cronista, já que contam com narrações que envolvem histórias da época de infância de Viana, na fazenda.

A crônica pode ser considerada curta, de poucas palavras, além de ser em grande parte formada por orações em discurso direto, dando às personagens mais veracidade e dinamicidade dentro do texto.

Tal dinâmica do texto parece, igualmente, imprimir à crônica um tom mais rápido e descomprometido, de narração pouco profunda ou reflexiva. Esse recurso pode ser considerado uma marca dos textos de memórias de infância na fazenda, categoria de textos que propõe um olhar mais lúdico, menos introspectivo e reflexivo do que, por exemplo, a categoria de crônicas urbanas.

A narrativa acontece em terceira pessoa, já que a narradora não participa do texto, sendo os personagens a avó, o cachorro, os pintinhos e o neto. As personagens que aqui aparecem, que não costumam integrar as narrativas das outras categorias, configuram um ar mais familiar e lúdico no texto. Da mesma forma, a dinamicidade do texto memorialístico se altera em relação a outras categorias de textos, já que a constituição das narrativas de memórias, as escolhas lexicais, as poucas palavras, as frases mais curtas e bem fragmentadas em tópicos discursivos são todas características que reafirmam a condição da narrativa como crônica, aproximando o texto do gênero textual ao qual Viana é mais familiar: a literatura para crianças e adolescentes. O excerto abaixo ajuda a corroborar essa ideia:

Foi num dia de muita chuva – Quarta-feira de Cinzas – que a avó acordou chorando. Os pintinhos estavam reduzidos a vinte e um.

– Foi muito cedo, quando ainda estava escuro – disseram.

O Amigo, de tocaia, tinha esperado a saída dos pintinhos por um buraco pequeno na porta do galinheiro. Abatia um, outro, mais outro. No décimo oitavo, foi descoberto.

– Até aquele que era manco morreu – diz o neto, nove anos, os olhos molhados.

– O mais pretinho também? – a avó pergunta.

Ele balança a cabeça dizendo sim. E lembra suas correrias pelo terreiro, o dia inteiro seguindo os pintinhos, cuidando para que não se afastassem muito das galinhas, não se machucassem. Não sumissem.

Seguindo o modelo do texto, a temática da morte e do sofrimento aparece, da mesma forma, mais suave e menos intensa. Através de um retrato mais esmaecido, o sumiço dos pintinhos fica documentado, ao mesmo tempo em que a punição para o transgressor, o cachorro, que ironicamente leva o nome de Amigo, é discutida por neto e avó.

A crônica, que conta com um momento de narração sobre um ato de desobediência do cachorro da família, não se excede, nem tem essa pretensão, quando se fala em reflexão. Em outras palavras, não se encontra na voz da narradora nenhuma pretensão de que esse texto seja reflexivo, denso, ou que sobrecarregue a leitura de quem o lê. Seu único compromisso parece dar-se no nível da contação de história do cotidiano.

O modelo familiar existente nessa crônica aponta para um elemento que se coloca como uma regra para os textos dessa categoria, que é a avó em posição de dona do conhecimento e de uma espécie de sabedoria que passa de geração para geração. É ela quem, junto do neto, percebe a falta dos pintinhos no galinheiro e decidirá como será penalizado o animal que traíra a confiança da família, comendo os pintinhos.

O tempo na narrativa não é cronológico, porque em mais de um momento os personagens usam da imaginação para colorirem os bons momentos, ao lado dos animais da fazenda. Tais lembranças povoam a mente do leitor com as melhores imagens sobre a fazenda, indicando, inclusive, para o caráter unilateral das crônicas de Viana, que imprimem nessas narrações a ideia do campo como um espaço completamente benévolo e pacífico para as relações entre pessoas e animais. A ideia de tranquilidade só é afetada quando a confiança é quebrada, justamente por quem se chamava de “Amigo”.

### **“Novas Paragens” - 18.08.1991**

A crônica “Novas Paragens”, de 1991, ganha destaque dentro da maioria das crônicas memorialísticas de Viana, pois se descola do plano apenas narrativo e descritivo,

e torna-se um tanto reflexiva e confessional, encontrando na figura do leitor um cúmplice e bom ouvinte.

Pode-se afirmar que a narrativa se apresenta enfocada na voz do texto, e a narradora surge dessa vez como personagem, já que o texto é contado em primeira pessoa, conforme podemos ver em: “Meu avô, descobri mais tarde, talvez estivesse mais cansado do que meus quase cinco anos podiam supor, porque se foi logo, logo...” A tentativa da narradora de situar o avô como personagem principal do texto se perde, quando as reflexões sobre seus próprios sentimentos, suas emoções e suas descobertas modificam o caráter do texto, tornando-o uma narrativa intimista e um tanto lírica.

Esse texto pode ser dividido em diferentes momentos, os quais colaboram para a constituição de um modelo de crônica intimista. Em sua introdução, é composto de memórias idealizadas e pueris, marcando a época *infância* na vida da narradora. No segundo momento, as reflexões da narradora vêm à tona, compondo uma espécie de amadurecimento sobre as memórias de antes.

Por fim, ocorre uma contextualização da narradora com os dias de hoje, que transfere as memórias e as aplica para o seu cotidiano. Trazendo a figura do fotógrafo Miro Sopena, a narradora amarra todo o texto, e as fotografias acabam sendo o elo entre começo e fim da narrativa, como se pode observar no excerto: “Se Miro Sopena, que conheci tão pouco, encontrar, nas novas paragens, um avô andando a pé ou assentado numa cratera de bambu, e se por acaso houver uma criança com ele, por favor, fotografe.”

Outra ideia fixa da narradora se faz presente durante todo o texto, quando se fala das narrativas em tom de memória, que é a crença em crianças infantilizadas e distantes do mundo real. Em excertos como “Meu avô, descobri mais tarde, talvez estivesse mais cansado do que meus quase cinco anos podiam supor” ou “[...] nenhuma fotografia registrou o espírito do avô precocemente ecologista, da criança ingenuamente crédula [...]”, encontram-se marcas de uma ideia sobre a infância que não correspondem de maneira integral à realidade, porque classificam essa fase como um período pleno de ingenuidades e inocências, sem contratempos, sem desafetos.

Tal recurso se explica, em especial, por estarem aqui infância e memória entrelaçadas. É compreensível que a memória construa situações e idealize ocasiões, a fim de obedecer a um desejo e anseio de outrem. Na fazenda, encontra-se, no ideal da narradora, tudo o que é mais belo e pacífico. É ali que, para ela, concentram-se as

melhores memórias da melhor idade e, dessa forma, as narrativas estão plenas de romantismo e tranquilidade.

O relacionamento entre neta e avô também fica registrado com muito carinho, identificando as famílias do campo como sendo em sua grande parte harmoniosas e colaboradoras, conforme o trecho abaixo demonstra:

Minhas lembranças mais remotas dizem apenas que não foram poucas as vezes em que o segui. Pernas ainda tropeçantes, corria pelos caminhos poeirentos que levavam ao bambual, ponto final da jornada, quando nos assentávamos numa espécie de cratera que eu devia imaginar criada pela natureza, para que simplesmente descansássemos...

Ao final do texto, em um movimento reflexivo, a própria narradora parece adquirir consciência do recurso ornamentador que é a memória, e de como se dá o registro de um tempo que já se passou, num processo metalinguístico de criação de seu texto literário. Comparando a fotografia e a lembrança, para ela, fica evidente que o único recurso que parece permitir criações e idealizações sobre o que é lembrado é a memória, trabalhando e permitindo à subjetividade vir à tona.

#### **“Deus te abençoe” - 27.12.1992**

Na crônica “Deus te abençoe”, de 1992, a narradora conta, em primeira pessoa, suas memórias e compartilha os sentimentos de dias típicos do cotidiano de sua infância rural. Motivada pelo convite – com foto – das bodas dos tios, se perde por entre as lembranças da época da fazenda, da casa dos tios, das brincadeiras entre primos.

A narrativa, que se inicia de forma descritiva, abre-se para um texto reflexivo e pleno de momentos familiares. A crônica, alternando momentos entre lembranças e tempo presente, leva o leitor, num vai e vem, para dentro e fora da realidade, entre diferentes tempos e espaços.

Numa pequena análise sobre a passagem do tempo e as perdas, a narradora vai descortinando ao leitor um pouco de sua vida em família, na fazenda. Os modelos são patriarcais, visto que o conservadorismo das famílias antigas não possibilita que seja diferente.

Exemplo desse conservadorismo se pode notar quando de sua menção ao silêncio das mulheres pela chegada dos homens, em respeito aos seus assuntos, certamente, no pensamento de então, mais importantes, mais relevantes.

Havia sempre um momento em que minha mãe se calava. E eu gostava de ouvir aqueles homens amigos, um meu tio, outro meu pai, dissertando sobre chuvas e ventos, bois e cavalos, terras e rios, plantações e colheitas, compras e vendas, filhos sendo alfabetizados, filhos saindo pra estudar fora, filhos voltando nas férias...

Fica, desse modo, documentado nas entrelinhas de que forma esse costume comum não é descrito como uma denúncia, em razão de seu caráter natural de dinâmica familiar.

Outras tradições ficam igualmente registradas nos relacionamentos das famílias de antigamente, como é possível notar no excerto: “Algumas vezes por ano ele aparecia na casa da irmã mais nova – minha mãe – sempre à tardinha, sempre a cavalo, sempre ‘Deus te abençoe’ depois que eu lhe beijava a mão...”

Ao longo do texto, a narradora dispersa duas perguntas retóricas. Tal movimento busca dialogar com o leitor, reafirmando sua importância para a completude do texto, deixando clara a necessidade do trinômio escritor-obra-texto para o processo literário.

Ao final do texto, a narradora dialoga com os tios e traz para a realidade sua condição de escritora, descolando-se do caráter subjetivo e sentimental que vinha até então permeando a crônica, conforme se pode ver na sequência:

Quero dizer ao meu Tio Job e à minha Tia Zica que só não fui ver as buganvílias e as orquídeas no dia 24 de outubro porque era o lançamento, aqui em São Paulo, de um livro que escrevi sobre o Picasso.

A narrativa apresenta-se mais longa e mais densa do que outras da mesma categoria, abandonando as descrições excessivas das lembranças apenas nos dois últimos parágrafos da crônica. Tal modelo de crônica parece sugerir ao leitor um momento nostálgico de desabafo, no qual compartilha com ele, por intermédio do texto, um passado que não volta, mas que pode ser, dessa maneira, lembrado.

**“Quase de avó para neta” - 17.01.1993**

A crônica “Quase de avó para neta” transforma os ares, quando começa pautada no cotidiano alegre de uma conversa entre a narradora e um colega. Apesar de trazer à tona lembranças e tradições do passado, o tom não é nostálgico e a narradora traz bom-humor para dentro do texto.

Grande parte do texto evidencia discursos diretos, o que dinamiza e propõe ação à narrativa, além de entreter e colaborar para criar para o leitor a cena da conversa entre os amigos. A diversão do texto também se dá pelas frases curtas e bem-humoradas, como em: “Tento acalmá-lo dizendo que ele está diante de uma mineira” ou pelos vocábulos informais, como em: “Não conheço ninguém capaz de uma proeza dessas.”, além dos exageros linguísticos, como as repetições de pontos de interrogações, que configuram mais emoção à conversa, conforme se pode ver em “– O quê??? Você sabe fazer pão de queijo?...”

Apesar de tratar-se de uma crônica que integra o rol dos textos memorialísticos, em razão de seu contato com a temática do sítio e dos aprendizados do campo, a narrativa é mais límpida, mais leve e descomprometida, ficando no nível de uma narração-descrição suave, que entretém e diverte o leitor. As lembranças têm sabor diferente, não são nada nostálgicas. Ali, o leitor conhece uma narradora bem resolvida em seu elo com o passado, conforme se nota em:

Começo a dissertar sobre curral, vaca, balde, leite, coalho, soro, fôrma de madeira, caçamba, queijeira, e percebo, a cada nova informação, um espanto tão grande, tão paulistano, tão italiano, que tento, mais uma vez, me justificar: – Sou mineira da roça, cresci vendo minha mãe fazer queijo, todo dia, todo dia...

A despeito de o título fazer menção às tradições do sítio e reforçarem, ainda, a questão da sabedoria atávica dos avós, o tom culinário da crônica torna o texto mais lúdico, de sorte que as lembranças ficam no nível mais superficial das coisas do passado. Ademais, a conversa entre amigos colabora para que as lembranças não surjam em tom de reflexão em pensamento, conforme acontece nos outros textos memorialísticos da escritora, mas, estando em formato de diálogo, desprendem-se da melancolia e apresentam-se como uma lembrança positiva e prática.

Fica documentada também a surpresa do colega paulistano da narradora, ao reconhecer dotes culinários em uma pessoa moradora da cidade. A distinção entre o ambiente urbano e rural parece ganhar espaço, porque dentro do primeiro se identificam,

em grande parte, personalidades donas de uma vida acelerada, pautadas no imediatismo, moradoras de um ambiente no qual essas características influenciam, inclusive, suas escolhas alimentares, ao passo que, no ambiente rural, tal investimento na preparação alimentar seria aceita.

O texto é curto, de poucas palavras e predominantemente narrativo, dedicando-se somente a contar sobre um pequeno fato do cotidiano, sem grandes pretensões de provocar sentimentos e sensações profundas e intensas nos leitores.

### **“Restinho de Sol” - 21.08.1994**

A crônica de 1994, “Restinho de sol”, em tom de cumplicidade, revela ao leitor um dos fins de tarde no sítio. Tratando da rotina na fazenda, a narradora, em primeira pessoa, oferece ao leitor um texto bastante descritivo.

As memórias do período de infância vêm à tona acompanhadas de emoção, já que se podem observar descrições romantizadas e um tanto pré-concebidas da vida no campo, conforme se vê em trechos como: “[...] as cuias cheias de milho que, espalhadas pelo terreiro, reuniam, num segundo, galos, galinhas e pintinhos, os latidos dos cachorros obrigando os gatos a escalar muros e árvores...” Tanto os fenômenos da natureza quanto os animais parecem ser descritos em perfeita harmonia, criando, assim, um retrato idealizado sobre as condições de vida nesse ambiente.

As relações familiares também ficam documentadas no texto. A narradora personagem, filha, ao descrever o comportamento do pai durante os fins de tarde, deixa transparecer um modelo de relacionamento no qual a figura paterna é dona de uma posição de autoridade e respeito, e tal constatação pode ser comprovada com o trecho que se segue: “Havia uma hora, ainda com um restinho de sol, em que meu pai, que era chefe e sabia, fechava portas e janelas e ligava o rádio, um velho e grande rádio marrom”. O uso da palavra “chefe” colabora para a compreensão de papéis pré-estabelecidos para cada um dos membros da família dentro do lar, levando a crer na compreensão da narradora em famílias de modelo patriarcal, afetadas pela existência de hierarquias entre os sexos.

O texto faz também uso de metáforas para tratar da morte. Empregando palavreados e expressões concernentes ao mundo rural, a narradora descreve o falecimento de um dos membros da dupla Tônico e Tinoco, donos da música que agradava aos ouvidos da família rural. A expressão metafórica usada para retratar o luto, nas palavras da narradora, pode ser lida no seguinte parágrafo retirado do texto :“Pois um dos compadres acaba de pegar a viola, selar o cavalo zaino e buscar outros mundos.” Tal recurso reforça no texto cronístico a poeticidade, aproximando-o do gênero literário, deixando nas entrelinhas a possibilidade bem sucedida da mescla entre a notícia, o jornalismo e a literatura.

Além disso, a escolha do uso da expressão “cavalo zaino” faz referência a uma das mais famosas canções da dupla Tônico e Tinoco, reiterando o elo que a narradora planeja estabelecer entre a música caipira e o cotidiano do sítio, dentro do texto. O uso de músicas famosas ou a referência a artistas renomados costuma ser procedimento que faz parte da construção dos textos de Viana.

Outro movimento que se percebe no texto é o da repetição da expressão “Quando eu era criança e não sabia”, que se configura como uma anáfora. A intenção dessa figura de linguagem, que busca a manutenção de uma ideia, implica a propagação da crença em uma infância plena de ingenuidade e inocência, característica que, com frequência, figura nos textos desta natureza construídos pela narradora.

### **“Meu carro de boi” - 30.07.1995**

A crônica “Meu carro de boi” se aproxima do esquema textual e temático das crônicas anteriores. A temática, os recursos linguísticos, as ideias e crenças, de certa forma, possuem grande identidade, configurando, talvez, uma marca e um modelo para os textos que tratam do ambiente rural.

O texto focaliza primeiramente as memórias, quando a narradora vai, paulatinamente, descrevendo o comportamento do pai, fazendeiro, perante as tradições do mundo em que vivia. Toda a introdução da crônica confirma essa apresentação do

esquema familiar, que parece impactar e deixar gravado na mente da narradora, com fidelidade, os movimentos e as palavras do pai com muita clareza, conforme se vê em:

Nas horas vagas da lida na fazenda, meu pai, que gostava de conversar, costumava evocar os termos e as gentes de Morro do Ferro, que ele chamava pelo antigo nome de São João Batista. As conversas das horas vagas nos ensinavam que o ar de lá era diferente; podia-se sentir antes ainda de chegar, as redondezas avisavam... A banda de música, inesquecível, era o retrato do lugar, frequentemente festejando a vida, às vezes acompanhando a morte... Enquanto foi possível, meu pai nos reuniu, e aos empregados, a cada 24 de junho, em volta de uma fogueira. – Lá em São João Batista a fogueira é no meio da rua, em homenagem ao padroeiro, ele dizia.

No desenvolvimento da narrativa, a cronista contextualiza as memórias para o leitor, traz o texto para um tempo mais próximo do presente e revela que esteve recentemente na cidade onde fora criada. A cidade é descrita com poeticidade, e a emoção, que já se fazia presente na introdução do texto, permanece habitando a crônica, enquanto a cronista revive o ambiente e se lembra do pai.

A conclusão do texto redireciona o leitor para o plano do ideal, uma vez que a narradora confessa querer revelar ao pai, já falecido, suas experiências na cidade que guardava tantas lembranças. A oração “Se meu pai soubesse...” se repete ao longo do início de alguns parágrafos, evidenciando o desejo da narradora de que pudesse partilhar com o pai sobre suas percepções a respeito de algo que tinham em comum, e que, em especial, conforme se percebe ao longo de seus textos, sua condição de criança não a deixaria compreender.

O texto pode ser considerado descritivo e narrativo, pois descreve ao leitor, com minúcia, as características da cidade do interior de Minas Gerais, com o objetivo de cooperar para que o leitor crie uma imagem a respeito do espaço familiar da narradora, conforme se comprova em excertos como:

As conversas das horas vagas nos ensinavam que o ar de lá era diferente; podia-se sentir antes ainda de chegar, as redondezas avisavam... A banda de música, inesquecível, era o retrato do lugar, frequentemente festejando a vida, às vezes acompanhando a morte...

Ao mesmo tempo, o texto descritivo pode ser tomado como uma narrativa a qual se pode ter como emotiva e poética, visto que carrega com ela marcas de sentimentalidade e afeto em relação às coisas da pequena cidade, conforme se nota em:

O ar – as redondezas me confirmaram – aquece e ilumina. A banda de música – o coração me confirmou – emociona e equilibra... Que meu pai saiba que, nessa noite mágica, também conheci as crianças de uma escola rural que tem o nome de seu pai, meu avô, e elas trabalham e sonham [...] Ah, que meu pai saiba que Morro do Ferro agora tem um hino. E que hei de pedir à Tonha Lima que me ensine a cantá-lo, ou a balbuciá-lo, quando a emoção for, outra vez, mais forte do que eu...

A emoção dentro da narrativa se dá em razão de a cidade despertar memórias que dizem respeito a um passado dono de muitas realizações positivas e que, do ponto de vista da narradora, não mais possui volta. Além disso, as lembranças familiares afloram, em razão da visita à cidade, o que reforça ainda mais o caráter sentimental do texto, fazendo com que o tema da família esteja presente como um grande símbolo dos vínculos e conexões com o passado.

#### **“Doce Saudade” - 16.06.1996**

A crônica do ano de 1996, “Doce Saudade” novamente traz ao leitor a temática culinária, da mesma forma que no texto “Quase de avó para neta”. Assumindo um olhar mais aprofundado, é possível ressaltar que o tema culinário parece assumir um elo com a presença da figura “mãe” dentro do texto. Tal comprovação possivelmente acontece em razão de encontrar-se na figura “mãe” o contato com o mundo dos serviços domésticos, do qual a cozinha faz parte. Essa construção não poderia mesmo ser diferente, uma vez que o modelo familiar da narradora é, de fato, pautado num modelo patriarcal e pertinente para as tradições do campo no passado, no qual as mães de forma muito natural eram sempre as responsáveis pela provisão do bem-estar escolar e alimentar de seus filhos.

Tal distinção pode ser notada em duas outras crônicas, nas quais o pai da narradora é mencionado na condição de professor das coisas do mundo, dos aprendizados da vida, aparecendo nas lembranças da narradora de forma muito emocionada e grata, como um tutor de tudo o que ela aprendeu para a sua existência.

A goiabada cascão, presente da cunhada da narradora, elemento que faz nascer a crônica e reacende as lembranças da narradora, colocava-se como item de discórdia entre

mãe e filhos, porque a mãe se negava a produzir esse tipo de goiabada, em razão de não ser este um doce tão bonito quanto a goiabada comum.

A crônica que trata da culinária, ainda que trabalhe com as lembranças da narradora sobre a fazenda e sobre a mãe, não assume em grande parte o tom emotivo que algumas das crônicas memorialísticas costumam carregar. Nas palavras da própria narradora, o “gosto de saudade” que tem a voz que fala parece na verdade destinado a partilhar com o leitor um pouco sobre seu passado e suas histórias da fazenda, porque a confecção de doces artesanais retrata de maneira tão fiel a culinária rural.

Com a exceção de alguns pequenos momentos de lamento, as emoções mais intensas parecem querer ganhar espaço, mas não ganham, com frases de efeito, reflexivas, mas curtas, como quem quer logo terminar o assunto. Deixando a “dica” para o leitor, o sofrimento do internato fica apenas mencionado, como se vê em: “As doçuras me voltaram há uns dois meses, quando me deram uma porção generosa de goiabada cascão. Porção digna de um internato, onde todo doce parecia pouco para anular as amarguras...”

O humor nas palavras da narradora também se faz presente, quando se observa, por exemplo, a acanhada censura ao paladar mais moderno: “Há muito não me voltavam essas doçuras antigas. Influência das eras diet, light e soft dos tempos mais modernos?” A pergunta retórica pensa com o leitor e, de modo análogo, intima o leitor a pensar.

A crônica, narrativa, se encerra em tom agradecido e sensibilizado pela voz da narradora, que, por meio do doce, presente da cunhada, revive momentos prazerosos em família, na cozinha da casa da fazenda. Lembrando o pueril conflito entre mãe e filhos, na confecção do doce, as antíteses nas palavras da narradora finalizam o texto: “Saudade conservadora e revolucionária, lisa e áspera.”

### **“Tempo de lembrar” - 27.07.1997**

A crônica de 1997, de nome “Tempo de lembrar”, empregando fórmula muito particular, mistura memórias ao tempo presente e à infância, dessa vez, do sobrinho da narradora. Diante de uma tarefa de escola, sobrinho e tia são obrigados a descobrir – e redescobrir – o antigo bilboquê na gaveta.

O objeto, que no texto faz a ponte entre diferentes gerações, é o mote sobre o qual se desenvolve a narrativa, a qual se divide entre passado e presente. A cronologia fica marcada na estrutura do texto, por meio dos vaivéns da memória, ao mesmo tempo em que a temática também trabalha a questão do tempo, quando aborda a brincadeira antiga e que não faz parte do cotidiano do sobrinho pequeno.

A estrutura textual e a temática parecem se desenvolver dentro da mesma perspectiva e ritmo, visto que a cronista parece atribuir à narrativa uma movimentação de vaivém que pode ser considerada similar à que desempenha o brinquedo antigo. A metáfora fica nas entrelinhas, porém, muito bem representada pelo objeto que colabora para trazer a perspectiva da infância e da memória para dentro do texto.

A maioria do texto é construída quase de forma integral pelo uso do discurso indireto, e apenas duas falas reproduzem de maneira direta o diálogo entre tia e sobrinho, conforme se vê em: “ – Você sabia jogar? – meu sobrinho pergunta, fazendo uma tentativa. – Era craque – respondo, sem mentir.” A brevidade da conversa tem caráter simbólico e pode testemunhar a dificuldade de estabelecimento do diálogo entre duas gerações tão apartadas em pouco tempo, cujo abismo geracional fica retratado pela falta de familiaridade e, posteriormente, de interesse do sobrinho da cronista pelo brinquedo.

As lembranças têm sabor sofrido para a narradora, que, em suas próprias palavras, deixa transparecer o peso da memória de infância: “Relembro e reencontro, num rápido e melancólico minuto, as partidas jogadas depois do almoço, na mesma casa onde estou agora.” Ao mesmo tempo em que a infância aparece como um tempo bom que se perdeu no passado, sua impossibilidade de voltar o tempo parece conferir um sentimento de angústia no coração da narradora.

Nota-se, também, que o texto traz a menção ao elemento *casa*, ambiente que carrega uma carga simbólica no âmbito da emoção, conforme se pode observar no excerto acima, extraído do texto. A casa pode ser considerada elemento icônico, em especial quando se trata de memórias. De acordo com a teórica Bosi (1987), a casa configura-se como espaço central através do qual grande parte das referências irá surgir. Em suas palavras:

É o centro geométrico do mundo, a cidade cresce a partir dela, em todas as direções. Fixamos a casa com as dimensões que ela teve pra nós e causa espanto a redução que sofre quando vamos vê-la com os olhos de adulto. (BOSI, 1987, p. 356).

De forma muito pertinente, Bosi (1987) atenta para o fator que causa sofrimento quando da lembrança sobre ambiência da casa. A impossibilidade de redimensioná-la aos olhos de adulto, conforme se observa na crônica que conserva lembranças de brincadeiras no espaço da casa, causa a angústia que por vezes os textos de lembranças de infância carregam.

A narrativa é curta, pouco descritiva, e a preocupação parece não ir muito além de contar ao leitor, nas entrelinhas, sobre a percepção da narradora sobre o abismo geracional entre ela e o sobrinho. Sem muitas reflexões, sem muitas ponderações e questionamentos, a constatação sobre a diferença de idade e de interesses parece ser mesmo o que a cronista deseja revelar, sentimento que se estende a outros textos e mesmo a outras categorias de crônicas.

Ao final, encontra-se a tentativa de comover o leitor por meio da confissão da cronista sobre estar se sentindo velha, quando, em suas palavras, reconhece: “[...] contento-me em analisar, no velho e liso bilboquê, as marcas deixadas pelo uso continuado. Talvez eu já tenha brincado o suficiente, penso. Ou esquecido como se brinca.”

#### **“Liberdade e clareza” – 30.08.1998**

O texto de 1998, “Liberdade e clareza”, completamente descritivo, ambienta o leitor no passado da narradora, que se empenha em aludir a momentos bons e ruins experimentados na infância, na fazenda dos pais. O Colégio Nossa Senhora das Dores, de São João del-Rei, aniversariante do dia 13 de setembro, é o que motiva a crônica e que aparece em grande parte da conversa da cronista, como memórias sofridas da infância, por ser um internato rigoroso e severo.

Pode-se dizer que a narrativa é dividida em duas partes diferentes, mas ambas feitas de memórias. A primeira parte dedica-se a tratar dos percalços da vida no internato, conforme é possível ler em: “Os recreios, em pátios diferentes, separavam internas e externas. Elas, felizes e livres, *no pátio de lá*, onde ficava o campo de vôlei. Nós, infelizes prisioneiras, *no pátio de cá*, reino das gangorras.” As escolhas lexicais e as

expressões como “infelizes prisioneiras” denunciam o estilo de vida a que eram destinadas as estudantes de tal colégio, deixando explícitos os sentimentos na voz da narradora.

A marca divisora entre as memórias boas e ruins apresenta-se na reflexão da narradora: “Ah, e onde já se viu evocar apenas memórias amargas?” – e, a partir da percepção da cronista sobre o tom lamurioso da crônica, as memórias ruins são então abandonadas, e as boas lembranças sobre a fazenda são trazidas à tona. Em grande parte das crônicas de Viana, esse pensamento não se altera. As memórias da infância que dizem respeito ao internato quase sempre vêm acompanhadas de um sentimento de angústia interminável, ao passo que a infância desfrutada na fazenda, junto da família e dos animais, tem papel fundamental para o que a cronista entende como infância saudável e feliz.

“Liberdade” parece ser uma palavra e um conceito-chave nesse texto de Viana, sendo parte do título, “Liberdade e Claridade” e integrando as memórias da narradora sobre a fazenda, ao mesmo tempo em que se opõe ao que ela vivia no internato, já que, em suas próprias palavras, se considerava uma “prisioneira” do Colégio. “Liberdade” aparece, também, em tom de “votos” para o dia de aniversário do Colégio, conforme se vê no parágrafo que conclui a narrativa: “Nesse dia, que vai começar cedo, com missa, e terminar Deus sabe quando, com almoço, confraternização e afeto, num dia assim, deixemos que a saudade fale por nós. Com total liberdade e transparente claridade.”

Essa ideia de que a ambiência rural oferece uma liberdade que não se tem em outros lugares permeia toda a crônica memorialista de Viana, e o internato, em seus muros e seu isolamento das coisas naturais, parece estabelecer com o espaço urbano de Viana um paralelo, conforme se observa no excerto abaixo:

Quem quiser lembrar a emoção com as mangas roubadas no quintal, a ternura com os olhares trocados com os jovens do colégio dos frades franciscanos nos passeios dos domingos, a descontração das barraquinhas e das quadrilhas, quem quiser lembrar as músicas cantadas nas missas e nas bênçãos do Santíssimo, que tome o caminho da cidade cheia de pontes, sinos e igrejas.

Em consequência, observa-se que, em outras palavras, para a narradora, ambos os espaços, cidade e internato, simbolizam a prisão, pois ferem a liberdade do

ser humano de estar em contato com os elementos da natureza, com as tradições das pequenas cidades, as quais aparecem com tanta importância no texto de Viana.

### **2.2.2 Análise das Crônicas de Histórias dos Filhos**

#### **“Cama de casal” - 03.02.1991**

Dentre as categorias de crônicas de Viana, a que relata as histórias dos filhos pequenos parece ser aquela da qual é possível declarar que existem grandes intenções humorísticas. Tal constatação pode se dar em razão da existência de um ponto de vista muito particular sobre a infância, que atribui a essa fase, de forma talvez pré-concebida, uma inocência exacerbada, que pode despertar o humor ou, pode-se dizer, ainda, que esse humor teria origem no olhar materno que narra os comportamentos infantis. Tal olhar, sempre admirador dos comportamentos infantis, pode vir a ser a razão pela qual as condutas das crianças sejam narradas sob um ponto de vista bem humorado.

Em “Cama de casal”, por exemplo, encontramos, sob uma redação bem humorada, a narração sobre os filhos da cronista e sua paixão pela cama dos pais, de sorte que a crônica, da maneira que é construída, colabora para a veiculação da ideia da criança como um ser dotado de astúcia, conforme se observa em: “Os malandros alojaram-se com entusiasmo ao lado do pai e ainda confessaram torcer para que eu me demorasse.” Ao mesmo tempo, trabalha o conceito – e aí se encontra a dose de humor do texto – de uma criança ingênua, que vê na cama dos pais um elemento mágico, capaz de proporcionar noites perfeitas “– Ah, mãe, eu queria falar com a tia Delza que eu nunca pensei que fosse ter um sonho desses logo na sua cama...”

Tal excerto da narrativa também abre discussões para a forma por meio da qual a temática da morte é discutida dentro da crônica. Quando um dos filhos sonha com o falecimento da tia, o feito tem pouquíssimo peso dentro do texto, já que a conclusão bem humorada da criança desvia a importância do assunto.

O texto pode ser considerado narrativo, apresenta-se em primeira pessoa e comporta uma grande quantidade de discursos diretos, sendo poucas as intromissões da cronista-personagem no texto. Em raros momentos, a voz da narradora surge, apenas

conduzindo a fala de um ou outro personagem que está por vir. Tal mecanismo parece querer ceder totalmente às personagens crianças o espaço, para que o leitor se aproxime e conheça as personagens, atestando, ainda, que suas falas e comportamentos de fato representam toda a esperteza que a voz da narradora busca atribuir às crianças.

As relações familiares ficam aqui documentadas em dois níveis. Em primeiro lugar, mostra-se o relacionamento entre a cronista e os filhos, e, em segundo plano, trata-se do relacionamento entre a cronista e seus pais, de acordo com o trecho subsequente: “Disse-lhe o que me ensinaram no tempo em que eu procurava a cama da minha mãe e em todos os outros tempos: sonhar com morte é sinal de saúde.”

Pode-se afirmar, portanto, que, pela proposta da narradora em trabalhar com as relações no âmbito das diferentes gerações, objetiva chamar a atenção do leitor para a existência de uma perpetuidade dos ensinamentos, hábitos e tradições no âmbito familiar, condição que aparece com frequência nos textos da escritora, reforçando a importância atribuída pela cronista ao elo entre os membros de uma mesma família.

### **“Conflito de gerações” - 01.03.1992**

A crônica “Conflito de gerações” conta ao leitor sobre um dia qualquer em que a cronista ajudava o filho com a tarefa de escola. Incomodada com o teor da lição do filho, a narradora, de forma descomprometida, põe-se a refletir, e confidenciar ao leitor, sobre suas dificuldades com os tempos verbais.

O texto é narrativo e tem poucas pretensões, a não ser dividir com o leitor uma história bem humorada de criança, deixando nas entrelinhas as surpresas dos pais em geral com a capacidade de seus filhos de se adaptarem às diferentes situações, sua esperteza e, em especial, sua capacidade de serem tão diferentes dos pais, segundo podemos notar em: “– Tá precisando de ajuda, filho? – Eu? Eu não, mãe! São só umas frases com o mais-que-perfeito. Fácilimo!... – Fácilimo????”

A narrativa bem construída conta com uma grande quantidade de tópicos discursivos, diálogos de poucas palavras, o que colabora para a velocidade dentro do texto, conforme atesta o excerto que se segue, elaborando com riqueza para o leitor o quadro que a narradora deseja retratar.

– Tá precisando de ajuda, filho?

- Eu? Eu não, mãe! São só umas frases com o mais-que-perfeito. Fácilmo!...
- Fácilmo????
- Fácilmo e engraçado. Garanto que nem você escreve assim, olha só. E lá conviviam, na maior naturalidade e intimidade, vários *quiseras, fizeras, viras e partiras...*

Pode-se lançar o olhar, ainda, para os papéis dentro da família, que não deixam de constar na narrativa. Observa-se que é a mãe quem ajuda o filho com a tarefa, fato que permite verificar os modelos familiares, que geralmente ficam documentados dentro das crônicas de Viana, sob um esquema tradicional no qual pais são responsáveis pela provisão do lar, enquanto mães ficam destinadas ao cuidado com os filhos.

Em sua grande parte, as crônicas classificadas como “histórias dos filhos” deixam transparecer um sentimento de superação que os pais encontram neles. Em outras palavras, nesses textos, a cronista, na posição de mãe, se surpreende ao perceber e reconhecer nas novas gerações uma grande facilidade para as coisas do dia-a-dia, certa agilidade e muita inteligência e bom humor, e parece ser este o grande mote que motiva e influencia as narrações sobre os filhos.

O texto, que acontece em primeira pessoa, representa ainda as ansiedades e os medos dos pais. Na voz da narradora, logo no início da narrativa, revela-se uma possível fraqueza, que, por fim, a cronista descobre que era só dela, como se pode ver: “Se ele me fizer alguma pergunta, sei que não vou saber responder. Nem explicar.”

A narrativa, que trata dos contratempos e das exigências da Língua Portuguesa, deixa à mostra igualmente a escolha da cronista por uma linguagem mais coloquial, que não faz uso de tempos verbais complicados, como o pretérito mais-que-perfeito; e da crônica, que de fato não exige uma linguagem rebuscada e erudita. Dessa maneira, crônica e cronista se aproximam, já que a identidade entre ambas fica sugerida.

#### **“Até isso...?” – 22.01.1995**

A crônica “Até isso...?”, escrita em 1995, brinca, de forma metalinguística, com a temática dos textos da cronista. Intrigada com a falta da rosca da tampa da pasta de dentes, a cronista revela ao leitor seus métodos de construção textual, além de expor a

participação dos filhos no processo cronístico. Essa interação entre os filhos e o trabalho da mãe pode apontar para o caráter intrínseco entre o relacionamento de mãe e filhos, visto que as crianças participam e se expressam sobre seu trabalho, em um relacionamento doméstico e cheio de intimidade.

Da mesma forma, pode-se constatar, conforme se tem observado nessa categoria de crônicas, a ausência do pai nesses momentos de responsabilidades domésticas, afirmando o modelo tradicional de família, no qual à mãe são atribuídas responsabilidades que dizem respeito ao lar e aos filhos, ao passo que o pai fica quase sempre responsável por assuntos que se refiram à família em geral, como seu sustento, de modo que haja interação com o mundo exterior ao lar.

É possível notar, igualmente, o caráter descomprometido da contação de história de Viana, que, por meio de uma crônica narrativa de pretensão humorística, busca repartir com o leitor espirituosas reflexões dos filhos. O encanto da mãe com a sagacidade das crianças fica também documentada, conforme se pode ver em: “Acontece que as crianças continuam as mesmas. Adivinhando, andando na frente.”, deixando nas linhas um sentimento materno de orgulho quanto ao comportamento dos filhos.

Conforme já mencionado, pode ser observada no texto uma intenção de discussão do tema da crônica, o que faz com que a narrativa possa ser considerada metalinguística, porque o autor escreve ou discute o ato de escrever, com uma reflexão despretensiosa. Isso pode ser confirmado por excertos como: “Há algum tempo, um tema me persegue, insistente. Aliás, uma tampa. Basta pensar em escovar os dentes, e lá vem ele, o tema. Ou ela, a tampa.”

Os discursos diretos aparecem no diálogo entre mãe e filho, ao final do texto, o que faz com que a crônica possa ser dividida em dois momentos. Um primeiro momento contaria com a introdução da crônica, na qual a narradora apresenta ao leitor sua dificuldade com as modernas tampas de pasta de dentes, descreve os percalços que experimenta para dar conta de fechá-las; e um segundo momento, quando a narradora propõe uma contextualização de sua dificuldade, contando sobre um dia específico em que se discute sobre a tampa da pasta de dentes, momento do surgimento do filho na narrativa, em um diálogo com a mãe.

O cotidiano das relações familiares confere leveza ao tema, trazendo ao leitor um olhar despretensioso e bem humorado sobre o dia a dia doméstico, fazendo da

crônica, texto curto, espirituoso e prazeroso de ser lido. Sem evocar reflexões densas por parte da cronista, a narrativa se encerra, deixando para o leitor a experiência de como as modernidades que incomodam os mais velhos parecem ser exatamente as que confortam e se adaptam muito bem ao cotidiano das crianças de hoje.

### **“Intimidade” - 29.11.1998**

A narrativa de nome “Intimidade” sugere, desde seu título, justamente a discussão que se vem trazendo a respeito dos relacionamentos familiares. Além de ser possível afirmar que o título alude, nas entrelinhas, à intimidade entre mãe e filho, de maneira explícita a palavra vem fazer referência à ponderação que se dá ao longo da narrativa sobre a privacidade das relações familiares.

O parágrafo que introduz a narrativa ao leitor conta com a cronista descrevendo suas atividades. O uso de poucas palavras, entre as quais muitos verbos, parece querer conferir ação e dinamicidade ao relato, como se comprova pelo excerto abaixo: “Pouco mais de nove da noite, entro em casa, esquento um café, ligo a tevê. Um casal discute na tela da Globo, sabe-se lá a razão, ou as razões.”

Em seguida, mãe e filho iniciam um diálogo que igualmente pode ser tido como uma interação instantânea, já que fazem uso de poucas palavras. O foco parece incidir, por outro lado, sobre o comportamento do filho, muito questionador e capaz de formular perguntas rapidamente. Tal movimentação pode ser atestada por meio do excerto que retira do texto o diálogo, em sua integridade:

- Vendo novela, mãe?
- É.
- Essa novela é chata, não é não?
- Por quê?
- Tem o Lima Duarte?
- Não.
- A Marília Pera?
- Não.
- Antônio Fagundes?

A conversa entre mãe e filho sobre a novela *Torre de Babel*<sup>5</sup> pode ser considerada mais reflexiva do que aparenta, indo além de partilhar com o leitor sobre uma história de infância dos filhos. De certa forma, percebe-se, inclusive, que o diálogo com o filho se esmaece e fica sem final, quando a mãe emerge em sua reflexão sobre os relacionamentos.

A intenção da narrativa, através de suas palavras poucas e usando-se das relações familiares dispostas na novela, parece ser, portanto, a de refletir com o leitor sobre os percalços das relações familiares e sobre como as intimidades e particularidades das familiares acontecem:

A receita ideal deve ser essa, sim. Nunca saber ao certo o que essas pessoas fazem e dizem na sua casa, todos os dias. Nada de muita intimidade, como nos ensinavam antigamente, naquelas nossas pacatas casas do interior mais interior de Minas Gerais.

Parece existir, na fala da narradora, um desejo em tratar do assunto da família, questão sempre muito presente na narrativa de Viana. Em seu texto, a família fica, grande parte das vezes, retratada dentro de uma mesma dinâmica patriarcal, o que significa dizer que sua referência de família obedece a um esquema pré-concebido e muito tradicional, onde cada membro possui papéis definidos e imutáveis.

Observa-se, ainda, que a narradora faz uso da novela, formato intermediário entre o conto e o romance, que conta com personagens e que busca a representação dos relacionamentos, de sorte a assumir, ora um papel, ora outro, como jeito de conceber a ideia sobre o esquema familiar dentro da narrativa.

Em se tratando de dinâmicas familiares, a voz da narradora deixa ainda nas entrelinhas a questão dos ensinamentos e tradições familiares, quando, na conclusão da narrativa, confirma: “Nada de muita intimidade, como nos ensinavam antigamente, naquelas nossas pacatas casas do interior mais interior de Minas Gerais.” A perpetuação de ensinamentos antigos perdura, atestando que a cronista busca veicular ideais que traz da ambiência rural, para dentro da ambiência urbana.

---

<sup>5</sup> Nada na crônica original indica que a novela da qual se fala seja *Torre de Babel*. Tal descoberta se deu, porém, por meio de pesquisas sobre os personagens mencionados ao longo do texto, juntamente com a data de publicação da crônica.

### **“Tempos e dias de hoje” – 21.03.1999**

A crônica de 1999, em tom de quem revela uma cena do cotidiano, deixa ao leitor muito mais do que se poderia prever. Desde ideias pré-concebidas, até lembranças passadas, guardadas com carinho, o silêncio e a noite abrem espaço para um momento de intimidade entre mãe e filhos.

Estruturalmente, pode-se dizer da crônica que é um texto longo e pleno de descrições e narrações, em primeira pessoa, a propósito de uma noite de queda de energia. Nenhum discurso direto fica documentado na contação de história, querendo mesmo expressar a voz e o pensamento da narradora, que de fato se colocam evidentes em muitos momentos.

Nota-se, em primeiro plano, que as personagens são basicamente as mesmas que integram as crônicas de histórias dos filhos: mãe e filho. O cenário também não se altera, a casa, reforçando a condição doméstica das personagens e seu convívio dentro de uma mesma rotina. O pai, que dessa vez é mencionado, encontra-se em papel muito bem definido, estando em viagem a Brasília.

Dono dos conhecimentos de mundo e experimentador das vivências da ambiência externa ao lar, ao pai e marido são atribuídas, na voz da própria narradora, características que o colocam em uma posição de autoridade e soberania, como podemos ver em trechos como: “Via tevê, o chefe da família tudo vê, tudo sabe. Quanto a nós, via escuridão, apenas imaginamos, mais que impotentes.” Pode-se verificar, ainda, que a narradora cria um antagonismo entre ela e o marido, sendo ele o “chefe da família”, e ela, juntamente aos filhos, os “impotentes”.

Assim, pode-se dizer que a narradora trata de forma irônica a visão que o chefe da casa tem. É possível entender de forma simbólica a analogia à claridade e à escuridão, tornando-se, estas, representações dos diferentes papéis que ficam atribuídos aos diferentes sexos.

Em outras palavras, pode-se dizer que a narradora alude à condição masculina de desfrutar da vida pública, viajar, trabalhar, se relacionar com outras pessoas, e também à condição feminina, na figura da mulher da crônica, a qual é atribuída a qualidade de ser relegada à vida doméstica.

As memórias fazem igualmente parte dessa narrativa, que conta com um momento no qual a narradora reparte com os filhos ideias sobre como sua família, na fazenda, fazia uso da energia, coisa que, nos tempos modernos, era tão natural e automática, conforme é possível ver em:

Conversamos, os que estamos em casa, meus filhos e eu. Lembro-lhes tempos que não conheceram, quando tínhamos um gerador próprio, na fazenda do interior mineiro e mandávamos e desmandávamos na eletricidade, chamada simplesmente de luz. Assim, se minha mãe queria ouvir uma radionovela às quatro da tarde, bastava acionar a engenhoca inventada por meu pai: um arame grosso, preso a uma das janelas da casa e à tampa da pequena represa, alguns metros abaixo, permitia, se puxado, que a luz se fizesse. Nem ao menos era preciso sair de casa...

Tal rememoração reforça o caráter memorialístico do texto e deixa implícito o desejo do estabelecimento do elo entre passado e presente.

Nota-se, além disso, o afeto da narradora pelas coisas do passado, quando em nenhum momento se encontra, em sua fala, ranços de um sentimento de dificuldade quanto ao mecanismo que se devia obedecer para se obter a luz, podendo ser possível destacar até que o fato era compreendido como vantajoso e proveitoso, segundo podemos concluir quando, na fala da narradora enfatiza: “Nem ao menos era preciso sair de casa...”

Isso serve, além disso, para estabelecer um contraponto com a tecnologia moderna, que, retratada no texto como artifício passível de falha, traz consigo a conotação de que a modernidade e as facilidades da cidade grande não são inabaláveis e nem tão confiáveis, pensamento que se estende por muitos dos textos da cronista, a qual não esconde seu apreço e seu prazer nas coisas rudimentares e campestres.

### 2.3. Crônicas de Homenagem

As crônicas de homenagem de Viana levam esse nome em razão de serem textos criados especialmente para fazer honrarias a colegas aniversariantes ou falecidos da autora, exaltando qualidades e atributos dessas pessoas.

Com efeito, a palavra *homenagem* tem sua origem no Provençal Antigo, proveniente de *hominaticus*, derivado da raiz latina *homo* (homem). Tal vocábulo sempre trouxe com ela a conotação da prestação do tributo a alguém, desde a vassalagem, no período feudal, até o que conhecemos pela honraria, nos dias de hoje. É um processo que visa a dar visibilidade e superioridade a determinadas características ou atitudes de pessoas em especial. A linguagem é geralmente trabalhada de maneira particular, a fim de obter os recursos estilísticos necessários para a persuasão sobre as grandezas exaltadas na pessoa homenageada.

De acordo com Rodolpho (2010), o processo utilizado é o da amplificação das virtudes do elogiado, ou do homenageado, adotando-se esse recurso para, além de ressaltar sua grandeza, demonstrar sua superioridade. Em suas palavras:

A amplificação é considerada parte importante do elogio porque tudo o que se acrescenta de bom a respeito de um indivíduo o faz parecer melhor; devem-se, portanto, mencionar todas as circunstâncias que ajudam a destacar a grandeza do indivíduo, inclusive aquelas que são derivadas do tempo e das ocasiões, quantas vezes obteve sucesso em algo, se lhe foi inventada alguma honraria, se teve uma estátua erguida em sua homenagem; no entanto, caso não haja matéria suficiente para o elogio, a pessoa deve ser comparada com alguém de renome, pois parecer melhor que os virtuosos amplifica suas qualidades; ainda assim, se não for possível comparar com alguém de renome, é necessário comparar com outras pessoas, para demonstrar superioridade, pois por meio disso, revela-se a virtude. (2010, p. 22).

Dentre as quase 500 crônicas escritas por Viana, nos anos 90, os textos de homenagens a amigos, aniversariantes, ou falecidos ganham destaque, por serem numerosos e, assim, constituírem uma categoria.

De forma didática, serão observados, um a um, os textos de homenagem, sendo analisados primeiramente aspectos temáticos de caráter geral acerca desses textos e, na sequência, discutidas noções que permitam observar como se dá a representação da mulher nessas crônicas.

### 2.3.1. Análise das crônicas de Homenagem

#### “Recado para João Saldanha” - 22.07.1990

Na primeira crônica, do ano de 1990, a mensagem de homenagem vai para João Saldanha (1917-1990), jornalista e técnico de futebol, quando da notícia de seu falecimento. O texto se constitui de elogios ao trabalho de Saldanha, tanto no campo, quanto fora dele. O engrandecimento aos feitos do homenageado é construído de maneira explícita e ornamentada, e talvez resida aí o recurso conhecido como amplificação, que busca reforçar a virtuosidade e beneficência de quem recebe a homenagem, pela persuasão do leitor, segundo se lê em: “Seu leitor, privilegiado, lia sobre segredos e mistérios do mundo enquanto você “fingia” escrever apenas sobre futebol.” Esse trecho evidencia o movimento de acréscimo aos feitos do técnico.

Tem destaque na crônica a descrição da sua personalidade forte e determinada, que, de acordo com a cronista, se manteve durante todo o tempo firme em seus princípios e nunca cedeu a pressões e tentações que pudessem significar qualquer rompimento com as suas convicções.

De forma íntima, deixando transparecer sua admiração e sua atenção para com cada passo do homenageado, dentro e fora da televisão, a cronista narra fatos e experiências pelas quais passou o técnico e que colaboraram para engrandecer sua personalidade.

A crônica, que se constrói quando da ciência da cronista sobre a morte do técnico de futebol, traz a temática da morte apenas nos dois últimos parágrafos, querendo seguir o curso natural da vida, que se encerra no falecimento. Somente nesse momento é que a cronista reconhece a condição debilitada e cansada do homenageado, sendo também este o momento em que ela menciona seu prato preferido – feijão com arroz –, ficando nas entrelinhas um pouco da humanidade de João Saldanha.

A narrativa endereçada a João Saldanha faz uso do vocativo, pois a escritora inicia seu texto invocando o nome do homenageado, como se lhe escrevesse uma carta. Durante todo o texto, percebe-se uma intenção da voz que fala em confidenciar sentimentos e

percepções que a própria narradora possuía acerca de Saldanha, como se verifica em: “Você nunca usou o jornal, o rádio e, bem mais tarde, a televisão para falar ‘apenas’ de um assunto. Quem sabia te ler ou te ouvir percebia que você enxergava muito além da linha do horizonte.”

O texto, construído em primeira pessoa, soa intimista e apresenta ao leitor doses de um tom de lamúria na voz, ao mesmo tempo em que contextualiza fatos e acontecimentos mundiais, não se desvincilhando de seu lado jornalístico, como se vê no segmento a seguir:

Outra vez, em 1970, e isso não há quem não saiba, você deixou de ser técnico da Seleção Brasileira porque o Presidente da República que, como dizem as crianças, devia apenas presidir, quis te obrigar a olhar aquém da linha do horizonte. Quis fazer de você, um cidadão do mundo, um indivíduo imediatista, com pés e mãos amarrados. Talvez ele não soubesse que você, comunista militante, entendia de prisões e liberdades. Entendia tanto que saiu por aí, assoviando e reencontrando companheiros.

Com efeito, a grande importância que a narradora atribui a Saldanha vai além de exaltar sua conduta reta e admirável, sentimento que se perpetua por todo o texto, mas parece se materializar quando ela divide com o leitor a lembrança do papel político que o técnico desempenha, na década de 70. Nas crônicas de cunho político de Viana, vê-se como ela atribui grande importância à militância e, nesse sentido, tal comportamento do homenageado parece ser o que de fato desperta e motiva o afeto da cronista por essa personalidade.

Nessa crônica, da mesma maneira que outras narrativas dessa categoria trarão, a temática da morte surge de modo muito sutil, permanecendo abrandada mediante a preocupação em elevar as características de Saldanha. De forma eufêmica, a morte é descrita: “Pois brasileiromente te desejo uma eternidade verdejante. Você certamente saberá escolher, entre estádios e plantações, o lugar certo para assoviar e reencontrar os companheiros.”, reforçando o caráter sutil que deve ter a crônica.

**“Deus tem mesmo que duvidar” – 09.06.1991**

A escritura da crônica de 1991, plena de descrições e que desvela ao leitor toda a admiração da cronista pelo compositor Dorival Caymmi, funciona como uma homenagem independente de qualquer comemoração ou falecimento, já que a morte de Caymmi data de 2008. Nasce, porém, de um momento de saudades, no qual a cronista recorda as performances e interpretações do cantor na TV brasileira.

O texto é carregado de sentimentos e emoções, tanto no plano estrutural, na escolha das palavras e expressões, porque a narradora não sabe esconder sua admiração e saudades, como no plano da temática, já que por várias vezes a emotividade do próprio cantor fica documentada na voz da cronista, conforme se vê em: “Um doido maravilhoso, que chora quando canta. Ou canta quando chora?”

Característica das crônicas de Viana, as memórias do passado, da fazenda, vêm à tona, demonstrando que a apreciação pelo cantor vinha de muito tempo atrás. O excerto “Uma vez, quase perguntei a meu irmão mais velho, diplomado pelo rádio (um rádio alemão, de aço, do tempo da guerra) em areias de Itapoã e praias de Amaralina, como é que Deus podia duvidar de alguma coisa...” revela ao leitor de que maneira os assuntos do tempo presente da vida da cronista, como a homenagem a Caymmi, de certa forma sempre remetem a um passado que inclui a família e a infância, as memórias, enfim, o passado da cronista, movimento frequentemente utilizado em suas narrativas.

Engrandecendo a obra de Caymmi, a quem chama de homem que “[...] veio ao mundo para comentar as dúvidas de Deus”, a cronista produz um texto longo e pleno de apresentações sobre a personalidade de Dorival Caymmi, que se misturam a percepções e reflexões sobre a morte, de maneira sutil.

A sutileza e o humor despontam em alguns momentos, quando ela emprega expressões como “Caymmi é um doido. A televisão me confirmou um dia desses. Um doido maravilhoso”. A lúdica expressão é reforçada pelo recurso estético anafórico, visto que, nos três parágrafos seguintes, a expressão se repete nos inícios das orações.

Percebe-se, por fim, que os artistas ligados ao mundo musical serão, mais de uma vez, homenageados nos textos de Viana. O apreço da cronista pela arte da música é também característica que se observa na literatura livreira de Viana, adulta ou infantil, pois em grande parte de suas obras, trechos de canções de artistas consagrados quase sempre embalam suas poéticas narrativas.

**“Alguma coisa acontece” – 29.03.1992**

A crônica de 29.03.1992, chamada “Alguma coisa acontece”, é construída em um tom mais denso e emotivo, pleno de memórias póstumas, trabalhando do começo ao fim com a morte e as suas representações. A narrativa exibe uma estrutura muito particular, sendo, no primeiro momento, escrita em terceira pessoa, quando a narradora alude à vida e aos feitos dos amigos, conforme se pode notar em excertos como: “Ricardo gostava de contar que, morando em Alagoas até a adolescência, um dia ‘desceu’ para o Rio, onde estudou, trabalhou, se casou, teve os dois primeiros filhos.”

O segundo momento seria aquele no qual a narrativa se torna um texto mais reflexivo e aparece na primeira pessoa do plural: “Alguma coisa acontece no coração de todos nós, paulistanos, mineiros e nordestinos, quando sentimos que nossos amigos começam a ficar definitivamente por aqui, nos cruzamentos dos granitos e dos gramados, entre silêncios e flores...”

Na voz da narradora, conhecemos, ao longo do texto, o falecimento de dois amigos – o jornalista Múcio Borges da Fonseca (1933-1992) e o escritor Ricardo Ramos (1929-1992). É possível observar que, de maneira distinta, essa crônica não objetiva enaltecer aspectos e feitos da vida dos colegas, contrariando a grande parte das crônicas de homenagem de Viana, que escolhem fazer uso desse recurso de sublimação.

O texto contenta-se, nesse caso, em contar partes da trajetória que os amigos da cronista, agora falecidos, teceram, junto a esposas e filhos, ao longo da vida. As narrações sobre as famílias dos amigos, levando em conta as esposas e filhos, parecem advogar em função de uma humanização, deixando nas entrelinhas a percepção de que a admiração da cronista se dava no âmbito da intimidade dessas pessoas. Longe de ser uma admiração distante e desconhecida, a falta que a narradora sente se dá em razão de um contato estreito e muito familiar.

Fica, ainda, registrado, o afeto dos amigos pela cidade de São Paulo, marcando um movimento inverso ao que vem documentado nas crônicas urbanas. Se lá as marcas da cidade no texto apontavam para a compreensão de uma cidade nociva e maléfica, aqui a capital é a cidade escolhida pelos amigos, em razão de sua acolhida e de seus mistérios

que cativam o coração de quem vem de longe, conforme se observa em: “Tinham sido adotados pela cidade que, anos mais tarde, seria cantada por outro nordestino.”

O tratamento da morte acontece, aqui, de forma mais explícita, menos disfarçada, já que é possível observar a intenção da narradora em elaborar um texto mais íntimo, mais sentimental, deixando à vista suas fraquezas e momentos de saudades. Trechos como “Alguma coisa acontece, sim. Tão triste e misteriosa, tão cheia de saudade, que a gente sente vontade de chorar. E chora.” reforçam tal constatação.

Conforme já mencionado em análises de crônicas anteriores, a música possui grande representatividade dentro da literatura de Viana. Ainda que, nessa crônica, as homenagens se dirijam a jornalistas amigos da escritora, a música não deixa de fazer parte das letras e embalar seus escritos, como podemos ver em: “Ao voltarem, após nove anos, descobriram, surpresos, que já pertenciam a outro lugar. Tinham sido adotados pela cidade que, anos mais tarde, seria cantada por Caetano Veloso: ‘Alguma coisa acontece no meu coração, que só quando cruzo a Ipiranga e a Avenida São João...’.”

### **“Tristeza e saudade” - 03.01.1993**

O texto do ano de 1993, narrado pela cronista em primeira pessoa e nomeado de “Tristeza e saudade”, traz ao leitor uma homenagem feita para Otto Lara Resende (1922-1992), jornalista e escritor conterrâneo da cronista, falecido no final do ano de 1992.

Nota-se, ao longo da leitura, que o tom da crônica parece ser menos pesado e entristecido do que aparenta ser o da crônica de homenagem do ano anterior. Tal distinção talvez se dê em razão de um distanciamento entre a cronista e o homenageado, porque existe uma admiração da narradora pelo aspecto profissional de Otto Lara Resende, sem que sejam feitas referências à vida doméstica ou particular do autor. Excertos como o que se seguem referenciam a forma pela qual se dava o relacionamento: “Minha mania de começar o dia lendo o Otto funcionava assim como uma espécie de vacina contra mau-olhado”; ou “Não vou me acostumar a não mais ler o Otto. Já que suas linhas e entrelinhas estarão, diariamente, em jornais de galáxias que por enquanto

desconheço, restam, Deus seja louvado, os livros de contos e o romance, *O Braço Direito*, publicado em 1961.”

Por outro lado, é oportuno salientar que essa admiração nas palavras da cronista explicita o que se entende por elevação do caráter e dos feitos do homenageado, mecanismo comum nos textos de homenagens, conforme nos atestou a teoria. Ao referir-se a Otto Lara Resende, ela usa uma expressão que engrandece e enobrece grandemente o trabalho do escritor: “Assim, trinta anos depois, Otto Lara Resende, professor de texto para qualquer escritor, dispunha-se, mineira e pacientemente, a reescrever, refazer, reestruturar...”

O único romance de Otto Lara Resende citado pela cronista no texto é *O Braço Direito* (1993), que, de acordo com pesquisas, traz a história de um zelador de um orfanato no interior de Minas Gerais. A religiosidade, a hierarquia e as tradições ficam documentadas, e o seu mundo fica resumido ao cotidiano do orfanato.

De maneira simbólica, tal enredo propõe uma intertextualidade com algumas das crônicas da categoria memorialística de Viana, nas quais ela descreve os percalços da sua época de internato. Além disso, seu conto “Internato”, publicado pela Editora Nova Alexandria, em 2005, narra a história de um menino e seus questionamentos e dificuldades em aceitar o cotidiano do colégio interno.

Além disso, em razão de Otto Lara Resende e a cronista serem conterrâneos, ao trazer aspectos sobre a infância do escritor, misturam-se lembranças da própria narradora, as quais ficam evocadas no texto, segundo se nota no parágrafo que dá início à crônica:

Entre as lembranças da minha adolescência movida a rádio, uma música, que meu irmão mais velho cantarolava insistentemente (acompanhando a voz macia de Lúcio Alves) afirmava, entre outras coisas, que *mania é coisa que a gente tem, mas não sabe por quê...*

A narrativa, que é em sua integridade construída sob o olhar da própria cronista, traz a temática da morte mais uma vez sob a forma de expressões de eufemísticas, desvencilhando da escrita o tom pesaroso, como se pode ver em: “Não vou me acostumar a não mais ler o Otto. Já que suas linhas e entrelinhas estarão, diariamente, em jornais de galáxias que por enquanto desconheço.” Trata-se de recurso que também integra outras narrativas de Viana as quais trabalham a mesma temática.

Em acréscimo, percebe-se que a escritora emprega expressão bem-humorada para referir-se a como funcionavam as crônicas de Otto Lara Resende, em seu cotidiano. Ao revelar ao leitor que usava as crônicas de Otto Lara Resende como “vacina para mau-olhado”, ela deixa nas entrelinhas sua crítica às condutas políticas da época, porque o cronista da *Folha de São Paulo* expunha frequentemente, em seus textos, as suas opiniões sobre a política.

Tal constatação se confirma pela adoção de expressões como “morcegos negros”, “roncos” e “chicanas”, para fazer referência aos políticos. *Morcegos negros* seria o termo usado pelo jornalista Lucas Figueiredo, quando da publicação de seu livro *Morcegos negros: PC Farias, Collor, máfias e a história que o Brasil não conheceu* – enquanto “chicanas” alude às trapaças e estratégias políticos.

#### **“Olhos nos olhos” – 31.07.1994**

A crônica de 1994 partilha com o leitor a ideia de exílio, tendo como mote o relacionamento e os percalços da vida dos irmãos Betinho e Henfil. Todo tecido em terceira pessoa, o texto narra a vida e feitos de Henfil, bem como trata de seu relacionamento com o irmão Betinho. Nas palavras da própria narradora, Henfil poderia se considerado um “[...] chargista cujo brilho ninguém contestava, nem contesta.”.

A narrativa é emotiva e toca nas relações familiares, pois a narradora confia várias das histórias de Henfil com a mãe e com o irmão, conforme se vê em momentos como este:

O chargista brilhante lia, sofria com a saudade, e desabafava com a mãe, que lhe prometera biscoitos de farinha à moda mineira: – Perdoa, mãe, mas biscoito de farinha só é gostoso se mastigado olhando nos olhos do irmão que sente na mesma hora a mesma delícia.

Tal revelação colabora para comover o leitor e mostrar um lado humanizado do cartunista Henfil e a profundidade da fala se reflete também na escolha do título da crônica: “Olhos nos olhos”.

Um dos únicos discursos diretos que fazem parte da crônica refere-se a uma fala de Herbert acerca do exílio, condição que ele sofreu na década de 70, conforme aponta sua biografia. “– Quero ver se posso rever o Brasil todo com as minhas mãos, com os meus olhos. Quero saber pessoalmente dessa dura realidade que nos exila dentro da própria pátria.”. É um discurso inflamado, o qual reforça o caráter de uma vida de lutas, de empenho e de trabalho pela cidadania e pela vida.

Observa-se, portanto, que são igualmente elevados aspectos da vida particular e da vida pública do sociólogo e do chargista, numa intenção de afirmá-los como personalidades de grande importância em diferentes âmbitos. Essa elevação, recurso que valoriza, transmite ao leitor um sentimento de estima pela personalidade homenageada.

Uma vez mais, personagens musicais encontram-se presentes na narrativa, pela menção à canção de Elis Regina, “O bêbado e a equilibrista”, que sonha com a volta de Betinho do exílio. Em suas palavras, “[u]m dos lembrados foi o quase desconhecido sociólogo Herbert de Souza que, exilado no México, caiu na boca do povo e na voz de Elis Regina, como o irmão do Henfil...”

A narrativa trabalha a homenagem a Betinho, uma personalidade que se encontra ainda viva, na época da escrita da crônica, de sorte que o tom do texto é brando e se concentra em elencar suas qualidades e atributos. A razão para o nascimento da narrativa pode se dar por muitos motivos, já que “Betinho” era um lutador pelos direitos humanos e se encontrava permanentemente envolvido em projetos beneficentes. Em pesquisa sobre a vida de Betinho, porém, descobriu-se que, no ano da escritura da crônica, ele criava o projeto *Ação da Cidadania contra a Miséria e Pela Vida*, que existiu de 1994 a 1997, fato que pode ter motivado a escrita do texto “Olhos nos olhos”.

Por outro lado, ao abordar o falecimento de Henfil, eufemismos se fazem presentes no texto. Em “Henfil exilou-se há algum tempo. Não no México, mas em alvoradas povoadas de passarinhos, quem sabe?”, encontra-se a doce forma de, ao modo de Henfil, tratar do falecimento do cartunista.

**“Quem sabe, qualquer dia desses?” - 06.08.1995**

A crônica de 06.08.1995 parabeniza a eleição de Alaíde Lisboa de Oliveira para a Academia Mineira de Letras, fato acontecido em 1995. Alaíde foi pedagoga, jornalista, escritora de literatura infantojuvenil e política, tendo assumido o cargo de vereadora na Câmara Municipal de Belo Horizonte em 1949, como a primeira mulher da história a exercer esse posto em Minas Gerais.

Observa-se que a narrativa, plena de descrições e narrações, intenta que o leitor conheça de que maneira vivia a cronista no início de sua carreira profissional. Os percalços e as privações pelas quais passava ficam documentadas, como em: “Por mais diferentes que elas fossem umas das outras, tinham em comum o otimismo sempre crescente das descobertas cotidianas e o dinheiro sempre minguante dos salários mensais...”

A narrativa, em primeira pessoa, que, ao final se revela uma crônica de homenagem, por suas honrarias à conquista de Alaíde Lisboa de Oliveira, desdobra-se em tom de contação de uma história em especial, da época de juventude da cronista. Tal história, sobre um café da tarde, ganha significado quando se apresenta como vínculo entre cronista e homenageada, em razão de serem conterrâneas, além de Alaíde ter sido diretora do Colégio onde lecionava a narradora, na década de 60.

De maneira contrária a outras crônicas de homenagem, esta não supervaloriza nem eleva as qualidades da homenageada, como se verifica no recurso estilístico da amplificação. Aqui, por outro lado, o tom da escrita é mais despretensioso e se assemelha a uma confidência da narradora. Apenas ao final do texto é que o reconhecimento ao trabalho de Alaíde Lisboa fica documentado, quando da menção à sua posse na Academia, como se nota em: “Que D. Alaíde, tão amiga, tão diretora, saiba que estou lhe enviando um abraço alimentado de saudade pela sua posse na Academia Mineira de Letras.” O elogio tímido reforça o caráter modesto da escrita cronística, porque a confidência sobre o café da tarde nunca experimentado parece ganhar ainda mais espaço, dentro do espaço da narrativa.

O texto funciona igualmente na sua intenção de reforçar a materialização da historieta sobre o café da tarde, recursos que poderiam ser tidos como tentativas de ancoragem do texto, fincando-o na realidade dos fatos, visível nas escolhas da narradora, que partilha com o leitor até mesmo o endereço de onde viveu com as amigas, também

personagens da crônica. “Eu poderia levar aquela outra infeliz moradora da rua do Ouro, 282, que há muito tempo não sei por onde anda..” O endereçamento da casa valida o testemunho da voz que fala, confidenciando ao leitor a ideia da existência legítima do lugar onde viveram.

A narrativa pode ser considerada bastante descritiva, sendo toda construída com a adoção do discurso indireto. O relato de modo geral fica confinado apenas à voz da narradora, que se faz intérprete dos fatos, visando a repartir com o leitor exclusivamente seu ponto de vista, sem interferências ou influências das personagens.

O endereçamento da narrativa também se altera quando, na conclusão do texto, a cronista se dirige à homenageada, segundo o trecho já transcrito nesta análise. Tal mecanismo de chegar-se ao leitor ou, neste caso, ao homenageado, pontua o caráter íntimo da crônica, que favorece a troca de informações, mensagens e recados entre ambos.

#### **“Dor de todos” – 10.11.1996**

Encontra-se, no texto de 1996, uma homenagem à jornalista Regina Lemos, que falecera nesse ano, vítima de um acidente aéreo, e que possuía estreitos laços de amizade com a cronista. A crônica toda se apresenta em tom pesaroso, e a cronista, que afirma sentir-se impotente em frente à televisão, assistindo aos restos de uma tragédia, discute a vida, a morte e como, em pouco tempo, toda uma história de vidas, de planos, se vai com ela.

Tal constatação colabora para a compreensão de que a narrativa nomeada “Dor de todos” constitua, portanto, um texto mais reflexivo e doloroso, no qual a fragilidade do ser humano vem a ser discutida, no contexto da perda da amiga. O parágrafo que se segue comprova: “Não podemos quase nada, e não há quem não saiba.”

Por meio da construção elaborada pela cronista, observa-se como o seu propósito não parece ser o de engrandecer nem projetar a jornalista, exaltando suas qualidades e seus atributos. As constatações feitas acerca da jornalista se dão no âmbito

familiar e íntimo, e aspectos sobre seu dia a dia são trazidos à tona, como forma de criar uma ambiência de intimidade, conforme podemos ver em excertos como o que segue:

Uma vez, há muito tempo, Regina jantou em minha casa, e elogiou a couve cortada fininha. Uma outra vez, há menos tempo, nós nos encontramos numa livraria, e ela me falou do neto que ia “nascer inglês” – a filha morava na Inglaterra – estava indo para lá naqueles dias. Não queria perder o início de mais uma vida.

Nota-se, além disso, que as revelações do âmbito privado da vida de Regina demonstram intimidade entre as colegas, o que é corroborado com a ausência de qualquer menção ao seu trabalho ou às suas iniciativas e lutas pelos direitos humanos, segundo pesquisas comprovam que a jornalista sempre protagonizou. Dessa forma, a admiração profissional não se apresenta como elemento central da narrativa, mas a maternidade, a família, as coisas do dia a dia acabam sendo aspectos privilegiados pela narradora, talvez na intenção de humanizar e ressaltar o lado sensível da amiga Regina Lemos.

Antíteses são criadas o tempo todo, dentro da narrativa, quando, na voz da narradora, vida e morte são discutidas. Retirando-se o trecho “Tento – em vão – não pensar no próximo neto da Regina, que vai ‘nascer alemão’. A filha única agora mora na Alemanha, pra onde ela iria na época do Natal. Como perder o início de mais uma vida?”, verifica-se que a narradora trabalha as fragilidades e a concomitância das perdas e ganhos no cotidiano do ser humano.

Simultaneamente, a crônica explora seu lado jornalístico, comentando fatos e acontecimentos geralmente documentados pela mídia, porém de forma muito particular, na medida em que os focaliza dando visibilidade a recortes desses fatos, de sorte a engrandecê-los em sua particularidade. Em outras palavras, a tragédia aérea, em sua grandeza e complexidade, fica aqui retratada e documentada por meio de um recorte pequeno, que não fornece talvez a compreensão do todo, mas que, por meio desse enfoque, sobre a vida e a morte de Regina Lemos, fala com intimidade ao leitor.

**“Conto curto” - 12.01.1997**

A crônica de 12.01.1997 traz ao leitor, cheia de memórias e de histórias, a homenagem da cronista ao escritor João Antônio, cujo corpo foi encontrado no mesmo dia da tragédia aérea da companhia de aviação TAM, mas cuja morte passou despercebida, em razão do grande evento que se tornou o acidente que também vitimou a amiga da cronista.

O texto apresenta-se como uma honraria em relação aos feitos literários do escritor, além de ficarem documentados encontros entre ambos, nos quais a cronista presenciou emotivos discursos do contista, conforme se vê neste excerto:

Uma vez, numa das Bienais Nestlé de Literatura, fiz parte do público que, lotando o auditório do Centro de Convenções Rebouças, aqui em São Paulo, não conteve as lágrimas, ouvindo o depoimento de João Antônio sobre seus sustos e sobressaltos, pessoais e literários. Depoimento verdadeiro, sentíamos.

Parece existir, na voz da cronista, um sentimento de afeto por identidade, o que sugere que João Antonio, escritor amante das verdades literárias, dono de textos influenciados por um olhar jornalístico e factual, fosse, para ela, algum tipo de referência, uma vez que a literatura de Viana sempre tratou de temáticas realistas e buscava, tanto no âmbito da linguagem, quanto no da temática, “conversar” com o leitor de forma transparente.

A temática das cidades, comum aos escritores que ali se encontravam, bem como a preferência pelos textos curtos e muito significativos, parecem ser elos literários que conectam os autores, conforme reconhece a cronista em:

Verdadeiro, sofrido, emocionado. Lembrando a precariedade da vida das periferias, que tão bem conhecia, o encantamento com a linguagem de Lima Barreto, que tanto lia, e a experiência vivida com sua própria obra, detalhadamente analisada em universidade alemãs... Com orgulho, ele se definia contista. Amante da narrativa curta, rápida. Aquela que diz muito, parecendo dizer pouco. Só parecendo.

Essa é uma narrativa longa, talvez mais descritiva e reflexiva, o que faz com que a cronista exponha maior número de fatos ao leitor, possuindo apenas discursos indiretos, o que reforça o estilo testemunhal da crônica, na qual as impressões ficam a cargo somente da ótica da escritora.

O viés metalinguístico da crônica em questão também fica nas entrelinhas, quando a narradora confessa ter pensado antes em escrever ao amigo uma crônica, no dia de seu falecimento.

Naquele dia do acidente com o avião da TAM, fiquei pensando que, se tivesse coragem, ainda haveria de dedicar uma crônica ao João Antônio, que me assustou e sobressaltou... Naquele dia, pensei que, se tivesse coragem, escreveria. Eu ainda não sabia que bastava ter saudade.

Desta forma, o processo da confecção da crônica se materializa nas palavras, e a cronista revela o lado emotivo de seus textos, deixando à mostra o tempero da narrativa sofrida.

## 2.4. Crônicas sobre Política e Economia

De formato semelhante ao que vem sendo cultivado ao longo do trabalho, esse subtópico destina-se a observar com mais cautela as crônicas escolhidas de Viana, de modo a comprovarem a existência e o funcionamento dessa categoria de crônicas, criada com fins de classificação e organização dos textos da escritora.

São crônicas que variam entre uma denúncia mais explícita do descontentamento da cronista com as condições do governo, ao mesmo tempo em que algumas crônicas mais intimistas dão conta de relembrar épocas passadas de repressão militar, exaltando a luta dos civis, as greves estudantis. Outras constatações também são levantadas, como aspectos da política em outros países, que massacram e condenam as diferentes sociedades ao terror da guerra, em nome da territorialização e das diferenças de pensamentos.

São dez crônicas escolhidas, uma por ano, as quais ressaltam as consequências da vida política na vida social das pessoas, numa tentativa de, como na teoria, andar junto com a população, se indignar com ela, lutar com ela.

A aproximação entre o jornalismo e a literatura é procedimento que ocorre desde muito cedo, na gênese do que conhecemos por romance moderno, no século XVIII, quando a literatura passava a considerar histórias mais relacionadas ao tempo recente, propondo a manutenção de um caráter de autenticidade.

São influenciados estilo, estética, linguagem, técnica, temática, ou, em outras palavras, noções de dentro e fora do texto, em maior ou menor escala, durante toda a história da literatura, dependendo do contexto e das inflexões sofridas pelas escolas literárias em cada um dos seus momentos, conforme nos atesta Candido (2000), ao apontar a necessidade do olhar sobre os diferentes fatores sociais que influenciam a obra literária.

Com efeito, todos sabemos que a literatura, como fenômeno de civilização, depende, para se constituir e caracterizar, do entrelaçamento de vários fatores sociais. Mas, daí a determinar se eles interferem diretamente nas características essenciais de determinada obra, vai um abismo, nem sempre transposto com felicidade. (CANDIDO, 2000, p. 12-13).

Para Lima (2004), jornalismo e literatura desenvolveram um relacionamento estreito e, depois do primeiro momento, quando é a literatura quem passa a se apoderar de técnicas jornalísticas, encontram-se autores engajados não apenas em entreter o público com a literatura, mas em documentar a realidade social, destilando reflexões e questionamentos a propósito dos aspectos políticos e sociais problemáticos.

Num primeiro momento, o jornalismo bebe na fonte da literatura. Num segundo, é esta que descobre, no jornalismo, fonte para reciclar sua prática, enriquecendo-a com uma variante bifurcada em duas possibilidades: a de representação do real efetivo, uma espécie de reportagem – com sabor literário – dos episódios sociais, e a incorporação do estilo de expressão escrita que vai aos poucos diferenciando o jornalismo, com suas marcas distintas de precisão, clareza, simplicidade. (LIMA, 2004, p.178).

A busca por uma literatura de caráter documental não se restringia a uma nova tendência denunciadora, mas levava em conta o contexto social do país. O ano de 1964 é considerado decisivo na história política do Brasil, em função de dar-se, nesse ano, o Golpe Militar. Já nesse primeiro momento, restrições quanto à liberdade de imprensa começam a acontecer, e seguem munidas de outros fatos, como o Ato Institucional nº 5, quatro anos depois, que superprojeta o poder do Estado e militariza a administração do país. Diante desse quadro social e político, a censura fica ainda mais rígida, atinge e restringe com ainda mais força e violência as produções culturais de maneira geral.

Assim, o quadro social do país, nas décadas de 60 e 70, experimentava um período marcado pela repressão ditatorial, caracterizando-se por intelectuais, em todos os âmbitos da arte, que andavam preocupados com a denúncia social, num pacto com o povo, de discutir e buscar alternativas para os problemas, incentivando o pensamento e a inquietação.

Segundo Süsskind (1984), a literatura nessa década, com propriedade, se apoderava de um tom jornalístico, prezando pela liberdade de expressão e de informação, e, ao observar a severa censura imposta a outros meios de comunicação pela política da época, entendia caber a ela mesma essa função denunciadora e informativa.

Se o que não se possuía eram informações e formas de atuação política eficazes, se o jornal está sob censura rigorosa, cabe à literatura exercer a

sua função. Por isso ficção e jornalismo se tornam eternos inseparáveis nos anos Setenta. (1984, p. 174).

Conhece-se, portanto, a chamada literatura politicamente engajada, construída por alguns escritores da época, em função de denunciar os abusos e os absurdos impostos pelo regime militar, trazendo aspectos subjetivos da literatura, com um tanto de objetividade e da função referencial e informativa próprios ao jornalismo.

Alternando, diversos escritores, entre a crítica explícita e a indignação silenciosa e velada, intelectuais deixavam marcas sobre sua aversão quanto ao desrespeito com a democracia, plantando sementes e buscando fazer ferver na mente da sociedade ideias de revolução.

Toda a produção intelectual, inclusive a livreira, necessitava ser aprovada pela censura, enclausurando o escritor e transformando-o numa peça do jogo do Estado. Toda e qualquer movimentação do governo abrigava segundas intenções, como, por exemplo, o incentivo à produção livreira da década de 70. Chamou-se de *boom* literário a *Política Nacional de Cultura*, na qual o Estado apoiava e estimulava as produções culturais, objetivando, por outro lado, manter o controle do que era veiculado na imprensa e como cultura no país.

Tais atitudes cooperaram para fazer florescer dentro da classe dos intelectuais um sentimento de revolta, e o controle passou a despertar a busca de uma forma de burlar a manipulação que a cultura vinha sofrendo. Em favor de questionar o domínio e o abuso do regime ditatorial, surgiu a literatura de protesto.

Junto a outras formas literárias, descomprometidas e não preocupadas com a denúncia, e que também ocupam espaço na produção livreira desse período, deu-se, portanto, o nascimento do *romance-reportagem*, que carregava com ele marcas do texto literário, ao mesmo tempo em que trabalhava em função de veicular fatos como se fossem notícias verídicas, tendo como consequência uma literatura informativa; surgiu igualmente a literatura descontente, a qual contou com textos mais velados e menos questionadores, mas que deixava transparecer discussões sobre as mudanças da sociedade, na política, na economia, no nível familiar, nas cidades, entre outras preocupações que ficavam eminentes.

Apesar de correntes literárias que consideram essa combinação inviável, como, por exemplo, o formalismo russo do início do século XX, que apregoa o estudo da literatura no âmbito de sua qualidade estética apenas, e defende a ideia da necessidade de um escritor à margem do cotidiano social e desprendido de seu contexto, é possível, e por que não mais plausível, falar em um escritor e em uma literatura marcados por aspectos da esfera política, como constata Hutcheon (1991, p. 20) quando, aludindo ao pós-modernismo, afirma que história e política colaboram para a constituição do texto literário.

Desse prisma, as crônicas sobre política e economia de Viana buscam construir um texto que visa uma denúncia social, empenhado em questionar atitudes políticas e designações e determinações do Estado, querendo, talvez, num desabafo, conseguir leitores que integrem o corpo de indignados com a situação do país.

Em nove anos de crônicas, diferentes momentos políticos caracterizaram o contexto do país e, entre seu passado político, marcado pelo regime ditatorial e seu presente, pelo período Collor, com mais ou menos entusiasmo, a cronista disseminou suas ideias, privilegiada pela liberdade oferecida pelo gênero cronístico de se expressar de maneira mais intimista e opinativa, ao mesmo tempo em que produzia um texto informativo e denunciador.

Anos eleitorais exibem crônicas imersas em discussões sobre o caráter e as promessas dos políticos, quando momentos que escandalizaram o país mereceram destaque nas crônicas, estendendo-se por várias delas, num movimento incansável de lamentações e protestos contra o abuso de poder do governo.

Regalias e privilégios dos políticos foram diversas vezes desnudados, ao passo que esquemas de corrupção descobertos mereceram palavras indignadas, misturadas ao tom intimista de decepção da escritora, permissão que o gênero híbrido cronístico dá ao texto.

### 2.4.1. Análise das Crônicas sobre Política e Economia

#### “Ela de um lado, os livros do outro” - 18.02.1990

A narrativa de 1990, de parágrafos curtos e ideias sintéticas, oferece ao leitor, em terceira pessoa, uma contação de história que o cativa, por trazer à sua realidade um lado humanizado e muito particular de um evento mundialmente famoso – a construção do Muro de Berlim. O recorte particulariza e dimensiona a história de uma mulher que foi à biblioteca retirar um livro e só pôde devolvê-lo 28 anos depois, em razão de um muro ter-se erguido no meio do caminho.

Aspectos pequenos como esse ganham dimensão heroica dentro da crônica de Viana, que, classificada como crônica política, revela essa preocupação apenas nas entrelinhas. Em outras palavras, dentre os enormes percalços decorrentes da construção do Muro de Berlim, o cronista é aquele que sabe destacar determinado momento que poderia passar despercebido, atribuindo a ele importância e grandeza, de maneira a despertar o olhar particularizado do leitor.

Percebe-se que os recursos ficcionais ficam a critério da escritora, que, poética e emotivamente, preenche as lacunas da história apresentada informativamente no jornal falado da televisão, atribuindo sentimentos e sensações à personagem leitora, de acordo com as palavras da narradora:

Viu os filhos nascerem, crescerem, irem cuidar da vida. Viveu desavenças, desencantos. Sentiu angústias e saudades. Sobretudo viu, viveu e sentiu a constituição, da noite para o dia, de um muro dividindo sua cidade. Muito mais: impedindo suas leituras. Ela de um lado, a biblioteca do outro.

Analogamente, outros parágrafos corroboram tal movimento de criação, como este que afirma conhecer vícios e necessidades da mulher: “Ainda que ‘precisasse’ da biblioteca (era viciada em leitura e tinha poucos livros em casa), a mulher não voltou.”

O âmbito doméstico e as relações familiares vêm à tona, bem como sentimentos e vivências da personagem alemã, por meio de recursos ficcionais, pretendendo

sensibilizar o leitor para o lado sensível, frágil e comum a todo e qualquer ser humano, que fica por vezes camuflado sob a grandeza de um evento político de tamanha proporção.

O discurso direto que faz parte do texto conta com a fala da mulher leitora. Marcas de sua preocupação com a devolução do livro reforçam o caráter humanizado da protagonista da história, como se pode perceber em: “Em fins de 1989, com a derrubada do muro, ela correu à biblioteca: – Vim devolver o livro. E peço desculpas pelo atraso. Afinal, foram só 28 anos...”

A narrativa é curta, rápida e, como é contada, pode se assemelhar a um conto, cinematográfico e imagético, propondo ao leitor uma história dinamizada e marcante. Excertos como o que se segue confirmam o caráter narrativo e elaborado do texto: “Na biblioteca pública de sua cidade, depois de percorrer estantes e prateleiras, a mulher escolheu um livro. Preenchida a ficha, despediu-se da bibliotecária por quinze dias, prazo máximo que lhe era permitido ficar com o livro.”

A voz em primeira pessoa surge no último parágrafo, quando a narradora decide se expressar e confia com o leitor sua curiosidade mais íntima quando de seu conhecimento da reportagem: “Quando a televisão me contou essa história, tive vontade de ser repórter em Berlim. Só pra saber que livro era aquele e se ela levou outro para casa com o prazo de quinze dias...”

### **“Praça do Povo” – 15.12.1991**

A crônica de nome “Praça do povo” pode ser considerada um texto descritivo-narrativo, em razão de apresentar-se como um relato de um tempo passado na vida da narradora. Por meio de um discurso nostálgico, no qual confia sentimentos de um tempo que já se foi, a cronista partilha com o leitor fatos políticos e sociais ocorridos na década de 60, os quais deixaram saudades do ativismo estudantil, que hoje não mais encontra espaço.

Usando a narração apaixonada pela “Praça da Liberdade”, em Belo Horizonte, a narradora carrega para dentro do texto eventos como a *Greve do Um Terço*, que ocorreu ali, no dia 01/06/1962, que foi uma das maiores e mais proeminentes greves da história do movimento dos estudantes do país; ademais, documenta passeatas estudantis e momentos entre amigos desfrutados no espaço da praça:

Pertenço a uma geração, talvez privilegiada, que viveu a Praça da Liberdade. Que estudou, protestou, questionou, namorou, noivou, até casou, tudo ali, numa cumplicidade naturalmente ecológica com a Praça que prometia liberdade e distribuía passarinhos.

Por trás da narrativa que engrandece a importância da praça, talvez exista uma intenção da cronista de dissipar nas entrelinhas suas indagações e questionamentos acerca da realidade social. Em outras palavras, pode existir um caráter social crítico da crônica, buscando atentar para o comodismo das gerações atuais, em contraste com tudo por que sua geração lutou e se indignou.

O texto, o qual apela para a narração do tempo passado, é todo tecido na primeira pessoa do plural, o que aponta para o registro da noção de coletividade, de grupo, de organização:

Se não nos encontrassem na Faculdade, que nos procurassem na Praça. Antes e depois das passeatas (alguém se lembra da greve do “um terço”?), antes e depois das provas, nos intervalos das aulas e dos sonhos, por lá deixávamos ficar, donos da vida...

Em acréscimo, é possível perceber como as intenções da narradora vão sendo colocadas dentro da narrativa. Quando de sua menção à Praça da Liberdade, ela comenta que pertenceu a uma geração “[q]ue estudou, protestou, questionou, namorou, noivou, até casou, tudo ali, numa cumplicidade naturalmente ecológica com a Praça que prometia liberdade e distribuía passarinhos.” Por meio do relato transcrito, apresenta-se a implicação de que os que protestavam estavam, em sua integridade, imbuídos na busca de seus direitos, fosse na vida pessoal, fosse na vida estudantil ou profissional.

O texto propõe, ainda, uma intertextualidade com a obra de Carlos Drummond de Andrade: “Agora, diante de ‘*nossas retinas tão fatigadas*’, a Praça, como se o tempo não tivesse passado”. Nesse fragmento, a expressão em destaque é a mesma que inicia a segunda estrofe do poema de Drummond: “Nunca me esquecerei desse acontecimento/na vida de minhas retinas tão fatigadas”. Além disso, ambos os textos tratam das lutas e dos entraves que se encontram pelo caminho.

A passagem do tempo e o ranço do passado são elementos que quase sempre se surpreendem nas narrativas de Viana. O reconhecimento da fugacidade do tempo e o sentimento de tempo perdido parecem permear o texto, que se encerra, uma vez mais, inspirando nostalgia:

Quando a mim, mesmo sabendo e sentindo que o tempo passou, qualquer dia desses, quando a saudade maltratar além da medida, vou até Belo Horizonte e, num daqueles velhos bancos ao lado do coreto, tento, quem sabe, reencontrar os passarinhos...

### **“Quadrilhas” - 02.08.1992**

A crônica “Quadrilhas”, de 02.08.1992, em intertextualidade com Carlos Drummond de Andrade, apresenta ao leitor uma bem-humorada e reflexiva narrativa acerca do esquema de corrupção do então presidente do Brasil, Fernando Collor de Mello, na política brasileira, no mesmo ano.

A composição da narrativa organiza-se em duas partes. A fim de encaminhar o leitor para a intertextualidade, a narradora lhe apresenta primeiramente o texto de Drummond, “Quadrilha”, em sua integridade. Em seguida, tece, dentro da mesma estrutura, uma construção textual similar à do poeta, tendo como personagens os vilões da quadrilha do esquema PC Farias: Rosanne Collor, Zélia Cardoso de Mello, Paulo César Farias, e Bernardo e Zuleide Cabral. Itamar Franco também consta da quadrilha de Viana.

Pode-se notar que a crônica faz um bom uso das conotações do vocábulo quadrilha, destinando ao leitor o alcance da intenção total do texto. A exposição de todo o esquema fraudulento do presidente vigente torna-se denúncia política, sendo, aqui, incrementada com um tom de ironia e bom humor, que fica a cargo da sagacidade do leitor.

Por fim, a cronista assume o foco narrativo em primeira pessoa no texto, que vinha até então apresentando personagens em terceira pessoa, de maneira que, por meio de mais uma construção humorística, revela sua crença na atemporalidade dos versos drummondianos. Em suas palavras:

Nunca duvidei da atualidade do poeta que, desde os anos vinte, tem nos ensinado que existem pedras no meio do caminho... Ainda assim, sempre me surpreendo com o tom, mais que atual, profético, de muitos de seus versos. Versos de ontem-hoje-amanhã, em que as semelhanças não são coincidências, mas meras, meras repetições...

A crônica, toda tecida por meio de discurso direto e misturando a aparente contação de história e a poeticidade ao fato político, reafirma a condição híbrida da crônica, a qual, percorrendo linhas do jornalismo e da literatura, comunica, de maneira aparentemente despretensiosa, olhares críticos e indignados.

### **“Voto aberto” - 28.03.1993**

A crônica de 1993, em tom de desabafo, confia ao leitor sobre um dia comum no cotidiano das pessoas, mas que ganha um olhar especial em razão do relato muito particular que a cronista deixa nas entrelinhas. Incomodada com a revista que encontra na sala de espera do consultório, trazendo na capa o ex-porta-voz do ex-presidente Fernando Collor de Mello, Cláudio Humberto, nome que a crônica não revela, mas que a pesquisa sobre a política da década de 90 aponta, a cronista ressalta seu aborrecimento, tanto que em suas palavras se lê: “Na capa de uma revista, a foto do ex-porta-voz do ex-presidente me tira a vontade de ler seja o que for. Melhor fechar os olhos, relaxar. Pensar nos peixinhos que restaram.”

Ao longo de uma crônica, cujo tom político pode ser vislumbrado, em razão de a cronista se expressar quanto ao seu descontentamento com a política vigente, encontra-se igualmente o relato da voz que aborda, logo na introdução do texto, as responsabilidades domésticas para as quais teve que se organizar, para poder assumir seus compromissos particulares. No parágrafo primeiro, tem-se a informação: “Café tomado, dentes escovados, filhos saídos pra escola, enfrente os onze (ou serão doze?) quarteirões que me separam de um dos meus mais antigos amigos paulistanos.”

Nesse sentido, observa-se, por meio da elaboração de ideias da narradora, que mesmo a mulher e mãe, embora não se desvencilhe de seus compromissos com os filhos e com a casa, ou, em outras palavras, ainda que à mulher fiquem implícitas as responsabilidades no âmbito privado, é possível que, da mesma forma, carregue com ela

preocupações e ansiedades, julgue e se posicione em relação a assuntos que dizem respeito ao meio público, que é, nessa narrativa, o político, por exemplo.

O diálogo com o dentista amigo, em discurso direto, meio pelo qual se expressam palavras e declarações de quem fala em sua integridade, movimento que confere veracidade e dinamicidade à conversação e aos fatos, documenta também a decepção do colega quanto à organização política do país, reforçando o caráter político da narrativa, conforme vemos em: “– Sabe que eu vou votar na monarquia?... – É que nunca mais quero votar. Nem pra presidente, nem pra vice, nem pra síndico de prédio, nem pra diretor de clube, nada. Nada, nunca mais, você entende?”

O descontentamento dos personagens é tão intenso que, na fala da cronista, revela-se o desejo de estar alheia a toda a “arapuca política” que vem presenciando. Sozinha, na sala de estar do consultório, a narradora, fazendo uso de uma dose de sarcasmo, confessa em pensamento: “– Felizes são os peixes – penso.”

As tradições familiares e os ensinamentos dos antigos sempre fazem parte das narrativas de tom íntimo e, de certa forma, caseiras de Viana. Ao descrever a dor de dente que a leva com urgência ao dentista, de forma sutil a cronista deixa escapar as marcas de seus aprendizados com os mais velhos, que grande parte das vezes tem lugar nos textos da cronista, conforme é possível atestar:

Desde que cheguei por aqui, há exatos vinte e cinco anos, ele me socorre quando aquela dorzinha, tímida no princípio, insuportável depois, não me deixa mastigar bem mastigado, como ensinam as pessoas de bom senso...

Os peixes aparecem na narrativa como retrato da tranquilidade e da bonança, em sua calmaria dentro do aquário. Tal noção fica representada ao longo do texto em uma construção de antíteses, já que ideias como tranquilidade e calmaria permeiam a história, conforme se vê em parágrafos como: “Na capa de uma revista, a foto do ex-porta-voz do ex-presidente me tira a vontade de ler seja o que for. Melhor fechar os olhos, relaxar.” – e em: “A voz da secretária – “pode entrar” – me transporta da placidez do aquário para a inquietude da cadeira cercada de luzes e motores.”

**“Sonhos e pesadelos...” - 05.06.1994**

A crônica “Sonhos e pesadelos...”, através de uma narração em primeira pessoa, conta ao leitor sobre diferentes *flashes* da vida da narradora, expondo um problema que assola o Brasil, no contexto do ano de 1994: a inflação. Sabe-se que o ano de 1994 ficou marcado por um desequilíbrio na taxa de inflação, e seu índice altíssimo, até julho do mesmo ano, foi de 815,60%, somente interrompido com a implantação do Plano Real.

Tal problemática, com grande repercussão por sua grande influência na vida social, integra a narrativa de Viana com muita sutileza, combinada com sensações e percepções subjetivas, as quais proporcionam à crônica uma sensação de contação de história, escondendo, todavia, uma necessidade de denúncia e de acusação. O parágrafo que se segue, extraído do texto, revela: “Nesses dias de frio no planalto paulista, bem que eu queria poder dizer à moça do microfone que nunca ouvi falar em inflação.”

A narrativa é curta, de poucas palavras e poucos parágrafos, toda elaborada à base de discurso indireto, evocando diversas figuras do folclore e das crenças brasileiras, talvez querendo sugerir o contraponto com assuntos que ela aborda dentro da crônica, como o racismo e a inflação, e sua qualidade de serem reais e afetarem a sociedade, diferentemente das criações populares. Tal antítese entre realidade e criação pode ser observada em:

Uma vez, era dia de sol numa esquina de Belo Horizonte, uma moça, microfone na mão, queria saber se existia racismo no Brasil. Nem precisei pensar, infelizmente... Naquele dia de sol nas montanhas mineiras, eu queria ter podido dizer que ninguém nunca tinha me falado em racismo. Avô, avó, bisavô, nada, nunca, ninguém. Já tinham me falado em Lobisomem, Mula sem Cabeça, Barba Azul, Bomba Atômica, pesadelos, insônias. Em racismo, jamais.

Ao final, em um discurso saudosista, para a narradora, que figura como personagem, desejosa de poder responder às repórteres que tais assuntos não faziam parte do seu cotidiano (conforme vemos em “Querida poder anunciar, nessas nossas esquinas, ora ensolaradas, ora ensombreadas, que, se falamos em cor, só pensamos em arco-íris. E, se falamos em aumento, só pensamos na multiplicação do afago e do aconchego...”), o sentimento de nostalgia vem à tona, e fica documentada a esperança que um dia existira, no meio da política, mas que, por muitas razões, já se perdeu.

**“Mentira de Verdade” - 24.09.1995**

No texto do ano de 1995, conhecemos, em “Mentira de Verdade”, a narração dinâmica de uma historieta que acontece, durante todo o tempo, ao telefone. O diálogo entre a narradora e o colega escritor não nomeado faz-se de lembranças nostálgicas, nas quais os amigos relembram o fato político da eleição presidencial brasileira de 1985.

Essa eleição foi a última realizada de maneira indireta, mediante reunião do Colégio Eleitoral, que elegeu Tancredo Neves e seu vice-presidente, José Sarney. Com o falecimento de Tancredo, antes mesmo de tomar posse, a presidência foi exercida por Sarney, que governou o país durante cinco anos. A posse de Sarney gerou grande ansiedade nos brasileiros, os quais ainda viviam a pós-ditadura, vislumbrando no governo de Tancredo Neves estabilidade e segurança, com a elaboração de um novo conjunto de leis que englobasse seus interesses como uma sociedade.

O tom pesaroso da crônica, pela menção a amigos que lamentam o destino político de seu país, depois de 1985, se dá em razão de o governo Sarney não ter sido uma administração marcada positivamente, tendo atravessado uma grande crise e cooperado para classificar a década de 80 como um período de hiperinflação. Tal aspecto influenciou as expectativas da população e afetou grandemente sua economia. O parágrafo retirado do texto assim o atesta: “– Você sabe que, quanto mais o tempo passa, mais difícil acreditar que tudo tenha acontecido daquele jeito? E o que veio depois? Zélia, Collor, o irmão dele, a mãe, Bernardo Cabral, Lilian Ramos...”

A narrativa, elaborada integralmente por meio de discurso direto, confere ao texto mais aceleração e dinamicidade, além de torná-lo mais cinematográfico e facilitar a constituição do cenário da narrativa. Ademais, tal recurso ressalta, na voz de cada personagem, o genuíno sentimento que a crônica busca trazer ao leitor, conforme é possível notar:

- Ah, discurso do Sarney, lembra?
- Cruz credo, esquece isso, foi aí que tudo começou...
- Abril de 85, o Tancredo internado no Incor. Ele morreu no dia em que o congresso acabou. Todo mundo voltando para Belo Horizonte e, na primeira parada de ônibus, a notícia.
- Você sabe que, quanto mais o tempo passa, mais difícil acreditar que tudo tenha acontecido daquele jeito? E o que veio depois? Zélia, Collor, o irmão dele, a mãe, Bernardo Cabral, Lilian Ramos...

Cria-se, igualmente, na narrativa, uma antítese entre as ideias de real e de falso. Desejando que todo o trágico histórico do país não passasse de uma invenção, os colegas, ao telefone, concluem: “– Pena que tudo isso só pareça mentira. Precisava ser mentira mesmo, não precisava? – Mentira de verdade, você quer dizer?”.

O recurso metafórico consta no final do texto, quando a narradora revela ao leitor que a ficha do orelhão cai. De forma sutil e sem revelar nas linhas o tom de denúncia, aludindo à tomada de consciência ou à reflexão, no meio da conversa, sobre como seria a história política, a narradora encerra: “O barulho da ficha caindo deixa minha pergunta sem resposta. E precisava?”

### **“Chegaremos lá” - 17.11.1996**

A começar pelo título, na primeira pessoa do plural, “Chegaremos lá” compreende uma narrativa intencionada em perpetuar um clima de coletividade. Em se tratando de uma crônica política, sugere-se, desde seu início, portanto, uma narrativa que compartilha sugestões de mudanças de caráter grupal.

A cronista compartilha, durante toda a narrativa, sua subjetividade, deixando nas linhas e entrelinhas o sentimento de responsabilidade quanto à polêmica proposta de reeleição de Fernando Henrique Cardoso, pensando e repensando as condições da política vigente. Além de discutir a ideia da reeleição, emenda que enfrentou oposição política e dividiu opiniões, a narradora deixa transparecer, também, a sua indignação em relação ao voto obrigatório.

Ao longo do texto, a narradora propõe ao leitor um lance reflexivo, à medida que confessa, em mais de um momento, estar em conflito com suas próprias concepções, de acordo com o que podemos ver no parágrafo a seguir:

De tanto ouvir falar em reeleição, resolvi me perguntar o que penso a respeito, se é que penso. Após idas e vindas cheias de voltas e reviravoltas próprias de um raciocínio precário e confuso, pude concluir muito pouco, ou quase nada.

Em primeira pessoa, a cronista pondera sobre as vantagens e desvantagens do método de voto, refletindo, com o leitor, ao mesmo tempo em que se expressa de forma

crítica sobre o que compreende ser uma obrigação, e que deveria ser conquista. O trecho retirado do texto colabora para mostrar de que forma a opinião da cronista se manifesta:

Na verdade, não consigo ter paciência com essa infundável lenga-lenga se, no final de tudo, seremos – cordeiros e cordatos – obrigados a votar. Estejamos ou não reelegendo alguém, acreditemos ou não em propostas e promessas, no final de tudo, vítimas sem saída da lei do voto obrigatório, estaremos frente às urnas.

O último período confirma sua descrença nas mudanças, ao mesmo tempo em que o tom da crônica sonha com essas transformações. O uso do presente do subjuntivo sugere vontades e intenções, porém, as quais não são seguras e parecem pouco plausíveis de se realizar. O excerto que se segue atesta de que forma elas esboçam um desejo que fica implícito na fala da cronista:

Mas a democracia seria mais plena se os indivíduos só votassem quando quisessem. Quando acreditassem, não em promessas, mas no trabalho dos candidatos. Quando, em consequência, voltassem a sonhar com a transformação do mundo.

Na crônica reflexiva, que conta com um momento de ponderação, adicionado da crítica política, conhecemos, em uma visão mais romantizada e menos analítica, uma cronista que debate problemas de natureza social, convidando o leitor a pensar e se posicionar, juntamente com ela e outros brasileiros, que, com a esperança e o discernimento na dose certa, “chegarão lá”.

### **“Alguns tímidos empurrões” - 16.02.1997**

A crônica escrita em 16.02.1997 e de nome “Alguns tímidos empurrões” configura-se, ora como um texto político, ora como um texto de homenagem. Relembrando as colaborações do ex-Ministro da Fazenda do Brasil, Mário Henrique Simonsen, no governo de Ernesto Geisel, de 1974 a 1979, a narradora deixa transparecer nas entrelinhas que o falecimento da figura renomada se configurava na verdade como uma perda, uma vez que a personalidade havia sido um grande incentivador da educação para adultos, dedicando-se intensamente aos problemas educacionais do país.

O texto, que caminha por entre as linhas do político e do encomiástico, apresenta, por sua vez, um outro lado da política, que não apenas o da crítica negativa e

do descontentamento. Em se observando sua introdução, tem-se o parágrafo que contém o pensamento positivo da narração: “Brasil pode ainda não estar andando de bem a melhor, mas também não anda de mal a pior, como nos velhos tempos.”, apontando para o caráter mais positivo e esperançoso do texto.

O período ditatorial é trazido à tona, bem como a alfinetada crítica quanto ao governo de Fernando Collor de Mello, conforme se observa em: “O tempo provou que não estávamos completamente equivocados, ainda que cometêssemos escorregões imperdoáveis. Num deles – quem se lembra? -, foram eleitos os futuros patéticos moradores da Casa da Dinda...”

A crônica pode ser considerada um texto narrativo, que, em um primeiro momento, compartilha pensamentos e ponderações da cronista em primeira pessoa e que, ao final, assume o pensamento da coletividade dos brasileiros, quando faz uso do pronome “nós”. O excerto que se segue enfatiza: “Vinte anos e alguns governos depois, fico pensando que um ministro assim, musical, sem posição de sentido, deve ter nos ajudado, sim.”.

Além disso, fica documentado, no excerto acima, a posição mais libertária e democrática que sempre desempenhou o político, e os ranços do período ditatorial que permeiam o texto – reconhecidos em trechos como “Tínhamos a cabeça mais baixa, o olhar desconfiado, medroso.” – parecem minimizados quando da menção à influência do ex-ministro na política severa das décadas de 60 e 70.

Observa-se que as memórias e as sensações por essas lembranças provocadas vêm à tona, sendo a narração do falecimento do político, que ocorre no tempo presente à crônica, evento que simboliza lembranças de um tempo que já se encerrou. Sabe-se que tal mecanismo de rememoração do passado se faz característica dos textos de Viana, que traz, em grande parte, acoplado, um contraste entre presente e passado, em especial nas crônicas memorialísticas.

O vocativo e o chamado ao leitor também permeiam toda a narrativa, como se a narradora buscasse, ao longo de suas reflexões, uma cumplicidade e uma identidade com aqueles que leem. Querendo respaldo para seus pensamentos e suas considerações, a cronista materializa o convite e atrai os brasileiros a relembrem com ela o que viveram em um passado do qual ainda guardam marcas, de acordo com o parágrafo que, no meio

da narrativa, sinaliza: “Num deles – quem se lembra? –, foram eleitos os futuros patéticos moradores da Casa da Dinda...”

### **“Deus nos acuda” - 12.04.1998**

Na crônica de 1998, a narradora expõe ao leitor seu sentimento de descrença na política brasileira, ao refletir sobre a alienação dos políticos, pelo compartilhamento de um boato que se espalhara na mídia, segundo o qual o novo Ministro da Saúde nunca teria visto uma vaca.

Em razão desses rumores jocosos a respeito de José Serra, noticiados pela mídia, a cronista vai contagiando o texto com sua conduta indignada e desconfiada para com a postura do político. Em suas palavras: “Se o ministro José Serra não conhece aqueles animais que povoam os cerrados e se amontoam, tarde da noite, bem no meio das estradas de terra, animais muito maiores que nós, quem me garante que ele enxergará os microscópicos micróbios, soturnos visitantes das alas abandonadas de nossos hospitais?”

A súplica dessa vez é direcionada a Deus, de forma bem humorada. Aparecendo no título, bem como no parágrafo que encerra a narrativa, a expressão “[E que] Deus nos ajude.” parece evocar a única autoridade passível de interferir na situação de saúde dos brasileiros, a qual se encontra à mercê do acaso. Nesse momento, mantendo o tom irônico e jocosos, a cronista conclui: “Rezemos pelo ministro bem-intencionado.”

O tom que reflete no texto é o de inquietação e ansiedade. Além do uso do vocábulo “preocupação”, por diversas vezes (“No entanto, detive-me, preocupada, na nomeação do acadêmico José Serra para o Ministério da Saúde.”; “Pois minha preocupação está voltando, e continuo achando que tenho meus motivos.”), o texto parece querer dividir com o leitor uma tensão que a cronista parece não mais saber guardar.

A narrativa segue de maneira integral sem intromissões de discursos diretos. Apenas narra aflições fundamentadas pelas responsabilidades políticas que parecem respirar descaso e falta de instrução dos políticos. Longe de buscar avaliar a veracidade do boato e tentando se desvencilhar de suas próprias opiniões e preocupações quanto ao mundo da política, a narradora afirma não saber se livrar de suas responsabilidades de

cidadã, conforme se vê em: “Com o passar do tempo, acabei esquecendo o ministro e os simpáticos animais, certa de que não eram problema meu... Pois minha preocupação está voltando”.

Assim como em outras narrativas políticas, a voz da narradora parece assumir o desejo de uma coletividade, ao final. Usando o mesmo recurso estético, que, ao início do texto, parte de um discurso em primeira pessoa e que, ao final, adota um clamor coletivo, na primeira pessoa do plural, o texto se encerra, espalhando pelo ar o sentimento de abandono e medo a que estão submetidos.

## 2.5. Crônicas de Reflexões acerca de livros, leitura e escrita

Neste subtópico, cabem as análises a respeito das crônicas de Viana que abordam livros, leitura e escrita. Podem contar com as reflexões da narradora acerca de livros que tem lido, sobre livros de diversos autores que inspiram e tocam nos seus interesses, bem como contam com textos que tratam, num processo metalinguístico, sobre a escritura de seus próprios textos, refletindo e comentando sobre o ofício do cronista, compelido a, semanalmente, publicar crônicas, embora a inspiração esteja longe dali.

Outras reflexões e constatações são mais aprofundadas, querendo trazer à baila ideias sobre economia e política, a condição minimizada da educação do país e o que isso acarreta para o mercado livreiro e para a vida do escritor brasileiro.

De certa maneira, muitas crônicas de Viana destinam-se a observar a relação do homem com a leitura, seja ele escritor, seja ele leitor. Saltando de um assunto para outro – livros seus, livros de outros, o público leitor, os escritores, a educação, a leitura, a escrita –, o eixo temático gira, nessas crônicas, em torno do trinômio leitor-escritor-obra, de modo que podemos reconhecer, nos textos, o processo pensado e minuciosamente raciocinado que é o da escritura do texto.

Por conseguinte, são observadas com mais minúcia algumas das crônicas de Viana que falam sobre o ofício da escritura e da leitura, crônicas que discutem sua condição de escritora, num tom descomprometido, propiciando ao leitor um pouco do olhar do escritor com respeito ao seu trabalho. As dificuldades e os percalços do ofício do escritor, mais propriamente do cronista, e seus obstáculos no papel de criador e elaborador, de maneira transparente, ficam documentados frente aos olhos do leitor, conforme será constatado nas análises que se seguem.

Em se tratando da leitura e da escrita, é possível recordar Barthes (1988), que alude à leitura, em especial àquela para a qual não se exige estudo, mas aprendizado, que é a leitura que se faz ao longo da vida, ou a leitura que está próxima da conotação, a qual permite “[...] colocar o direito ao sentido múltiplo e liberar a leitura” (1988, p. 45).

Ler não se limita à decodificação dos signos linguísticos, mas vai além e significa dar sentido, seja a um texto, seja a uma situação vivida, descolando-se, por

vezes, da pura denotação e desvendando o seu significado, atingindo o prazer de se sentir descobridor, envolto naquilo que não se havia percebido.

Ler é importante para a emancipação do leitor, para um melhor estudo e conhecimento da língua, para o alongamento das experiências pessoais e um maior conhecimento do mundo, para dar prazer. A fruição solitária do livro é um lazer produtivo, pois não se reduz apenas a um passatempo, uma vez que tem função social, cultural e educativa. (YUNES; PONDÉ, 1988, p. 145).

A leitura coloca-se, portanto, como importante recurso do qual se vale o leitor, não apenas para compreender algo, mas também para colocar em prática um novo olhar e novas ações. As funções da leitura – social, cultural e educativa – atribuem a esse ato uma projeção larga, sendo o ato da leitura capaz de ajudar na modificação do mundo através de novas compreensões e atitudes por parte do leitor.

As questões levantadas pelo escritor para serem refletidas pelo leitor são questões que o próprio autor se pergunta e para as quais busca respostas. Leitor e escritor trabalham juntos, pensando, se indignando, conversando via livro, em tempos diferentes, sobre os assuntos trazidos previamente por quem escreve.

Quando atentamos para o estudo da entidade autor de um texto, deparamo-nos com uma figura que reconstrói uma realidade, a qual não fica atrelada somente à individualidade daquele autor, mas se coloca como uma realidade que compreende elementos externos, de natureza coletiva, sendo o fôlego de uma determinada cultura ou de um ambiente.

Foucault (2000) afirma que o autor é um campo de ideias e conceitos; é ponto comum de certo número de acontecimentos; é o representante de um momento histórico, ao mesmo tempo em que é uma heterogeneidade individual construída por seus diferentes textos, no sentido de ser caracterizado por todas as naturezas de textos que tenha vindo a escrever.

Esse autor é, portanto, uma construção diretamente ligada ao indivíduo que escreve o texto, mas sua peculiaridade é que ele se apresenta ali como uma unidade singular e diferenciada, onde se origina a escrita. Em outras palavras, no próprio escritor, as aparentes impossibilidades e incongruências se encontram, se ajustam, encontram seu sentido, e são essas combinações de elementos dentro de uma mesma entidade que caracterizam cada autor.

Para Viana (2005), o processo da escritura, desde seu princípio, tem o objetivo e a intenção de trazer algo que vai além do simples entretenimento para o leitor, mas parte de um desejo e necessidade do escritor em tratar de assuntos e problemas da sociedade que merecem ser observados com mais tenacidade.

[...] eu escrevo porque eu leio. Eu tenho poucas certezas na vida, mas uma certeza é que a gente só chega à literatura pela leitura [...] eu acho que hoje, como sempre, o papel da literatura é o papel da arte em geral. Eu acho que é tudo junto, é uma criação, é um jeito de você chegar no outro, e do outro, chegar em alguma coisa. Então, eu acho que é um papel de uma coisa de questionar mesmo, de lançar as coisas por aí, de fazer o povo pensar, pensar junto, fazer pensar, não, porque é pretensioso. Mas eu acho que é pensar junto com o leitor. Eu penso pra escrever e eu espero que ele leia pensando, eu acho que é isso, é alargar o horizonte... O pensamento alarga. Eu acho que se a gente alargar o horizonte próprio e o do leitor, já tá maravilhoso, missão cumprida. (VIANA, 2005).

É possível, portanto, remeter o olhar da cronista ao pensamento de Candido (1972, p. 804), que, como Viana, atribui à literatura uma função humanizadora, observando nas escrituras uma capacidade sublime de ratificar a humanidade do homem leitor.

Fica contida nas entrelinhas a ideia de que o autor deve ser um facilitador para a reflexão da sociedade sobre as questões do mundo que andam mexendo com as emoções das pessoas de modo geral. São histórias que, lidas, colaboram para a produção de novas histórias, novos olhares, única a cada leitor.

Barthes (1981), de maneira similar, focaliza o papel da literatura e afirma o caráter humanizador e questionador da literatura, quando destaca que “[...] a escrita é a arte de levantar questões e não de lhes responder. Quando as questões levantadas são verdadeiras, elas incomodam” (1981, p. 15).

### **2.5.1. Análise das crônicas de Reflexões acerca de livros, leitura e escrita.**

#### **“Títulos milagrosos” - 12.08.1990**

Nos textos em que a cronista trata, de alguma forma, do ofício da escritura e leitura, encontramos temáticas focadas em contações de história e reflexões que avaliam desde o processo editorial, até as subjetividades da profissão “escritor”. De forma lúdica e despretensiosa, a narradora de “Títulos Milagrosos”, ao contar ao leitor sobre o seu encontro com distintas obras em diferentes ambientes, aponta para o processo de escolha editorial sobre temas de livros.

A brincadeira de adivinhação da cronista sobre onde e por que estariam seus livros sugere a relação maternal do escritor com a sua obra, fato que fica revelado no início da narrativa, quando a cronista confidencia: “Quando publiquei o primeiro livro, em 1977, sonhava com ele nas prateleiras das livrarias. Só entrar e pedir, pensava. O vendedor viria apressado, me entregando a obra acabada de chegar.”

De forma também simbólica, escritor, na crônica de Viana, pode ser entendido como uma figura analítica e filosófica, visto que passa o tempo todo pensando nos porquês e nas razões pelas quais livros estão sendo vendidos em determinados locais. Os excertos que se seguem ratificam, além de reforçar o caráter anafórico da crônica, que reitera a expressão várias vezes: “O que será que ele está fazendo aqui?, pensei.”; ou em “Nem precisei pensar muito.”; ou em “O que será que será que esse livro da Cristina está fazendo aqui?, pensei.”

O texto traz, ainda, o recurso da ancoragem, quando partilha com o leitor o espaço do Aeroporto de Cumbica, localizado na cidade de Guarulhos, em busca de atribuir veracidade e aproximar a narrativa do mundo real. O texto, o qual mescla subjetividades e materialidades sobre a vida de escritor, combina, na verdade, elementos – realismo e poeticidade – que também integram a natureza da crônica.

Pode-se observar na crônica, além disso, uma característica que parece integrar em grande escala a escrita de Viana, segundo já destacado neste trabalho, que é o processo de rememoração do passado, apresentando-o como antagônico ao tempo

presente. Fazendo referência à imaturidade do início da vida profissional, que hoje, mais estável e resolvida, é vista com outros olhos, a narradora confessa:

Quando publiquei o primeiro livro, em 1977, sonhava com ele nas prateleiras das livrarias. Só entrar e pedir, pensava. O vendedor viria apressado, me entregando a obra acabada de chegar. O tempo, que costuma encarregar-se de tudo, cumpriu seu papel. Foi me mostrando, devagar e sempre, que, por mais que se sonhe, sonhos não passam de sonhos.

A crônica é narrada em primeira pessoa, destacando as experiências que a narradora viveu ao longo de sua atividade como escritora, fato que a apresenta ao leitor na condição de personagem de sua própria narrativa, como se pode ver em: “Assim, pensei estar vivendo um milagre quando, certa tarde, no Aeroporto de Cumbica, em Guarulhos, encontrei um de meus livros entre Iacoccas e Sheldons.”

O livro encontrado pela autora na banca de revistas do aeroporto, cujo título é *O mundo é pra ser voado* (1988), é constituído por uma narrativa em primeira pessoa, na voz de um adolescente de quinze anos que descobre, pelo choro abafado da mãe, pelo silêncio dos pais e pelos sussurros deles ao telefone, que a família ia se mudar de cidade mais uma vez.

Nessa obra, ganhadora do Prêmio Jabuti de Literatura Infantil no ano de 1989, fica retratada a constante busca da família brasileira por melhores condições de vida, colaborando para a construção do retrato da família de mentalidade totalmente convertida ao capitalismo, numa busca por melhores condições sociais, levando o leitor à reflexão a propósito dos valores e princípios das famílias.

Observa-se, portanto, que o livro segue a mesma linha de pensamento que encontramos nas crônicas urbanas, ao tratar dos assuntos que dizem respeito à família, deixando nas entrelinhas a influência do mercado de trabalho competitivo e exigente na dinâmica familiar.

“Títulos Milagrosos” é uma narrativa em grande parte reflexiva, já que a cronista, durante todo o texto, reflete sobre o local de morada das obras; e tem também um toque de humor, quando das conclusões encontradas dentro da crônica acerca do porquê destes livros estarem onde estão. O excerto “Nem precisei pensar muito. Era o título, pô! O mundo é pra ser voado não é um bom título para aeroportos? Talvez tenham

pensado se tratar de uma obra técnica – útil, portanto – sobre os segredos da aviação...” comprova o aspecto lúdico do texto, já que a cronista abre a possibilidade para que sua narrativa tenha sido compreendida como um manual de instruções de voo.

Fica também, nas entrelinhas, documentada a capacidade do texto literário de falar aos diferentes públicos de diferentes formas, e ser compreendido de forma particular para cada leitor, conforme também ratifica o excerto que narra o encontro da cronista com *O mistério do livro sem mistério*, de Cristina Agostinho. Entendido como um texto de investigação, em razão de seu título trazer com ele o simbólico vocábulo “mistério”, a narrativa, que relata uma paixão entre adolescentes, encontra-se instalada entre os livros de Agatha Christie e Hitchcock.

#### **“Confidências sem fim” - 17.02.1991**

A crônica de 1991, fazendo jus ao título que leva, encontra-se imbuída, durante toda a narrativa, em confidenciar-se com o leitor sobre aspectos de sua intimidade e particularidade. A cronista, em sua condição de escritora, da qual sempre se espera um contato estreito com os assuntos da escrita e da leitura, confessa que os livros não são sempre parte de seu cotidiano, com exceção das biografias.

De forma alusiva, as biografias e crônicas possuem uma mesma raiz. Em outras palavras, ambos os gêneros desfrutam de uma mesma intenção, quando de sua origem. O cronista era contratado para relatar os grandes feitos de algumas autoridades, celebrando suas ações, sua coragem e sua força. Chegou a ser caracterizada como “diário de campanha”, expressão que revelava dúvida à fidelidade dos fatos ali narrados, em razão de o cronista estar subordinado e ser o responsável por agradar a quem o contratara.

Analogamente, a biografia configura-se como um gênero literário que narra a história da vida de alguém, podendo ser póstuma ou não. Esse gênero apresenta os fatos de um ponto de vista crítico, remetendo a valores, crenças e atitudes do *biodatado*, não se atendo apenas aos acontecimentos de forma historiográfica ou documental – ou pode simplesmente pontuar aspectos da vida profissional da pessoa.

Assim, o relato da narradora, na condição de cronista, o qual revela seu apreço pelas narrativas biográficas, talvez se dê no âmbito da identidade que existe entre ambos os gêneros literários, que é o da amplificação de fatos e acontecimentos do cotidiano da vida das pessoas, imprimindo a eles magnitude e grandeza, além de conferirem ao leitor uma experiência em tom de confiança, conforme ela mesma, em suas palavras, descobre: “Se um livro comum parece uma conversa do autor com o leitor, uma biografia lembra uma confiança.”

A linguagem da crônica, seguindo a tendência destacada, pode ser considerada simples e espontânea, aproximando-se da linguagem oral. Além da temática, portanto, o estilo do texto também contribui para que o leitor se identifique com o cronista, tornando-se confiante da voz do texto. Tal constatação pode ser notada em trechos retirados do texto: “Ainda que três livrarias estejam no meu trajeto diário casa-trabalho, eu mentiria se dissesse que entro ao menos numa delas todos os dias.”

Na verdade, a narrativa surpreende por focar a experiência da cronista, que por determinado momento se desprende da condição de produtora do texto e se coloca na posição de receptora ou de leitora: “Talvez esteja aí, na distância entre o esperado e o inesperado, a mais surpreendente experiência por que passa um leitor de aventuras e desventuras alheias. Penso que se ler é bom (e é), ler biografias ou autobiografias pode ser ainda melhor.” O leitor, conforme se observou, é a entidade que faz com que a obra se complete, atribuindo a ela o significado que o escritor se encarregou de começar.

A narrativa, que está em discurso indireto e enfoca as impressões e sensações da cronista a propósito da leitura, estando, dessa maneira, construída em primeira pessoa, aborda igualmente um lado doméstico, que custa a chamar atenção do leitor, tão pequena é a projeção que a própria escritora imprime a ele.

Em “Na verdade sobrevivo semanas inteiras sem nem lembrar que elas existem, ou porque me deixo colher na armadilha interminável de escolas, bancos, açougues, padarias, farmácias e supermercados, ou por pura distração.”, encontram-se implícitos compromissos domésticos que são obrigados a conviver e disputar espaço com os compromissos particulares e reservados da cronista e seu cotidiano. Em outras palavras, o lado profissional, talvez em razão de o relato se revelar na voz de uma escritora do sexo feminino, não deixa de estar sempre à mercê de compromissos domésticos da vida da escritora.

### “Quando a chuva exagera...” - 02.02.1992

A crônica metalinguística “Quando a chuva exagera” revela ao leitor segredos de leituras da narradora, ao mesmo tempo em que trata do processo de escritura dos textos desse gênero. Em uma pequena e despreziosa reflexão, encontram-se marcas do que a cronista compreende pelo ato da escrita, bem como ficam nas entrelinhas conceitos que integram o mundo da literatura, como o da criação e o da inspiração, os quais fazem parte do ofício do escritor.

Assim, fica retratado ali o momento de criação literária, as dificuldades e os percalços do responsável pela publicação semanal das crônicas, ainda que os assuntos e temas estejam encontrando dificuldade para nascer na mente daquele que escreve, conforme atesta o parágrafo: “Sou apenas uma cronista que não sabe pensar outras coisas quando a chuva exagera...”

Pode-se perceber, ainda, que a narrativa trabalha intertextualidades e referências na narrativa, que, aparecendo ao leitor em primeira pessoa, fazem três menções a diferentes livros (*Cem anos de Solidão*, de Gabriel García Márquez, *A Bíblia Sagrada*; e *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos). Graciliano Ramos, que desperta grande apreço da narradora, em função de sua linguagem sintética e muito simbólica, aparece dentre os autores com frequência citados pela autora em entrevistas e mesmo em suas crônicas.

Assim, pode-se salientar que a crônica de Viana, com uma dose de bom humor ao final, quando a cronista, em razão da chuva, revela que gostaria de desfrutar da leitura do livro *Vidas Secas*, brinca com as ideias opostas de seco e molhado, pontuando antíteses dentro da narrativa, de acordo com os parágrafos que se seguem: “Vim passar uns dias no interior de Minas e não sei quando a chuva vai me deixar sair daqui.” e “Que livro eu gostaria de estar lendo nesta “ilha”? Ah! *Vidas secas*, uai!...”

A narrativa conta, ainda, com a aparição da fazenda, que conecta a cronista com o seu lado rural, estratégia que sempre acontece nas crônicas de Viana, como forma de humanizar e caracterizar a cronista “tal qual ela é”. Os elementos da natureza encontram-se elencados, juntos com a chuva, todos colaborando para caracterizar o ambiente bucólico que a narradora destila, por meio de suas palavras:

Quando o córrego do Lenheiro mostra que, se quiser, deixa de ser manso... Quando o Rio das Mortes lembra que, além de preguiçoso, pode ser sinuosamente traiçoeiro... Quando a fazenda, onde vim passar uns dias, vai ficando cada vez mais longe de tudo, sem ônibus, sem estradas, sem pontes, sem notícias...

A chuva aparece, por outro lado, como o elemento que altera a tranquilidade e o clima de paz que sempre fica atribuído ao ambiente rural nas narrativas de Viana. Aqui, a chuva transforma o córrego do Lenheiro, torna o Rio das Mortes traiçoeiro, além de isolar o habitante da fazenda, que fica sem acesso às estradas e pontes. Assim, a fazenda é retratada de modo muito particular, diferenciando-se das alusões ao campo que se verificam em grande parte dos textos de Viana.

### **“Mágica antiga” - 12.09.1993**

“Mágica antiga”, crônica de 1993, numa estratégia distinta e particular, narra a história da própria cronista e seus tinteiros, agora em foco narrativo diferente: em terceira pessoa. Tal mecanismo colabora e complementa a escolha da narradora em tecer um texto direcionado para o leitor, estimulando sua participação no texto, com o uso de vocativos e convites a pensarem juntos, como em: “Algum leitor, tão antigo quanto a cronista, poderá se lembrar dos seus tempos de criança?”, ou: “Pois a cronista acabou recebendo cinco dessas raridades, a memória do leitor se lembra?” e, por fim: “Pois hoje a cronista quer dividir um segredo com o leitor...”

Tal recurso confere uma aproximação entre escritor e leitor, passando este de cúmplice do texto a ativo participante da estratégia textual da crônica, que é a de falar de forma particular a quem lê, fazendo uso de uma linguagem acessível, em tom de quem conta um segredo o qual somente leitor e cronista sabem.

O texto metalinguístico de 1993, por meio da confiança ao leitor sobre o modo de escrita da crônica, segue em tom de narração, não fazendo uso de discurso direto e misturando contação de histórias e saudades. A temática, o tinteiro, apresenta-se como um assunto simples e descomprometido, e de sorte que a narrativa não se elabora de maneira reflexiva nem densa, assumindo um tom leve, atestando a capacidade do gênero

cronístico na produção de textos que imprimem grandiosidade a assuntos cotidianos e corriqueiros, os quais poderiam, com facilidade, passar despercebidos.

O vínculo que a crônica estabelece com a categoria para a qual foi destinada se dá em razão de, em determinado momento, a narradora confidenciar com o leitor que faz uso do tinteiro para esboçar a crônica. Desse modo, a escolha do tinteiro, para a escrita da crônica, transforma-se no tema do texto, misturando-se, pois, detalhes da produção e da elaboração do texto, com o texto em si. Isso pode ser confirmado no próprio texto: “Pois hoje a cronista quer dividir um segredo com o leitor: enquanto escreve mais uma crônica, ela contempla, à sua frente, a mágica dos tempos de criança.”

As memórias também fazem parte da narrativa, que deixa transparecer, nas entrelinhas, a crença de tempos passados melhores do que os atuais. Seu apreço pelos elementos de sua infância fica documentado em impressões e reflexões baseadas nessa ideia, segundo se vê na fala da narradora, na qual exprime sentir falta dos antigos tinteiros.

Note-se que a falta do tinteiro transforma os dias atuais em “lamento”, em suas próprias palavras: “Recordando os tempos antigos, quando eles podiam ser encontrados em qualquer papelaria, e lamentando os atuais, quando, caídos em desuso, eles se transformam em artigos de luxo, raridades excêntricas...”

Num discurso cheio de memórias, a escola, os irmãos, as tarefas de casa, todos são lembrados pela autora, complementando sua tendência à exaltação das coisas do passado, que adquirem sempre um tom especial nos escritos de Viana, conforme se pode ver não somente no excerto acima, mas também em:

Mágica diária, milagre rotineiro, o tinteiro Econômico sempre foi, para a cronista, a maravilha inatingível, presente apenas entre livros e cadernos dos irmãos mais velhos... enquanto escreve mais uma crônica, ela contempla, à sua frente, a mágica dos tempos de criança. Vinda de Belo Horizonte, saída dos guardados e da ternura de D. Dulce Costa, sua professora de português do curso primário, em São João del-Rei...

O uso das expressões “mágica”, “milagre” e “maravilha”, para caracterizar o tinteiro, lembrança dos tempos de criança, reforça a ideia que se tem sobre as idealizações dentro do texto. Tem-se aqui o olhar idealizado sobre a caneta, que acontece na infância, bem como o olhar da própria cronista sobre a infância, o qual pode ser considerado igualmente idealizado.

### **“Fingindo que estou de férias” - 02.01.1994**

A crônica de 1998 traz ao leitor, por meio de uma narrativa em primeira pessoa, a contação de uma história do cotidiano da vida do escritor. Fica documentado, em sua descrição, o momento em que se prepara para cumprir com sua obrigação de cronista, como é possível notar em: “Deixo o escritório pra lá, ponho tinta na caneta, um disco na vitrola (como é mesmo o nome das vitrolas, hoje?), busco – e encontro – um sofá e, bloco no colo, trato de escrever essa crônica, que hoje é dia...”

É possível observar, dessa forma, o tom metalinguístico da crônica, que discute e trabalha a escritura da própria crônica, apontando para um texto que nasce de um momento de tranquilidade, no conforto do sofá e ao som de boas canções. Nas palavras da própria autora, de outras boas coisas se faz ainda o texto cronístico, como as memórias e recordações sobre os singelos momentos da vida.

O parágrafo final do texto confirma: “Histórias tão nossas, que a gente fica, caneta parada no ar, pensando que uma boa crônica seria, quem sabe, aquela nascida do fundo mais fundo, evocando ranchos, luares, boiadas e casinhas bem pequeninas...”

O texto, como acontece em outras narrativas de Viana, rememora o passado e trabalha de forma muito parecida com as lembranças de infância. A ambiência rural ganha destaque por oferecer um recanto que propicia prazeres simples, ingênuos, mas que se apresentam, sempre, nos textos de Viana, como as verdadeiras e saudáveis brincadeiras.

Conforme já observado em outras narrativas, a música, em grande parte dos textos de Viana, ganha espaço, atribuindo às suas crônicas uma espécie de trilha sonora, que embala e dá ao leitor pistas sobre o assunto e a temática do texto. Nesse caso, Rolando Boldrin e sua música de temática rural ficam em evidência, colaborando para o tom rural que a crônica vai, aos poucos, ganhando: “Enquanto Rolando Boldrin anuncia, num sotaque familiar, mineiro, caipira, que ‘o galo já tá cantando, e a barra do dia envém’, penso que esse galo bem que podia cantar, também, pra barra do ano que, bem ou mal, entre altos e baixos, acabou de chegar...”

Em acréscimo, percebe-se que o doméstico, o privado, também não passam despercebidos, ainda que tenham sido trazidos ao texto por meio de uma breve menção.

A narradora revela ao leitor que é no momento em que a família sai de casa, em férias, no qual a narradora se encontra desvinculada de suas obrigações com o lar e com os filhos, que ela se encontra dona de seus próprios compromissos e pode, desse modo, exercer suas responsabilidades profissionais. Em suas palavras: “Todo mundo viajando, resolvo fingir que também estou de férias.”

A narrativa, sob a aparência de simplicidade, em razão de sua temática pouco reflexiva, soa como uma despreziosa confiança ao leitor sobre o ofício de escrever. Deixa nas entrelinhas, porém, posicionamentos e olhares que estão presentes em outros textos, como os relacionamentos em família e o apreço pela simplicidade da ambiência bucólica.

### **“Sinal de chuva” - 26.03.1995**

A narrativa de 1995 configura-se como um texto pleno de poeticidade, escondido sob uma roupagem de simplicidade e de inocência. Enquanto escreve a crônica, de forma metalinguística, a narradora comenta o processo da escritura. De papel e caneta na mão, faz menção à criação literária e alude aos percalços do escritor, obrigado a lidar com a demora das frases em surgir, que abrem espaços para momentos de divagação.

Com efeito, o texto constitui-se em dois momentos: um que compreende um olhar mais subjetivo, configurando-se como uma pausa para divagação e contemplação daquilo que a cerca, momento que trabalha no plano da idealização e da memória; e um segundo momento, no qual a cronista retoma sua consciência e retorna ao presente, no qual se passa a crônica, enquanto desenvolve a escrita de seu texto.

O tema da crônica apresenta-se justamente como sendo esse intervalo entre o surgimento das ideias e das frases, na confecção do texto, instaurado aqui como um momento de divagação. De forma expressiva, nesse intervalo de digressão, é justamente a ambiência do campo que lhe toma a mente. Apontando para um desejo que necessita ser suprimido, em razão do dever de escrever, os elementos da natureza, como vacas, flores, frutas, chuva, sol, ficam documentados com muito afeto. Em suas palavras:

Cinco horas da tarde, na fazenda. Eu podia estar olhando as vacas, todas pintadas de preto, só uma de vermelho. Ou podia estar no jardim, as

flores todas úmidas, culpa de um chuveiro passageiro, só os vasos secos, culpa da varanda. No quintal, todos os pêssegos e jambos maduros, só as pêras verdes.

Quase que ciclicamente, a narrativa de Viana revela ao leitor mais um pouco de seu apreço pelas coisas da fazenda, espaço que possui, aqui, um simbolismo muito forte de tranquilidade e positividade, fazendo, quase sempre, um contraste no que diz respeito às coisas da cidade ou, como acontece nesse caso, exibe uma relação de antagonismo com a função da escrita.

A escritura aparece como uma obrigatoriedade que priva a narradora de estar em contato com aquilo que, conforme se constata em uma grande variedade de textos, realmente a atrai e a cativa – a fazenda. Isso é visível no excerto a seguir:

Cinco horas da tarde, na fazenda. Estou aqui, papel e caneta, cumprindo, mais uma vez, esse dever semanal. Quando a frase demora, dou uma olhada lá pra fora. Sobre o fio elétrico, muitos passarinhos, só as andorinhas me dizendo que vai chover.

Além disso, verifica-se que embora o momento de digressão se encerre, a natureza ainda integra o momento de lucidez da narradora, que enxerga os pássaros no fio e deduz sobre a chegada da chuva.

As tradições do campo ficam ainda subentendidas, já que a narrativa conta não apenas com a menção das árvores, animais, flores e frutos, mas carrega na voz da narradora o peso do conhecimento do morador do campo, que sabe, ao ver os pássaros sentados no fio elétrico, que a chuva se aproxima. Dessa forma, pode-se falar em algo como uma intenção em documentar que a escrita, representante da cultura e do letramento, não abre mão do aprendizado basilar daquilo que não se aprende nos livros ou na escola, mas na experiência da vida.

Observando-se o texto em nível estrutural, pode-se dizer que a narradora emprega construções anafóricas, em razão de compartilhar estruturas textuais repetitivas, conforme os seguintes períodos retirados do texto o atestam:

Podia estar numa porteira de divisa, as terras todas iguais, só o olhar mais demorado me dizendo que as do lado de lá me couberam na herança. Podia estar na cozinha, no rabo do fogão de lenha, as vozes todas se misturando, só as que já se foram se cristalizando. Podia estar no porão, as lembranças se desprendendo, a memória aprisionando. Podia estar na beira da estrada, só o silêncio passando. No quarto escuro, só o sonho chegando. Debaixo do sol, os olhos ardendo.

O verbo “podia”, assim repetido, traz a ideia de condicionalidade para dentro do texto, deixando, ainda, nas entrelinhas, o desejo da narradora em estar exercendo outras atividades que não a da escrita no momento em que reconhece a dificuldade em encontrar um tema para a crônica, que se configura como um dever semanal: “Estou aqui, papel e caneta, cumprindo, mais uma vez, esse dever semanal.”

Temáticas como a morte ficam igualmente focalizadas de forma sutil em momentos de lembrança da narradora, que confia ao leitor descomprometidamente sobre as vozes que se misturavam no ambiente da cozinha do sítio, bem como sobre as terras que ficaram de herança, após o falecimento do pai:

Podia estar numa porteira de divisa, as terras todas iguais, só o olhar mais demorado me dizendo que as do lado de lá me couberam na herança. Podia estar na cozinha, no rabo do fogão de lenha, as vozes todas se misturando, só as que já se foram se cristalizando.

A narrativa se encerra com a ideia que dá título ao texto, que é a da ciência da narradora sobre a chegada da chuva, confiança que atribui ao texto o já mencionado tom reflexivo sobre as leituras diferentes, aquelas que não são confinadas a livros, mas leituras de vida, que nascem das experiências, do olhar e dos conhecimentos.

### **“Socorro!” – 25.02.1996**

A narrativa “Socorro!”, escrita em 1996, revela ao leitor, de um jeito bem humorado, “os bastidores” da escrita da crônica de Viana, em que filhos e mãe, juntos, teorizam e conjecturam sobre o ato de escrever crônicas. Podendo ser considerado um texto metalinguístico, porque escreve sobre o ato da escritura, o texto busca incluir o leitor no cotidiano da escritora.

Pressionada pelo editor do suplemento *Fim de Semana* quanto ao seu prazo para entrega do texto da semana, a cronista vai, de modo natural, confiando ao leitor sobre a humanidade e a fraqueza do escritor, que se vê, muitas vezes, sem ideias, e, que, nessa narração, está obrigado a mentir sobre a confecção de seu texto, em razão de estar encurralado entre o tempo-limite e a obrigação de escrever.

Esse movimento de “abrir o jogo” com o leitor, característica peculiar do gênero cronístico, que encontra espaço para desfazer-se de recursos e ornamentações literárias,

faz da crônica um texto transparente e que propicia uma proximidade entre leitor e escritor. A clareza sobre o fazer do texto revela-se em alguns excertos:

Antes não tivesse atendido ao telefone. Se ficasse quieta no meu canto, não ouviria, a quase seiscentos quilômetros, a voz de Denilson querendo saber que rumo tomou a crônica dessa semana. Não tomou rumo nenhum, simplesmente porque ainda não a fiz, mas digo-lhe que estou terminando, mando logo, até o título está pronto...

Além de trazer à baila o ofício do cronista, são discutidos, nesse texto, características e particularidades a respeito da crônica de Viana e das crônicas de forma geral, uma vez que se apresentam como textos em tom de conversa, assemelhando-se a uma contação de histórias. Em outras palavras, pode-se entender na crônica um processo de identificação entre leitor e narrador, por meio de um compartilhar de experiências que se tornam comuns entre eles.

A família ganha espaço na crônica de Viana, à medida que os filhos participam do processo criador dos textos, exprimindo suas opiniões sobre os escritos da mãe. Recursos estilísticos do texto cronístico são discutidos, como a linguagem próxima da oralidade, bem como marcas particulares da escrita da cronista, como o “jeito mineiro” de escrever, ficam na pauta da conversa entre os três:

O mais novo se entusiasma dizendo que talvez consiga me imitar. – É só a gente escrever como se não estivesse escrevendo, mas conversando, ele diz. É assim que você faz, mãe. Parece que a outra pessoa não vai te ler, mas conversar. É desse jeito que você faz, sabia? O mais velho discorda, dizendo que não é tão simples assim. – Seu jeito de escrever é mineiro demais, mãe. Acho que não consigo imitar.

A presença dos filhos na narrativa remete, ainda, para um modelo familiar que se perpetua nas narrativas de Viana, nos quais quase sempre o pai não se encontra, estando, os pequenos, sob responsabilidade da figura materna. De forma simbólica, filhos e mãe desfrutam de uma relação de intimidade e se conhecem muito bem, fato que atesta seu convívio doméstico.

Aqui, responsabilidades domésticas e encargos profissionais se misturam, transformando a narrativa, sem tom de queixa, no que pode vir a ser um retrato da situação cotidiana feminina, que acumula funções, pois a conquista do mercado profissional não dispensou o cultivo das relações domésticas e familiares.

O texto dá voz a cada um dos personagens citados, mãe e filhos, em discursos diretos, recurso que comprova de maneira concreta a ideia do narrador. Buscando que o personagem se posicione, o recurso direto, aqui, colabora para que os personagens tomem corpo, donos de opiniões e posturas próprias, em favor de corroborar fatos relatados pela cronista.

### **“Cadê a crônica?” - 02.03.1997**

A crônica de 1997 perpetua uma preocupação parecida com a que dá tema ao texto do ano anterior: o prazo apertado e a responsabilidade da produção semanal – e pontual – dos textos para o jornal. Aqui, o tom mais incisivo de quem se encontra pressionado fica nas linhas, como expressa de forma explícita o primeiro parágrafo: “Nem tive tempo de respirar e já é hora de outra crônica. Se não escrever voando, telefonam do Fim de Semana. Simpáticos e eficientes, ele sabem, como ninguém, cobrar pontualmente minhas eventuais impontualidades.” A linguagem irônica e mordaz não esconde a problemática relação que, como qualquer outra, também é, aqui, profissional.

Sob esse viés, a profissão de cronista aparece munida de todas as cobranças e exigências que possui uma outra profissão, e tal escolha da narradora, de partilhar com o leitor tais particularidades, expõe o processo da escritura a uma posição de ofício sujeito a desafetos e sofrimentos, desvinculando o texto de qualquer conotação romantizada e heroica.

Tal movimento de afastamento de noções de senso comum em relação ao texto, tais como os basilares e simplistas conceitos de inspiração e suas subjetividades, ajudam na compreensão do texto, como uma tessitura elaborada com trabalho e diligência.

O parágrafo central da narrativa é longo e causa exaustão, em especial se comparado ao parágrafo que o precede, que ocupa uma linha apenas na narrativa. Tal recurso de estender o parágrafo em longas linhas infindas funciona como uma tentativa de, de fato, exaurir a leitura, da mesma forma que se sente a cronista naquele parágrafo: fatigada com os compromissos domésticos, de acordo com o que ela mesma confidencia:

Dessa vez, a culpa talvez tenha sido de pedreiros, carpinteiros e marceneiros. Minha casa, na verdade um apartamento que teve goteiras no meio do ano passado, não quis mudar de vida no novo ano. O gesso do banheiro, quebrado há meses, está sendo retocado. Uma parede, causando sei lá que problemas ao vizinho de cima, precisa ser arrebentada. Uma fechadura enguiça com a chave na porta, uma torneira começa a vazar sem aviso prévio, lâmpadas acendem e apagam sozinhas, janelas batem de madrugada...

Tantos compromissos com a casa levam a refletir sobre como as responsabilidades ficam, de maneira quase que integral, sob seus cuidados, de sorte que sua vida profissional está prejudicada e afetada por essas obrigações. Assim como se constatou na crônica antecedente, em sua condição de mulher, a voz da cronista não deixa de apontar para o fato de como as conquistas no âmbito profissional podem somente representar uma somatória de tarefas e funções no cotidiano feminino.

De forma interessante, o parágrafo que se segue, igualmente constituído por apenas uma linha, dá ao leitor duas pistas diferentes, que podem ser complementares, ou não. Ela confessa: “Claro que exagero, mas escritor é assim mesmo, um mal sem remédio que conta mentiras e inventa verdades...”, deixando nas entrelinhas dois tipos de atitudes diferentes, que, nas ponderações que se seguem, são apresentadas.

Tal excerto pode seguir a linha de raciocínio sobre a condição feminina, simbolizando uma tomada de consciência instantânea, marcada por um processo de repressão. Em outras palavras, seria o reconhecimento de que tais funções não podem se configurar como um peso, por constituírem parte de sua responsabilidade e obrigação. Dessa forma, a própria narradora se corrige, atribuindo à sua fala um viés ficcional.

Por outro lado, o excerto que parece justificar o longo e exaustivo parágrafo sobre as responsabilidades para com os problemas da casa poderia configurar-se como uma intenção da narradora em lembrar que mesmo o texto cronístico apresenta seu lado ficcional, em razão de, por tantas vezes, ela mesma ter desmascarado o texto ao leitor, mostrando seu lado objetivo e dependente da figura humana e profissional que é o escritor.

A própria crônica parece, portanto, questionar a aparência de simplicidade das relações e dela mesma, que, sob uma roupagem simples, por meio de uma linguagem oralizada e de uma temática aparentemente descomprometida, apresenta um texto altamente simbólico e cheio de expectativas e questionamentos.

O texto narrativo, construído integralmente do ponto de vista do narrador, que, em primeira pessoa, destila suas elucubrações sobre o ofício do escritor, se encerra em um parágrafo com uma dose humorística e capaz de corroborar a intenção da crônica em ser um texto simples e descomprometido: “Mas que minha casa está precisando urgente de uma benzeção, ah, isso está...”

### **“Que nem avião” - 09.09.1998**

A crônica de 1998, texto que encerra a seleção de crônicas relativas à categoria de narrativas que tratam sobre leitura e escrita de textos, pode ser classificada como descritiva e, em primeira pessoa, exhibe pensamentos e reflexões acerca da efemeridade das coisas da vida.

Sob a perspectiva da pressa com que corre o tempo, a crônica, que só revela sua preocupação com o ato da escrita do texto ao final, enfoca uma personagem criança, não nomeada, a qual, em discurso direto, produz uma comparação entre o tempo e o avião: “– Ele passa depressa, voando igual avião.”

Num processo semelhante ao que geralmente acontece nas narrativas de Viana, é trazida à baila, igualmente, a comparação entre o tempo presente e o tempo passado, com a diferença de que, dessa vez, o passado não se apresenta necessariamente em posição de vantagem, como ocorre na maioria das menções da narradora. O excerto que se segue evidencia tal constatação:

Quase lhe disse que houve um tempo em que o tempo voava como passarinho, mas deixei pra lá. Talvez ela não conseguisse entender que então os meses se arrastavam preguiçosamente parecendo sem fim. Principalmente agosto e outubro, os piores.

Ao trazer para dentro das narrativas a menção sobre alguns do que são, para ela, considerados os “piores meses”, a narradora registra a referência à política do país, conforme se pode ver em: “Agosto, cheio de azares, suicídio de um presidente, renúncia de outro, eternamente rimava com desgosto.” – ou em: “Em outubro, nós, pobres eleitores, votamos sem nem conhecer direito os candidatos, tudo por culpa da falta de

tempo.” Em uma crítica sutil, responsabilizando a falta de tempo, o descontentamento com a política fica, mais uma vez, evidente nas crônicas de Viana.

O tempo assume, dentro da narrativa, não apenas o lugar de tema, mas provoca reflexões que se desenvolvem ao longo do texto e, com perguntas retóricas, provoca o leitor a pensar sobre a efemeridade das coisas da vida. Em suas palavras: “Se a gente olha para trás, onde? Onde os primeiros meses, os planos, talvez os sonhos?”

Ao fazer menção aos planos e aos sonhos, a crônica assume uma voz mais subjetiva e intimista, de sorte a propor uma divagação por entre os tempos passado e presente. Tal expectativa é quebrada, porém, junto ao parágrafo final do texto, que efetiva uma retomada das objetividades do tempo presente, que é, nesse caso, o ato da escrita da crônica. De certa forma, as responsabilidades da vida profissional, o prazo, o tempo curto e o prazo-limite chamam de volta a cronista à realidade: “Ah, e se eu não terminar logo essa crônica, se insistir nessa conversa fiada, quem me garante que ela será publicada dentro do tempo no segundo domingo de agosto?”

A expressão “conversa fiada”, na fala da narradora, reforça o caráter de texto simples e em tom de “contação de histórias” que pode vir a ser a crônica. Expressar para o leitor os mecanismos de confecção do texto, como se pode ver em “Só eu sei que ela foi planejada pra o domingo passado, o primeiro do mês, mas quem disse que deu tempo?...”, de forma metalinguística, sugere o trabalho, as escolhas, as dificuldades e os limites ocultos na profissão do escritor.

## **CAPÍTULO 3:**

### **AS CRÔNICAS: CONSTRUÇÃO E TEORIA**

#### **1. A análise das crônicas e a teoria**

Este terceiro momento do trabalho, por sua vez, procura observar a crônica e sua constituição dentro de uma perspectiva que ancora esses textos no que foi apresentado como teoria a embasar a pesquisa. Sob o olhar de teóricos como Candido (1992 e 1972), Bender e Laurito (2003), Roncari (1992), Neves (1992), Coutinho (1987), François (2005), Perrot (1998), Viana (1995), Duarte (2003), será possível mostrar como e por meio de que recursos as crônicas de Viana se identificam com a teoria sobre esse gênero, levando em conta aspectos estruturais, temáticos e outros elementos internos à narrativa.

Para tal comprovação, examinaremos alguns excertos de crônicas escolhidas, independentemente de categorias ou ano de publicação, visando a evidenciar que, de fato, o material cronístico em geral corresponde às expectativas previstas pelo trabalho, no que diz respeito à importância das crônicas e da autora no panorama da Literatura.

#### **1.1. No domínio da linguagem**

Muito se discutiu, no primeiro capítulo deste trabalho, acerca das peculiaridades do gênero cronístico no que concerne à linguagem. Conforme se destacou, a crônica pode ser concebida como um texto muito particular, em razão de características no âmbito das escolhas lexicais, fatores que, inclusive, tornam o gênero passível de discussão sobre sua qualidade estética. Tal comprovação pode se dar, por exemplo, por meio da constatação da carência de material bibliográfico sobre o gênero cronístico.

Em outras palavras, a crônica vem sofrendo inúmeras formas de preconceito, desde o seu surgimento, e até mesmo no formato que apresenta hoje, sob o rótulo de ser um texto pouco elaborado, de linguagem coloquial e muito próxima da linguagem falada.

A discussão se mostra tão séria que, conforme já se salientou, a crônica ganhou correntes muito resistentes quanto à sua caracterização dentro do panorama da literatura.

A verdade é que as escolhas lexicais e a maneira como são constituídas as orações no gênero cronístico se configuram como recurso intencional e que desfruta da mesma dificuldade que enfrentam outros gêneros, sendo todos eles obrigados a ajustar a seleção lexical e a sintaxe, visando a comunicar e a produzir significados da melhor forma possível.

A crônica, em sua qualidade de texto que busca ser comunicador e conversar com o leitor com clareza, não se encontra livre dessas obrigações que, quando são alcançadas de maneira satisfatória, acabam por conferir a ela mais magnitude ainda, em razão da beleza que o texto cronístico adquire aos olhos do leitor que entende e que se identifica com ela.

Partindo-se de todos esses olhares acerca da elaboração da linguagem do texto cronístico, encontramos com aqueles escritos por Viana e que, muito claramente, correspondem a essas marcas das quais se fala neste capítulo. São crônicas imbuídas em tratar dos mais variados temas, sob a roupagem de um simples diálogo cotidiano. Tal constatação pode ser comprovada com alguns momentos da escrita de Viana, nos quais fica registrada uma linguagem muito próxima da fala do cotidiano, ressaltada em excertos mais adiante.

Na crônica urbana do ano de 1990, a primeira analisada no Capítulo 2, temos a narração da cronista sobre o cotidiano da feira, na qual ela partilha com o leitor a figura do jovem feirante e sua função de atualizá-la nos assuntos do cotidiano do bairro. Em suas palavras, ela conta: “A da rua de cima bateu o carro (disso estou livre, graças a Deus!), a da esquina perdeu a filha (que Deus me livre e guarde!), a grávida teve gêmeos...”

Por meio do uso de marcadores conversacionais, como as expressões “graças a Deus” e “que Deus me livre e guarde”, fica implícita a intenção da voz do texto em aproximar a linguagem do texto da linguagem cotidiana da fala, movimento que se configura como característica primária do gênero cronístico, sempre preocupado em comunicar da melhor forma e propor um diálogo dentro do texto, no qual o leitor se sinta o mais próximo possível de uma conversação.

Tal recurso pode ainda ser ressaltado em outras crônicas, como no texto do ano de 1992, agora da categoria das Crônicas Memorialísticas, o qual revela ao leitor mais uma vez uma expressão que, além de fazer parte da fala cotidiana, resgata crenças e valores pautados na conservação de um tradicionalismo no tratamento: “Algumas vezes por ano ele aparecia na casa da irmã mais nova – minha mãe – sempre à tardinha, sempre a cavalo, sempre ‘Deus te abençoe’ depois que eu lhe beijava a mão...”

Outro momento no qual a análise se encontra com marcadores linguísticos e com vocabulário muito particular se dá na crônica de 1997 sobre escrita, na qual a cronista enfatiza a situação sobre seu lar em poucas linhas, com uma dose de humor: “Mas que minha casa está precisando urgente de uma benzeção, ah, isso está...”

Além do uso do vocábulo “benzeção”, gramaticalmente pouco ortodoxo, o teor humorístico, que atribui a uma força sobrenatural qualquer possibilidade de resolução dos problemas do lar, também coopera para uma proposta de identidade com o cotidiano em geral. Em acréscimo, a construção frasal assim feita se assemelha a uma estrutura elaborada no âmbito da linguagem falada, o que colabora para imprimir à crônica o ar de conversação, conforme se pode notar no excerto abaixo, retirado da crônica de 1999, categoria de leituras:

Nem precisei pensar muito. Era o título, pô! *O mundo é pra ser voado* não é um bom título para aeroportos? Talvez tenham pensado tratar-se de uma obra técnica – útil, portanto – sobre os segredos da aviação...

Encontramos, igualmente, marcas que reiteram esse caráter da crônica de texto próximo da oralidade, no texto de 1993, da categoria de crônicas memorialísticas. A conversa entre a cronista e o amigo confere dinamicidade ao texto e ilustra o diálogo da narrativa, conforme se vê em:

– Não conheço ninguém capaz de uma proeza dessas. Posso te chamar um dia, na minha casa, e te pedir pra fazer?  
Tento acalmá-lo dizendo que ele está diante de uma mineira.  
– E mineiros, às vezes, além do pão de queijo, fazem também o queijo, sabia?  
– E você é um desses seres?  
– Claro.  
– Claro???

A estruturação em tópicos parece almejar o contato, tanto entre as personagens, como entre cronista e leitor, ao mesmo tempo em que mantém e esboça a conversação.

Imprimindo sequência e continuidade à narrativa, o diálogo se estende por quase todo o texto.

Ainda no âmbito da linguagem, pode-se atentar para a forma pela qual o texto cronístico explora vocábulos que, por vezes, não integram o léxico da língua, visto que o objetivo é, sobretudo, a comunicação de forma clara e descomplicada. Na narrativa memorialística de 1996, em que a cronista revela sua preferência pela goiabada cascão, encontra-se o excerto: “Há muito não me voltavam essas doçuras antigas. Influência das eras *diet*, *light* e *soft* dos tempos mais modernos?” O uso das expressões *diet*, *light* e *soft*, estrangeirismos da língua inglesa, não se apresenta como mecanismo problemático para o texto, visto que a crônica se abre para intromissões de gírias, regionalismos e outras espécies de variações da linguagem.

De forma bem humorada, a ciência sobre esse processo da crônica, de ser construída de forma que aglutine diferentes variantes linguísticas e que permita a presença de marcas culturais, fica documentada dentro do próprio, como se pode ver, por exemplo, na crônica de caráter metalinguístico de 1996:

O mais novo se entusiasma dizendo que talvez consiga me imitar.  
 – É só a gente escrever como se não estivesse escrevendo, mas conversando, ele diz. É assim que você faz, mãe. Parece que a outra pessoa não vai te ler, mas conversar. É desse jeito que você faz, sabia?

Observa-se, por conseguinte, que a crônica, seja na teoria, seja no âmbito do próprio texto, não esconde seu vínculo e sua intenção em documentar fatos e acontecimentos sob uma perspectiva que carrega as marcas e características do falante, além de essa intenção se dar no âmbito de atender ao leitor do melhor modo possível, comunicando-se com ele da maneira mais clara e mais objetiva que o texto oferece.

Aludiu-se ainda à capacidade que a crônica possui em assemelhar-se, para o leitor, a um texto confessional e íntimo, como se fosse uma espécie de conversa ao pé do ouvido. De acordo com a teoria da crônica, a espontaneidade das orações que constituem o texto cronístico objetiva construir uma relação empática com aquele que lê, constituindo-se, no espaço da crônica, uma ambiência de identidade.

A possibilidade que o texto cronístico abre para momentos de reflexão possibilita que essas narrativas carreguem consigo doses de sentimentos, opiniões e

questionamentos. Por isso, algumas das narrativas analisadas no capítulo prévio podem ser utilizadas para comprovar essa intenção do cronista, como, por exemplo, a crônica política de 1993: “Na capa de uma revista, a foto do ex-porta-voz do ex-presidente me tira a vontade de ler seja o que for. Melhor fechar os olhos, relaxar. Pensar nos peixinhos que restaram.”

Na crônica da mesma categoria, publicada três anos depois, a intenção de compartilhar com o leitor também se mostra, como se pode ver em excertos como:

Na verdade, não consigo ter paciência com essa infindável lenga-lenga se, no final de tudo, seremos – cordeiros e cordatos – obrigados a votar. Estejamos ou não reelegendo alguém, acreditemos ou não em propostas e promessas, no final de tudo, vítimas sem saída da lei do voto obrigatório, estaremos frente às urnas.

A narrativa memorialística de 1995 também expõe ao leitor sentimentos e percepções que, diante da permissão do texto em registrar confissões e emoções, enfatiza:

Enquanto conversava com os alunos da Escola Estadual São João Batista, enquanto falávamos dos mistérios e segredos dos livros, enquanto meus olhos e minha alma se encontravam com os olhos e as almas de parentes e amigos, eu me dizia que meu pai tinha razão.

Analogamente, porém sob outro enfoque, a crônica urbana de 1999 pressupõe um desabafo da narradora sobre a cena que observa da janela e, dessa forma, revela ao leitor, em tom confessional, que, movida pelo mesmo espírito individualista do ambiente urbano, ideia pré-concebida permanente nas narrativas da escritora, não consegue fazer nada para mudar a cena que vê de sua janela. Em suas palavras: “Nesses nossos tempos de visível e crescente indiferença, fiz nada disso. Olhei de longe, conversei com ninguém, nem o vidro da janela abri. Escrevi essa crônica, minha maneira de conversar comigo. Nada mais.”

O tom confessional da narrativa fica nas entrelinhas, já que, além de partilhar com o leitor uma cena cotidiana, que dá tema à crônica, a narradora se coloca em posição de admissão de sua própria conduta, como quem precisa compartilhar, de modo a dividir com o leitor a culpa e a responsabilidade que sente.

## 1.2. No âmbito da temática

O primeiro capítulo trouxe à tona grande parte do percurso histórico do gênero crônica, apontando características que vão desde sua origem etimológica até suas escolhas no domínio da linguagem e da temática. Em se tratando de sua temática, é possível propor um retorno ao gênero que deu, de fato, origem ao surgimento da crônica, embora ela tenha se modificado ao longo do tempo, mediante as exigências que o próprio contexto histórico foi imprimindo ao gênero.

O *folhetim-variedades* é apontado, por conseguinte, como o precursor da crônica. Essa modalidade de folhetim diferenciava-se do *folhetim-romance* de muitas formas. Enquanto este último se destinava a escrever romances em capítulos, técnica que imprimia continuidade aos textos, o folhetim-variedades era aquele que abordava de modo livre os fatos e as notícias do cotidiano das cidades, do país ou do mundo em geral. Era uma forma de falar diretamente aos interesses dos leitores da época.

Partindo desse olhar, essa tendência da crônica em tratar com o leitor sobre assuntos do dia-a-dia, de fato, se perpetuou. O gênero cronístico é marcado por sua proposta de referir-se a assuntos e fatos que, de outra maneira, passariam despercebidos. Por meio de suas lentes que maximizam acontecimentos talvez sem valor, a crônica atribui importância a pequenos momentos.

Pode-se concluir, ainda, que o fato de o folhetim-variedades ter colaborado para a constituição da crônica tal qual ela é, favorece a compreensão da relação intrínseca que o gênero cronístico possui com o mundo jornalístico, porque esse meio é o principal veiculador das notícias e fatos cotidianos.

Dadas essas ponderações, é pertinente afirmar que a crônica nasce com os fatos cotidianos, mas seu grande trunfo é ir além da simples narração desses fatos, que é o que faz o texto jornalístico. A crônica modela o acontecimento à sua maneira, retirando dele o que ele possui de mais adormecido em suas entrelinhas, de sorte a conferir grandeza a esse pequeno momento.

É o que se pode notar, por exemplo, em algumas crônicas que trabalham determinados acontecimentos de repercussão mundial, porém, atribuindo a eles uma

visão particularizada que não poderia vir de outra subjetividade, a não ser da cronista. O texto de homenagem de 1996, por exemplo, cujo tema é o acidente da TAM, notícia incansavelmente divulgada, particulariza-se ao trabalhar de forma emocionada a perda da jornalista Regina Lemos, conforme se pode notar no excerto:

Em meio à fumaça e ao caos, surgem os primeiros nomes. Conheço a jornalista Regina Lemos, penso. Conhecia, repenso. Virou passado, assim, em 65 segundos, tempo que o avião levou para sair e cair. Uma vez, há muito tempo, Regina jantou em minha casa, e elogiou a couve cortada fininha. Uma outra vez, há menos tempo, nós nos encontramos numa livraria, e ela me falou do neto que ia “nascer inglês” – a filha morava na Inglaterra – estava indo para lá naqueles dias. Não queria perder o início de mais uma vida. [...]  
Tento – em vão – não pensar no próximo neto da Regina, que vai “nascer alemão”. A filha única agora mora na Alemanha, pra onde ela iria na época do Natal. Como perder o início de mais uma vida?

O lado subjetivo da crônica fica documentado através do ponto de vista sensível da narradora, que escolhe focar a particularidade da vida – e morte – da jornalista, ao mesmo tempo em que não deixa de registrar o fato trágico cuja divulgação ficaria a cargo do meio jornalístico.

A crônica, dessa maneira, comprova a possibilidade de interação entre a linguagem poética e a referencial, confirmando que, nessa ambiência, o jornalismo, juntamente com a emoção e com o sentimentalismo, encontra solo. A narrativa sobre política e economia de 1990 revela uma narradora que se indigna com os fatos políticos de repercussão em nível mundial, porém, uma vez mais, fazendo o seu próprio recorte:

Na biblioteca pública de sua cidade, depois de percorrer estantes e prateleiras, a mulher escolheu um livro. Preenchida a ficha, despediu-se da bibliotecária por quinze dias, prazo máximo que lhe era permitido ficar com o livro. Ainda que “precisasse” da biblioteca (era viciada em leitura e tinha poucos livros em casa), a mulher não voltou. Nem no prazo previsto, nem no mês seguinte. Nem no outro ano. Nem nos seguintes, vários. [...] Quando a televisão me contou essa história, tive vontade de ser repórter em Berlim. Só pra saber que livro era aquele e se ela levou outro para casa com o prazo de quinze dias...

Em contato com a notícia jornalística sobre a queda do Muro de Berlim, a cronista escolhe a história de uma mulher que não pôde voltar à biblioteca para devolver

o livro que havia retirado, para trazer à tona o fato mundial e lembrar a polêmica construção do Muro, símbolo da heterogeneidade de ideias.

A crônica de homenagem que narra o falecimento do escritor Otto Lara Resende, fato que também se deu como notícia divulgada na imprensa, em razão de tratar-se de uma personalidade renomada, toma, mais uma vez, um rumo particularizado na voz da cronista, reafirmando a qualidade da crônica de dar grandeza a fatos, por um recorte particular, com lentes, por vezes, subjetivas, como prova o parágrafo transcrito abaixo:

Não vou me acostumar a não mais ler o Otto. Já que suas linhas e entrelinhas estarão, diariamente, em jornais de galáxias que por enquanto desconheço, restam, Deus seja louvado, os livros de contos e o romance, *O Braço Direito*, publicado em 1961.  
Resta-nos reler, com tristeza e saudade.

Tal excerto colabora, além disso, para desvelar ideias que permanecem nas entrelinhas da escritura de Viana. Quando a cronista relata seu sofrimento pela perda de Otto Lara Resende, afirma não mais ser possível ler as crônicas do escritor, visto que são cotidianas e atreladas à existência do cronista. Em consequência, percebe-se a consciência da autora de que o gênero cronístico não se perpetua, porque fica limitado a existir enquanto vive o próprio cronista. A morte de um é a morte de outro.

Assim, nesse excerto, a percepção se dá, pois a cronista revela que, quando se volta ao material bibliográfico do escritor, encontra “livros de contos e o romance”. Não fazendo menção às crônicas, ela própria sustenta a impossibilidade da crônica de existir, frente ao suporte perecível que é o jornal. Essa constatação colabora, ainda, para denunciar o desinteresse editorial em perpetuar textos cronísticos em suporte perecível, como, por exemplo, uma coletânea de crônicas, que poderia eternizar um material bibliográfico importante.

Ao expressar “tristeza” e “saudades”, marcas pessoais adentram a narrativa, que não fica limitada apenas à rememoração de um falecimento de uma personalidade famosa, que se configura como assunto de natureza pública, mas assume uma transitoriedade por entre a ambiência das notícias objetivas e das subjetividades e dos sentimentos.

É possível, além disso, lançar o olhar ao caráter ornamental que possui o texto cronístico, que eleva e sublima, muitas vezes, fatos ou comportamentos, em razão dessa

sua característica de atribuir grandeza a determinadas situações. Essa “sublimação” pode ser encontrada, neste estudo, nas crônicas de homenagem, nas quais a cronista enaltece pessoas queridas ou admiradas, em razão de seu destaque na vida profissional ou pessoal, como se vê em excertos como: “Você nunca usou o jornal, o rádio e, bem mais tarde, a televisão para falar ‘apenas’ de um assunto. Quem sabia te ler ou te ouvir percebia que você enxergava muito além da linha do horizonte.”

Não tendo como objetivo entrar no mérito da discussão sobre os elogios serem merecidos ou não, voltamo-nos para a origem da crônica, a fim de obter o contraponto e mostrar de que forma a sublimação da crônica de homenagem podem ser questionadas. Nas antigas civilizações, quando das primeiras crônicas<sup>6</sup>, essa busca pelo enaltecimento dos feitos de reis e autoridades importantes, muitas vezes impulsionada pela tentativa de engrandecimento exacerbada, distorcia realidades e designava atributos que não eram pertinentes ao homenageado, colocando em dúvida a autenticidade dos fatos narrados.

Analogamente, na crônica de homenagem de 1997, que narra um momento de saudades do escritor João Antônio, encontramos:

Uma vez, numa das Bienais Nestlé de Literatura, fiz parte do público que, lotando o auditório do Centro de Convenções Rebouças, aqui em São Paulo, não conteve as lágrimas, ouvindo o depoimento de João Antônio sobre seus sustos e sobressaltos, pessoais e literários. Depoimento verdadeiro, sentíamos. Verdadeiro, sofrido, emocionado. Lembrando a precariedade da vida das periferias, que tão bem conhecia, o encantamento com a linguagem de Lima Barreto, que tanto lia, e a experiência vivida com sua própria obra, detalhadamente analisada em universidade alemãs...

As entrelinhas apontam que a crônica vai além do simples relato das obras e feitos do escritor, mas tem um enfoque sensibilizado sobre a pessoa do autor, em suas palavras, tão “verdadeiro, sofrido e emocionado”. A crônica de homenagem de Viana parece desfrutar de uma tentativa de humanização, tanto em relação ao homenageado, quanto ao leitor. Aqui, o escritor parece ganhar atributos que o caracterizam como pessoa, dotado de alma e de emoções, elementos que ganham força dentro da narrativa, conduzindo-o a uma posição que vai além da de profissional, apenas.

A teoria da crônica revela que, de fato, esta possui esse poder de humanizar elementos de dentro do texto, a fim de humanizar o leitor. Para Candido (1972), a

---

<sup>6</sup> Cabe ressaltar que esse tipo de crônica, existente nas antigas civilizações, era caracterizado como um texto que ficava a cargo dos escribas, a quem cabia documentar as conquistas e realizações das autoridades que os contratava, e não é considerada como a modalidade de crônica que deu origem ao gênero tal qual ele existe hoje.

literatura possui uma função *humanizadora*, que se manifesta por meio da existência da *função psicológica*, a qual acredita que a literatura atenda à capacidade e necessidade que tem o homem em fantasiar, criar e imaginar; a *função formadora*, instrumento da educação social, em razão de disseminar ideias que podem ficar encobertas pelas ideologias dominantes; e a *função social*, que, ao introduzir o leitor em diferentes realidades, contribui para que ele entenda a sua própria realidade.

Essas capacidades que tem a literatura e a que Candido (1972) atribui o nome de funções, podem ser percebidas também nas narrativas de Viana, quando se verifica de que forma os textos questionam o leitor, apresentam-lhe realidades deturpadas do cotidiano, querendo que, desse modo, ele se posicione e constitua suas próprias verdades sobre o mundo que o cerca.

Nas crônicas urbanas, por exemplo, parece existir a intenção de suplicar ao leitor para que pense, ou de pensar junto com o leitor, sobre como a realidade das cidades contagia e corrompe, do ponto de vista da cronista, o ser humano no âmbito dos relacionamentos ou no campo profissional.

O texto urbano de 1995 divide com o leitor uma cena considerada como corriqueira na cidade de São Paulo, que é o encontro com pessoas que fazem da rua o seu lar. Em suas palavras, temos:

Um dia desses, passava um pouco do meio dia, dividi a calçada com três crianças – ou seriam adolescentes? – magras, sujas, descalças. O sol, muito mais que quente, não impedia que as três dormissem, encolhidas, encardidas.

A cena seria uma mera repetição de tantas outras, em tantas calçadas dessa cidade muito mais que imensa, se não houvesse, ao lado de cada criança, bem ao alcance das mãos adormecidas e entreabertas, três pães.  
[...]

Por meio do relato da cena cotidiana, fica a sugestão para pensar como a cena considerada cotidiana afeta a comodidade do ser humano para com os problemas sociais. Da mesma maneira, a narração de 1997, que, emotivamente e fazendo uso da ironia, partilha com o leitor sobre a triste história do índio Galdino, pode ser tomada como um texto que propõe ao leitor observar com mais profundidade uma realidade de crimes e desapego à vida que parecem estar se tornando comuns.

O índio, cacique como Tiradentes, foi confundido com um mendigo, ser absolutamente sem importância, nada além de um zero à esquerda. Ser que, desaparecido, ninguém chora, vela ou reclama. Ser que pode ser eliminado a qualquer hora do dia ou da noite, lixo incômodo e inútil.

O relato indignado da cronista, longe de apresentar-se como um manual de boas maneiras e boas condutas, dissemina, numa mistura de sentimento de indignação e descrença, a função humanizadora da literatura, pois busca influenciar na formação do indivíduo, ensinando na medida em que apresenta a realidade como tal.

A função social parece também vir à baila quando alguns textos apresentam outras realidades e, dessa forma, possibilitam ao leitor, que não faz parte da realidade em que a personagem se encontra inserida, exerça o papel de observador e apreciador dessa outra realidade. Tal movimento colabora para que ele, portanto, delimite e reconheça a sua própria realidade, pela distinção da diferença cultural de seus universos, como é o caso da já citada crônica sobre a construção do Muro de Berlim.

Ainda dentro do olhar do teórico Candido (1972), temos a ciência da capacidade da crônica em falar de forma aparentemente descomprometida, quando, de fato, esconde em suas entrelinhas um assunto denso e de profundidade a ser tratado com o leitor.

O que o teórico caracteriza como “profundidade de significado”, qualidade pertinente ao gênero cronístico, se materializa em crônicas, por exemplo, que, debaixo de uma veste de simples contação de história, por vezes bem humoradas ou plenas de sutileza, desdobram-se em textos de extrema complexidade ou mesmo de reflexões mais densas, como é o caso da crônica urbana de 1992, a qual narra a situação da cronista no dia em que a máquina de preencher cheques enguiça:

Ela deslizou-o pela máquina uma, duas, três vezes. Nada.  
 – Enguiçou? – perguntei, quase triunfante.  
 Nem respondeu. E tentou de novo uma, duas, muitas vezes.  
 – Não seria melhor eu preencher? – sugeri.  
 Sem saída, a fila crescendo às minhas costas, ela cedeu. Mas lamentou:  
 – Logo na sua hora... Logo você, que leva um tempão só para assinar o nome...  
 Tentei dizer-lhe que o enguiço da máquina talvez fosse positivo. Se as pessoas enguiçavam menos, isso era bom sinal, não era não?  
 Fui interrompida por minha filha, que me puxou firmemente pelo braço:  
 – Mãe, pelo amor de Deus, você vai começar de novo? Você ainda acha que alguém no mundo vai te ouvir?

Por trás de uma narrativa um tanto cenográfica, na qual personagens, donos de voz e de ideias próprias manifestam seus interesses, e de um assunto aparentemente banal, que seria o obstáculo do enguiço da máquina comercial, esconde-se a grande intenção da narradora em trazer à tona como algumas modernidades ocupam lugar na vida do homem, o qual passa a ficar desprestigiado dentro da automação da cidade.

O parágrafo é tímido: “Tentei dizer-lhe que o enguiço da máquina talvez fosse positivo. Se as pessoas enguiçavam menos, isso era bom sinal, não era não?” Não tem continuidade, mas indica uma longa discussão que vem desde muito tempo, em função de sustentar de que forma as modernidades influenciaram o ritmo de vida do ser humano, sem ser, necessariamente, positivas.

Procurando atribuir ao ser humano o grande mérito das realizações, a narradora, interrompida pela filha, parece confirmar o comportamento que a própria sociedade perpetua, de não mais admitir discussões, de não mais cultivar a heterogeneidade de opiniões.

Desse modo, é possível reconhecer como um texto aparentemente simples, que é, de fato, a forma pela qual a crônica busca ser caracterizada, carrega, ao mesmo tempo, uma gama de reflexões a serem pontuadas e pensadas juntamente com o leitor.

Essa seriedade dos assuntos que costumam fazer parte do mundo das crônicas pode também ser veiculada, conforme já mencionado, pelo uso do humor, que, através de relatos de poucas palavras, registra de forma irônica os costumes ou atenta para realidades que merecem ser apontadas, como é o caso da crônica política de 1992, que, aproveitando-se de intertextualidade com o poema “Quadrilha” de Drummond, elabora um texto nos quais os personagens da quadrilha caipira são políticos:

PC financiava Rosanne que acompanhava Fernando que nomeava Zélia que bloqueava Cabral que controlava Zuleide que não entendia ninguém.

PC foi para Miami, Rosanne para Canapi, Fernando tropeçou na rampa, Zélia virou piada, Cabral redescobriu o Brasil e Zuleide encontrou Itamar, que nada tinha a ver com a história.

Observa-se, por conseguinte, que a crítica é passível de ser apresentada sob uma roupagem descomprometida, sem perder a sua qualidade de questionar e denunciar, confirmando que texto bom não é necessariamente texto que carrega uma linguagem

sisuda. Em acréscimo, o humor ajuda a ressaltar aquilo que chega a ser trágico, querendo suavizar o que produz horror.

O tom cômico dentro da crônica se dá também no âmbito das crônicas memorialísticas as quais contam as histórias dos filhos. A explicação para grande parte das crônicas dessa categoria compreender um tom humorístico talvez aconteça em razão do mecanismo de aproximação que a cronista propõe, entre os textos sobre crianças e literatura infantil, o qual comporta muito bem doses humorísticas.

Pode-se também falar em uma intenção da cronista em retratar de forma bem humorada as histórias de seus filhos, já que, do ponto de vista dos pais, as peripécias dos filhos podem, por vezes, assumir um tom bem humorado e sagaz. Alguns excertos comprovam como essas crônicas ocorrem sob um tom de humor e reconhecimento sobre a esperteza das crianças, como a crônica de 1992 compartilha:

- Tá precisando de ajuda, filho?
- Eu? Eu não, mãe! São só umas frases com o mais-que-perfeito. Fácilmo!...
- Fácilmo????
- Fácilmo e engraçado. Garanto que nem você escreve assim, olha só. E lá conviviam, na maior naturalidade e intimidade, vários *quiseras*, *fizeras*, *viras* e *partiras*...
- E depois, filho? Quando você crescer, o que é que você vai fazer com tudo isso?
- Precisa???

Sobre a pasta de dentes, a crônica do ano seguinte trabalha igualmente com uma boa dose de humor, deixando transparecer, nas entrelinhas, a admiração da cronista diante do comportamento do filho que, cheio de opinião e ideias, mostra conhecer sobre o trabalho da mãe:

- Você já viu coisa pior que essa tampa, filho? Ela abre quando a gente não quer, nunca fecha direito, e o dentifício endurece, parecendo cola... Daqui pra frente, abro a caixa, antes de comprar. E só trago se for das antigas, com rosca.
- Ih, mãe... Pra mim, não, pelo amor de Deus. Nem pra mais ninguém daqui de casa. Todo mundo gosta dessa...
- Você tá brincando comigo?
- Ah, mãe, antes eram as casas, os móveis, as músicas, as canetas, relógios antigos. Agora, até tampa de pasta de dente?...
- Pasta??? Dentifício!!!

A cronista, por meio da escolha minuciosa das palavras, bem como da organização do texto, enfatiza a posição atenta do filho quanto ao cotidiano doméstico e profissional da mãe, retratando, dessa forma, uma das situações cotidianas entre pais e filhos, nas quais pais se surpreendem com a percepção e inteligência das crianças.

### 1.3. A crônica e o tempo

A questão do tempo, para o gênero cronístico, consiste em algo muito importante, porque, no estudo da origem dessa espécie textual, descobre-se que ela apresenta vínculos com esse conceito desde seu significado, que a caracteriza como o registro de eventos e de acontecimentos, até em sua essência, que é a de ser um texto que enfoca o tempo dentro da narrativa, ao mesmo tempo em que se configura como um gênero que fica sujeito à ação do tempo.

Esse trabalho que a crônica faz com o tempo dentro dela mesma se dá em função da ciência de que a crônica é um texto o qual registra o tempo narrado, o tempo vivido. Nas palavras de Neves (1992), encontramos inclusive um recorte sobre a crônica histórica que coopera para definir de forma clara a relação que a crônica – malgrado ela, hoje, tenha se desvincilhado de sua função histórica e de registro do tempo – conserva com a questão do tempo:

A crônica aparece como portadora por excelência do “espírito do tempo”, por suas características formais como por seu conteúdo, pela reação que nela se instaura necessariamente entre ficção e história, pelos aspectos aparentemente casuais do cotidiano, que registra e reconstrói, como pela complexa trama de tensões e relações sociais que através dela é possível perceber. Pela “cumplicidade lúdica”, enfim, que estabelece entre autor e possível leitor no momento de sua escrita e que parece reproduzir-se entre historiador e o tempo perdido em busca do qual arriscamos nossas interpretações, ainda que ancorados em nosso tempo vivido. (NEVES, 1992, p.82).

Embora a crônica tenha se afastado desse caráter puramente documental, nada impede que seja reconhecida a importância desse seu viés que se apresenta mais atrelado às questões do tempo. Isso pode ser considerado pertinente, pois, nas palavras da própria teórica, tal fator auxilia a estabelecer um vínculo entre autor, elo quase sempre almejado pelos textos dessa natureza.

Esta “cumplicidade lúdica” não deixa, ainda, de atribuir ao resgate histórico que possui a crônica, a já discutida função social da literatura de Candido (1972), a qual insere o leitor no cotidiano de outrem, para que, assim, ele mesmo se emancipe e reconheça a sua realidade.

Trazer à tona o passado histórico, ou simplesmente o passado, que pode contar automaticamente com a inserção do contexto histórico da época, é recurso do ato de rememorar. Com efeito, todo resgate de memórias pode contar com recursos como o de engrandecimento, já que o cronista pode narrar as memórias da forma como elas aconteceram de fato ou pode engrandecê-las. Estando no passado, elas não podem ser questionadas e postas sob dúvida.

Assim, reconhecem-se textos nos quais a memória pode ser de certa forma idealizada e pré-concebida, talvez se afastando da condição real em que aconteceram. Algumas crônicas de Viana, em especial as memorialísticas, que contam com as histórias de infância, trabalham com uma ideia sempre muito positiva do passado, como se nesse período todas as coisas cooperassem para uma espécie de perfeição.

Algumas crônicas podem demonstrar com mais clareza o mecanismo que se dá, como, por exemplo, a crônica de 1992, que, ao aludir ao tio, revela:

Algumas vezes por ano ele aparecia na casa da irmã mais nova – minha mãe – sempre à tardinha, sempre a cavalo, sempre “Deus te abençoe” depois que eu lhe beijava a mão...

Mais tarde, cavalo solto no pasto, corpo descansando no banco de madeira da cozinha, caneca de café na mão, ele falava com carinho na mulher, minha querida Tia Zica, na fazenda, a Cachoeirinha, nos filhos mais velhos que, desaparecidos precocemente, continuam nos mais jovens...

Havia sempre um momento em que minha mãe se calava. E eu gostava de ouvir aqueles homens amigos, um meu tio, outro meu pai, dissertando sobre chuvas e ventos, bois e cavalos, terras e rios, plantações e colheitas, compras e vendas, filhos sendo alfabetizados, filhos saindo pra estudar fora, filhos voltando nas férias...

O respeito, pela expressão tradicional que pede a bênção aos mais velhos, com a descrição da cronista sobre as relações familiares entre tio e esposa, reforça o caráter unilateral do texto, que, conforme se observa no conjunto da obra de Viana, entende no ambiente urbano um palco de mazelas sociais e, no campo, uma ambiência de paz e cooperação.

A relação dos pais, ainda sob uma dinâmica discriminatória, na qual a mulher é submissa ao comportamento masculino, não podendo conversar no momento que fica dedicado aos homens, demonstra, sem sombras de denúncia, uma relação estabelecida como sendo plena de compreensão e aceitação.

Os elementos da natureza aparecem todos em consonância com os demais moradores da fazenda, e até mesmo os animais parecem colaborar para o clima positivo que a fazenda guarda em si. Isso se reitera, quando o leitor atenta para a construção textual “[...] filhos sendo alfabetizados, filhos saindo pra estudar fora, filhos voltando nas férias...”, apresentando essa movimentação com muita naturalidade e tranquilidade, quando a própria cronista, em texto de 1996, explicita:

Minha mãe, que nunca deixou passar um mês de fevereiro sem fazer mundos de goiabada capazes de garantir a sobremesa do ano inteiro não apenas em nossa casa, mas também nos **amargos internatos** [grifo meu] dos colégios que o tempo se encarregou de varrer do mapa, minha mãe fugia do modelo cascão.

Outra crônica também se encarrega de tratar o Colégio Interno como uma lembrança amarga, conforme se pode observar no excerto que se segue:

Na cidade cheia de pontes, sinos e igrejas, o colégio interno me fez conhecer corredores e dormitórios sem fim, e salas e mais salas de aulas. Com portas e janelas trancadas e ruas proibidas, aprendi a acordar e a dormir em silêncio. E a rezar, sempre. Antes e depois de cada refeição, aula, recreio.

Os recreios, em pátios diferentes, separavam internas e externas. Elas, felizes e livres, *no pátio de lá*, onde ficava o campo de vôlei. Nós, infelizes prisioneiras, *no pátio de cá*, reino das gangorras. E que ninguém ousasse invadir o território alheio em busca de alguma carta ou bilhete de algum possível impossível namorado, onde já se viu? Ah, e onde já se viu evocar apenas memórias amargas?

Dessa forma, em determinados momentos, trazer à tona as memórias parece significar um movimento de idealização do passado. Tal recurso, porém, se justifica em razão da compreensão de que, na realidade, o trabalho com as memórias implica um olhar mais particularizado e, por que não, idealizado.

A permissão existe, e esse assunto se desdobra em muitos, quando, por exemplo, se volta o olhar para a história oral, uma metodologia de pesquisa que leva em conta entrevistas e testemunhos sobre fatos de diferentes naturezas. A importância dessa metodologia existe, porém, ela foi criticada durante muito tempo, em razão de ser um

trabalho que evoca memórias e as circunstâncias de estas serem particulares. Sua capacidade e seu valor se encontraria justamente aí, conforme salienta Thomson (2005):

Alguns praticantes da história oral, na ânsia de corrigir preconceitos e fabulações, deixaram de considerar as razões que levaram os indivíduos a construir suas memórias de determinada maneira, e não perceberam como o processo de lembrar poderia ser um meio de explorar os significados subjetivos da experiência vivida e a natureza da memória coletiva e individual. (p. 67).

O teórico aponta para o risco de se negligenciar o testemunho, a confissão e a memória de quem conta a história, quando se objetiva chegar a uma única história, fixa e recuperável. O que se conhece como possíveis *distorções* da memória pode, caso se enxergue da forma adequada, se dar como recurso, valor e particularidade, afastando assim qualquer conotação de inadequação do texto.

A reapropriação do passado, propiciada pela memória, dá, ainda, a quem lembra, o poder de transformar as memórias em seu favor, talvez sanando um desejo de que o passado fosse diferente e que, finalmente, nas memórias, pode efetivamente ser.

Em 1995, outra crônica memorialística de Viana enfatiza como as lembranças podem possuir um viés idealizado, porque, uma vez mais, trazem ao leitor uma concepção pré-concebida sobre o passado, por meio da narração de um cotidiano sempre muito primoroso:

Nas horas vagas da lida na fazenda, meu pai, que gostava de conversar, costumava evocar os termos e as gentes de Morro do Ferro, que ele chamava pelo antigo nome de São João Batista.

As conversas das horas vagas nos ensinavam que o ar de lá era diferente; podia-se sentir antes ainda de chegar, as redondezas avisavam...

A banda de música, inesquecível, era o retrato do lugar, frequentemente festejando a vida, às vezes acompanhando a morte...

Enquanto foi possível, meu pai nos reuniu, e aos empregados, a cada 24 de junho, em volta de uma fogueira.

Sabe-se, portanto, que não se configura como objetivo deste trabalho, nem mesmo deste capítulo, a discussão sobre a autenticidade da memória. Por outro lado, a memória comparece, aqui, como assunto em discussão, em razão de integrar o universo da crônica em geral, das crônicas analisadas, de sorte que cabe com muito conforto no gênero

cronístico, sob a influência da ficção ou não, pois o gênero cronístico favorece tanto a objetividade, quanto a linguagem em sua subjetividade.

Outro aspecto do tempo na crônica que merece atenção é a constatação de como a crônica lida com sua condição perecível, conforme já mencionado no primeiro capítulo. Destinada a morrer quando o jornal perde a sua validade, ao final do dia, a crônica recebe um tratamento de texto menor, de menos valia.

Além de afetar o reconhecimento de sua qualidade, tal mecanismo colaborou para que a crônica fosse entendida com um texto de importância passageira, em razão de sua condição efêmera, e superficial, de sua linguagem simples e objetiva. Segundo já mencionado, de acordo com o olhar desta pesquisa, o gênero cronístico passou, por conseguinte, a ser entendido como um texto que atenderia às necessidades femininas de publicação, porque se sabe que, às mulheres, não se atribuía valor suficiente que justificasse um texto de permanência maior do que seria a crônica.

Essa relação que a mulher passou a desenvolver com o gênero cronístico determinou ambos a uma segregação, em função de a crônica propiciar um ambiente considerado “adequado” para os escritos femininos, bem como por desenvolver uma linguagem muito atrelada à oralidade e a história oral compreender, geralmente, as narrações e os relatos dos grupos minoritários, que é o caso da condição feminina.

Sob esse prisma, é possível pensar a relação que a cronista Viana desenvolveu com a crônica, na condição de escritora mulher. Seguindo o que se esperava da condição da crônica como gênero, a cronista sofreu, da maneira que atesta a teoria, a efemeridade da crônica, que, publicada durante nove anos, se viu fadada ao esquecimento nas páginas de um caderno antigo.

Analogamente, a condição da cronista se dá no âmbito externo das narrativas. É possível ver que a cronista desempenha seu ofício de escritora, ao mesmo tempo em que se ocupa com tarefas domésticas e responsabilidades com os filhos, das quais parece não ser possível se desvencilhar. A crônica escrita no ano de 1991 revela ao leitor como a cronista, em sua condição de mulher escritora, se desdobra para dar conta de seus compromissos:

Ainda que três livrarias estejam no meu trajeto diário casa-trabalho, eu mentiria se dissesse que entro ao menos numa delas todos os dias.

Na verdade sobrevivo semanas inteiras sem nem lembrar que elas existem, ou porque me deixo colher na armadilha interminável de escolas, bancos, açougues, padarias, farmácias e supermercados, ou por pura distração.

A permissão para escrever parece, em outro momento, se dar, apenas quando os filhos e a família da cronista, que consomem o cotidiano da narradora, não estão em casa. A crônica sobre escrita, publicada em 1994, evidencia:

Todo mundo viajando, resolvo fingir que também estou de férias.  
Deixo o escritório pra lá, ponho tinta na caneta, um disco na vitrola (como é mesmo o nome das vitrolas, hoje?), busco – e encontro – um sofá e, bloco no colo, trato de escrever essa crônica, que hoje é dia...

De outra forma, o ato de escrever, responsabilidade da mãe de família aparece misturada ao cotidiano dos filhos, como se fosse impossível separar o âmbito público do privado, para as mulheres. A crônica sobre escrita de 1996, já trabalhada em outro momento, traz agora o diálogo simbólico:

– Você nem começou a crônica, mãe? – pergunta o mais velho.  
– Garanto que ela ainda não sabe nem o assunto – garante o mais novo, mostrando que me conhece razoavelmente.  
Pergunto-lhes se não querem me ajudar. Quem sabe?... Assim, em meia hora o Denilson ficaria tranquilo.  
O mais novo se entusiasma dizendo que talvez consiga me imitar.

Os estereótipos familiares, condicionando a mulher a uma posição de submissão quanto às responsabilidades domésticas, parecem perdurar durante quase toda a obra de Viana. Ao mesmo tempo, o estereótipo masculino também aparece cultivado, em uma compreensão patriarcal que entende o homem em posição de contato com as coisas do mundo exterior, marcando a diferença de gênero dentro do texto.

Sabendo-se que a distinção de gênero compreende diferenças de cunho social e cultural, a natureza e a biologia apresentam-se apenas como ponto de partida para uma distinção que se torna discriminatória, afetando as relações individuais e coletivas entre os homens e as mulheres.

Assim, grande parte das crônicas de Viana perpetua o modelo marcado pelas diferenças de gênero, como, por exemplo, a narrativa urbana de 1999, por meio da qual a cronista partilha com o leitor a sua ciência sobre a problemática dinâmica familiar:

O chefe da casa que está em Brasília, começa a nos irradiar os fatos de nossa cidade. Tudo às escuras. Avenida Paulista, avenidas marginais, palácio do governo, tudo.

Via tevê, o chefe da família tudo vê, tudo sabe. Quanto a nós, via escuridão, apenas imaginamos, mais que impotentes.

Dessa forma, observa-se que existe, de fato, uma relação de tensão entre o que diz respeito às mulheres, no campo da literatura, e que não deixa de ser documentado por comportamentos e consequências com as quais a cronista sofre dentro e fora da narrativa. Ter o acesso à linguagem torna-se, aqui, essencial, mas parece não reverter ou alterar o quadro das responsabilidades domésticas da mulher, o qual não parece ser passível de ser dividido com o homem.

Tal constatação sobre o texto de Viana apenas corrobora a teoria que explicita as dificuldades que as mulheres ainda enfrentam, no âmbito público, reafirmando um movimento muito natural de ser perpetuado dentro das crônicas de Viana, visto que a cronista possui suas raízes em uma tradição caracterizada por um modelo familiar conservador e, de certa forma, esse olhar dificilmente seria banido ou passível de transformação dentro do texto.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O gênero literário *crônica* pode ser considerado um tipo de texto que possui um elo intrínseco com a noção de tempo. Tal constatação se dá em razão de o texto cronístico imbuir-se no registro de eventos e ocorrências do cotidiano os quais poderiam passar despercebidos, se não fosse o olhar atento do cronista. A crônica, em razão de suas peculiaridades linguísticas e temáticas, pode ser tomada como um gênero que transita por entre diferentes ambiências. Atrélada ao âmbito jornalístico, por sua função referencial de documentar fatos do cotidiano, e também ao espaço literário, em razão de sua poeticidade ao tratar esses mesmos fatos do cotidiano sob lentes de grandeza, a crônica apresenta-se como um texto híbrido.

Isso levanta diferentes correntes teóricas imbuídas em atribuir à crônica, tanto a conotação de gênero inferior, conferindo à sua linguagem e temática particulares elementos que a caracterizam de forma negativa, bem como é possível encontrar teóricos que atribuem grande valor aos textos dessa natureza, justamente porque se equilibram por entre dois gêneros diferentes e possuem características estruturais e temáticas singulares.

A verdade é que a crônica, lidando com as diferentes ponderações acerca de sua qualidade estética, ficou confinada, durante muito tempo, a pequenos espaços dentro do mundo da literatura, digam-se, aqui, espaços físicos, como, por exemplo, os rodapés dos jornais. A crônica, gênero que, de acordo com a teoria de Candido (1992), não tinha outra opção a não ser viver ao rés-do-chão, parecia, de fato, rastejar em busca de obter sua própria ambiência.

Falar em um espaço adequado para a crônica implica tratar do merecimento de que esse gênero cronístico poderia desfrutar, caso pudesse fazer uso de um suporte que lhe conferisse maior permanência do que o faz o jornal, cujas publicações ficam confinadas a uma efemeridade que se dá em razão de o jornal ser uma leitura diária e com data de validade marcada. O jornal, espaço em que ela desde o início se encontrava veiculada, pode ser considerado um espaço de divulgação de grande abrangência, porém, é obrigado a lidar com uma fraqueza: a de ser um suporte perecível.

Pode-se salientar que essa condição de duração limitada a que foi submetido o gênero cronístico, nos jornais, fez com que alguns tipos de textos, como os escritos por

mulheres, pudessem ser tidos por “adequados” para a ambiência da crônica, uma vez que da mesma forma mereciam pouco espaço e pouca atenção.

Sabe-se que a resistência quanto aos textos escritos por mulheres se encontra pautada na história deste grupo, que conta com percalços para a inserção no mundo das letras desde muito cedo. Lutando por direitos basilares da educação, concebendo nela a chave para o conhecimento e o abandono da alienação, as mulheres com demora conseguiram escrever, estando em primeira instância confinadas aos diários e às cartas, nos quais nunca encontravam leitores e, depois, ficando restritas a poucos leitores e ainda experimentaram duras batalhas, a fim de conseguir participar de assuntos que diziam respeito à vida pública, como a política ou mesmo as profissões.

A crônica passou a ser, desse modo, o espaço que se acreditava ser merecido pelas mulheres, já que, sendo a crônica um texto que dava conta das miudezas do cotidiano, parecia se adequar com perfeição ao que, de forma pré-concebida, se dizia sobre as mulheres: que teriam pouco ou nada de importante a ser dito. Da mesma forma, sendo o texto cronístico uma narrativa que fazia uso de poucos recursos ornamentais e não compreendia grandezas estéticas, ele se identificaria com o pouco que a mulher sabia sobre o processo de escrever.

Diante desse quadro que acompanhou, durante muito tempo, o panorama das crônicas e da história das narrativas de mulheres, buscou-se, portanto, atestar de que forma os textos escritos por mulheres merecem um local de permanência no qual possam perpetuar ideias muito relevantes a respeito do mundo e do cotidiano, conforme se observa por meio da leitura das crônicas da escritora de crônicas Vivina de Assis Viana, e de sua análise.

As crônicas de Viana, divididas em cinco diferentes categorias, foram analisadas, e o grande valor de seus textos se faz inquestionável, pelo reconhecimento da elaboração estética de suas narrativas, bem como o uso de recursos que engrandecem seus textos, demonstrando sua facilidade em articular uma linguagem que transita por entre a fronteira do jornalístico e do literário, e que, por meio de um texto aparentemente simples, reflete, questiona e indaga, cooperando para criar cidadãos críticos. Essa qualidade de formar leitores mais reflexivos corresponde ao que se entende por função humanizadora da literatura, segundo o conceito de Antonio Candido (1992).

Este trabalho, que objetivou cultivar um ar artesanal, de confecção paciosa e alinhavos delicados por entre as crônicas, observando com cautela cada movimento da cronista, procurou, na verdade, obedecer a uma tendência e a uma pré-disposição muito artística que vinha da própria organização das crônicas originais, as quais se encontravam recortadas, datadas e coladas no caderno da mãe da cronista.

As crônicas foram analisadas, e foi, nessa perspectiva, possível observar a maneira pela qual elas correspondem às expectativas previstas pelo trabalho, no que diz respeito à sua importância dentro do panorama da Literatura Brasileira. Fazendo uso de uma linguagem bem ajustada ao que se exige para as crônicas, e utilizando-se dos recursos pertinentes ao texto cronístico, a cronista, de maneira bem sucedida, elaborou textos muito simbólicos, representativos e de grande importância para o registro de uma época e sua cultura e sociedade. Na tentativa de modificar olhares e concepções sociais acerca do funcionamento do mundo, a cronista, através de um texto de aparência descomprometida e, por vezes, bem humorada, busca cativar e instruir o leitor.

Dessa forma, as análises atestam a importância da crônica de forma geral, afastando a conotação de gênero pomenorizado a que os textos dessa natureza ficam submetidos, por vezes, além de colaborar para afirmar a obra literária da cronista Viana, nesse caso, suas crônicas, como um conjunto de escritos que devem ganhar destaque dentro da literatura. Sempre minimizadas, a crônica e a escrita feminina aqui se unem na crônica escrita por uma mulher, salientando a forma pela qual tanto a crônica e a escrita de mulher desfrutam de grande valor.

Por conseguinte, pode-se enfatizar que Dona Vivina, mãe da cronista Vivina de Assis Viana, era uma das mulheres que fez a diferença para o estudo dessas crônicas, do modo como ele veio a acontecer. Competiu a ela a percepção a respeito da importância das crônicas e, atentando para o valor artístico e sentimental dos textos, à sua maneira, tentou criar seu próprio suporte para que eles fossem eternizados.

Muito se debateu neste trabalho, em especial no primeiro capítulo, sobre o vínculo da crônica com a questão do tempo. Tem-se, aqui, portanto, um olhar sobre a relação da crônica com o tempo que vai além da teoria. Na prática, Vivina de Assis Viana é o eixo central ligado a dois diferentes tempos: o passado, representado pela mãe, que garantiu a preservação das crônicas até então; e o futuro, concebido por mim, pesquisadora que busca garantir a posteridade destas narrativas.

Desse modo, este trabalho vai ao encontro da tentativa de atribuir a textos construídos com tanta minúcia e que transmitem, com tanta propriedade, a perenidade que não tiveram outros textos, como por exemplo, os de Otto Lara Resende, de acordo com as palavras da própria cronista, no texto de homenagem de 1993. Tendo ele falecido, não mais seria possível ter acesso aos textos cronísticos, já que sua configuração cotidiana e perecível, somada à ausência da publicação dessas crônicas em livros, somente poderiam resultar em sua extinção.

Assim, pode-se afirmar que, ao longo desta pesquisa, quatro mulheres, a oito mãos, trabalharam juntas em busca de atestar a importância e o real valor da crônica, da escrita feminina e da obra de Viana. Em um espírito de sororidade, houve quem escrevesse as crônicas, quem as recortasse e guardasse, quem as digitasse, e quem as quis eternizar: Vivina Viana, Dona Vivina, Raquel, e eu. Mulheres escritoras, mulheres observadoras, mulheres leitoras. Todas elas cientes sobre a condição passageira das crônicas, tão frágeis, tão destinadas a nascer e morrer com o sol, como o jornal, e que deve ser, de alguma forma, eternizada.

Ainda me lembro de uma dedicatória com que me deparei em um livro de crítica de Literatura Brasileira, no passado. Ela dizia que a pesquisa possui dois momentos: o solitário e o solidário. Aqui, portanto, materializam-se esses momentos. Após a análise da amostragem de crônicas, período de estudos solitário e introspectivo, atinge-se o momento da conclusão de que estas crônicas sempre mereceram, e ainda merecem, ser revisitadas quando possível, por leitores que puderem ou desejarem.

Parece ser difícil encontrar a resposta para questões no âmbito dessas necessárias transformações inclusivas. Não se sabe ainda quais seriam, por exemplo, as medidas necessárias para que este material alheio ao cânone pudesse integrar esse grupo de textos que tem sua posteridade garantida. Da mesma forma, não se pode falar, ainda, sobre os critérios para a presença desses textos no seio das literaturas de prestígio, se formariam um novo ramo de textos, se se misturariam ao já existente. Pode-se ainda questionar se, de fato, os escritos de mulheres deram conta de se emancipar de forma integral, desvencilhando-se de seu compromisso com o âmbito doméstico e adentrando de vez o mundo das questões públicas.

A verdade é que, em face dessas questões não ainda respondidas e que de maneira muito pertinente podem vir a colaborar e despertar outros olhares, outros

estudos, em âmbitos multiculturais dentro da sociedade atual, constata-se, no mínimo, uma verdade inquestionável: a de que se considera uma perda o fato de que leitores da atualidade se encontrem privados do encontro com textos tão cuidadosos na linguagem, plenos de registros históricos, de experiências, e que compreendem sabedorias, como são as crônicas de Viana. Sendo essas narrativas crônicas de grande mérito no âmbito de sua escritura, um elaborado painel dos anos 90, e ponto de encontro de saberes, de contações de história que carregam olhares bem humorados e de narrativas que misturam, numa perspectiva única, passado e presente, só se pode reiterar, sem sombra de contestações, a necessidade da inserção destes textos no âmbito da Literatura Nacional.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Maria de Fátima. Diferença e Igualdade nas Relações de Gênero: Revisitando o Debate. *Psicologia Clínica*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, p. 41-52, 2005.

\_\_\_\_\_; MATTIOLI, Olga Ceciliato; RESENDE, Vera da Rocha (Org.). *A produção da violência na família e nas relações de gênero: estudos e pesquisas*. Curitiba: CRV, 2010.

ARRIGUCCI Júnior, Davi. Fragmentos sobre a crônica. *Boletim bibliográfico da biblioteca Mário de Andrade*. V. 46 n. (1/4). janeiro a dezembro 1985.

BARTHES, Roland. *O grão da voz: entrevistas 1962-1980*. Lisboa: Edições 70, 1981. (Coleção Signos).

\_\_\_\_\_. *O rumor da língua*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

BAUMAN, Zigmunt. *Modernidade líquida*. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: fatos e mitos*. 4. ed. São Paulo: Difusão Europeia do livro, 1970.

BENDER, Flora; LAURITO, Ilka. *Crônica: história, teoria e prática*. São Paulo: Scipione, 1993.

BENJAMIN, Walter. Paris do Segundo Império. In: *Os Pensadores*. São Paulo: Abril, 1975.

\_\_\_\_\_. O Flâneur. In: *Os Pensadores*. São Paulo: Abril, 1975.

BLEIER, Ruth. *Science and Gender: A Critique of Biology and Its Theories on Women*. New York: Pergamon, 1988.

BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (Org.). *Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. Maringá: EDUEM, 2009.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: História de velhos*. São Paulo, Companhia das Letras, 1987.

BOURDIEU, P. A dominação masculina. *Educação & Realidade*. Porto Alegre: UFRGS, 133-184, jul/dez 1995.

BRASIL. Constituição. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília: DF, Senado Federal, 1998.

CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. *Ciência e Cultura*. 24 (9): 803-809, set. 1972.

\_\_\_\_\_. A vida ao rés-do-chão. In: *A crônica: o gênero, suas transformações e sua fixação no Brasil*. Antonio Candido [et. al]. Campinas: Editora da Unicamp; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

\_\_\_\_\_. *Literatura e sociedade*. 8. ed. São Paulo: T.A. Queiroz; Publifolha, 2000.

COUTINHO, Afrânio. *Crítica e Teoria Literária*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Fortaleza: Edições Universidade Federal do Ceará – PROED, 1987.

COVRE, Maria de Lourdes Manzine Covre. *O que é cidadania*. 3. ed. São Paulo. Brasiliense, 1999.

CRUZ, Heloísa de Faria. *Na cidade, sobre a cidade: cultura letrada, periodismo e vida urbana. São Paulo 1890/1915*. 1994. Tese (Doutorado) – FFLCH, Universidade de São Paulo, São Paulo, Data de Defesa: 16/06/1994.

DUARTE, Constância Lima. Feminismo no Brasil. *Estudos Avançados*. São Paulo, v. 17, n. 49, dez. 2003.

DUMITH, Denise de Carvalho. *O mito de Penélope e sua retomada na literatura brasileira: Clarice Lispector e Nélide Piñon*. 2012. Tese (Doutorado) – UFRS, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. *Vidas de romance: as mulheres e o exercício de ler e escrever no entresséculos: 1890-1930*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2005.

ESTEVES, Martha de Abreu. *Meninas perdidas: os populares e o cotidiano do amor no Rio de Janeiro da Belle Époque*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

FERREIRA, Luiz Antonio Miguel. *Temas de direito à educação*. São Paulo. Imprensa Oficial do Estado de São Paulo. Escola Superior do Ministério Público, 2010.

FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* 4 ed. Lisboa: Passagens, 2000.

FRANCO JÚNIOR, Arnaldo. Formalismo russo e new criticism. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (Org.). *Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. Maringá: EDUEM, 2009.

FRANÇOIS, Ettiene. A fecundidade da história oral. In: FERREIRA, Marieta M.; AMADO, Janaina (Org.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2005. p. 3-15.

FUNCK, Susana Bórneo. *Anjos e Feras no espaço doméstico: decoração para meninas e meninos*. In: COSTA, C. L.; SCHIMIDT, S. P. (Org.). *Poéticas e políticas feministas*. Florianópolis: Mulheres, 2004.

GUARINELLO, Norberto Luiz. Cidades-estado na Antiguidade Clássica. In: PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *História da Cidadania*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

HERNANDES, Andréia Nogueira. *Criação literária em Vivina de Assis Viana*. 210p. 2009. Dissertação (Mestrado) – UEL, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, Data de Defesa: 27/04/2009.

HUTCHEON, Linda. 1991. *Poética do pós-modernismo – História, teoria, ficção*. Trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

LACERDA, Lilian de. *Álbum de leitura: Memórias de vida, histórias de leitoras*. São Paulo: UNESP, 2003.

LIMA, Edvaldo Pereira. *Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura*. Campinas: UNICAMP, 2004.

LOBO, Luiza. *Crítica sem juízo*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1993.

\_\_\_\_\_. *Segredos públicos: os blogs de mulheres no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

LUZ, Madel Therezinha. O lar e a maternidade: instituições políticas. In: Luz, Madel Therezinha (Org.). *O lugar da mulher: estudos sobre a condição feminina na sociedade atual*. Rio de Janeiro: Graal, 1982.

MEYER, Marlyse. Voláteis e versáteis. De variedades e folhetins se fez a crônica. In: CANDIDO, A. et al. *A crônica: o gênero, suas transformações e sua fixação no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

MOISÉS, Massaud. A Crônica”. In: \_\_\_\_\_. *A Criação Literária: prosa*. São Paulo: Cultrix, 1982, p.245-258.

NEVES, Margarida de Souza. Uma escrita do tempo: memória, ordem e progresso nas crônicas Cariocas. In: *A crônica: o gênero, suas transformações e sua fixação no Brasil*. Antonio Candido [et. al]. Campinas: Editora da Unicamp; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. *Projeto História*. São Paulo: PUC, n. 10, pp. 07-28, dezembro de 1993.

PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. *Tratado da Argumentação: a nova Retórica*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

PERROT, Michelle. *Mulheres Públicas*. Trad. Roberto Leal. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

QUINTAS, Fátima. A crônica antropológica: literatura e ciência. *Logos: comunicação e universidade*, Rio de Janeiro: UERJ, Faculdade de Comunicação Social, Vol. 1, n. 1, 1990.

RODOLPHO, Melina. *Écfrase e Evidência nas Letras Latinas: Doutrina e Práxis*. 2010. 213 f. Dissertação (Mestrado em Letras Clássicas) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

ROMANI, Jaqueline Pitanguy. *Mulher: natureza e sociedade. Instituições políticas*. In: LUZ, Madel Therezinha (Org.). *O lugar da mulher: estudos sobre a condição feminina na sociedade atual*. Rio de Janeiro: Graal, 1982.

RONCARI, Luis. A estampa da rotativa na crônica literária. In: CANDIDO, Antonio et al. *A crônica: o gênero, suas transformações e sua fixação no Brasil*. Campinas: Editora da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

RUBIN, Gayle. The traffic in women: notes on the “Political Economy of Sex”. In: REITER, Rayna (Ed.). *Toward an Anthropology of Women*. Tradução: ONG SOS Corpo. Recife, PE. New York: Monthly Review Press, 1975.

SCHMIDT, Rita Terezinha. *Sob o signo do presente: intervenções comparativistas*. Porto Alegre: UFRGS, 2010.

SCHWARZ, Roberto. Cultura e política: 1964-1969. In: \_\_\_\_\_. *O pai de família e outros estudos*. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: \_\_\_\_\_. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

SHOWALTER, Elaine. A crítica feminista no território selvagem. Trad. Deise Amaral. In: HOLLANDA, H. B. (Org.). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994 p.23-57.

\_\_\_\_\_. *Speaking of gender*. New York: Routledge, 1989.

SIMMEL, Georg. As grandes cidades e a vida do espírito. In: *MANA* 11 (2): 577-591, 2005.

SOLARI, Aldo. O objeto da sociologia rural. In: SZMRECSÁNYI, Tamás; QUEDA, Oriowaldo (Org.). *Vida rural e mudança social: leituras básicas de sociologia rural*. São Paulo: Nacional, 1972.

SOUZA, Itamar de. A mulher e a revolução francesa: participação e frustração. *Revista da FARN*, Natal, v.2, n.2, p. 111-124, jan./jul. 2003.

SUSSEKIND, Flora. *Tal Brasil, qual romance?: Uma ideologia estética e sua história: o naturalismo*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1984.

THE LIBRARY OF CONGRESS. Rosie the riveter: real women workers in World War II. Virtual Programs and Services. July 20, 2010. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=04VNBm1PqR8>. Transcription of the vídeo by Sheridan Harvey. Disponível em: <http://www.loc.gov/rr/program/journey/rosie-transcript.html>. Acesso em março de 2010.

THOMSON, Alistair; FRISCH, Michael; HAMILTON, Paula. Os debates sobre memória e história: alguns aspectos internacionais”. In: FERREIRA, Marieta M.; AMADO, Janaina (Org.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2005. p. 3-15.

VIANA, Maria José Motta. *Do sótão à vitrine: memórias de mulheres*. Belo Horizonte: UFMG, 1995.

WOOLF, Virginia. *Um teto todo seu*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Círculo do Livro, 1990.

YUNES, Eliana; PONDÉ, Glória. *Leitura e leituras da literatura infantil*. São Paulo: FTD, 1988.

ZILBERMAN, Regina. *A literatura infantil na escola*. 4. ed. rev. e ampl. São Paulo: Global, 1985.

**ANEXOS**

**ANEXO 1**

A seleção de crônicas de Vivina de Assis Viana

## **1. CRÔNICAS URBANAS**

## Cidade grande

A feira livre é pertinho, dois quarteirões. Ou quadras, como dizem por aqui. Não perco uma quinta-feira. Gosto de andar entre cores e cheiros, reconhecendo frutas e verduras e flores. E conhecendo. Japoneses apresentando verduras inéditas, legumes exóticos e flores experimentais são inevitáveis. Pergunto tudo: nome, jeito de preparar, guardar.

Por razões comodistas, já que até hoje não aprendi a dirigir carro nem outras coisas dirigíveis, compro as frutas sempre na mesma barraca. E para lá carrego legumes e verduras comprados aqui e ali, de japonês em japonês.

O filho do dono, nordestino de uns 16 anos que aprende rápido endereços e preferências, entrega tudo em casa no início da tarde, enquanto o pai desarma a barraca.

De vez em quando faço uma pausa. Viagens, doenças, imprevistos. Quando reapareço, o garoto só falta dizer que sentiu saudades.

Se não sou a única sumida, conta das outras. A da rua de cima bateu o carro (disso estou livre, graças a Deus!), a da esquina perdeu a filha (que Deus me livre e guarde!), a grávida teve gêmeos...

A fala entusiasmada do garoto me leva a duvidar do tamanho da cidade. E se compro mais do que o dinheiro que levo, não tem a menor importância. Pago na outra semana. Ou na outra, ou na outra... A mesma história no açougue da esquina. Na farmácia, na padaria. Concluo que participo de uma estranha comunidade que, enquanto dura o dia, se conhece e se relaciona nos moldes de uma cidade do interior. Das bem pequenas.

A diferença talvez esteja na noite. Se a cidade é do interior, e bem pequena, a gente sabe onde o açougueiro mora, onde descansa. O padeiro, o farmacêutico.

Se a cidade é do interior, e bem pequena, ninguém saberá do garoto da feira livre. Produto da cidade grande, ele não sobreviveria entre grandes quintais e pequenas distâncias. Ainda que sobrevivesse, não teria tantas histórias para contar. Afinal, se nascessem gêmeos na cidade, quem é que não ia ficar sabendo, quase na mesma hora que a mãe?...

09.12.1990

## Silêncio na portaria

Ela foi o primeiro morador a chegar ao prédio acabado de construir. Ajeitou as coisas pelos três quartos, sala e cozinha, ajeitou-se.

Na primeira folga, pegou no colo o cachorrinho de estimação, desceu até a portaria e ficou.

Só subia pra almoçar, jantar, dormir, fazer alguma visita.

Se nascia alguma criança no prédio, lá estava ela na porta com um par de sapatinhos de tricô, mal a mãe chegava da maternidade.

– Olha, “filha”, já não enxergo direito, não ficou bem feito, mas acho que o neném vai gostar...

Os sapatinhos eram feitos na portaria, entre beijos e abraços das crianças e intermináveis conversas com os adolescentes que, pouco a pouco, entre uma e outra brincadeira, entre idas e vindas da escola, descobriam, na simpática figura com o cachorrinho, uma “avó” em completa disponibilidade.

À noite, em suas casas, os menores contavam histórias do cachorrinho, todas ouvidas lá, no território encantado da portaria...

As histórias dos mais crescidos contavam coisas deles mesmos, todas sentidas lá, no território misterioso da portaria...

Algumas famílias se mudaram, outras chegaram, as crianças entraram na faculdade, o cachorrinho morreu. Na hora certa, parece. Quem iria carregá-lo no colo, se sua dona necessita da ajuda de duas bengalas?

Na última greve de ônibus de São Paulo, assentada no território nostálgico da portaria vazia de crianças e adolescentes cada vez mais seduzidos por *shoppings* e videogames, ela indagou:

– Será que essa greve não acaba nunca mais? Tem três dias que não aparece nem um faxineiro...

– A senhora está precisando de alguma coisa? Posso apanhar o lixo na sua casa...

– Não, “filha”, obrigada, quem tem noventa anos vai precisar de quê?

– É que a senhora falou no faxineiro...

– Estou com saudade dele.

28.04.1991

### Pregando no deserto

Um dia, no supermercado, quando peguei o talão de cheques, a moça da caixa avisou triunfante:

– Não precisa preencher, só assinar.

Assustada, obedeci. E percebi que ela se impacientava com meu nome comprido e meu jeito lento de assiná-lo, sem rabiscos nem abreviaturas mágicas cultivadas até por meus filhos...

Antes que eu terminasse, ela me puxou o cheque das mãos, deslizou-o rapidamente pela máquina como se um cartão magnético e me devolveu extasiada:

– Pode conferir.

Longe de mim duvidar dos engenhos do quase século XXI. Lá estavam o valor da compra e a data, com centavos, esses, esses, tudo perfeito.

Pouquíssimo tempo depois, diante da mesma moça, no mesmo lugar, resolvi ganhar tempo:

– Já sei. Basta assinar, não é?

Era.

Assinei o mais rápido possível, torcendo para que ela não tornasse a me puxar o cheque, gesto que havia me perturbado.

Ela deslizou-o pela máquina uma, duas, três vezes. Nada.

– Enguiçou? – perguntei, quase triunfante.

Nem respondeu. E tentou de novo uma, duas, muitas vezes.

– Não seria melhor eu preencher? – sugeri.

Sem saída, a fila crescendo às minhas costas, ela cedeu. Mas lamentou:

– Logo na sua hora... Logo você, que leva um tempão só para assinar o nome...

Tentei dizer-lhe que o enguiço da máquina talvez fosse positivo. Se as pessoas enguiçavam menos, isso era bom sinal, não era não?

Fui interrompida por minha filha, que me puxou firmemente pelo braço:

– Mãe, pelo amor de Deus, você vai começar de novo? Você ainda acha que alguém no mundo vai te ouvir?

15.03.1992

## Um cafezinho?

Chego à janela e nada vejo, além de cenas cotidianas.

Um casal abraçado, uma criança com a mão na mão do pai, alguns carros apressados, outros nem tanto.

No ponto de táxi, um motorista, jeito de líder, fala. Os colegas, jeito de liderados, ouvem.

Um homem entra na farmácia à procura de uma informação, mas a balconista não parece nem um pouco interessada em prestar-lhe ajuda...

Conformado – ou decepcionado? –, ele fica parado na porta da farmácia, parecendo pensar...

Fico torcendo para que se aproxime dos motoristas de táxi. Haverão de ajudá-lo, imagino.

Mas ele apenas olha, à direita, à esquerda, desinteressado.

– Ele podia entrar na padaria e tomar um café – penso.

Em frente à farmácia, a padaria não chama sua atenção. Assim, ele não vê a criança que puxa a saia da mãe por causa de um picolé, nem a mulher que não consegue fechar a bolsa cheia demais, nem o rapaz que lava as xícaras tão rápido quanto serve os cafés...

– Melhor sair da janela – penso. – Esquecer o homem e sua indecisão. Se ele não quer tomar café nem conversar com o motorista, isso não será problema dele? Afinal, nunca o vi antes e, possivelmente, nunca mais tornarei a vê-lo.

Vou até a cozinha, tomo água, abro a geladeira, fecho, ligo o fogão, desligo, mexo aqui e ali.

Segundos depois, xícara de café na mão, volto à janela. E continuo torcendo para que aquele desconhecido peça ajuda aos motoristas ou tome café. Ou então siga seu caminho, já que preciso me sentar diante da máquina para o dever – ou lição, como dizem os paulistanos – de casa semanal...

05.09.1993

### **Tão perto e tão longe...**

É domingo, acabo de tomar café e percebo que a rua ainda nem acordou direito, janelas fechadas, carros vazios, pombos quase silenciosos, um cachorro perdido...

Em frente à banca de jornal, um homem não sabe se continua a procurar a moeda no bolso pequeno de calça, ou se esquece as notícias, acende um cigarro, contempla o quase silêncio dos pombos...

Perto da padaria, uma mulher, criança pequena pela mão, anda olhando pra trás, como se esperasse alguém, ou sentisse medo...

Dentro de casa, nariz colado na vidraça embaçada, não sei se continuo à espera de cenas previsíveis, lá embaixo alguém haverá de entrar na padaria, alguém, nessa cidade, haverá de precisar de pão, de leite, alguém haverá de ter dinheiro trocado para o jornal, alguém, com bengala, haverá de enxotar o pobre e solitário cachorro perdido, alguém – uma criança, talvez? – haverá de jogar miolo de pão para os pombos timidamente arrulhantes...

Não sei se sigo sentindo a rua, tão perto e tão longe, ou se volto à xícara de café, aos jornais do dia, aos passarinhos, ao quase silêncio da casa que, à semelhança da rua, ainda não acabou de acordar...

16.10.1994

### Debaixo do sol

Antigamente, e nem há tanto tempo assim, nas calçadas, espaço normalmente reservado aos pedestres, aconteciam encontros, desencontros, e, não raro, amores à primeira vista, ou à segunda, surgidos ali, terminavam em casamento.

Atualmente, e nem há tão pouco tempo assim, nas calçadas das grandes cidades, o espaço normalmente reservado aos pedestres tem sido dividido com um número sempre crescente de famintos e maltrapilhos vindos de todo lugar e indo para lugar nenhum.

Um dia desses, passava um pouco do meio dia, dividi a calçada com três crianças – ou seriam adolescentes? – magras, sujas, descalças. O sol, muito mais que quente, não impedia que as três dormissem, encolhidas, encardidas.

A cena seria uma mera repetição de tantas outras, em tantas calçadas dessa cidade muito mais que imensa, se não houvesse, ao lado de cada criança, bem ao alcance das mãos adormecidas e entreabertas, três pães.

Os pães poderiam ser uma mera repetição de tantos outros, restos ou não, deixados ao lado de tantas crianças adormecidas mais de fome que de sono, se não houvesse, protegendo-os, guardanapos de papel dobrados com cuidado, talvez carinho.

Durante o almoço, dividi as histórias que meu filho trazia da escola com a lembrança daquelas crianças estendidas ali, tão perto, na calçada escaldante.

Calçada que seria uma mera repetição de tantas outras, comuns, esburacadas, se não abrigasse, pelo menos por algumas horas, ou momentos, não apenas uma tentativa de alimento, mas de cuidado. Não uma esmola, mas – quem sabe? – uma oferenda.

02.04.1995

## Pesadelo

Avessa às alturas e a espaços fechados, duas coisas me incomodam demais da conta, como gostamos de dizer, nós, os mineiros: avião e elevador.

Se o primeiro pode ser mantido à distância, usado apenas por deveres de ofício, o segundo, gênero de primeira necessidade do chamado mundo moderno, faz parte do nosso mais rotineiro dia a dia.

Ainda que o elevador faça parte da minha rotina desde o final dos anos sessenta, nosso relacionamento nunca foi dos melhores. Ainda hoje, quando sua porta se abre diante de mim, se não existe outra saída, entro, querendo sair. Quando saio, rezo pra não entrar de novo...

Tenho entrado. Em casa ou no trabalho, tenho entrado.

Não poucas vezes costumo trocar o botão do décimo quarto andar, onde moro, pelo do quinto, como se ainda estivesse na rua Pitangueiras, em Belo Horizonte, há alguns anos. Como se ainda pudesse, entrando em casa, ouvir, televisão ligada, o discurso de posse do recém-eleito governador Tancredo Neves: “Liberdade é o primeiro nome de Minas”...

Outras vezes, troco o sexto andar, onde trabalho, pelo oitavo, como se ainda estivesse no primeiro apartamento em que morei, aqui em São Paulo, a janela da sala abrindo horizontes desconhecidos, o rádio da sala anunciando – ou denunciando? – os acontecimentos de maio de 68.

E quando quero ir para a garagem e fico no térreo? Quase na rua, volto. Dentro da geringonça incômoda, erro de novo, apertando o número de casa. Antes que chegue, a lembrança: eu não estava indo para a garagem? Aperto o botão de novo, recomeço tudo, já nem sei se estou subindo ou descendo, só sei que não posso parar entre um andar e outro, que os anjos me ajudem, qual é mesmo o anjo do meu signo?...

Pensando bem, não tenho andado de elevador. Tenho passeado. Tenho perambulado, indo e vindo, sem rumo, dando voltas em volta de mim. Misturando alturas e paisagens num tempo único, indivisível...

Ah! E as várias vezes – juro que não foi uma só – em que desci no andar de baixo e tentei abrir a porta dos vizinhos, que nunca gostaram de mim?...

14.01.1996

## Triste História

Em pleno feriado de vinte e um de abril, herança de Tiradentes, herói do século XVIII que dizem ter morrido em nome da liberdade, ouço a história do índio pataxó, herói e vítima desse nosso fim de século, morto enquanto dormia num banco de praça, na moderna e ultrapassada capital do País.

O índio, cacique como Tiradentes, foi confundido com um mendigo, ser absolutamente sem importância, nada além de um zero à esquerda. Ser que, desaparecido, ninguém chora, vela ou reclama. Ser que pode ser eliminado a qualquer hora do dia ou da noite, lixo incômodo e inútil.

Altas horas, saindo de uma festa, cinco rapazes de Brasília resolveram parar o carro, descer e queimar o lixo. Só queriam brincar, os coitadinhos. Ver o mendigo sair correndo, pulando, assustado. Só isso. Ah, e não sabiam que era um índio, claro. Nem que havia saído de uma aldeia sintomaticamente chamada de Pau Brasil, herança do século XVI, começo de nossa história. Menos ainda que se tratava de um cacique, com mãe, mulher, filhos, casa, trabalho.

Os rapazes de Brasília, coitadinhos, não sabiam de nada. Se soubessem, teriam levado o cacique pra casa, solidários. Infelizmente, pensaram que fosse um mendigo, mais um.

O único erro do grupo da capital moderna e ultrapassada foi não saber, aos 19 anos, que quem dorme em banco de praça também é gente. Ou pode ser.

27.04.1997

## Monstros e fantasmas

Desde que inventaram o novo código de trânsito, ando preocupada. Não com meu lado motorista, que raramente uso, apenas em último caso.

Ando preocupada com meu lado pedestre, que uso constantemente, em qualquer caso.

A verdade é que não me ensinaram a andar na cidade. Carros, ônibus, buzinas, barulhos e multidões, verdadeiros monstros ou fantasmas, sempre me confundiram.

Só aprendi a andar no mato, meu pai e minha mãe me guiando entre árvores, córregos, flores, vacas, cavalos, cachorros e galinhas. De vez em quando, uma carona num carro de boi a caminho do cafezal, o olho olhando longe, as mãos agarradas aos fueiros, o eixo do carro cantando bonito, de vez em quando, entre trancos e barrancos, uma viagem dessas quebrando a rotina de nossos corações sossegados.

Nos últimos tempos, sem fueiros a que me agarrar na balbúrdia da cidade grande, tenho medo de, andando a pé, dar uma ou outra ou várias cotoveladas. E se for proibido, como o cotovelo pra fora da janela do carro?

E excesso de velocidade? Se eu for assaltada, ou se a chuva começar a cair sem aviso, não posso mais sair correndo pela rua?

Estacionar em fila dupla, nem pensar. Sendo assim, como ficar lado a lado com alguém, em conversas em filas sem fim, quarteirões afora, como sempre fiz?

Ah, e se for tarde demais para aprender a atravessar na faixa? Pensando bem, não sei se dou conta de tanta novidade. De atravessar ruas e avenidas como se conhecesse o mundo e soubesse de suas encruzilhadas. Sei que não sei nem conheço. E o pior de tudo é que, como dizia o Drummond, o mundo é grande...

15.02.1998

## Desalento

Da janela do oitavo andar, pude ver quando, a muito custo, ela se levantou, tentando desamassar a roupa e calçar o pé do sapato que havia voado longe. Vi quando saiu mancando, olhando pros lados, parecendo desculpar-se pelo transtorno.

Enquanto este caída, sem conseguir se levantar, muitas pessoas passaram. Algumas olharam, outras nem isso. A maioria. Como se escorregar na rua molhada pela chuva e torcer o pé fosse tão corriqueiro como escovar os dentes ou tomar um copo de água.

Deixo a janela e me ponho a escrever essa crônica. Com profundo desalento. Pensando que um mínimo de solidariedade todos tinham obrigação de ter, ou ter de demonstrar. Se uma mulher escorrega no meio da multidão, custa ajudar? Com ou sem chuva, custa parar um segundo, estender a mão, conceder um olhar?

Nesses nossos tempos de visível e crescente indiferença, parece que custa. Parece ainda que pouco a pouco nos acostumamos a passar ao largo de quedas e escorregões alheios, como se nada tivéssemos a ver com coisa nenhuma. Como se nossa tarefa fosse a de contemplar a vida de longe, mão limpas, cabeça fresca.

Talvez eu devesse terminar essa crônica dizendo que saí da janela quando vi a mulher caída na rua, entre buzinas e silêncios. Talvez eu devesse dizer que fui até lá, estendi-lhe a mão, olhei-a nos olhos.

Nesses nossos tempos de visível e crescente indiferença, fiz nada disso. Olhei de longe, conversei com ninguém, nem o vido da janela abri.

Escrevi essa crônica, minha maneira de conversar comigo. Nada mais.

10.01.1999

## **2. CRÔNICAS MEMORIALÍSTICAS**

**(Memórias de Infância/Histórias dos filhos)**

## Memórias de Infância

### No terreiro

As galinhas eram duas, os pintinhos trinta e nove. O cachorro, um só: Amigo.

A convivência no terreiro, pacífica, reunia uns e outros na hora do sol e escondia cada um quando chovia.

Foi num dia de muita chuva – Quarta-feira de Cinzas – que a avó acordou chorando. Os pintinhos estavam reduzidos a vinte e um.

– Foi muito cedo, quando ainda estava escuro – disseram.

O Amigo, de tocaia, tinha esperado a saída dos pintinhos por um buraco pequeno na porta do galinheiro. Abatia um, outro, mais outro. No décimo oitavo, foi descoberto.

– Até aquele que era manco morreu – diz o neto, nove anos, os olhos molhados.

– O mais pretinho também? – a avó pergunta.

Ele balança a cabeça dizendo sim. E lembra suas correrias pelo terreiro, o dia inteiro seguindo os pintinhos, cuidando para que não se afastassem muito das galinhas, não se machucassem. Não sumissem.

– E o Amigo, vó? O que vão fazer com ele?

Os olhos dela, molhados, não têm coragem de responder.

01.04.1990

## Novas paragens

Tive um avô que gostava de andar a pé. Não sei se alguma vez terá me levado nos braços. Não me lembro.

Minhas lembranças mais remotas dizem apenas que não foram poucas as vezes em que o segui. Pernas ainda tropeçantes, corria pelos caminhos poeirentos que levavam ao bambual, ponto final da jornada, quando nos assentávamos numa espécie de cratera que eu devia imaginar criada pela natureza, para que simplesmente descansássemos...

Meu avô, descobri mais tarde, talvez estivesse mais cansado do que meus quase cinco anos podiam supor, porque se foi logo, logo...

Com o tempo, fui percebendo que a cratera, bem no centro do bambual, aumentava dia a dia, e a responsabilidade não cabia à natureza, mas ao machado, à foice e à enxada, que meu avô tanto combatia.

Nesse momento em que essas lembranças estão me povoando, descubro, como já descobri inúmeras outras vezes, que o trio avô-criança-bambu só existe na minha memória de sobrevivente.

Por mais que se busque nos álbuns familiares, nenhuma fotografia registrou o espírito do avô precocemente ecologista, da criança ingenuamente crédula, das árvores irremediavelmente ameaçadas...

Minha memória de sobrevivente volta a viver tudo isso quando fica sabendo que Miro Sopena, fotógrafo do *Fim de Semana* desde sua criação, foi registrar outras cenas, em outras paragens...

Cruzamos poucas vezes. O suficiente para que me lembre de sua figura discreta, querendo saber o nome do livro que eu estava lançando. Buscando o melhor ângulo para fotografar a capa. Perguntando pelos meus filhos, pelos meus pais. Se eu queria que ele fotografasse alguém especial...

Se Miro Sopena, que conheci tão pouco, encontrar, nas novas paragens, um avô andando a pé ou assentado numa cratera de bambu, e se por acaso houver uma criança com ele, por favor, fotografe.

18.08.1991

## Deus te abençoe

Nessa tarde de chuva fina, quase garoa, separei, de um monte de envelopes, um momento de intensa ternura.

O caminho de São Tiago, além de me levar à sombra do ipê da Praça da Matriz, me leva também ao aconchego de uma casa cercada de flores e de frutas.

Dentro do envelope, muito mais que um convite: a fotografia de um casal que, entre filhos, netos, bisnetos, noras e genros, celebra sessenta anos de casamento.

Tenho a honra de ser um dos sobrinhos do Tio Job, que faz parte das minhas mais ternas e legítimas lembranças.

Algumas vezes por ano ele aparecia na casa da irmã mais nova – minha mãe – sempre à tardinha, sempre a cavalo, sempre “Deus te abençoe” depois que eu lhe beijava a mão...

Mais tarde, cavalo solto no pasto, corpo descansando no banco de madeira da cozinha, caneca de café na mão, ele falava com carinho na mulher, minha querida Tia Zica, na fazenda, a Cachoeirinha, nos filhos mais velhos que, desaparecidos precocemente, continuam nos mais jovens...

Havia sempre um momento em que minha mãe se calava. E eu gostava de ouvir aqueles homens amigos, um meu tio, outro meu pai, dissertando sobre chuvas e ventos, bois e cavalos, terras e rios, plantações e colheitas, compras e vendas, filhos sendo alfabetizados, filhos saindo pra estudar fora, filhos voltando nas férias...

Algumas personagens dessas minhas lembranças já se foram. Cada um tem seu tempo, não tem?

Quero dizer ao meu Tio Job e à minha Tia Zica que só não fui ver as buganvílias e as orquídeas no dia 24 de outubro porque era o lançamento, aqui em São Paulo, de um livro que escrevi sobre o Picasso.

Quero dizer ainda que, à minha maneira, penso que consegui homenageá-los. Afinal, o Picasso não parece um tio da Humanidade?...

27.12.1992

### Quase de avó para neta

Meu amigo paulistano, nascido e criado na colônia italiana, me olha com olhos de um espanto indescritível quando eu lhe digo, entre acertos e desacertos de um texto que trabalhávamos juntos, que fazer pão de queijo é tarefa bem mais fácil...

– O quê??? Você sabe fazer pão de queijo?...

– E não era pra saber?

– Não conheço ninguém capaz de uma proeza dessas. Posso te chamar um dia, na minha casa, e te pedir pra fazer?

Tento acalmá-lo dizendo que ele está diante de uma mineira.

– E mineiros, às vezes, além do pão de queijo, fazem também o queijo, sabia?

– E você é um desses seres?

– Claro.

– Claro???

Meu amigo Edmir Perroti abandona os textos sobre os quais se debruça com tanto empenho e começa a me olhar com real e total incredulidade.

– Então, tá legal. Mas explica aí, vai. Como é que se faz uma coisa dessas?

– Um queijo, você quer dizer?...

Começo a dissertar sobre curral, vaca, balde, leite, coalho, soro, fôrma de madeira, caçamba, queijeira, e percebo, a cada nova informação, um espanto tão grande, tão paulistano, tão italiano, que tento, mais uma vez, me justificar:

– Sou mineira da roça, cresci vendo minha mãe fazer queijo, todo dia, todo dia...

Ansioso, ele arrisca:

– E o que mais você viu, ou aprendeu, enquanto crescia?

Quase lhe conto que bem que meu pai fez duas ou três tentativas, mas não consegui aprender a tirar leite, coisa que minha avó – dizem – fazia muito bem...

17.01.1993

### **Restinho de sol**

Quando eu era criança e não sabia, havia uma hora, no fim do dia, em que desapareciam as laranjas colhidas – e chupadas – no pé, os cacos de porcelana escondidos – e encontrados dentro do córrego, as cuias cheias de milho que, espalhadas pelo terreiro, reuniam, num segundo, galos, galinhas e pintinhos, os latidos dos cachorros obrigando os gatos a escalar muros e árvores...

Havia uma hora, ainda com um restinho de sol, em que meu pai, que era chefe e sabia, fechava portas e janelas e ligava o rádio, um velho e grande rádio marrom – de madeira – com a marca Emerson gravada em alto-relevo...

Quando eu era criança e não sabia, sabia que o restinho de sol anunciava não apenas o fim do dia, mas também – e sobretudo – o início da magia de duas vozes irmãs e sertanejas que, cantando – ou chorando? –, falavam de um mundo conhecido, irmão e sertanejo.

Nunca soubemos qual era o Tônico, qual o Tinoco. Pareciam um só, compadres, muito mais que amigos.

Pois um dos compadres acaba de pegar a viola, selar o cavalo zaino e buscar outros mundos. De lá, se afinar bem o ouvido, talvez possa perceber, no fim do dia, no restinho do sol, uns acordes de viola do compadre retardatário, à procura do cavalo...

21.08.1994

## Meu carro de boi

Nas horas vagas da lida na fazenda, meu pai, que gostava de conversar, costumava evocar os termos e as gentes de Morro do Ferro, que ele chamava pelo antigo nome de São João Batista.

As conversas das horas vagas nos ensinavam que o ar de lá era diferente; podia-se sentir antes ainda de chegar, as redondezas avisavam...

A banda de música, inesquecível, era o retrato do lugar, freqüentemente festejando a vida, às vezes acompanhando a morte...

Enquanto foi possível, meu pai nos reuniu, e aos empregados, a cada 24 de junho, em volta de uma fogueira.

– Lá em São João Batista a fogueira é no meio da rua, em homenagem ao padroeiro, ele dizia.

Estive em Morro do Ferro no último mês de junho, uma semana antes da fogueira.

Enquanto conversava com os alunos da Escola Estadual São João Batista, enquanto falávamos dos mistérios e segredos dos livros, enquanto meus olhos e minha alma se encontravam com os olhos e as almas de parentes e amigos, eu me dizia que meu pai tinha razão.

O ar – as redondezas me confirmaram – aquece e ilumina.

A banda de música – o coração me confirmou – emociona e equilibra.

Se meu pai soubesse que, recordando nossa mudança pra São Tiago, nos anos quarenta, ganhei um carro de boi pequenininho, com fueiros, cocão, chavelha, esteira e caniço...

Se ele soubesse que voltei com as mãos cheias de flores, que voltei com meu nome, em ponto de cruz, bordado numa toalha, o mesmo nome da certidão de nascimento que não se esqueceram de buscar no antigo cartório...

Que meu pai saiba que, nessa noite mágica, também conheci as crianças de uma escola rural que tem o nome de seu pai, meu avô, e elas trabalham e sonham...

Ah, que meu pai saiba que Morro do Ferro agora tem um hino. E que hei de pedir à Tonha Lima que me ensine a cantá-lo, ou a balbuciá-lo, quando a emoção for, outra vez, mais forte do que eu...

30.07.1995

## Doce Saudade

Mesmo tendo nascido longe da confusão e do barulho das cidades, custei a conhecer uma goiabada cascão, aquela maravilha com pedaços de goiaba misturados à massa.

Minha mãe, que nunca deixou passar um mês de fevereiro sem fazer mundos de goiabada capazes de garantir a sobremesa do ano inteiro não apenas em nossa casa mas também nos amargos internatos dos colégios que o tempo se encarregou de varrer do mapa, minha mãe fugia do modelo cascão.

- A goiabada comum, sem casca, é mais bonita, ela dizia. Mais fina, macia.

Talvez seu apurado senso estético tivesse razão. Na hora de cortar, a faca deslizava com facilidade na massa uniforme, tirada do tacho de cobre no ponto certo.

Com os filhos crescendo e adquirindo voz ativa, minha mãe cedeu, à sua maneira. Para cada dez ou doze caixetas (o nome era esse, até onde posso me lembrar) de goiabada lisa, fina e bonita, uma de cascão, verdadeira revolução...

Há muito não me voltavam essas doçuras antigas. Influência das eras diet, light e soft dos tempos mais modernos?

Pode ser, pode ser.

As doçuras me voltaram há uns dois meses, quando me deram uma porção generosa de goiabada cascão. Porção digna de um internato, onde todo doce parecia pouco para anular as amarguras...

Minha cunhada Mariza talvez não imagine o gosto de saudade que seu gesto colocou em minha mesa. Saudade conservadora e revolucionária, lisa e áspera.

Trazendo de volta o conflito entre a exigência estética de minha mãe, defensora ardorosa do doce bonito, e o paladar reivindicador de seus filhos, torcedores fanáticos do doce gostoso...

16.06.1996

### Tempo de lembrar

Últimos dias de aula, e os alunos da Escola Estadual de Mercês de Água Limpa, município mineiro de São Tiago, recebem uma tarefa especial: em busca de brinquedos antigos, devem abrir portas e armários, e vasculhar a memória de parentes e amigos.

Aluno da escola, meu sobrinho quer saber se sou proprietária de alguma dessas raridades. Se for, posso emprestar, só por uns dois dias? Tempo suficiente para uma exposição rápida, pais e avós matando saudades...

Abro gavetas, vasculho a memória. Encontro um velho bilboquê, que imaginava perdido em meio a lembranças um tanto ou quanto empoeiradas. Olhando-o com atenção, reconheço e reencontro marcas e sinais de um tempo longínquo o suficiente para ser chamado de antigo.

- Você sabia jogar? – meu sobrinho pergunta, fazendo uma tentativa.

- Era craque – respondo, sem mentir.

Relembro e reencontro, num rápido e melancólico minuto, as partidas jogadas depois do almoço, na mesma casa onde estou agora. Partidas quase sempre vencidas por um irmão mais craque que eu, ou mais favorecido pela sorte, quem sabe?

Após várias tentativas fracassadas, meu sobrinho me estende o estranho objeto. Entendo sua linguagem silenciosa, mas contento-me em analisar, no velho e liso bilboquê, as marcas deixadas pelo uso continuado. Talvez eu já tenha brincado o suficiente, penso. Ou esquecido como se brinca.

27.07.1997

## Liberdade e Claridade

Quando eu tinha oito anos, a fazenda onde cresci, sinônimo de liberdade e claridade, começou a fazer parte de minhas memórias.

Na cidade cheia de pontes, sinos e igrejas, o colégio interno me fez conhecer corredores e dormitórios sem fim, e salas e mais salas de aulas. Com portas e janelas trancadas e ruas proibidas, aprendi a acordar e a dormir em silêncio. E a rezar, sempre. Antes e depois de cada refeição, aula, recreio.

Os recreios, em pátios diferentes, separavam internas e externas. Elas, felizes e livres, *no pátio de lá*, onde ficava o campo de vôlei. Nós, infelizes prisioneiras, *no pátio de cá*, reino das gangorras. E que ninguém ousasse invadir o território alheio em busca de alguma carta ou bilhete de algum possível impossível namorado, onde já se viu?

Ah, e onde já se viu evocar apenas memórias amargas?

Quem quiser lembrar a emoção com as mangas roubadas no quintal, a ternura com os olhares trocados com os jovens do colégio dos frades franciscanos nos passeios dos domingos, a descontração das barraquinhas e das quadrilhas, quem quiser lembrar as músicas cantadas nas missas e nas bênçãos do Santíssimo, que tome o caminho da cidade cheia de pontes, sinos e igrejas.

No dia treze de setembro, o Colégio Nossa Senhora das Dores, de São João delRei, vai comemorar, com ex-alunas e ex-alunos – ele se tornou um colégio misto, quem poderia imaginar! – nada menos que cem anos bem intencionados e bem vividos.

Nesse dia, que vai começar cedo, com missa, e terminar Deus sabe quando, com almoço, confraternização e afeto, num dia assim, deixemos que a saudade fale por nós. Com total liberdade e transparente claridade.

30.08.1998

## Histórias dos filhos

### Cama de casal

Toda vez que o pai viajava, meus filhos apareciam no meu quarto à noite. Os pequenos. “Esses dois gostam de dormir comigo”, eu pensava.

Minha primeira viagem me desmentiu. Os malandros alojaram-se com entusiasmo ao lado do pai e ainda confessaram torcer para que eu me demorasse:

– A gente adora essa cama, pai...

Quando um deles adoece, o sadio logo propõe:

– Mãe, você não acha melhor dormir na minha cama hoje? A gente troca. Não é melhor? Assim você não precisa ficar levantando a noite inteira por causa de termômetro, remédio, essas coisas...

Finjo não perceber a esperteza e eles fingem não perceber que percebi...

Ainda que a cama pareça “encantada”, nem tudo dá sempre certo. Na última noite em que dormiram comigo, há poucos dias, o mais novo acordou assustado:

– Tive um sonho horrível com a tia Delza, mãe. Ela morreu e a gente tava no velório. Aí ela acordou, levantou, saiu do caixão e ficou conversando com a gente. Tudo normal, sabe? A gente continuou naquele velório de caixão vazio, conversando com ela e tudo...

– E a gente conversava o quê, filho?

– Ah, a gente falava dela, da morte dela, das pessoas que chegavam...

Disse-lhe o que me ensinaram no tempo em que eu procurava a cama da minha mãe e em todos os outros tempos: sonhar com morte é sinal de saúde.

– Sua tia deve estar ótima, trabalhando, cuidando das verduras, das frutas e das flores, sabia?

– Mãe, se lá na fazenda tivesse telefone eu ia telefonar...

– Pra falar o quê, filho?

– Duas coisas. Primeiro eu queria saber se ela tá legal mesmo...

– E a outra?

– Ah, mãe, eu, queria falar com a tia Delza que eu nunca pensei que fosse ter um sonho desses logo na sua cama...

03.02.1991

### Conflito de gerações

Vejo meu filho estudando o mais-que-perfeito e minha primeira sensação é de puro medo.

Se ele me fizer alguma pergunta, sei que não vou saber responder. Nem explicar.

Ainda que eu saiba que cada experiência é pessoal e intransferível, temo que ele herde minha total incapacidade de conviver com tantos *amaras*, *andaras*, *tomaras* e *partiras*, assíduos invasores do dia-a-dia de nossa linguagem escrita...

Nunca me senti vivendo no mais-que-perfeito, que sempre me pareceu irreal e extravagante...

Também não me lembro de ter recebido nenhum conselho ou repreensão nesse tempo verbal esquisito, sinal de que devia passar longe da realidade de pais e professores da época...

Remexo diplomas, documentos, cartas, arquivos e nada. Nem sombra do fantasma gramatical que, tanto tempo depois de me torturar com suas extravagâncias, ameaça meu filho de dedos ainda pequenos e seu caderno de folhas amassadas nas pontas.

Olho uma dessas folhas de longe, com medo... E arrisco:

– Tá precisando de ajuda, filho?

– Eu? Eu não, mãe! São só umas frases com o mais-que-perfeito. Fácilimo!...

– Fácilimo????

– Fácilimo e engraçado. Garanto que nem você escreve assim, olha só.

E lá conviviam, na maior naturalidade e intimidade, vários *quiseras*, *fizeras*, *viras* e *partiras*...

– E depois, filho? Quando você crescer, o que é que você vai fazer com tudo isso?

– Precisa???

01.03.1992

### Até isso?...

Há algum tempo, um tema me persegue, insistente. Aliás, uma tampa.

Basta pensar em escovar os dentes, e lá vem ele, o tema. Ou ela, a tampa.

Se abro o dentifrício, que nos dias de hoje atende pelo nome de pasta de dente, aí, então, a situação se complica.

Não corro ao supermercado, não escrevo ao fabricante, nem telefono ao anunciante, mas quase.

Se adiantasse, iria reclamar dessas tampas dos dias de hoje, que não consigo fazer funcionar. Tão diferentes daquelas dos dias de ontem, que qualquer criança enroscava e desenroscava.

Acontece que as crianças continuam as mesmas. Adivinhando, andando na frente.

Outro dia, sem saber se desobedecia ao dentista e saía sem escovar os dentes, ou se enfrentava, mais uma vez, em vão, o desafio da tampa moderna, sem rosca, busquei a solidariedade doméstica.

– Você já viu coisa pior que essa tampa, filho? Ela abre quando a gente não quer, nunca fecha direito, e o dentifrício endurece, parecendo cola... Daqui pra frente, abro a caixa, antes de comprar. E só trago se for das antigas, com rosca.

– Ih, mãe...Pra mim, não, pelo amor de Deus. Nem pra mais ninguém daqui de casa. Todo mundo gosta dessa...

– Você tá brincando comigo?

– Ah, mãe, antes eram as casas, os móveis, as músicas, as canetas, relógios antigos. Agora, até tampa de pasta de dente?...

– Pasta??? Dentifrício!!!

22.01.1995

## Intimidade

Pouco mais de nove da noite, entro em casa, esquento um café, ligo a tevê. Um casal discute na tela da Globo, sabe-se lá a razão, ou as razões.

Meia hora mais tarde, se tanto, um de meus filhos entra em casa, toma um leite gelado, olha a tevê:

- Vendo novela, mãe?
- É.
- Essa novela é chata, não é não?
- Por quê?
- Tem o Lima Duarte?
- Não.
- A Marília Pera?
- Não.
- Antônio Fagundes?

Digo-lhe que não sabia que ele tinha um gosto tão apurado e que aquela novela tem o Stênio Garcia, sempre um bom ator, e a Letícia Sabatella, sempre uma mulher bonita, e uns caras engraçados, de quem não sei os nomes, que vivem se metendo em trapalhadas. E mais não sei, já que raramente chego em casa a tempo de me encontrar com eles, antes das dez.

- Mãe, e você acha graça em assistir novela assim, umas poucas vezes por mês, sem entender direito?

Digo-lhe que a graça talvez esteja justamente aí. A receita ideal talvez seja buscar um Stênio Garcia aqui, uma Letícia Sabatella ali, uns caras que a gente não sabe direito quem são, um dia eram manobristas, três semanas depois um deles jogava futebol, e mal, outro pelejava para virar cantor, uma hora eles brigam, dois segundos depois se abraçam, serão vizinhos, amigos, quem vai saber?

A receita ideal deve ser essa, sim. Nunca saber ao certo o que essas pessoas fazem e dizem na sua casa, todos os dias.

Nada de muita intimidade, como nos ensinavam antigamente, naquelas nossas pacatas casas do interior mais interior de Minas Gerais.

29.11.1998

## Tempos e dias de hoje

Quando as luzes se apagaram, descobrimos, uma vez mais, que não temos nem meio castiçal em casa.

- Amanhã compro um -, digo, repetindo a conhecida rotina de quem só se lembra de certas necessidades na hora do sufoco. Quem não conhece a história do urubu? A cada chuva, jura construir uma casa, se possível no dia seguinte. Terminado o aguaceiro, casa pra que, se pode voar por onde quiser, pousando onde bem entender?

Improvisados os castiçais em cinzeiros e pires, a segunda descoberta: estamos incomunicáveis. O telefone sem fio não funciona sem eletricidade, e a bateria do celular, descarregada, torna-se inútil.

Conversamos, os que estamos, em casa, meus filhos e eu. Lembro-lhes tempos que não conheceram, quando tínhamos um gerador próprio, na fazenda do interior mineiro e mandávamos e desmandávamos na eletricidade, chamada simplesmente de luz. Assim, se minha mãe queria ouvir uma radionovela às quatro da tarde, bastava acionar a engenhoca inventada por meu pai: um arame grosso, preso a uma das janelas da casa e à tampa da pequena represa, alguns metros abaixo, permitia, se puxado, que a luz se fizesse. Nem ao menos era preciso sair de casa...

A quase escuridão não impede que eu veja o ar admirado de meus filhos, nascidos em eras de voltagens e megahertz altamente evoluídos e sofisticados.

Sob a claridade tênue o trêmulo das velas, alguém se lembra: temos um velho telefone sem fio em casa, guardado ninguém sabe onde. Finalmente encontrado e instalado, logo dá sinal de vida. O chefe da casa que está em Brasília, começa a nos irradiar os fatos de nossa cidade. Tudo às escuras. Avenida Paulista, avenidas marginais, palácio do governo, tudo.

Via tevê, o chefe da família tudo vê, tudo sabe. Quanto a nós, via escuridão, apenas imaginamos, mais que impotentes.

Deve estar faltando uma engenhoca, penso. Um arame que ligue São Paulo a Brasília e que, acionado, faça com que a luz se faça.

Pura bobagem, repenso. Arame? Nesses nossos tempos e dias de hoje?

21.03.1999

### **3. CRÔNICAS DE HOMENAGEM**

## Recado para João Saldanha

João,

posso te chamar assim, pelo primeiro nome, como se te conhecesse?

Você já deve ter ouvido aquela música que a Clementina de Jesus canta e que diz:

“Moro na roça, iaiá,

Nunca morei na cidade,

Compro jornal de manhã

Pra saber as novidades.”

Os jornais que venho lendo pela vida têm trazido muitas novidades. Uma delas é o seu texto, novidade antiga que passeou por vários lugares até se fixar no *Jornal do Brasil*.

Seu leitor, privilegiado, lia sobre segredos e mistérios do mundo enquanto você “fingia” escrever apenas sobre futebol.

Você nunca usou o jornal, o rádio e, bem mais tarde, a televisão para falar “apenas” de um assunto. Quem sabia te ler ou te ouvir percebia que você enxergava muito além da linha do horizonte.

Uma vez, numa mesa-redonda de TV, enquanto um jogador estreante era elogiado por todos, você, aproveitando a presença do diretor do clube, cobrou-lhe um salário justo para o gênio que despontava, ainda humilde e, portanto, quieto no seu canto.

Outra vez, em 1970, e isso não há quem não saiba, você deixou de ser técnico da Seleção Brasileira porque o Presidente da República que, como dizem as crianças [?], devia apenas presidir, quis te obrigar a olhar aquém da linha do horizonte. Quis fazer de você, um cidadão do mundo, um indivíduo imediatista, com pés e mãos amarrados.

Talvez ele não soubesse que você, comunista militante, entendia de prisões e liberdades. Entendia tanto que saiu por aí, assoviando e reencontrando companheiros.

Te vi entre eles há poucos dias, comentando os jogos da Copa. Cansado, envelhecido. Não sabia que você já não andava. Nem que tinha apenas um pulmão. Nem que dissera que essa seria sua última Copa.

Ah! Dia desses soube que você, cidadão do mundo, gostava de arroz com feijão, brasileiroamente. Pois brasileiroamente te desejo uma eternidade verdejante. Você certamente saberá escolher, entre estádios e plantações, o lugar certo para assoviar e reencontrar os companheiros.

22.07.1990

### **Deus tem mesmo que duvidar...**

Quem terá me apresentado Dorival Caymmi? A revista *O Cruzeiro*, talvez. Ou alguma antiga rádio do Rio ou de São Paulo, freqüentemente sintonizadas no interior de Minas, quando os telefones eram raros, as pilhas só deviam existir no Japão e as estradas asfaltadas nos sonhos de Juscelino... Quanto à televisão, talvez povoasse apenas a mente de algum visionário genial da escola de Júlio Verne...

O certo é que fiquei sabendo da existência de um cidadão de voz grave que cantava o mar, outro eterno desconhecido do interior mineiro, e um certo “João Valentão”, sujeito brigão, capaz de “coisas que até Deus duvida”...

Uma vez, quase perguntei a meu irmão mais velho, diplomado pelo rádio (um rádio alemão, de aço, do tempo da guerra) em areias de Itapoã e praias de Amaralina, como é que Deus podia duvidar de alguma coisa... Aquele “João Valentão”, que tinha “seus momentos na vida” seria tão poderoso? Ou aquele Caymmi seria um doido?

Caymmi é um doido. A televisão me confirmou um dia desses.

Um doido maravilhoso, que chora quando canta. Ou canta quando chora?

Um doido capaz de registrar o momento exato em que a voz grave, habitualmente firme, consegue se perder no descompasso dos olhos úmidos, do rosto crispado, do jeito tímido de quem ainda tenta se acostumar com o palco.

Um doido com os olhos cheios de lágrimas que, não conseguindo disfarçar a voz trêmula, repete, emocionado: “desculpe, Marina Morena...”

Não preciso perguntar mais nada a meu irmão.

Tenho certeza de que Dorival Caymmi veio ao mundo para comentar as dúvidas de Deus. Que já não são poucas...

09.06.1991

## **Alguma coisa acontece**

Em menos de uma semana foram-se dois amigos de sotaque acentuadamente nordestino.

O primeiro, Múcio Borges da Fonseca, 59 anos, jornalista, pernambucano, dorme sem dia seguinte no Araçá, entre mármore e granitos que insistem em lembrar a natureza do lugar.

O outro, Ricardo Ramos, 63 anos, escritor e publicitário, alagoano, dorme sem dia seguinte no Gethsêmani, entre gramados e alamedas que insistem em disfarçar a natureza do lugar.

Talvez o Araçá e o Gethsêmani sintetizem os contrastes e os feitiços de São Paulo, cidade aonde muitas vezes se chega querendo voltar e, no entanto, vai-se ficando dia seguinte após dia seguinte...

Ricardo gostava de contar que, morando em Alagoas até a adolescência, um dia “desceu” para o Rio, onde estudou, trabalhou, se casou, teve os dois primeiros filhos.

Transferido para São Paulo, chegou querendo voltar. Foram nove anos vagarosos, pesados, sonhando com praias, amigos, paisagens, clima. Não apenas ele, mas toda a família, agora acrescida de uma menina.

Ao voltarem, após nove anos, descobriram, surpresos, que já pertenciam a outro lugar. Tinham sido adotados pela cidade que, anos mais tarde, seria cantada por outro nordestino: *Alguma coisa acontece no meu coração, que só quando cruza a Ipiranga e a Avenida São João...*

Não é só com Caetano. Alguma coisa acontece no coração de todos nós, paulistanos, mineiros e nordestinos, quando sentimos que nossos amigos começam a ficar definitivamente por aqui, nos cruzamentos dos granitos e dos gramados, entre silêncios e flores...

Alguma coisa acontece quando, na quietude dos apartamentos, sentimos que, num único mês, ficamos mais pobres e sozinhos, o telefone não mais registrando a presença bondosa de Múcio, a ternura transbordante de Ricardo...

Bondade e ternura cuidadosamente embaladas no sotaque inconfundível dos dois que, embora definitivamente adotados pela cidade, pareciam sempre querer lembrar que aqui estavam (e permaneceriam) por opção, conscientes, decididos.

Alguma coisa acontece, sim. Tão triste e misteriosa, tão cheia de saudade, que a gente sente vontade de chorar. E chora.

29.03.1992

## Tristeza e saudade

Entre as lembranças da minha adolescência movida a rádio, uma música, que meu irmão mais velho cantarolava insistentemente (acompanhando a voz macia de Lúcio Alves) afirmava, entre outras coisas, que *mania é coisa que a gente tem, mas não sabe por quê...*

Eu sempre soube por que crescia, dia-a-dia, minha mania de ler a crônica diária que Otto Lara Resende publicava, a partir de 1.º de maio de 1991, no jornal Folha de São Paulo.

Passeando pelas linhas e entrelinhas, eu sabia que se poderia – e iria – encontrar tanto o espírito barroco do escritor nascido em São João del-Rei, como a alma do jornalista que andou mundo afora, Europa, França, Bahia...

Minha mania de começar o dia lendo o Otto funcionava assim como uma espécie de vacina contra mau-olhado. Nada mais oportuno, nessa nossa época de “morcegos negros”, ”roncos” e “chicanas”...

Não vou me acostumar a não mais ler o Otto. Já que suas linhas e entrelinhas estarão, diariamente, em jornais de galáxias que por enquanto desconheço, restam, Deus seja louvado, os livros de contos e o romance, *O Braço Direito*, publicado em 1961.

Num telefonema ao jornalista e escritor mineiro Humberto Werneck, autor de *O Desatino da Rapaziada*, do qual Otto é uma das principais personagens, ele dizia, recentemente, que estava tentando “despiorar” seu único romance...

Assim, trinta anos depois, Otto Lara Resende, professor de texto para qualquer escritor, dispunha-se, mineira e pacientemente, a reescrever, refazer, reestruturar...

Resta-nos reler, com tristeza e saudade.

03.01.1993

## **Olhos nos olhos**

Nos anos setenta, com motivos de sobra pra chorar, o cidadão brasileiro continuava cantando. Na calada da noite escura ou nas alvoradas povoadas de passarinhos, baixando o tom, explorando sutilezas, confiante no amanhã que, talvez, fosse outro dia, vez ou outra ele se lembrava dos que haviam sido forçados a cantar em outras terras...

Um dos lembrados foi o quase desconhecido sociólogo Herbert de Souza que, exilado no México, caiu na boca do povo e na voz de Elis Regina, como o irmão do Henfil...

Enquanto esteve no exílio, o sociólogo estudioso trocou cartas e cartas com o irmão Henfil, chargista cujo brilho ninguém contestava, nem contesta. Numa delas, dizia:

– Quero ver se posso rever o Brasil todo com as minhas mãos, com os meus olhos. Quero saber pessoalmente dessa dura realidade que nos exila dentro da própria pátria.

O chargista brilhante lia, sofria com a saudade, e desabafava com a mãe, que lhe prometera biscoitos de farinha à moda mineira:

– Perdoa, mãe, mas biscoito de farinha só é gostoso se mastigado olhando nos olhos do irmão que sente na mesma hora a mesma delícia.

Henfil exilou-se há algum tempo.

Não no México, mas em alvoradas povoadas de passarinhos, quem sabe?

Quanto ao sociólogo Herbert de Souza, que virou o Betinho, e de quem somos todos irmãos, que os anjos abençoem seus olhos e suas mãos, voltados não apenas para o Brasil, mas sobretudo para aquele cidadão brasileiro com direito a mastigar o biscoito olhando nos olhos do irmão.

31.07.1994

### **Quem sabe, qualquer dia desses?**

Uma vez, há muitos anos, fui morar na rua do Ouro, nome poético da mais conhecida rua do poético bairro da Serra, em Belo Horizonte.

A casa, logo no princípio da rua, abrigava seis jovens recém-saídas de colégios e universidades.

Por mais diferentes que elas fossem umas das outras, tinham em comum o otimismo sempre crescente das descobertas cotidianas e o dinheiro sempre minguante dos salários mensais...

Um dia, uma delas foi convidada para um café – ou chá? – na casa de uma amiga da família. O convite, no finzinho do mês, caiu como uma benção naquela casa de bolsos vazios. Em vez de uma, quatro jovens – duas estavam trabalhando naquela hora da tarde – foram tomar café, ou chá.

Tarde da noite, eu e a outra colega, vítimas da fatalidade do horário, com o estômago roncando, ficamos sabendo que as quatro felizardas haviam passado a tarde tirando, literalmente, a barriga da miséria.

O café tinha sido um banquete de pães de queijo, empadas, sanduíches, sucos. O brilho dos olhos das quatro premiadas não deixava dúvidas: elas haviam se esbaldado como há muito não acontecia. Como se estivessem nas casas dos pais, em férias. Como se fossem felizes.

Só não lamentei para o resto dos meus dias ter sido excluída de tamanha farra e fartura, porque tudo tinha acontecido na casa de D. Alaíde Lisboa de Oliveira, ali perto, na rua Carandaí, e eu trabalhava no Colégio de Aplicação da VFMG, que ela dirigia. Afinal, não ficaria bem uma funcionária ser pilhada matando a fome presente e a futura na copa de sua diretora...

Que D. Alaíde, tão amiga, tão diretora, saiba que estou lhe enviando um abraço alimentado de saudade pela sua posse na Academia Mineira de Letras.

Que ela saiba também que me deve um café, ou chá. Eu poderia levar aquela outra infeliz moradora da rua do Ouro, 282, que há muito tempo não sei por onde anda..

06.08.1995

## **Dor de todos**

Não ouvi o ronco do avião, não me intoxiquei com a fumaça, não socorri as vítimas. Liguei a televisão, apenas. No entanto, era como se estivesse lá. O tempo todo eu me senti parte daquela comunidade, impotente diante da tragédia. Não podemos quase nada, e não há quem não saiba.

Um copo de leite, um olhar, um leve aceno de esperança ou de fé. Nisso se resume nossa frágil possibilidade de presença onde impera, sobretudo, a ausência...

Em meio à fumaça e ao caos, surgem os primeiros nomes. Conheço a jornalista Regina Lemos, penso. Conhecia, repenso. Virou passado, assim, em 65 segundos, tempo que o avião levou para sair e cair.

Uma vez, há muito tempo, Regina jantou em minha casa, e elogiou a couve cortada fininha. Uma outra vez, há menos tempo, nós nos encontramos numa livraria, e ela me falou do neto que ia “nascer inglês” – a filha morava na Inglaterra – estava indo para lá naqueles dias. Não queria perder o início de mais uma vida.

Desligo a televisão e continuo ouvindo o ronco absurdo do avião, e sentindo o cheiro cinzento da fumaça.

Tento – em vão – não pensar no próximo neto da Regina, que vai “nascer alemão”. A filha única agora mora na Alemanha, pra onde ela iria na época do Natal. Como perder o início de mais uma vida?

10.11.1996

## Conto curto

Naquele dia do acidente de avião da TAM, uma notícia passou quase despercebida. Bem no final da noite, quem, como eu, ainda olhava para a tevê, soube que o escritor João Antônio, que morava no Rio de Janeiro, também se despedira.

Não nos vimos tantas vezes assim, mas acho que talvez fôssemos o que se pode chamar de companheiros de trabalho que se respeitam e se estimam.

Uma vez, numa das Bienais Nestlé de Literatura, fiz parte do público que, lotando o auditório do Centro de Convenções Rebouças, aqui em São Paulo, não conteve as lágrimas, ouvindo o depoimento de João Antônio sobre seus sustos e sobressaltos, pessoais e literários. Depoimento verdadeiro, sentíamos. Verdadeiro, sofrido, emocionado. Lembrando a precariedade da vida das periferias, que tão bem conhecia, o encantamento com a linguagem de Lima Barreto, que tanto lia, e a experiência vivida com sua própria obra, detalhadamente analisada em universidade alemãs...

Com orgulho, ele se definia contista. Amante da narrativa curta, rápida. Aquela que diz muito, parecendo dizer pouco. Só parecendo.

Algum tempo depois, numa carta, ele me repetiu tudo isso. E acrescentou: melhor que um conto bem escrito, só sinuca bem jogada. Bem jogada e bem ouvida. Uma sinuca cheia de histórias, que ele ia só ouvindo. Mais tarde, na solidão do apartamento, onde morava sozinho, escrevia.

Naquele dia do acidente com o avião da TAM, fiquei pensando que, se tivesse coragem, ainda haveria de dedicar uma crônica ao João Antônio, que me assustou e sobressaltou. Que não precisava ter tanta pressa para ir embora. Que talvez tenha se confundido com um de seus contos, quem sabe?

Naquele dia, pensei que, se tivesse coragem, escreveria. Eu ainda não sabia que bastava ter saudade.

12.01.1997

#### **4. CRÔNICAS SOBRE POLÍTICA E ECONOMIA**

### **Ela de um lado, os livros do outro**

Na biblioteca pública de sua cidade, depois de percorrer estantes e prateleiras, a mulher escolheu um livro. Preenchida a ficha, despediu-se da bibliotecária por quinze dias, prazo máximo que lhe era permitido ficar com o livro.

Ainda que “precisasse” da biblioteca (era viciada em leitura e tinha poucos livros em casa), a mulher não voltou. Nem no prazo previsto, nem no mês seguinte. Nem no outro ano. Nem nos seguintes, vários.

Viu os filhos nascerem, crescerem, irem cuidar da vida. Viveu desavenças, desencantos. Sentiu angústias e saudades. Sobretudo viu, viveu e sentiu a constituição, da noite para o dia, de um muro dividindo sua cidade. Muito mais: impedindo suas leituras. Ela de um lado, a biblioteca do outro.

Em fins de 1989, com a derrubada do muro, ela correu à biblioteca:

– Vim devolver o livro. E peço desculpas pelo atraso. Afinal, foram só 28 anos...

Quando a televisão me contou essa história, tive vontade de ser repórter em Berlim. Só pra saber que livro era aquele e se ela levou outro para casa com o prazo de quinze dias...

18.02.1990

## **Praça do povo**

Daqui de São Paulo, não podemos ver a Praça da Liberdade, chego a sentir inveja de quem pode.

Principalmente agora, quando, livre dos tapumes, ela desaba a beleza antiga sobre os olhos do povo.

Meus olhos nunca se cansaram do coreto, das flores, das palmeiras, dos bancos, da fonte.

Pertenço a uma geração, talvez privilegiada, que viveu a Praça da Liberdade.

Que estudou, protestou, questionou, namorou, noivou, até casou, tudo ali, numa cumplicidade naturalmente ecológica com a Praça que prometia liberdade e distribuía passarinhos.

A Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santa Maria, a “Católica”, dirigida por Padre Orlando Vilela, funcionava no Palacete Dantas, o casarão da esquina da Cristovão Colombo, hoje Secretaria de Estado da Cultura.

Se não nos encontrassem na Faculdade, que nos procurassem na Praça.

Antes e depois das passeatas (alguém se lembra da greve do “um terço”?), antes e depois das provas, nos intervalos das aulas e dos sonhos, por lá deixávamos ficar, donos da vida...

Um dia, a “Católica” cresceu, virou PUC, a Praça ganhou asfalto e feiras e nós, que não éramos originais, desaparecemos nas esquinas.

Agora, diante de “nossas retinas tão fatigadas”, a Praça, como se o tempo não tivesse passado, volta a enriquecer a mais agradável cidade do Brasil, segundo pesquisas do Population Crisis Committee, de Washington.

Quando a mim, mesmo sabendo e sentindo que o tempo passou, qualquer dia desses, quando a saudade maltratar além da medida, vou até Belo Horizonte e, num daqueles velhos bancos ao lado do coreto, tento, quem sabe, reencontrar os passarinhos...

15.12.1991

## Quadrilhas

### Quadrilha 1

“João amava Teresa que amava Raimundo que amava Maria que amava Joaquim que amava Lili que não amava ninguém.

João foi para os Estados Unidos, Teresa para o convento, Raimundo morreu de desastre, Maria ficou para tia, Joaquim suicidou-se e Lili casou com J. Pinto Fernandes, que nada tinha a ver com a história.”

Carlos Drummond de Andrade

### Quadrilha 2

PC financiava Rosanne que acompanhava Fernando que nomeava Zélia que bloqueava Cabral que controlava Zuleide que não entendia ninguém.

PC foi para Miami, Rosanne para Canapi, Fernando tropeçou na rampa, Zélia virou piada, Cabral redescobriu o Brasil e Zuleide encontrou Itamar, que nada tinha a ver com a história.

Nunca duvidei da atualidade do poeta que, desde os anos vinte, tem nos ensinado que existem pedras no meio do caminho...

Ainda assim, sempre me surpreendo com o tom, mais que atual, profético, de muitos de seus versos.

Versos de ontem-hoje-amanhã, em que as semelhanças não são coincidências, mas meras, meras repetições...

02.08.1992

## Voto aberto

Café tomado, dentes escovados, filhos saídos pra escola, enfrento os onze (ou serão doze?) quarteirões que me separam de um dos meus mais antigos amigos paulistanos.

Desde que cheguei por aqui, há exatos vinte e cinco anos, ele me socorre quando aquela dorzinha, tímida no princípio, insuportável depois, não me deixa mastigar bem mastigado, como ensinam as pessoas de bom senso...

O elevador me deixa no quarto andar de um prédio de dez (ou serão onze?) e, enquanto espero minha vez, descubro que os peixinhos do aquário, oito na semana passada, estão reduzidos a seis.

– Dor de dente não deve ter sido – penso.

Na capa de uma revista, a foto do ex-porta-voz do ex-presidente me tira a vontade de ler seja o que for. Melhor fechar os olhos, relaxar. Pensar nos peixinhos que restaram.

A voz da secretária – “pode entrar” – me transporta da placidez do aquário para a inquietude da cadeira cercada de luzes e motores.

– Felizes são os peixes – penso.

Enquanto lava as mãos, meu amigo me surpreende:

– Sabe que eu vou votar na monarquia?

– Assim, de repente?

– É que nunca mais quero votar. Nem pra presidente, nem pra vice, nem pra síndico de prédio, nem pra diretor de clube, nada. Nada, nunca mais, você entende?

A foto do ex-porta-voz na capa da revista, ali pertinho, na sala, volta a ocupar meus pensamentos. E sinto que devo – e talvez possa – entender os gestos inesperados dos velhos amigos...

28.03.1993

### **Sonhos e pesadelos...**

Uma vez, era dia de sol numa esquina de Belo Horizonte, uma moça, microfone na mão, queria saber se existia racismo no Brasil. Nem precisei pensar, infelizmente.

Esses dias, fazia frio numa esquina de São Paulo, uma moça, microfone na mão, queria saber se acredito no fim da inflação. De novo, nem precisei pensar.

Naquele dia de sol nas montanhas mineiras, eu queria ter podido dizer que ninguém nunca tinha me falado em racismo. Avô, avó, bisavô, nada, nunca, ninguém. Já tinham me falado em Lobisomem, Mula sem.Cabeça, Barba Azul, Bomba Atômica, pesadelos, insônias. Em racismo, jamais.

Nesses dias de frio no planalto paulista, bem que eu queria poder dizer à moça do microfone que nunca ouvi falar em inflação. Já me falaram, sim, em Transamazônica, Ferrovia Norte-Sul, Ponte Rio-Niterói, Casa da Dinda. Inflação, jamais.

Queria poder anunciar, nessas nossas esquinas, ora ensolaradas, ora ensombreadas, que, se falamos em cor, só pensamos em arco-íris. E, se falamos em aumento, só pensamos na multiplicação do afago e do aconchego...

05.06.1994

## **Mentira de verdade**

Do outro lado da linha, o som de uma ficha caindo. Depois, a voz de um velho amigo:

– Cheguei ontem aqui em São Paulo e já estou voltando. Da próxima vez fico um pouco mais, vejo os amigos.

– Tomara que seja logo. Você sumiu, a gente só tem notícias suas muito de vez em quando... Acho que a última vez que te vi foi naquele congresso de escritores em 85...

– Ah, discurso do Sarney, lembra?

– Cruz credo, esquece isso, foi aí que tudo começou...

– Abril de 85, o Tancredo internado no Incor. Ele morreu no dia em que o congresso acabou. Todo mundo voltando para Belo Horizonte e, na primeira parada de ônibus, a notícia.

– Você sabe que, quanto mais o tempo passa, mais difícil acreditar que tudo tenha acontecido daquele jeito? E o que veio depois? Zélia, Collor, o irmão dele, a mãe, Bernardo Cabral, Lilian Ramos...

– Pena que tudo isso só pareça mentira. Precisava ser mentira mesmo, não precisava?

– Mentira de verdade, você quer dizer?

O barulho da ficha caindo deixa minha pergunta sem resposta. E precisava?

24.09.1995

## **Chegaremos lá**

De tanto ouvir falar em reeleição, resolvi me perguntar o que penso a respeito, se é que penso.

Após idas e vindas cheias de voltas e reviravoltas próprias de um raciocínio precário e confuso, pude concluir muito pouco, ou quase nada.

Na verdade, não consigo ter paciência com essa infundável lenga-lenga se, no final de tudo, seremos – cordeiros e cordatos – obrigados a votar. Estejamos ou não reelegendo alguém, acreditemos ou não em propostas e promessas, no final de tudo, vítimas sem saída da lei do voto obrigatório, estaremos frente às urnas.

Meu raciocínio precário e confuso me diz que talvez se esteja fazendo tempestade em copo d'água com essa história de reeleição. Afinal, todos os cidadãos deveriam poder se candidatar, se quisessem. Mesmo os que já estão lá, por que não? Qual a diferença? Mais, muito mais importante seria a percepção de que os cidadãos deveriam ser inteiramente livres diante do voto.

Votar é uma conquista sim e não se pode abrir mão dela. Mas a democracia seria mais plena se os indivíduos só votassem quando quisessem. Quando acreditassem, não em promessas, mas no trabalho dos candidatos. Quando, em consequência, voltassem a sonhar com a transformação do mundo.

17.11.1996

## **Alguns tímidos empurrões**

Brasil pode ainda não estar andando de bem a melhor, mas também não anda de mal a pior, como nos velhos tempos.

Quando a televisão me diz que o ex-ministro Mário Henrique Simonsen se foi deste para outro mundo, lembro-me, sem emoção, mas com indisfarçável alívio, do nome do ex-presidente Ernesto Geisel, a quem ele serviu.

Não há dúvida: em termos recentes e nada saudosos, éramos bem menos donos de nossos narizes. Tínhamos a cabeça mais baixa, o olhar desconfiado, medroso.

Ainda assim, alguns sonhos perduraram. Um deles, cultivado com carinho, nos garantia que, num futuro não remoto assim, elegeríamos nossos governantes pelo voto.

O tempo provou que não estávamos completamente equivocados, ainda que cometêssemos escorregões imperdoáveis. Num deles – quem se lembra? -, foram eleitos os futuros patéticos moradores da Casa da Dinda...

Temos cainhado, a duras penas. Em outro ritmo, num novo passo. Com nossas próprias pernas. Vez ou outra, já nos surpreendemos relaxados, esquecidos da obrigatória posição de sentido.

Talvez o ex-ministro que acaba de passar desta para melhor tenha nos ajudado, sem que nem percebêssemos. Acontece que, nas horas vagas, descansando da tecnologia dos números, ele ouvia, pensava e vivia música.

Vinte anos e alguns governos depois, fico pensando que um ministro assim, musical, sem posição de sentido, deve ter nos ajudado, sim. Ao menos com alguns tímidos empurrões.

16.02.1997

## **Deus nos acuda**

Nos últimos dias, alguns ministros foram trocados. As notícias, uma aqui, outra li, não conseguiram me entusiasmar.

No entanto, detive-me, preocupada, na nomeação do acadêmico José Serra para o Ministério da Saúde. Penso que tenho meus motivos, todos de cidadã que não entende nada, mas tenta participar de tudo. Não faz muito tempo, o ministro andou ocupando meus pensamentos.

Foi quando afirmou, em outra Pasta, que jamais havia visto uma vaca. Na época gastei alguns dias e noites me perguntando, em vão, como iríamos nos arranjar com um ministro assim. Pois, ainda que não moremos na Índia, onde as vacas são animais sagrados, somos parte de um país onde elas, tão comuns, parecem anexadas à paisagem.

Com o passar do tempo, acabei esquecendo o ministro e os simpáticos animais, certa de que não eram problema meu.

Alguém, em algum lugar dessa imensidão geográfica, haveria de se encarregar das devidas apresentações...

Pois minha preocupação está voltando, e continuo achando que tenho meus motivos. Se o ministro José Serra não conhece aqueles animais que povoam os cerrados e se amontoam, tarde da noite, bem no meio das estradas de terra, animais muito maiores que nós, quem me garante que ele enxergará os microscópicos micróbios, soturnos visitantes das alas abandonadas de nossos hospitais?

Rezemos pelo ministro bem-intencionado. E que Deus nos ajude.

12.04.1998

## **5. CRÔNICAS DE REFLEXÕES ACERCA DE LIVROS, LEITURA E ESCRITA**

## Títulos milagrosos

Quando publiquei o primeiro livro, em 1977, sonhava com ele nas prateleiras das livrarias. Só entrar e pedir, pensava. O vendedor viria apressado, me entregando a obra acabada de chegar.

O tempo, que costuma encarregar-se de tudo, cumpriu seu papel. Foi me mostrando, devagar e sempre, que, por mais que se sonhe, sonhos não passam de sonhos.

Treze anos e dois filhos mais tarde, devo ter criado um pouco de juízo aprendendo a cultivar a solidão, já que entro em livrarias sem nem lembrar que também “cometo” meus livrinhos, como diria o Vinícius.

Assim, pensei estar vivendo um milagre quando, certa tarde, no Aeroporto de Cumbica, em Guarulhos, encontrei um de meus livros entre Iacoccas e Sheldons. “O que será que ele está fazendo aqui?”, pensei. O susto foi tão grande que quase o comprei. Depois, tentando readquirir o bom-senso mineiro, corrigi a pergunta: “Por que será que ele está aqui?”

Nem precisei pensar muito. Era o título, pô! *O mundo é pra ser voado* não é um bom título para aeroportos? Talvez tenham pensado tratar-se de uma obra técnica – útil, portanto – sobre os segredos da aviação...

Há poucos dias, andando pela Avenida Paulista, outro milagre. Numa das bancas, *O mistério do livro sem mistério*, de Cristina Agostinho. “O que será que será que esse livro da Cristina está fazendo aqui?”, pensei. O susto foi tão grande que resolvi comprá-lo. Enquanto pagava, o bom-senso mineiro foi voltando e corrigi a pergunta: “Por que será que ele veio parar aqui?”

Nem precisei pensar muito. *O mistério do livro sem mistério* encontrava-se lá, sem nenhum mistério, confortavelmente instalado entre as obras de Agatha Christie, Hitchcock, Simenon e Maurice Leblanc, autores lidos com a respiração suspensa e o coração aos pulos.

12.08.1990

## **Confidências sem fim**

Ainda que três livrarias estejam no meu trajeto diário casa-trabalho, eu mentiria se dissesse que entro ao menos numa delas todos os dias.

Na verdade sobrevivo semanas inteiras sem nem lembrar que elas existem, ou porque me deixo colher na armadilha interminável de escolas, bancos, açougues, padarias, farmácias e supermercados, ou por pura distração.

Mas se me disserem que existe uma nova biografia nas prateleiras das estantes, não há armadilha que me prenda ou distração que me desvie.

A curiosidade me faz entrar na primeira delas e buscar o nome conhecido e o fato desconhecido, o esperado e o inesperado.

Talvez esteja aí, na distância entre o esperado e o inesperado, a mais surpreendente experiência por que passa um leitor de aventuras e desventuras alheias.

Penso que se ler é bom (e é), ler biografias ou autobiografias pode ser ainda melhor.

Se um livro comum parece uma conversa do autor com o leitor, uma biografia lembra uma confidência.

Confidência comprida, noturna. Sem hora pra acabar. Talvez não acabe mesmo. Continue indefinidamente, em livros que ainda nem foram escritos, em vidas que ainda nem foram vividas. Páginas em branco, à espera.

17.02.1991

### Quando a chuva exagera...

De vez em quando me perguntam que livro eu gostaria de ter escrito, que livro eu levaria para uma ilha deserta, que livro ocupa minha cabeceira...

Nunca me perguntaram de que livro me lembro em certas ocasiões, ou sempre, como se fosse assim um amigo.

Se me fizessem essa pergunta em dias de muita chuva, minha resposta seria imediata...

Desde que li *Cem anos de solidão*, no início da década de setenta, esqueci o dilúvio da Arca de Noé, que ilustrava as páginas da *História sagrada* lida e relida no colégio das freiras vicentinas em São João del-Rei, cidade atravessada pela mansidão do córrego do Lenheiro e cercada pela vizinhança sinuosamente preguiçosa do Rio das Mortes...

Diante de Macondo, a cidade criada por García Márquez para servir de cenário da chuva mais trágica de que se tem notícia na literatura, o dilúvio de Noé, com um casal de cada espécie procurando abrigo na Arca, parece brincadeira de esconder...

Vim passar uns dias no interior de Minas e não sei quando a chuva vai me deixar sair daqui.

Se eu fosse pretensiosa, estaria me sentindo um habitante de Macondo, onde os primeiros ruídos do dia – e os últimos, claro – eram sempre os da chuva. caindo.

Não, não sou habitante de Macondo. Nem mesmo personagem de García Márquez.

Sou apenas uma cronista que não sabe pensar outras coisas quando a chuva exagera...

Quando o córrego do Lenheiro mostra que, se quiser, deixa de ser manso...

Quando o Rio das Mortes lembra que, além de preguiçoso, pode ser sinuosamente traiçoeiro...

Quando a fazenda, onde vim passar uns dias, vai ficando cada vez mais longe de tudo, sem ônibus, sem estradas, sem pontes, sem notícias...

Que livro eu gostaria de estar lendo nesta “ilha”? Ah! *Vidas secas*, uai!...

02.02.1992

## Mágica antiga

Se o leitor tiver boa memória, certamente estará lembrado de que a cronista andou escrevendo sobre tinteiros. Recordando os tempos antigos, quando eles podiam ser encontrados em qualquer papelaria, e lamentando os atuais, quando, caídos em desuso, eles se transformam em artigos de luxo, raridades excêntricas...

Pois a cronista acabou recebendo cinco dessas raridades, a memória do leitor se lembra? Quatro percorreram os ares e as rodovias mineiras antes de chegar a São Paulo, e a quinta jazia num canto empoeirado de uma loja do centro paulistano, encardido pelo sol de seguidos verões...

Por uma questão de fidelidade aos tinteiros e, naturalmente, ao leitor, a cronista precisa dividir um segredo que faz dela, há alguns dias, uma pessoa particularmente emocionada.

Pois é, chegou mais um. E de Minas, uma vez mais.

Algum leitor, tão antigo quanto a cronista, poderá se lembrar dos seus tempos de criança?

Se puder, que faça um esforço e tente reencontrar, nas salas das escolas por onde andou, ou das casas onde morou, um tinteiro chamado, sintomaticamente, de Econômico...

Tinteiro mágico, quase milagroso. Mesmo virado da cabeça para baixo, a tinta não entornava, o leitor conseguiu se lembrar?

Mágica diária, milagre rotineiro, o tinteiro Econômico sempre foi, para a cronista, a maravilha inatingível, presente apenas entre livros e cadernos dos irmãos mais velhos...

Pois hoje a cronista quer dividir um segredo com o leitor: enquanto escreve mais uma crônica, ela contempla, à sua frente, a mágica dos tempos de criança. Vinda de Belo Horizonte, saída dos guardados e da ternura de D. Dulce Costa, sua professora de português do curso primário, em São João del-Rei...

12.09.1993

## **Fingindo que estou de férias**

Todo mundo viajando, resolvo fingir que também estou de férias.

Deixo o escritório pra lá, ponho tinta na caneta, um disco na vitrola (como é mesmo o nome das vitrolas, hoje?), busco – e encontro – um sofá e, bloco no colo, trato de escrever essa crônica, que hoje é dia...

Enquanto Rolando Boldrin anuncia, num sotaque familiar, mineiro, caipira, que “o galo já tá cantando, e a barra do dia envém”, penso que esse galo bem que podia cantar, também, pra barra do ano que, bem ou mal, entre altos e baixos, acabou de chegar...

Eu tinha alguns planos para esses primeiros dias de 94. Entre eles, responder, bloco no colo, disco na vitrola (ou radiola?), algumas cartas, bilhetes e recados que silencieei durante o ano que nenhum galo anuncia que se vai... Responder ao Arthur, à Ruth, à Sabina, à Maria Hermínia, à minha mãe...

Adio tudo, percebendo, mais uma vez, que um ano que começa não passa da continuação daquele que termina...

Adio tudo, e a culpa talvez seja do Boldrin, cantador de verdades e saudades, e contador, sotaque familiar, de histórias singelas, brasileiras. Histórias tão nossas, que a gente fica, caneta parada no ar, pensando que uma boa crônica seria, quem sabe, aquela nascida do fundo mais fundo, evocando ranchos, luares, boiadas e casinhas bem pequeninas...

02.01.1994

## Sinal de chuva

Cinco horas da tarde, na fazenda. Eu podia estar olhando as vacas, todas pintadas de preto, só uma de vermelho.

Ou podia estar no jardim, as flores todas úmidas, culpa de um chuvisco passageiro, só os vasos secos, culpa da varanda.

No quintal, todos os pêssegos e jambos maduros, só as pêras verdes.

Podia estar numa porteira de divisa, as terras todas iguais, só o olhar mais demorado me dizendo que as do lado de lá me couberam na herança.

Podia estar na cozinha, no rabo do fogão de lenha, as vozes todas se misturando, só as que já se foram se cristalizando.

Podia estar no porão, as lembranças se desprendendo, a memória aprisionando.

Podia estar na beira da estrada, só o silêncio passando. No quarto escuro, só o sonho chegando. Debaixo do sol, os olhos ardendo.

Cinco horas da tarde, na fazenda.

Estou aqui, papel e caneta, cumprindo, mais uma vez, esse dever semanal.

Quando a frase demora, dou uma olhada lá pra fora. Sobre o fio elétrico, muitos passarinhos, só as andorinhas me dizendo que vai chover.

26.03.1995

**Socorro!**

Antes não tivesse atendido ao telefone. Se ficasse quieta no meu canto, não ouviria, a quase seiscentos quilômetros, a voz de Denilson querendo saber que rumo tomou a crônica dessa semana.

Não tomou rumo nenhum, simplesmente porque ainda não a fiz, mas digo-lhe que estou terminando, mando logo, até o título está pronto...

- Era o Denilson, do Fim de Semana, digo, desolada, aos meus filhos. E o pior é que falei uma mentira, você ouviram?

- Você nem começou a crônica, mãe? – pergunta o mais velho.

- Garanto que ela ainda não sabe nem o assunto – garante o mais novo, mostrando que me conhece razoavelmente.

Pergunto-lhes se não querem me ajudar. Quem sabe?... Assim, em meia hora o Denilson ficaria tranquilo.

O mais novo se entusiasma dizendo que talvez consiga me imitar.

- É só a gente escrever como se não estivesse escrevendo, mas conversando, ele diz. É assim que você faz, mãe. Parece que a outra pessoa não vai te ler, mas conversar. É desse jeito que você faz, sabia?

O mais velho discorda, dizendo que não é tão simples assim.

- Seu jeito de escrever é mineiro demais, mãe. Acho que não consigo imitar. O Denilson ia descobrir na mesma hora, mal lesse o fax. Nasci aqui em São Paulo, falo completamente diferente, os nossos parentes de Minas vivem dizendo que tenho sotaque...

O mais novo interrompe.

- Ah, também sou paulista, mas atleticano, igual a mãe. Posso escrever uma crônica atleticamente mineira, não posso?...

25.02.1996

## **Cadê a crônica?**

Nem tive tempo de respirar e já é hora de outra crônica. Se não escrever voando, telefonam do Fim de Semana. Simpáticos e eficientes, ele sabem, como ninguém, cobrar pontualmente minhas eventuais impontualidades.

Cada um a seu modo, todos mandam o mesmo recado: Cadê a crônica?

Dessa vez, a culpa talvez tenha sido de pedreiros, carpinteiros e marceneiros. Minha casa, na verdade um apartamento que teve goteiras no meio do ano passado, não quis mudar de vida no novo ano. O gesso do banheiro, quebrado há meses, está sendo retocado. Uma parede, causando sei lá que problemas ao vizinho de cima, precisa ser arreventada. Uma fechadura enguiça com a chave na porta, uma torneira começa a vazar sem aviso prévio, lâmpadas acendem e apagam sozinhas, janelas batem de madrugada...

Claro que exagero, mas escritor é assim mesmo, um mal sem remédio que conta mentiras e inventa verdades...

Mas que minha casa está precisando urgente de uma benzeção, ah, isso está...

02.03.1997

## Que nem avião

Nesse mês de agosto, outra etapa do ano se iniciando, em vão me pergunto em que montanhas ou planícies terá ido se esconder o tempo que já passou.

Se a gente olha para trás, onde? Onde os primeiros meses, os planos, talvez os sonhos?

O tempo não dá tempo para nada – ouvi uma criança dizer. E acrescentou:

- Ele passa depressa, voando igual avião.

Quase lhe disse que houve um tempo em que o tempo voava como passarinho, mas deixei pra lá. Talvez ela não conseguisse entender que então os meses se arrastavam preguiçosamente parecendo sem fim. Principalmente agosto e outubro, os piores.

Agosto, cheio de azares, suicídio de um presidente, renúncia de outro, eternamente rimava com desgosto.

Outubro, lento, encalorado, mais se assemelhava a um carro enguiçado, atrapalhando o trânsito.

Hoje, tudo voando que nem avião, presidentes não se suicidam nem renunciam entre outras coisas por absoluta falta de tempo, seja em agosto ou em qualquer outra era, época ou data.

Em outubro, nós, pobres eleitores, votamos sem nem conhecer direito os candidatos, tudo por culpa da falta de tempo.

Ah, e se eu não terminar logo essa crônica, se insistir nessa conversa fiada, quem me garante que ela será publicada dentro do tempo no segundo domingo de agosto? Só eu sei que ela foi planejada pra o domingo passado, o primeiro do mês, mas quem disse que deu tempo?...

09.09.1998

**ANEXO 2**

Quadro com a bibliografia completa de Vivina de Assis Viana

DATA DA PRIMEIRA PUBLICAÇÃO	EDIÇÃO CONSULTADA
1973	<p>VIANA, Vivina de Assis. A coisa melhor do mundo</p> <p>VAN STEEN, Edla (org). In: <i>O Conto da Mulher Brasileira</i>. São Paulo: Vertente, 1973. (Coleção Panorama).</p> <p>_____. A coisa melhor do mundo. In: ARINOS, Afonso (org). <i>Histórias Mineiras</i>. São Paulo: Ática, 1984.</p> <p>_____. A coisa melhor do mundo. VAN STEEN, Edla (org). In: <i>O Conto da Mulher Brasileira</i>. São Paulo Global Editora, 2007.</p>
1977	<p>_____. <i>O dia de ver meu pai</i>. Ilustrações Humberto Guimarães. Belo Horizonte: Formato Editorial, 1988.</p> <p>_____. <i>O dia de ver meu pai</i>. Ilustrações Álvaro Apocalypse. Belo Horizonte: Comunicação, 1977.</p> <p>_____. <i>O dia de ver meu pai</i>. Ilustrações Edmundo Moreira e Silva. Belo Horizonte: Comunicação, 1985.</p> <p>_____. <i>O rei dos cacos</i>. Ilustrações Rubens Matuck. São Paulo: Vertente, 1978.</p> <p>_____. <i>O rei dos cacos</i>. Ilustrações Rubens</p>

	<p>Matuck. Belo Horizonte: Comunicação, 1981.</p> <p>_____. <i>O rei dos cacos</i>. Ilustrações Carlos Moreno. São Paulo: Salesiana, 1986.</p> <p>_____. <i>O rei dos cacos</i>. Ilustrações Carlos Moreno. São Paulo: FTD, 1993. (Coleção segundas histórias).</p> <p>_____. <i>O rei dos cacos</i>. Ilustrações Taísa Borges. São Paulo: Brasiliense, 2009.</p>
<b>1979</b>	<p>_____. Com quem está o anel? In: <i>Criança brinca, não brinca?</i> Edição não comercial para Rhodia S.A., 1979.</p> <p>_____. Com quem está o anel? . In: <i>Já não somos mais crianças – Para Gostar de Ler</i>. São Paulo: Ática, 2005. v. 37.</p>
<b>1981</b>	<p>_____. Os brincos. In: ABRAMOVICH, Fanny (org). <i>O sadismo de nossa infância</i>. São Paulo. Summus, 1981.</p> <p>_____. <i>Graciliano Ramos</i>. São Paulo: Abril Educação, 1981 (Col. Literatura comentada).</p>
<b>1984</b>	<p>_____. <i>O jogo do pensamento</i>. Ilustrações Darcy Penteadó. Belo Horizonte, Comunicação, 1984.</p> <p>_____. <i>O jogo do pensamento</i>. Ilustrações Thaís Linhares. São Paulo: Geração Editorial, 2003.</p>

	_____. Plantação. In: JOSÉ, Elias. <i>Setecentos, setecentos</i> . São Paulo, FTD, 1997.
<b>1985</b>	_____. <i>Eu sou isso?</i> . Belo Horizonte: Lê, 1985.
<b>1986</b>	_____. <i>Meu dente caiu</i> . Ilustrações Miriam Araújo. 4. ed. Belo Horizonte: Lê, 1986. _____. <i>Será que ele vem?</i> Ilustrações Vlad Eugen Poenaru. Belo Horizonte: Miguilim, 1986. _____. <i>Será que ele vem?</i> Ilustrações René Francisco. São Paulo: Moderna, 1992. (Coleção Girassol) _____. <i>Será que ele vem?</i> Ilustrações Rogério Borges. São Paulo: Editora Moderna, 2002. _____. <i>Suando Frio</i> . 8. ed. Belo Horizonte: Lê, 1998.
<b>1987</b>	_____. <i>O barulho do tempo</i> . Ilustrações Marlette Menezes. 1.ed. São Paulo: FTD, 1987. (Coleção primeiras histórias). _____. <i>O Barulho do tempo</i> . Ilustrações Miss Mões. São Paulo: Scipione, 2006.
<b>1988</b>	_____. A chave. In: DEONÍSIO, Silva. <i>Contos Paulistas</i> . Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

	<p>_____. <i>O mundo é para ser voado</i>. 5. ed. São Paulo: Scipione, 1988. (Série Diálogo).</p> <p>_____. Sorvete. Imprensa Oficial de Minas Gerais - Revista Minas Gerais. Belo Horizonte, BH, v.10, setembro de 1988.</p>
1989	<p>_____. <i>Sabe de uma coisa?</i> Diário de uma adolescente. 9.ed. São Paulo: Atual, 1993. (Série Transas e Tramas).</p> <p>_____. <i>Sabe de uma coisa?</i> Diário de uma adolescente. São Paulo: Atual, 2005. (Coleção Entre Linhas)</p> <p>_____. <i>Arco-íris tem mapa?</i> São Paulo: Scipione, 1993.</p> <p>_____. <i>Arco-íris tem mapa?</i> Ilustrações Marilda Castanha. São Paulo: Scipione, 2005.</p> <p>_____. Suzana (com z). In: <i>Quem conta um conto/Personagem</i>. São Paulo, Atual, 1989. v.2.</p>
1990	<p>_____, CLAVER, Ronald. <i>Ana e Pedro: cartas</i>. 8.ed. São Paulo: Atual, 1990. (Série Transas e Tramas).</p> <p>_____. <i>Ana e Pedro: cartas</i>. Ilustrações Sônia Magalhães. São Paulo: Atual, 2010 (Coleção Entre Linhas).</p> <p>_____. Ele era tão meu amigo. In: <i>Quem conta um conto/Espaço</i>. São Paulo: Atual, 1989.</p>

	<p>v. 3.</p> <p>_____. Tão longe, de mim tão distante. In: <i>Quem conta um conto/Ponto de vista da narrativa</i>. São Paulo, Atual, 1990. v. 5.</p>
<b>1991</b>	<p>_____. <i>Segredo bem guardado</i>. Belo Horizonte: Formato editorial. 1991.</p>
<b>1992</b>	<p>_____. <i>Picasso</i>. São Paulo: Edições Paulinas, 1992.</p> <p>_____. “Nunca Mais”. In: KUPSTAS, Márcia. <i>Sete faces da primeira vez</i>. São Paulo: Moderna, 1992. (Coleção Veredas).</p> <p>_____. “Quase Namorada”. In: KUPSTAS, Márcia. <i>Sete faces do amor</i>. São Paulo: Moderna, 1992. (Coleção Veredas).</p>
<b>1995</b>	<p>_____. <i>Quero perguntar ao mundo</i>. Ilustrações Marilda Castanha. Projeto Educação para a Cidadania. Belo Horizonte, 1995. (Coleção Cidadão Mirim).</p>
<b>1998</b>	<p>_____. Enquanto meu amor não vem. In: <i>Enquanto meu amor não vem</i>. São Paulo, Saraiva, 1998.</p>
<b>1999</b>	<p>_____. <i>O nome da égua</i>. Belo Horizonte: Formato Editorial, 1999.</p> <p>_____. <i>O nome do burro</i>. Belo Horizonte:</p>

	<p>Formato Editorial, 1999.</p> <p>_____. <i>O nome das vacas</i>. Belo Horizonte: Formato Editorial, 1999.</p>
<b>2002</b>	<p>_____. Brincando na Rede de acordar. Disponível em: <a href="http://www.brincandonarede.com.br/Conto/galeria.aspx">http://www.brincandonarede.com.br/Conto/galeria.aspx</a>. Acesso em: 10 de dezembro de 2007.</p> <p>_____. <i>Hoje tem Arco-íris. Histórias do tempo da escola: memória e aprendizado</i>. São Paulo: Nova Alexandria, 2002. (Prosa Presente).</p>
<b>2004</b>	<p>_____. A pipoca do quinto andar. Disponível em: <a href="http://www.brincandonarede.com.br/Conto/galeria.aspx">http://www.brincandonarede.com.br/Conto/galeria.aspx</a>. Acesso em: 01 de julho de 2005.</p>
<b>2005</b>	<p>_____. Internato. In: <i>Contos Jovens</i>. São Paulo: Brasiliense, 1973.</p> <p>_____. Internato. In: <i>Assim é que se conta</i>. São Paulo: Nova Alexandria, 2000.</p>
<b>2008</b>	<p>_____. <i>Aqui, em Nova York (NY, In Loco)</i>. Ilustrações Marlette Menezes. Curitiba: Positivo, 2008. (Coleção Tempo-rei).</p>
<b>2009</b>	<p>_____. <i>Os passarinhos do mundo</i>. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.</p> <p>_____. “Tudo com H”. In: <i>Damas de ouro e Valetes de espada</i>. Leonel Prata (Org). São</p>

	<p>Paulo: MGuarnieri, 2009.</p> <p>_____. “Cara de gente feliz”. In: Damas de ouro e Valetes de espada. Leonel Prata (Org). São Paulo: MGuarnieri, 2009.</p> <p>_____. “Lembra da camisa de Volta ao Mundo?”. In: Damas de ouro e Valetes de espada. Leonel Prata (Org). São Paulo: MGuarnieri, 2009.</p> <p>_____. “Tempos de mangas”. In: Damas de ouro e Valetes de espada. Leonel Prata (Org). São Paulo: MGuarnieri, 2009.</p> <p>_____. “Títulos Milagrosos”. In: Damas de ouro e Valetes de espada. Leonel Prata (Org). São Paulo: MGuarnieri, 2009.</p>
<b>2011</b>	<p>_____. Será que bicho tem nome? São Paulo: Leya, 2010.</p> <p>_____. <i>Os passarinhos do mundo</i>, Ilustrações de Rosinha. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.</p>